TRATADO DE ASTROCARACTEROLOGIA

Parte I

Aulas 01-16

OLAVO DE CARVALHO

abril de 1990

AULA 1

Com este curso nossa intenção é inaugurar uma nova ciência das correspondências astrais, delimitando as diferenças que a separam do que, até hoje, tem sido chamado de astrologia, mas temdo, consciência da dívida que a astrocaracterologia tem para com esta antiga ciência. Não existe ciência sem que haja, no entanto, um fenômeno, sem que algo tenha aparecido. Ser fenômeno significa, justamente, ter aparecido -- a palavra vem do grego fainestai, e quer dizer "aparecer", "manifestar-se". Então, não existe ciência sem que algo tenha dado um sinal de existência. Para que haja estudo, pressupõe-se a existência de algo que se manifestou; e este "algo", no caso, nos é dado pela pesquisa de Michel Gauquelin.

Tal pesquisa, feita a pedido de observatório Astronômico de Paris, revelou que há fortíssimos indícios para acreditar que existe alguma correspondência entre as posições planetárias e determinados eventos terrestres. Ainda que este resultado seja muito vago -- levando mais problemas do que oferecendo soluções --, ela nos fornece o primeiro elemento necessário para que haja uma ciência, seu motivo mesmo de existência enquanto ciência, que é o fenômeno, o fato. Fato e fenômeno não são, no entanto, a mesma coisa. Fato é aquilo que esta feito, já que aconteceu. Subentende-se, quando se diz que algo é fato, não apenas que seja verdadeiro, mas que já tenha acontecido. Fato é uma noção histórica e toda ciência parte de um dado histórico, e quando esse dado histórico se torna fenômeno. E o que a ciência fará com esse fenômeno? Procurará averiguar primeiro a sua consistência e a sua relação com outros fenômenos, de modo a obter alguma conexão lógica, alguma recorrência sistemática dos mesmos fatos em face de outros fatos, ou seja, procurará verificar se um determinado grupo de fatos coincide no tempo e no espaço com alguns outros grupos de fatos admitidos, e por que coincide.

Para fazer isto, a ciência se socorre de uma multidão de métodos, que consistem, em última análise, na aplicação de certos princípios - - que são verdades auto-evidentes, puramente lógicas; verdades formais que esquematizam o nosso pensamento. Da fusão entre os princípios e os fatos é que surge a chamada ciência, que se define então como a averiguação dos fatos à luz de princípios. Uma imensa coleção de fatos não será por si mesma uma ciência, como também os princípios, por si mesmos, não formam ainda uma ciência (ou formam apenas no sentido fisiológico; a lógica, por exemplo, é uma ciência filosófica, que não lida com fatos, lida apenas com possibilidades de relação entre pensamentos).

A ciência, no sentido científico próprio e não apenas filosófico, precisa de fatos, e estes fatos precisam se manifestar, tornando-se fenômenos, pois é necessário que tenhamos consciência deles, que nos sejam evidentes. A pesquisa Gauquelin nos oferece o fato e, seja este agradável ou não, ele foi verificado. Porém, não é um fato simples o da astrologia, que possa se constatado de modo imediato pelos sentidos, como por exemplo quando sabemos que chove ou faz sol. Não é fato simples por ser uma relação, que consiste em que determinadas posições dos planetas coincidem no tempo com determinados fatos terrestres, e não há como verificar tal fato diretamente, é preciso aplicar-lhe algum procedimento científico, portanto indireto. No caso, foi uma comparação estatística.

A pesquisa Gauquelin se destinava a verificar se havia ou não algum fundamento nas pretensões dos astrólogos. Assim, a partir da alegação tradicional dos astrólogos de que as posições planetárias no instante do nascimento determinam a aptidão do indivíduo par esta ou para aquela carreira profissional, Gauquelin procurou, por um procedimento estatístico, verificar se isto se dava de fato. Tomou inicialmente 50 mil mapas de nascimento de pessoas de diferentes grupos profissionais: militares, atores, políticos e cientistas. O segundo preceito astrológico que a pesquisa procurava averiguar era sobre a veracidade da afirmativa de os planetas colocados em pontos considerados mais importantes, mais sensíveis. Como o Ascendente e o meio Céu, serem determinantes do destino pessoal. O terceiro preceito astrológico era o de que certos planetas são significadores ou índices de certas profissões por si mesmo. Por exemplo, Marte tradicionalmente os exércitos, a lua as artes, Júpiter o ensino e a política, Saturno a ciência. Se os astrólogos tinham RAZÃO -- supôs Gauquelin --, então nos mapas das pessoas destas profissões os planetas correspondentes deveriam estar nestas posições privilegiadas com uma frequência maior do que nos mapas de pessoas de outras profissões. O que aliás se confirmou como resultado da pesquisa. A frequência era, inclusive, tão alta que se calculou que a possibilidade de ser uma coincidência era de 1:8.000.000.

Não contente com o resultado, o Observatório Astronômico de Paris pediu uma segunda pesquisa que, por sua vez, abarcou 500 mil mapas de nascimento, sendo que só veio mais uma vez confirmar o anteriormente verificado. Ora, isto é suficiente para nós acreditarmos que o fenômeno existe, ou seja, que existe alguma relação -- por absurda que pareça -- que nos foi evidenciada. Parece que a astrologia disse alguma verdade. Dado o fenômeno, o que devemos fazer com ele? Podemos esquecê-lo, caso não gostemos desse negócio de astrologia, se termos por exemplo horror a tudo aquilo que não compreendemos; podemos também comemorar a "vitória da astrologia", afirmando que o resultado da pesquisa a torna válida, usando o resultado da pesquisa como uma bandeira de luta, ou como uma gazua para arrombar cofres e ganhar mais dinheiro. Ambas as atitudes são ilegítimas, porque o fato de que a pesquisa Gauquelin ter provado que existe alguma relação entre as posições planetárias e os eventos terrestres prova apenas que o objeto da astrologia existe, mas não prova absolutamente que tudo o que os astrólogos vem dizendo sobre esse objeto seja verdadeiro. Prova a existência do fenômeno mas não prova a veracidade da ciência que pretende estuda-lo. A terceira atitude possível e a mais razoável, é idéia de que, se há um fenômeno, pelo menos se justifica fazer uma ciência para estuda- lo. Mas existe um motivo que torna os estudos astrológicos ainda mais justos e necessários hoje em dia:

Pouco antes das navegações, a Europa tomou consciência de sua unidade. A partir deste instante surge a necessidade e a inspiração de conhecer o lugar desse continente e o que havia para além dele. Do mesmo modo, no século 20, estamos chegando a uma integração entre todos os povos, não apenas na Europa, mas da terra inteira. Essa integração é feita através de uma rede de intercomunicações científicas. Tal integração científica e intelectual precede hoje a eclosão de poderosíssimos movimentos de integração social, política etc. A humanidade chegou a um certo grau de integração científica que precede, ou sugere, pelo menos, como seqüência natural, alguma forma de integração política. Gostemos ou não disso, é a realidade. Como já dizia o título de um famoso livro de Wendell Wilkie, nossa situação é a da consciência de um só mundo. Não existem dois ou três mundos; só um. Assim, como antes das navegações surge a idéia de perguntar "onde" está a Europa, o que é que nos rodeia, hoje aparece a pergunta: "Onde está este mundo ?" Qual é o sistema de realidades que nos circunda e o que nos determina ? Aparece a necessidade de conhecer o ambiente onde estamos que, hoje, é de escala cósmica. Gostemos ou não, o problema da posição do homem no cosmos mal começou a ser colocado.

Portanto todos e quaisquer estudos que contribuam para que o homem tome consciência da rede de relações que ele mantém com o ambiente cósmico em torno são estudos da mais extrema urgência. Se estudarmos a história das ciências e técnicas do ocidente veremos que estas tiveram um avanço fenomenal tão logo a Europa se constituiu um continente unido, e partiu para as investigações. Do mesmo modo, nosso tema da astrologia se oferece quase que naturalmente a nós no instante onde percebemos que a humanidade alcançou a posse de seu território em escala planetária, dominando a natureza terrestre a tal ponto que hoje ela só subsiste graças aos esforços humanos. O desafio terrestre foi vencido, um capítulo está encerrado e um outro se abre naturalmente à nossa frente. Sendo assim, a pergunta sobre se existe alguma relação entre tudo que se passou nesta terra durante os milênios que aqui vivemos encerrados e no ambiente cósmico que a circunda surge necessariamente, naturalmente, e não há como escapar dela. Este é o grande tema do futuro. Quando eu disse que o homem tomou posse da terra, gostaria que vocês tomassem uma consciência mais aprofundada da imensidão da mudança que isso pode significar para todos os seres humanos das gerações vindouras.

Certa vez, passeando por um zoológico, uma cena me chamou demais a atenção: algumas garotinhas cutucavam com paus algumas cabras trancadas numa espécie de jaula. As cabras estavam indefesas e, no entanto, as garotas é que gritavam a cada gesto de ataque. Indaguei-lhes porque gritavam e tinham medo se o lógico deveria ser exatamente o contrário, já que as cabras estavam à mercê delas... Na verdade percebi depois que esse fato não acontecia somente ali, mas em toda parte, todos os bichos estão presos em nossas mãos e, no entanto quando sentimos medo ou estamos abalados, sonhamos com animais nos atacando. Os bichos continuam significando para nós coisas ameaçadoras e, no entanto, estão à nossa mercê, dependem de nós para sua sobrevivência. Onde há leões, por exemplo, já não é mais porque o bom Deus os colocou ali, mas porque o governo da Tanzânia, da Inglaterra ou qualquer outro nomeou funcionários para protegê-los.

A posição do homem em face do mundo natural e, particularmente, do mundo animal mudou. O mundo

animal não nos ameaça: os leões tiveram que se adaptar à nossa presença. Enfim, tomamos o poder; a mãe natureza envelheceu, tornou-se uma senhora desamparada e senil, que vive da nossa ajuda, vive sob a proteção dos filhos, que somos nós. Isso significa que as presentes gerações humanas estão vivendo na terra de maneira inversa à de todas as outras gerações. Para estas a terra era o cenário hostil que se tratava de vencer. A terra representava a natureza como um todo; hoje a terra somos nós, ela é nossa propriedade e uma submissa mãe aposentada. Este fenômeno é mais importante do que o próprio movimento ecológico se dá conta. Eles se dão conta de que há uma destruição da natureza, mas não se dão conta de que nós somos a primeira civilização que assume totalmente a natureza sob sua guarda e seu encargo. Movimentos ecológicos nunca tiveram de existir, nunca existiram. Nunca houve guardas para os leões, nem tutores para os hipopótamos. Mas, hoje, assumimos essas funções.

Enfim, o ambiente material no qual nós vamos construir a nossa história já não é o mesmo no qual toda a humanidade construiu a sua. A humanidade construiu a sua história na terra, na luta contra a terra, e nossa luta alcançou uma vitória notável, vitória que hoje beneficia a própria terra. Estamos em cima de uma terra que é nossa, de uma terra que é hoje nós mesmos, e dela olhamos para um ambiente cósmico imenso, do qual temos apenas uma idéia muito vaga. Por isto o tema astrológico, como se pode prever, será o grande tema dos séculos vindouros. Porém, na medida em que assume tal importância, e que a astrologia passa a ser reconhecida e que muitos cérebros qualificados se entreguem ao seu estudo, é seguro que aos astrólogos ela acabará tomando um perfil muitíssimo diferente do que teve durante todos esses séculos; ou seja, tudo aquilo que conhecemos com o nome de astrologia hoje terá sido apenas a pré-história de uma ciência nascente. É preciso ver se essa nova astrologia arcará, de fato, com seu problema, ou seja, se será capaz de alcançar, no estudo de seu fenômeno, as vitórias que as outras ciências alcançaram no estudo de seus respectivos temas. Quando fazemos esta pergunta constatamos no mesmo momento que tudo o que possuímos em nossa mãos em matéria de astrologia, que foi desenvolvido ao longo de milênios, é, por um lado, a constatação de um fato e, por outro lado, uma multidão imensa de sugestões, de possibilidades e hipóteses, nenhuma das quais é dotada de certeza. A astrologia, até o momento, não alcançou nem o mínimo de evidência na sua explicação, de modo que tal evidência se imponha como verídica a qualquer pessoa honesta que tome conhecimento do assunto. Sem dúvida quando a estudamos encontramos verdades, porém não sabemos sequer qual é a posição hierárquica dessas verdades, quais são as mais fundamentais, quais são as acidentais e periféricas e, sobretudo, não temos o menor princípio explicativo, pois a ciência busca sempre, em última análise, uma compreensão do fenômeno e não apenas a sua descrição.

Dentro deste panorama, a ciência que vamos estudar, a astrocaracterologia, é, por um lado, uma parte do tema astrológico, na medida em que definimos a astrocaracterologia como o estudo da relação entre as posições planetárias e o caráter humano, subentendendo que o caráter não é a personalidade inteira, mas só um pedaço, não é o homem inteiro mas só uma faixa do homem, e a astrologia estuda não apenas o homem inteiro, como estuda também outros seres que não são homens, estuda a natureza terrestre inteira e os eventos históricos, econômicos, políticos etc. Desta imensidão de temas que a astrologia estuda, pegamos apenas um, pequeno, mas particularmente importante já que trata de nós mesmos. Nesse sentido, a astrocaracterologia está para a astrologia como a espécie para o gênero -- como a como a parte está para o todo.

Este curso fará com que parte anteceda o todo, e, ao fazê-lo, parece cair num paradoxo: porque se não estão definidos os, princípios, regras e métodos da astrologia em geral, como é que se poderia aplica-los especialmente a este setor que é o caráter humano? Se a astrologia enquanto ciência não está construída ainda, se é apenas um amálgama de hipóteses em torno de um fenômeno, como se poderia construir uma parte dela? Para responder, teremos de distinguir entre a construção efetiva.

No que diz respeito à concepção de uma ciência, esta se constitui primeiro, da delimitação de um certo campo e da distinção entre esse campo e os campos vizinhos; seguindo da proposição de um objetivo para o seu estudo, ou seja, algumas perguntas fundamentais e, terceiro, do estabelecimento e discussão de métodos para se estudar o tema. Ora, a construção, a realização efetiva desta ciência é outra coisa, complemento diferente: consiste em tomar uma concepção e coloca-la em prática para o estudo deste ou daquele aspecto particular dentro do campo específico.

A concepção da construção procedem de modo inverso: podemos fazer uma imagem que seria a de um

arquiteto que, ao planejar um edifício, o concebe no sue todo, com uma forma integral, e depois desce ao detalhamento das partes; porém, na hora de construir a casa, procedemos de modo inverso, do detalhe para o todo, do tijolo à parede e da parede ao cômodo. A concepção da ciência vai do todo para a parte, mas a sua construção, sua realização, ao contrário, é como a construção de um edifício, terá de ser feita tijolo por tijolo. É preciso ter, então, primeiro uma concepção global do que é ou deveria ser a astrologia como ciência; dada esta concepção, é então preciso começar a construção por alguma parte, e estou sugerindo como começo o estudo do caráter.

A relação da astrologia com a astrocaracterologia é esta: a astrologia, para nós, será apenas uma concepção de uma ciência possível, a astrocaracterologia é o começo de construção desta ciência, podendo depois desembocar em outras disciplinas astrológicas que estudarão outros aspectos do mesmo fenômeno. Todo o meu trabalho na área de astrologia, tudo que escrevi e ensinei até agora consiste apenas nessa concepção da astrologia teórica ou pura. Esta astrologia procura delimitar o fenômeno, ou seja, descrever o vêm a ser estas relações do homem com os astros e investigar em que medida isto pode ser estudado e através de que meios este estudo seria possível. Nesse sentido, a astrologia pura é um estudo gnosiológico. Esse estudo estabelece os limites de uma ciência possível, mas não a cria, apenas faz os planos.

A gnosiologia está para a ciência propriamente dita como está o arquiteto para o pedreiro. A astrologia pura é uma disciplina filosófica, puramente teórica, não investiga fenômeno algum em particular nem vai de encontro a nenhum fato, apenas procura delimitar o campo desse fato. A astrologia pura parte da possibilidade de um fenômeno e o delimita para a distinguir de outros, porque se este fenômeno não está distinto, conceptualmente falando, como investigar se ele existe ou não? Ou seja, se não sabemos o que é uma coisa, como saber se ela existe ou não?

A astrologia que hoje se pratica está tão atrasada que discussões tais como se os astros causam ou não os comportamentos humanos estão sendo conduzidos segundo argumentos teológicos baratos: se Deus permitiria uma coisa dessas ou não... Isto pode ser chamado ciência? Não, é demagogia apenas. A teoria da "sincronicidade" também é outro exemplo do baixo nível: isto vem sendo discutido trinta anos, sem que uma única pessoa tenha se lembrado que isto não é uma teoria, é simplesmente o nome do fenômeno. Entendem por que digo que não existe astrologia ainda?

A astrologia pura deve se perguntar o seguinte: de quê estamos falando quando fazemos astrologia? Por exemplo, o astrólogo que verifica que a presença de Saturno na casa 4 pode deixar o indivíduo doente do estômago, pode ter verificado isto de várias maneiras. Primeiro, por raciocínios simbólicos: Saturno é a pedra, aquilo que endurece, o peso, etc; evidentemente não é bom que nosso estômago esteja duro; a Casa 4 é a mãe, a casa, o estômago etc.; portanto, Saturno na casa 4 = estômago duro. Pode também ter chegado à mesmíssima verificação por uma observação estatística: tendo atendido inúmeras pessoas com Saturno na Casa 4, 80% delas disseram que tinham dor de estômago. Pode chegar à mesma conclusão por vias completamente opostas, por via mitológica, simbólica e analógica, ou por verificação experimental.

Pergunta-se: o fato de você comprovar ou imaginar que Saturno na casa 4 causa dor de estômago explica em alguma coisa se os astros causamos eventos terrestres? Isto quer dizer que a investigação da natureza da relação entre astros e homens é uma ciência, e a astrologia prática, a interpretação dos horóscopos, é outra técnica completamente diferente. No entanto, esses dois setores estão perfeitamente confundidos em todas as discussões sobre a astrologia: sempre se pressupõe que tal planeta em tal lugar significa tal ou qual coisa esteja, ipso facto, em condições de provar se existe também uma relação causal ou não, quando isto é um problema de astrologia teórica que não interessa ao astrólogo praticamente, e que ele em geral ignora ou mesmo não entende. Se nós, por uma espécie de dedução analógica, construíssemos aqui um sistema de interpretação astrológica somente com base nos mitos e símbolos e nos significados mitológicos das casa, nós teríamos então um conjunto de regrinhas do tipo "Sol" na casa 1 produz tal coisa, "Sol na 2, tal coisa", e assim por diante -- nesse raciocínio, para ter o sistema inteiro das interpretações, quantos horóscopos de pessoas reais precisaríamos ter visto? Nenhum. Temos então um terceiro departamento de astrologia, que é o estudo da linguagem astrológica. O que esse estudo tem a ver com a interpretação de mapas reais? Nada. O que tem a ver com investigação da natureza do fenômeno astral? Nada. Se misturarmos todas essas coisas ao mesmo tempo e supomos que o astrólogo praticamente deva saber tudo isso ao mesmo tempo, e de deve estar em condições de responder a todas essas perguntas simultaneamente, estamos esperando dele mais do que se espera de qualquer cientista do mundo. Mas

mesmo sintetizar o simbolismo de cada planeta e casa nas várias civilizações e em seguida descrever analógicamente a posição desses planetas nas várias casas com a devida interpretação, construindo por assim dizer uma espécie de linguagem astrológica universal, é algo que não foi feito até hoje.

...

No livro de Marcelle Sénard, Le Zodiaque, encontramos uma síntese dos mitos mundiais dos doze signos, e também algumas sínteses das mitologias planetárias, porém nada disto se aplicou até hoje à constituição de uma linguagem astrológica sistemática, sendo este um requisito preliminar para qualquer estudo mais sério. No entanto, mesmo que tivéssemos feito este estudo, o que saberíamos a respeito da relação real entre astros e homens? Nada. Seria apenas a constituição de uma linguagem simbólica universal, não local e, portanto, teríamos ainda que saber a que corresponde cada símbolo sob esse ponto de vista, pois os símbolos naturais estão sempre condicionados a um panorama local. Deveríamos buscar saber ainda em que medida esses símbolos poderiam estar sendo estudados comparativamente, e em que medida eles possuam um traço específico que os torna irredutíveis, intraduzíveis em qualquer outra coisa. Ou seja: em que medida um símbolo corresponde ou não ao conjunto de intenções de outro símbolo, de uma outra civilização, de uma outra sociedade? Quem tivesse feito esta comparação extensivamente teria feito a gramática da astrologia.

A gramática é a arte de combinar os signos e significados independentemente da veracidade do conteúdo veiculado por eles. Sob este ponto de vista, dizer que "a bruxa montou na vassoura e saiu voando" é perfeitamente admissível, porque a gramática se interessa apenas pela relação dos signos formalmente considerados e não como significadores de dependentes reais ou conceitos lógicos.

Nós teremos, por outro lado, de fazer a lógica da astrologia, que consiste, precisamente na astrologia pura, na gnosiologia da astrologia que vai estuda-la como um conjunto de signos apto a alcançar uma certa coerência com a qual os signos poderiam representar algo exterior. Por exemplo, se digo que, ao estudar a chamada astrologia mundial, a primeira casa representa o caráter do povo, a segunda casa representa os recursos materiais à disposição deste povo, a terceira sua cultura, educação, etc, podemos perguntar se este conjunto de categorias sob as quais nós enfocamos astrologicamente. Um povo corresponde à estrutura real de uma sociedade, ou se há elementos faltantes. Ou seja, a estrutura do zodíaco e suficiente para que com ela possamos descrever uma sociedade qualquer, e não esta ou aquela sociedade em particular, mas toda e qualquer sociedade possível? Quando distribuímos doze aspectos da vida de uma sociedade entre as doze casas do horóscopo estamos, na verdade, propondo uma teoria sociológica, e deveríamos averiguar se esta teoria é auto consistente, se ela não contém nenhuma contradição interna, e ainda, se ela tem a possibilidade de coincidir com os fatos ou se é demasiado esquemática, sendo um produto puramente mental, que não tem base na realidade empírica. Todas essas perguntas pertencem ao plano da astrologia pura ou gnosiológica. A parte que desenvolvi desta astrologia será exposta a vocês no decorrer do curso, neste primeiro ano de maneira fragmentária, mais ou menos ocasional, apenas naquilo que for necessário para entendimento da astrologia, e no segundo ano de uma maneira mais sistemática.

Quanto ao curso, os alunos que o fizerem deverão me dar a certeza de que estão sabendo aquilo que lhes ensinei. Que cada pedrinha que eu coloque, vocês a mantenham no lugar, durante dois anos. Porque, senão souberem esta parte, não poderão prosseguir depois com o trabalho frutífero que possa desempenhar um papel importante no desenvolvimento da ciência e da cultura. Todas as partes do curso estão muito amarradas entre si, e o que não seja entendido deverá ser revisto, visto de novo, repetido. Pretendo fazer de vocês não apenas um grupo de curiosos que assistiram a um curso de astrologia, mas um grupo de estudiosos, profundos conhecedores do assunto, o profundo deste país. O curso possui um caráter sistemático, e o seu conteúdo deverá ser aprendido, examinado e reexaminado sob uma série de ângulos e também sob diferentes modalidades de trabalho pedagógico. Somente quando um tema foi enfocado em todos os modos e níveis é que nós poderemos passar para um outro.

Vamos agora saber um pouco sobre essas modalidades de trabalho pedagógico. A primeira delas chama-se preleção. Preleção é a exposição das idéias e conhecimentos, por parte do professor, sem interpretações onde o público busca assimilar ou ouvir com atenção, sem colocar, na hora, objeções e perguntas, esperando até uma outra ocasião oportuna para fazê-lo.

A segunda forma de trabalho, onde o público também permanece atento e ouvinte é o comentário de texto.

O comentário é também uma relação mas, ao invés de o professor apenas expor as suas idéias, ele trabalha apoiado em algum texto -- dele mesmo ou de outro autor -- para este fim. O texto será lido e desdobrado em um certo número e partes, com interrupções para explicações sobre os termos, para comparações do texto com outros textos, para um investigação do significado do texto em relação ao nosso assunto, e assim por diante.

Em terceiro lugar, temos a revisão da preleção. Na revisão os alunos questionam o professor sobre os pontos que ficaram duvidosos ou problemáticos. Devem exigir dele uma demonstração mais firme, uma informação mais extensa ou ainda uma limitação do argumento. Por exemplo, em certas aulas poderão ser ditas coisas com valor probatório suficiente, coisas que são certas, evidentes, e outras que, ao contrário deverão ser fundamentadas mais extensivamente. Na revisão a iniciativa sai da mão do professor para a dos alunos. É preciso checar todas as dúvidas. Sobre isso, aliás, é importante fazermos uma observação: nós podemos medir a capacidade intelectual dos indivíduos e, sobretudo a sua honestidade intelectual pela sua capacidade de suportar uma dúvida durante um tempo prolongado, até encontrar a certeza. Aristóteles já dizia que "o juízo (juízo quer dizer julgamento, sentença) é o repouso da mente". A mente repousa quando ela encontra um juízo certo. O homem não estudioso quer viver num estado de repouso perpétuo, ou seja, a mente dele é constituída só de coisas que ele considera certas, sobre as quais nada se pergunta, para não entrar num estado de incomodidade. Porém o homem de ciência, aquele que estuda, está sempre procurando problemas, ele se interessa por problemas, não porque aprecie em si o estado de dúvida, mas porque aprecia o benefício da certeza que uma dúvida enfrentada com honestidade, durante o devido tempo, pode lhe trazer. É o mesmo caso, por exemplo, de uma ginástica, de um esporte. Qualquer destas práticas implica a aceitação de um momento de incomodidade física; uma nova ginástica dói até o ponto onde você passa a ser capaz de arcar com seu peso, com o esforço repetido sem que ela doa mais, onde você conquista uma força. Na inteligência é a mesma coisa. A dúvida é o esforço muscular da inteligência. Ora, devemos graduar também a nossa capacidade de arcar com dúvidas; o sujeito que desejasse viver com dúvida universal a respeito de tudo seria como o imbecil que não quisesse para de fazer ginástica nem quando dorme. Temos de graduar de acordo com nossa forças e conveniências o quanto de dúvidas com que podemos arcar, honestamente, e o quanto de dogmatismo e preconceito precisamos para continuar vivendo. Em toda a vida prática nós vivemos de preconceito, porém não na vida teórica, não na vida da inteligência. Pessoas que duvidam de tudo seriamente, que transferem à vida prática todas as dúvidas teóricas são loucas. Na verdade, o sujeito que faz isso finge dúvidas. A situação de estado, teórica, é uma situação hipotética. Nós nos colocamos voluntariamente em dúvida sobre um ponto a respeito do qual não precisamos tomar nenhuma decisão urgente no dia seguinte, ou seja, sobre um ponto que não tenha urgência prática para a nossa vida, mas que possa esperar um tempo. É preciso poder esperar até encontrar, pelo menos, uma certeza suficiente, que é aquela onde não lhe ocorre mais nenhum argumento capaz de derruba-la (mas que amanhã ou depois poderá ocorrer).

A revisão da preleção será feita na segunda parte da aula. O que aparecer de dúvidas na primeira parte deverá ser anotado para que possamos comenta-las em seguida. Porém somente a revisão da preleção não basta, porque existem perguntas que surgem muito tempo depois para que a revisão seja frutífera é preciso que ela seja feita não apenas sobre os pontos da preleção que se conservar na memória, mas que, tempos depois, se possa voltar ao texto da preleção para relê-lo e sugerir novas perguntas, sendo portanto necessário um quarto item: o da transcrição o resumo da aula. Todos os alunos participarão das transcrições e, num intervalo de mais ou menos três meses, cada um terá sob sua responsabilidade uma fita para transcrever, com prazo suficiente. É importante acrescentar que tudo que for falado preleção será documentado (gravado, ou apostilado); o que se disser na revisão da preleção deverá apenas ser anotado pelos alunos. Porém, não contentes com isto, ainda haverá uma outra instituição que é da repetição. A repetição consiste na mesma aula dada de novo, de memória, por Henriete Fonseca, que procurará, inclusive, complementar certas noções quanto à linguagem e à técnica astrológicas, que estejam faltantes. A frequência à respeito deve ser tão constante quanto às próprias aulas. Em seguida vocês farão a leitura de textos; esta poderá ser feita individualmente ou em grupo, e será uma leitura segundo certas normas técnicas que lhes serão explicadas ainda.

Teremos uma modalidade importante , a exposição oral, feita pelo aluno, que poderá se referir a tópicos que ele tenha estudo na leitura individual ou em grupo, poderá se referir a temas que tenha desenvolvido por si a partir das revisões das preleções. Todos os alunos deverão estar sempre preparados para exporem

suas idéias.

Há ainda o sistema de tutoria, que consiste em aulas particulares, especialmente sobre os temas que o aluno estiver encarregado de estudar sozinho, que a situação que surgirá a partir dos estudos de casos. Ao longo deste curso os alunos serão convidados a fazer dois completos estudos de casos. Cada um deverá apresentar um horóscopo de algum personagem conhecido, que poderá ser escolhido a partir de uma lista que será oferecida e onde a precisão dos horários de nascimento já foi verificada. Quem quiser inserir outros nomes deverá ter esse dado como critério de escolha.

O estudo astrocaracterológico de casos será feito numa ordem inversa; primeiro é preciso conhecer a biografia, segundo estudá-la caracterológicamente, sem astrologia, sendo que o mapa astrológico só entrará no final do processo. Para quem conhece astrologia, o mapa revela uma determinada imagem; no entanto, é preciso, que vocês busquem a imagem nos fatos, e não no mapa. A técnica biográfica será extensivamente explicada para todos.

Quanto aos temas, serão abordados em três níveis, sendo o primeiro o nível puramente teórico. A teoria busca ver e descrever as coisas como elas realmente são no caso de serem coisas fora de nossa experiência será preciso fazer um esquema de conjecturas que nos descreva como objeto poderia ser, o que poderíamos fazer admitir como possível e como impossível. O estudo teórico é que delimita para nós esses quadros e nos prepara para uma observação correta. Não há como abarcar na prática um fenômeno do qual não se conheça a estrutura teórica. A teoria consiste em ver mentalmente um objeto e ve-lo como real, separando o possível do impossível. A teoria é o trabalho mais bonito que existe na ciência e depende dela. A teoria deverá, ainda, ser de três tipos: primeiro, a teoria astrológica pura, que é uma delimitação do fenômeno astrológico; segundo, uma teoria psicológica. Se vamos estudar a relação entre os astros e o caráter, teremos de investigar o que é o caráter. Existe uma infinidade de acepções desta palavra, e faremos um resumo destas acepções nos diversos campos fixados pelos psicólogos, sociólogos, antropólogos, etc. Devemos nos perguntar se é possível a comparação entre o caráter definido de uma ou de outra dessas maneiras, por um ou por outro autor, e as configurações planetárias, e, em seguida, devemos buscar um conceito de caráter que possa ser utilizado astrologicamente. Finalmente, uma teoria astrocaracterológica, que abordará o padrão das correspondências planetárias com o próprio caráter.

O segundo nível de abordagem dos temas é, por sua vez, o nível técnico. Ao contrário do nível teórico, que consiste num conjunto coerente de juízos, que separa o possível do impossível, o conveniente do inconveniente, o provável do improvável, o certo do duvidoso, este nível é uma coleção amorfa de conhecimentos dos mais variados tipos de procedências. O seu ensino é bastante diferente do ensino da teoria, que é fundamentalmente expositivo, que demanda a reprodução de uma seqüência lógica do raciocínio. A técnica não, porque junta conteúdos heterogênicos.

Finalmente temos o nível prático. A prática não deve ser confundida com a técnica, o que é comum. Uma pessoa pode, por exemplo, ter um conhecimento técnico formidável e não ter, no entanto, prática alguma. A técnica é o conjunto de conhecimentos que podem ser úteis à pratica (a teoria, por sua vez, faz parte também da técnica). E a prática, o que é? A prática consiste em você pegar um problema astrocaracterológico e tentar resolvê-lo; consiste em você em você poder interpretar astrocaracterologicamente um determinado horóscopo. Quando chegamos então à prática, como última modalidade de trabalho pedagógico, surge uma outra necessidade expressa no tópico "astrocaracterologia e conhecimento de si". Ora, o caráter nós o carregamos em nós mesmos e, sob certo aspecto nós o somos. Visto de uma certa maneira, o caráter pode ser a essência do indivíduo, não no sentido pleno da palavra essência, no sentido clássico, definido por Aristóteles como modo de ser, mas num sentido muito particular, definido por Sigwart, na sua lógica. Ele diz: "A essência é a unidade de um ente na medida em que reivindica para ele a necessidade de certas propriedades". É uma definição formal -- não meta-física --, e o caráter tal como o entendemos e cuja noção vamos utilizar neste curso se aproxima dessa definição de essência por Sigwart.

Conhecemos a essência de um ente na medida em que conseguimos captar sua unidade, ou aquilo que faz com que ele seja um e não dois ou meio. Aquilo que faz com que ele seja um todo, e um todo distinto, e na medida em que, ao definirmos essa unidade, lentamente que ela, por ser o que é, exige que o ente possua determinadas propriedades. Por exemplo, podemos aplicar essa definição de Sigwart à aristotélica do

homem: "O homem é um animal racional", com isto delimitamos uma unidade chamada "homem", a "espécie humana". Por que podemos dizer que isto é a essência do homem? É porque compreendemos que a racionalidade e a animalidade, quando juntas numa unidade, exigem, reinvindicam que o homem tenha o dom da fala, mas exigem também, por exemplo, que o seu pensamento não seja contínuo, porque ele é vivo. Esta definição do homem como animal racional diferente o homem de Deus. A Deus você pode atribuir racionalidade mas não vida no sentido animal, já que, neste sentido, vida é o que cresce e se transforma e também se corrompe e morre. A vida implica um sistema de mudanças cíclicas (como dizia Aristóteles, "a geração e a corrupção"), a mudança, a transformação. Tomando essa definição, "animal racional", vemos quais são as propriedades que a animalidade e a racionalidade, juntas, numa unidade, exigem. Vemos que essas propriedades coincidem de fato com aquelas que observamos num ser chamado homem, e então dizemos que esta é, efetivamente, a essência do homem.

Sob certo aspecto, o caráter pode ser considerado a essência do indivíduo, e digo isto para mostrar que o caráter não é um dado externo. Ora, para estudar o caráter -- como qualquer outra coisa -- vamos ter de usar a nossa inteligência. Vamos ter que usar também a nossa vontade.

Porque estudar o caráter não é uma coisa que acontece naturalmente ao homem, algo que, por força de leis naturais, não possamos escapar de fazer. É um ato de vontade, que podemos realizar ou não. Também é um ato que depende do sentimento, pois implica necessariamente o reconhecimento de certos valores, implica a valorização maior ou menor de certas coisas. Conforme nossos hábitos, inclinações e valores. Julgamos positivamente certos caracteres humanos, e negativamente outros. Se sou, por exemplo, um indivíduo que aprecia a beleza, tendo a julgar negativamente as pessoas que não tem o mesmo senso estético. E assim por diante. Tais julgamentos são espontâneos e inevitáveis, por tais isentos ou neutros que pretendamos ser; é também inevitável que o padrão ou critério desses julgamentos seja constituído pelas nossas próprias tendências e inclinações, tomadas ad hoc como parâmetro universal.

Inteligência, vontade, sentimento, etc., são os instrumentos com que conhecemos o caráter, mas são ao mesmo tempo os componentes desse mesmo caráter. Portanto, o instrumento com que conhecemos o caráter é o próprio caráter. O caráter tem esse dom de espelhismo, esse poder de se desdobrar, de falsifica-lo). A partir do meu próprio caráter é que vivencio -- e vivenciando conheço -- os caracteres alheios. Nenhuma, mas absolutamente nenhuma precaução de objetividade científica pode nos livrar do peso desse dado inicial, que é o fato de que o nosso aparato de cognição do caráter faz parte do próprio caráter. Alguns fazem de conta que uma postura de indiferença, uma afetação de frieza e distanciamento basta para contrabalançar ou mesmo anular o essencial comprometimento do sujeito cognoscente no mundo da interação humana, na realidade, verificamos que essa atitude é puramente auto defensiva e corresponde ela mesma a uma tendência caracterológica. Not to get involvet é uma postura, não raro neurótica, que só nos defende contra, alguns tipos mais óbvios e grosseiros de preconceitos e viéses, mas às vezes nos compromete de uma maneira mais profunda e irremediável. A objetividade não se conquista mediante a educação do caráter total, mediante o comprometimento da personalidade inteira na busca da verdade, e mediante o cultivo do hábito de aceitar a verdade onde quer e como quer que ela nos apareça. Não podemos nem devemos nos livrar das paixões, mas podemos desenvolver a paixão da verdade.

Tudo isso quer dizer que o estudo desta ciência é um aspecto do conhecimento de si. O conhecimento de si, ou auto conhecimento, é a raiz de todo conhecimento em geral, ou pelo menos é a condição da sua veracidade. Hegel dizia: "A consciência de si é a terra natal da verdade". Esta é uma das sentenças mais maravilhosas e importantes que já foram preferidas desde que o homem caminha sobre a terra. Hegel disse muito mais do que o oráculo de Delfos, que sentenciava: "Conhece-te a ti mesmo". O oráculo limitava-se a ordenar o auto conhecimento, ao passo que Hegel deu a este comando o seu pleno sentido, ao dizer que a noção, o sentimento e a certeza de que existe uma verdade objetiva cognoscível dependem de que previamente o homem adquira uma consciência de si, de seus atos, motivações e desejos. Longo de podermos chegar a um conhecimento objetivo de nós mesmos observando-nos desde fora, é observando-nos desde dentro, com honestidade, que chegamos à noção de uma verdade objetiva existente fora e independentemente de nossos desejos e preferências. O conhecimento de nossos próprios atos precede, hierarquicamente e cronologicamente, o conhecimento da objetividade exterior, e não ao contrário.

Como chegamos à consciência de nós mesmos? Quando somos crianças e nossa mãe, por exemplo, ralha conosco por algo que não fizemos -- "Menino, você quebrou o vaso", vasculhamos nossa memória, com

um sincero desejo de recordar nossos atos, e não nos enxergamos em parte alguma no ato de quebrar o vaso. Aí dizemos, ou pensamos: É falso. "E o dizemos em plena certeza, pois ninguém pode ter uma memória mais precisa de nossos atos recentes do que nós mesmos, que somos seus autores. Aquilo que fiz, conheço, e conheço em forma eminente, porque sou o que fiz. Porém, numa outra ocasião, vejo minha mãe ralhando com meu irmãozinho por alguma travessura que ele não fez, que fui eu que fiz. Faço-me de ignorante e deixo que ele leve a culpa por meus atos. E, no instante que assim faço, porque vi nitidamente ante mim a opção entre confessar e ser punido e escapar da punição calando-me, e escolhi uma das duas. Sei que quebrei o vaso, porque fui o autor da ação, e sei que escolhi minha culpa, porque fui que decidi escondê-la, com pleno assentimento no instante em que o escolhia. Tal autoconsciência é o modelo mesmo da evidência e da clareza no conhecimento da verdade, e ela não depende de nada exterior. Nenhuma consciência, de qualquer dado exterior que seja, pode ser tão clara e inegável para mim quanto essa certeza de meus atos cometidos e de minha palavra omitida. Quando vejo algo, posso não estar seguro do que o vejo, a visão pode ser indistinta; mas, no ato mesmo em que decido, com claro conhecimento da opção contrária, tenho um exemplo particularmente eloqüente do que é conhecimento claro e distinto.

O conhecimento do mundo exterior, e particularmente dos processos de causa e efeito, está profundamente amparado nessa autoconsciência inicial de culpa e inocência. Se digo que estou inocente quando me acusam de quebrar o vaso que não quebrei, essa inocência -- do verbo nosceo, "conhecer", com o prefixo negativo i -- significa inequivocamente: "Não sei de ter quebrado o vaso. "Estou seguro de não ter conhecimento de haver quebrado o vaso. Inversamente, ao mentir, sei que fiz algo, e sei que nego esse saber ao negar a autoria do ato. A palavra "mentira" vem de mens, a mente. A mentira é uma criação mental que nega o ato, que diz não a um dado ao qual, no mesmo instante, a memória diz sim, dividindo a mente contra si mesma. Fato vem de factum: aquilo que foi feito. Aquilo que fiz é para mim o fato por excelência. Só posso ser fiel aos meus fatos se me habituo a reconhecer, primeiro, o que eu mesmo fiz.

A consciência de mentir ou de dizer a verdade sobre nossos próprios atos é a consciência entre raciocínio (linguagem) e memória, ou dito de outro modo, entre o dado fático e as conclusões que dele pretendemos extrair. Esta consciência, depois, pode projetar-se sobre o mundo exterior e descobrir, nele, também, veracidade e falsidade, fato e mentira.

A capacidade de perceber a verdade não se desenvolve aplicando a nós os padrões de veracidade copiados do mundo exterior, mas, ao contrário, estendendo ao mundo exterior essa honestidade da RAZÃO para com a memória, caso esse senso de coerência e continuidade entre o feito e o lembrado, o lembrado e o dito. "A consciência de si é a terra natal da verdade.

Esta firme adesão da consciência a si mesma é a condição de todo desenvolvimento na busca da verdade esta requer uma personalidade capaz de convocar seus vários atos e pensamentos, representações intuitivas, desejos e crenças para um confronto, para uma acareação, como diz na polícia, um cara-a-cara entre as testemunhas. A chamada objetividade científica, padronizada num corpo de preceitos uniformes para toda uma comunidade de investigadores, é somente uma parte significante dessa condição total para a busca da verdade. Muitas vezes, é apenas um sucedâneo dela: o sujeito se apega a preceitos de detalhe do método científico justamente para não enxergar alguma verdade patente. Outros refugiam-se no seio do consenso comunitário para escapar das exigências da sua própria consciência individual, que lhes impõe, pela memória, a veracidade de coisas que não desejam aceitar. Os critérios ditos científicos são obviamente indisponíveis, mas não bastam: a personalidade total deve ser envolvida na busca da verdade, e não apenas uma secção, recortada e isolada, profissionalmente comprometida com uma busca parcelar de certo tipo de verdade pré-selecionadas.

Se muito, nego em palavras o conteúdo de minha memória, mas o conteúdo da mentira, por sua vez, é um ato que cometo, e este ato também ficará depositado na memória, criando novos padrões de combinação e recombinação dos dados e, eventualmente, a longo prazo, pela repetição da mentira, alterando esses dados do modo substancial, de modo a tornar difícil para mim mesmo a recordação do realmente acontecido. É o velho mal: de tanto mentir para os outros, acabo tendo de mentir para mim, principalmente porque, para dar verossimilhança à mentira, tenho de representa-la enfaticamente. E, como a memória só guarda imagens, sem selecionar automaticamente as verdadeiras das fingidas, o depósito de imagens fingidas onde com o tempo, adquirir para mim uma certa verossimilhança. Para conservar-se fiel, a memória deve ser

limpada todos os dias, com a afirmação do verdadeiro e a negação peremptória do falso.

Jean Piaget conta um episódio impressionante, que mostra a que ponto a memória de imagens pode ser alterada pelas frases que dizemos ou ouvimos. Certa vez, já homem feito, ele se encontrou na rua com sua antiga babá. Foi um encontro comovente, e que suscitou muitas recordações dos velhos tempos; e, entre estas, Piaget conta ter perguntado a ela se lembrava de um dia em que o levara a passear na praça e, lá, fora assaltada. Piaget diz que se recordava nitidamente da imagem do ladrão aproximando-se, armado de revólver, da babá gritando esbaferida, etc. Quando ele perguntou isso, porém a velha babá deu uma gargalhada, e disse que, de fato nunca tinha sido assaltada. Ocorrera apenas que fora se encontrar com o namorado durante o passeio com o menino e, demorando-se mais, inventara depois a estória do assalto para justificar à patroa o seu atraso. Em algumas décadas, a imaginação de Piaget transformara frases ouvidas em imagens visuais de acontecimento, dando realidade ao que não tinha.

Nós adquirimos a noção de que existe uma veracidade objetiva não quando verificamos somente que as coisas do mundo externo são sólidas e resistem, mas quando verificamos na nossa própria consciência o que fizemos e o não fizemos. Só quando sei o que fiz e o que não fiz -- primeiro em ações externas, segundo em ações --, o que fiz, pensei, quis, aspirei realmente, em tal ou qual circunstância, é que a noção de veracidade objetiva surge como fundamento de todo saber, de toda ciência.

Se, por um motivo ou por outro, borrei a veracidade interna, apaguei os traços da minha própria história, não chego a crer firmemente que exista uma verdade objetiva. A verdade e falsidade se misturam dentro de mim e, portanto, quando olho para fora com os olhos que tenho -- que são os mesmos com que olho para dentro -- só vejo confusão e a mistura de voraz com o falso, e proclamo: toda verdade é relativa. De fato, ela é relativa à consciência de si. Se esta consciência for límpida, clara, também o será a noção de verdade, sendo maior a facilidade que tem para verificar o verdadeiro e o falso no mundo externo.

Ora, o conhecimento do caráter é o conhecimento das motivações humanas. Conhecer o caráter de um indivíduo é saber que em dada situação ele age desta ou daquela maneira, diferente de outro indivíduo e diferente de nós mesmos. Perceber isto requer uma afinação muito sutil, muito delicada da autoconsciência. A nossa autoconsciência pode se turvar, se embaralhar a ponto de não reconhecermos mais, ou seja, desconhecermos os motivos de nossas ações.

Para citar um grande psicólogo clínico deste país -- ao qual este curso é dedicado --, o Dr. Juan Alfredo Cesar Muller: "Neurose é uma mentira esquecida na qual você ainda acredita". É uma mentira que você disse a si mesmo, durante muito tempo, o que se tornou constitucional a você, ou seja: sem se lembrar explicitamente dela, você age baseado nela e ela determina o seu procedimento sem que você -- trazendo-a à luz da consciência -- possa recriticá-la e perceber que é falsa. Aliás, todos os processos analíticos que existem na psicologia, psicanálise, análise profunda juaguiana, etc., não são nada mais do que técnicas do recontar a própria história de um indivíduo. Por isso que se chama análise: em cada passo você vai verificar o que realmente fez, pensou -- e não apenas nas camadas mais claras, mas também naquelas obscuras, nas quais se presta pouca atenção, que passam rápido pela consciência e vão embora para o fundo da memória. Sem o cultivo desta autoconsciência profunda, o conhecimento do caráter é impossível porque só eu mesmo não sei por que faço isto ou aquilo, se não sei o que eu mesmo sinto, como saberei o que sente o outro?

A experiência das duas décadas de estudos sobre este assunto me diz que a maior parte daquilo que nós pensamos sobre os outros seres humanos é estupidamente projetivo, ou seja, que atribuímos aos outros motivos que nunca lhes passaram pela cabeça e que, em certos casos, nunca poderiam ter passado. Por exemplo, atribuímos motivos complexos a uma pessoa simplória; atribuímos premeditação a um indivíduo incapaz de premeditar ir até a esquina tomar um ônibus; atribuímos motivos maquiavélicos a pessoas que não teriam concentração suficiente para conceber uma trama maquiavélica; atribuímos motivos impossíveis que são baseados numa conjectura que fazemos a respeito de como nós agiríamos naquelas circunstâncias. Ou seja, conheço o outro pela minha própria imagem. Estou medindo, então, os indivíduos com uma régua de borracha, sendo que estico ou comprimo a régua conforme as circunstâncias e desejos do momento.

Desejar profundamente o conhecimento real do ser humano, o conhecimento de suas próprias motivações para chegar a ter um conhecimento justo dos outros seres humanos é a base de toda moralidade verdadeira

-- de toda ética. Sem esta ética, simplesmente não haverá ciência, porque se a ciência é a busca da verdade, podemos sempre perguntar: mas por quê raios eu deveria preferir a verdade `mentira? É comum ouvirmos que a ciência deve deixar de lado os julgamentos morais, porém ela pode abandona-los somente quanto ao seu conteúdo e procedimento, mas na sua raiz. Porque a raiz mesma da ciência demanda de uma opção moral inicial, e uma opção total, radical: prefiro um milhão de vezes a verdade amarga à mentira doce.

Esta motivação profunda na busca da verdade nem sempre está presente no ser humano na medida que nós gostaríamos de supor que estivesse. Todos temos um fundo daquilo que Nietzsche chamava o homem bovino, ou seja, o homem que vive no repouso da inteligência, que vive nos juízos assertóricos -- para não ter trabalho, para não sofrer. Buscamos o prazer da dor. Que o façamos no plano físico, é muito justo -- quem não prefere um doce à uma martelada na cabeça? Porém, o doce pode ser fatal paras o diabético, e a martelada do cirurgião na cabeça do paciente para extrair-lhe um tumor pode salva-lo. Nem sempre o doce é preferível à martelada. Há muitas verdades amargas que salvam a mentiras doces que matam. No domínio intelectual não é prudente buscar o prazer e evitar a dor; aqui não se trata nem de querer o prazer nem a dor, nem de fugir de um ou de outro e sim, como dizia Sninoza, "não rir nem chorar, mas compreender".

Esta motivação profunda acredito que vocês a tenham, já que a proposta deste curso era, de cara, um trabalho que se anunciava difícil e cujo único prêmio seria a dignidade do produto verdadeiro da inteligência -- o conhecimento efetivo. Se vieram, é porque há dentro de vocês pelo menos a semente deste desejo e sede da verdade, porém esta semente precisa ser trabalhada, adubada, regada, etc. Embora o curso tenha um caráter técnico, limitado a um assunto particular, como atividade educativa e pedagógica pretenderá lhes mostrar a sua capacidade de conhecer a verdade objetiva -- num domínio que até hoje tem sido presidido inteiramente pela confusão, de conhecer outras verdades também. Não de conhecer toda a verdade mas de conhecer totalmente aquilo que conhecem. Neste aspecto, não duvido que o estudo do caráter humano, num determinado momento, chegue a encontrar dentro de algumas pessoas resistências psicológicas, derivadas de um desejo até compreensível de defender certas áreas da psique contra a luz da inteligência. Todos temos isso porque somos animais racionais, e não racionais racionais. O ser humano nem sempre aceita a verdade, de modo que, como dizia Lutero, "a vida não é uma devoção, mas a conquista da devoção". A vida não é o amor à verdade, mas a conquista do amor à verdade. A capacidade de perseverar, mesmo quando se anuncie de longo com uma cara feia, e de esperar para ver é que dará a qualidade de um ser humano. O esforço de ordem moral será muito mais importante para vocês do que a suposta inteligência ou aptidão que tenham, pois a pessoa apta mas não insiste, que desiste, pode menos do que uma outra, inapta, que persista. Este requisito moral existe em todo estudo e, particularmente, no estudo da alma humana.

AULA 2

ORIENTAÇÃO QUANTO ÀS ÓRBITAS

A pesquisa Gauquelin, entre outras novidades que trouxe, colocou em questão as chamadas "órbitas" das casas astrológicas.

Ao constatar que, num horóscopo, os "pontos relevantes" podem não estar colocados precisamente nas casas ditas angulares -- isto é, I, IV, VII e X -- e nem mesmo no grau preciso da conjunção com o Ascendente, o Fundo do Céu, o Descendente e o Meio- do-Céu, e sim muito atrás, dez ou quinze graus antes desses lugares, Gauquelin nos colocou diante da seguinte alternativa: ou

(a) os pontos significativos do horóscopo de nascimento não são aqueles assinalados pela astrologia tradicional, e sim as casas que os antecedem (isto é, a XII, a III, a VI e a IX, as casas ditas "mutáveis"); ou

(b) se conservamos a noção do predomínio das casas e pontos angulares, então temos de admitir, para estes, uma órbita de recuo bem maior do que aquela aceita geralmente pelos astrólogos, e consagrada pelos manuais antigos e modernos. Assim, um planeta colocado dez ou quinze graus antes do Ascendente -- isto é, do meio para o fim da casa XII -- ou dez ou quinze graus antes do Meio-do-Céu -- isto é, do meio para o

fim da Casa IX -- já estaria, ou deveríamos considerar que estivesse, em conjunção com esses pontos angulares.

Pode-se admitir qualquer das duas hipóteses, mas, como a primeira implicaria um remanejamento geral da nossa maneira corrente de entender e estruturara mesma do horóscopo (pois deveríamos, na parte teórica da astrologia, justificar lógica e simbologicamente o predomínio, a primeira vista insólito, das casas mutáveis sobre as cardeais, invertendo todos os valores da simbólica tradicional), preferimos, por simples comodidade -- e sem nada pré julgar quanto ao desenlaço da questão -- adotar a segunda hipótese: as órbitas, ou orbes, dos pontos angulares seriam simplesmente maiores do que a astrologia tradicional admite. Trata-se, no caso, de mera diferença quantitativa, mais fácil de assimilar à simbólica tradicional do que a primeira opção que imporia uma qualitativa nas interpretações habitualmente dadas a esses pontos.

Órbitas

Uma vez admitida provisoriamente a hipótese de uma órbita maior dos pontos angulares, resta, no entanto, um problema: quanto maior? Um planeta, colocado antes do Ascendente, deve ser considerado e interpretado como conjunto ao ascendente. Mas antes, quanto? Cinco graus? Seis, onze, dezessete?

Os astrólogos, sempre que colocados diante da questão das órbitas (antes mesmo da pesquisa Gauquelin já havia alguma incerteza quanto a este ponto) costumam resolvê- la pelo procedimento assertórico e dogmático -- isto é, afirmando uma solução qualquer, sustentada apenas pela força da autoridade de quem a emite. Tal escolha admite tantos graus, outra rejeita esta solução e corta, ou aumenta, de tantos graus a órbita admitida; e os discípulos consideram uma questão de honra ater-se à bitola em que seu mestre houve por bem aprisionar a força da influência astral, de modo que não se atreva, com inadmissível petulância, a gingar para lá nem para cá do seu restrito território.

Tudo isso, evidentemente, faz parte apenas da comédia astral. Nada tem a ver com a verdade, nem com o conhecimento.

Na verdade, e à luz de todo o conhecimento até hoje possuído a respeito, a questão é indecidível. Ninguém sabe a resposta.

Apenas o que podemos fazer é tentar encaminhar a questão de maneira racional e frutífera, de modo que as futuras investigações, colocadas desde já na direção certa, possam encontrar uma resposta que, no atual panorama de mero entrechoque de dogmatismos, se revela não somente inexistente como deveras impossível.

Um critério e norma que pode ser estabelecido desde logo com certeza absoluta é que não existe graduação absoluta, em números, que possa definir a extensão das órbitas. Qualquer solução que consista em fixar um determinado número de graus para lá ou para cá -- que é como se costuma habitualmente resolver, ou melhor, massacrar a questão -- é não somente errônea de fato como também logicamente contraditória com a definição mesma de "casas" astrológicas. As casas são uma simples divisão proporcional do espaço celeste, e não uma divisão em partes iguais. A extensão relativa das casas varia enormemente conforme a latitude, de modo que, num horóscopo calculado para São Paulo, um astro colocado, digamos, doze graus antes do Ascendente estaria na metade ou mesmo no último terço da Casa XII, ao passo que, se o horóscopo fosse para Leningrado, um planeta a tal distância do Ascendente cairia no começo da Casa XII, ou mesmo no fim da XI, dado o estreitamento das casas superiores (ou "diurnas") nas latitudes norteiras extremas. Se admitíssemos uma órbita absoluta de doze graus para a conjunção com o Ascendente, teríamos então de aceitar que um planeta pode estar, ao mesmo tempo, na casa XI e conjunto ao Ascendente, o que simplesmente estraçalharia a noção mesma de direção do espaço.

Assim, a questão das órbitas não pode ser decidida pela fixação de um número absoluto, seja grande ou pequeno, mas tem de ser resolvida por um cálculo proporcional, que leve em conta a relação entre distância do planeta ao Ascendente, de um lado, e, de outro, a maior ou menor abertura angular da casa onde esse planeta se encontre.

Esta exigência, uma vez formulada, parece óbvia o suficiente para evitar maiores discussões. Quem fixa a órbita em oito, em nove ou dezoito graus está tão errado quanto quem fixe em um ou dois graus. O que temos de fixar não é um número absoluto, mas uma proporção. Isto é seguro. o que não é seguro, ainda, é

essa proporção: um terço? Um quarto? Seis décimos? Um sobre quatrocentos e vinte avos da extensão angular da casa?

Não sei e ninguém sabe. Este ponto terá de ser averiguado mais tarde, em longa e criteriosa pesquisa a qual no entanto pressupõe como já resolvida a noção mesma de influência astral, e é mera especulação e divertimento antes disso.

O que é certo é: 1o , que os pontos angulares -- e, por extensão, as casas em geral - - têm uma órbita maior do que julgava a astrologia tradicional, como demonstrou a pesquisa Gauquelin, 2o , que essa órbita, como demonstramos logicamente, não pode ser fixada em número absoluto, mas deve ser estabelecida por uma proporção entre a distância do planeta ao ponto considerado e a extensão angular da casa onde o planeta astronomicamente esteja. Isto é tudo. O resto, é conjectura.

Como, no entanto, devemos tomar uma orientação prática provisória qualquer, admitiremos, a título de mera hipótese, as seguintes órbitas: para as casas angulares: 1/4 da abertura angular da casa anterior; para as demais casas: 1/5 da abertura angular da casa anterior.

Assim, se um planeta estiver colocado sete graus antes do Ascendente, e a Casa XII medir 32 graus, esse planeta, estando assim no último quarto da casa XII, será considerado conjunto de Ascendente, e portanto localizado na Casa I, astrologicamente, embora astronomicamente esteja na XII.

Um planeta que esteja quatro graus antes da Casa V.

E assim por diante.

Planetas que estejam limítrofes, isto é, na exata divisão entre o último e o penúltimo quarto, ou o último quinto, devem ser considerados prejudicados pela impossibilidade de fixar-lhes o lugar; são índices obscuros -- como, por exemplo, um borrão num eletrocardiograma -- e, como tais, devem ser deixados de lado, ao menos provisoriamente, como de difícil ou impossível interpretação.

Este critério tem levado a bons resultados em Astrocaracterologia, mas ainda é certo ou errado.

Peço aos alunos que adotem a título de convenção provisória, deixando para mais tarde as discussões e investigações a respeito, as quais, no estado presente dos conhecimentos, não poderiam ser outra coisa senão especulações gratuitas ou polêmicas estéreis.

... No que eu disse ontem, da relação entre astrologia e astrocaracterologia e , que foi o começo da aula, vamos ver se ficou alguma coisa obscura ou duvidosa. Querem que eu repita rapidamente o que disse?

Muito bem, o que eu disse é o seguinte: o objeto da astrocaracterologia coincide ao menos parcialmente com o daquilo que tem se chamado astrologia. As relações entre astrologia e astrocaracterologia são relações entre gênero e espécie, todo e parte. A astrocaracterologia é uma parte, um aspecto, um setor da astrologia. Por outro lado, estou apresentando a astrocaracterologia como uma ciência relativamente constituída, ao mesmo tempo que digo que a astrologia, como ciência, não está constituída ainda. Isto pode parecer um paradoxo porque se uma parte está constituída, como não está instituído o todo? Como poderíamos constituir a parte antes do todo?

A resposta foi que entre parte e todo a relação é que existe construção de uma casa e sua concepção. A concepção é feita sempre do todo para a parte, mas a construção deve começar pela parte, porque seria impossível colocar todos os tijolos ao mesmo tempo. Então eu disse também que a concepção da astrologia como ciência foi algo que procurei fazer nos últimos quinze anos. Discuti, nos cursos, nos livros, artigos e apostilas, o que é objeto de estudo da astrologia, como ele poderia ser conhecido, quais são as categorias que poderíamos aplicar à sua investigação, quais são os procedimentos frutíferos, e assim por diante. Uma parte das conclusões desse estudo está registrado no manifesto da fundação do SBA. No manifesto denominamos astrologia "todo e qualquer estudo das relações entre fenômenos astronômicos e eventos terrestres, de ordem natural ou humana".

Por que a definição é essa? Se eu dissesse: "A astrologia é o estudo das influências astrais", já estaria pressupondo que entre fenômenos astrológicos e eventos terrestres existe uma relação de causa e efeito, que um influencia o outro.

Mas como posso pressupor essa influência se a astrologia é justamente a ciência que vai averiguar se ela existe ou não? Por isto é que a astrologia é definida como estudo das relações, sem pressupor de que natureza sejam estas relações, e nem mesmo se elas existem em si mesmas ou se são um fenômeno de alguma coisa.

Uma vez definida a astrologia, podemos compreender uma coisa fundamental sobre seu objeto de estudo: que este objeto não é coisa, mas uma relação não é uma coisa. Conhecer uma relação é aprender intelectivamente, intelectualmente, algo, uma constância de certos acontecimentos com outros acontecimentos. Quer dizer, uma relação não é um dado dos sentidos, um ente, uma coisa que eu conheça, como conheço vaca, minhoca, casa, etc. Uma relação é um ente, mas é um ente lógico, um ente criado pelo pensamento humano e não encontrado na natureza. A relação existe como uma raiz quadrada, por exemplo. Raiz quadrada existe, mas não dá em árvores.

Um ente lógico tem de ser construído hipoteticamente primeiro para depois você se dá na realidade. Se eu antes não definir logicamente a relação, como é que vou saber se ela existe na realidade ou não? Então, a maneira de investigar um ente natural é diferente do modo de investigar uma relação, e assim por diante. Considerações deste tipo são as bases do que nós poderíamos chamar de astrologia teórica, astrologia pura. A astrologia pura investiga a natureza dessas relações, a possibilidade teórica e os meios de conhece- las, não é isto?

Livros de astrologia teórica existem, alguns maravilhosos, como por exemplo os de Jacob Böhme. Não é um astrólogo, não interpreta mapas, apenas averigua a natureza das relações entre o cosmos e o homem. O famoso texto de Sto. Tomás de Aquino, na Suma Coatra os Geatios, é também um texto de astrologia pura. Se me perguntam: "Existe influência astral, os astros causam alguma coisa?", isto é uma pergunta de astrologia pura, e é esta pergunta que Sto. Tomás responde nesse texto.

A astrologia pura logo se desdobra pelo fato de que, da relação que ela investiga, um dos elementos da comparação, que é o fenômeno astronômico, é fixo e fácil de verificar, porque basta você calcular onde estão os planetas e você tem lá um quadro do céu. Porém, o outro lado da comparação é de uma amplitude que não acaba mais: são todos e quaisquer fenômenos terrestres. A astrologia, podemos agora compreender, estuda a relação entre a configuração celeste e a totalidade dos conhecimentos humanos, a totalidade do que se passa na Terra, tanto os acontecimentos de ordem natural quanto de ordem econômica e social, etc. É realmente a totalidade do que nós sabemos. Então aí troca-se a definição de astrologia: é a astronomia comparada. Astronomia comparada à história, quando fazemos estudos de guerras, de ciclos históricos, de revoluções, de eventos históricos; astronomia comparada à psicologia, quando estudamos a astrocaracterologia, e assim por diante.

Este trabalho de sistematização de astrologia pura foi o que fiz nos meus livros e apostilas dos últimos dez anos. Então vêem que a astrologia como ciência está concebida, mas não existe ainda, assim como durante a gravidez o indivíduo está concebido mas não nasceu ainda. Para que ele exista não basta concebe-lo, é preciso levar a bom termo a gravidez. Para isto requerem-se alimentos, cuidados médicos, etc. Na realidade biológica, o sujeito é concebido num único instante. Agora: para levar a bom termo a gestação, é parte por parte, dia por dia, durante nove meses. Uma vez concebida a ciência, ela terá de ser construída por partes, e eu disse que escolhi esta parte psicológica por mera casualidade, por ser a parte que mais me interessa, quer dizer, eu tenho mais queda para a psicologia do que por exemplo para a história ou a biologia. Quando digo que a astrologia está pelo menos concebida como ciência quero dizer apenas que está concebida em minha própria cabeça, e não que esta concepção esteja vigente, hoje, entre os astrólogos. Estou vendo que a astrologia, tal como é praticada, pressupõe uma brutal confusão. Ela não está concebida até o ponto que eu decidi concebê-la. Ela estava concebida implicitamente nos trabalhos de Sto. Tomás de Aquino. Ele já tinha concebido uma astrologia, apenas ocorreu que, tal como ele a concebeu nunca foi praticada. Ou seja, existe um hiato, na astrologia, da teoria à prática. Curiosamente, os estudiosos que foram mais fundo na concepção de astrologia não eram astrólogos praticantes, e os astrólogos praticantes tem uma visão totalmente grosseira e atrasada a respeito de sua própria ciência.

O primeiro ponto é perguntar qual é o problema. Isto é tarefa da astrologia pura, que inclui um estudo metodológico preliminar. Qual a pergunta que vamos fazer e como vamos fazê-la para não confundir com outras perguntas que poderiam dar respostas cruzadas? Qual é o problema e quais os meios mais

favoráveis para investiga-lo? É uma vergonha que astrólogos do mundo inteiro pratiquem a sua "ciência" sem ter perguntado exatamente o que estão investigando. Muitas vezes pressupondo já uma resposta que eles nem sequer procuraram. Se o sujeito diz: "A astrologia é o estudo da influência astral", pressupõe que exista influência astral, que ela já tenha sido descoberta e comprovada, ou seja, que os astros são efetivamente causa eficiente de comportamentos humanos. Se a astrologia é o estudo da influência astral, ela começa da constatação da influência astral para diante. E então, qual seria a ciência que investiga se existe influência astral ou não? Esta investigação é astrologia ou não é? Não podemos definir astrologia como o estudo das influências astrais porque não sabemos se a relação que existe entre astros e homens é uma relação de influência ou de simples sincronicidade. Quando você encaminha uma ciência já pressupondo a resposta do problema que ainda está por levantar, você está querendo andar sem pés. Você passou por cima do problema, e isto em ciência sempre resulta em contradição, em absurdidade, e a astrologia já entrou por esse mau caminho milênios atrás, com Ptolomeu já havia caído neste erro.

Neste ponto a aula mudou de rumo, graças a uma pergunta.

P. -- Como é possível uma ciência astrológica? A astrologia faz uso da intuição, e a intuição varia de indivíduo para indivíduo -- e é intransmissível.

Não é verdade. Intuição é conhecimento direto e evidente: se estou triste, tenho imediatamente a intuição de que estou triste, e é absolutamente inegável que estou triste. Para o indivíduo que percebeu intuitivamente algo, aquilo é imediato e evidente, portanto ninguém vai se preocupar em provar alguma coisa que é intuitiva. O conhecimento intuitivo tem uma certa dificuldade de transmissão, porque você precisaria provocar uma intuição análoga no outro. Mas o método para fazer isto chama-se arte. Arte não é outra coisa senão transmissão de intuições mediante seus análogos. Produz no outro uma intuição análoga, não igual, mas análoga. Agora, se tento transmitir intuições numa linguagem lógica científica, defronto-me com uma impossibilidade pura e simples. Porque a linguagem lógica se refere aquilo que é geral e universal, não ao conhecimento dos particulares. A intuição, por outro lado, nada pode captar de universal. Você não pode ter intuição de uma lei universal, que é uma relação lógica. Só pode captar intuitivamente um exemplo particular dessa lei. Mas a distinção entre intuição e RAZÃO faz parte do próprio conteúdo da astrocaracterologia; nós vamos passar alguns meses investigando isso, e portanto não é necessário elucidar isso em minúcias agora. Mas por enquanto posso lhe adiantar o seguinte: o conhecimento intuitivo é o conhecimento que é direito e que não faz distinção entre o real e o irreal. Para você saber se o intuído é real ou irreal é preciso a RAZÃO. A RAZÃO vai separar o conhecimento em graus de possibilidade maior ou menor. A RAZÃO fará a crítica da intuição. A intuição é o conhecimento do singular. Se eu tenho a intuição de que tal pessoa não gosta de mim, eu o percebi naquele momento, aquela pessoa concreta, individual, tendo aquele tipo de relação comigo. Agora, quando entro em conceitos abstratos, por exemplo, se quero saber o grau de possibilidade de um dado fenômeno, não há nenhum meio de obter isso intuitivamente. É impossível. Por isto mesmo que nós temos duas maneiras de conhecer, porque existe uma certa faixa que só dá para conhecer intuitivamente e só dá para transmitir artisticamente, uma outra faixa que só dá para transmitir pela RAZÃO, e há uma faixa intermediária que é acessível a uma e outra.

P. -- RAZÃO é a lógica?

Não, a lógica é só um instrumento da RAZÃO. Como as pessoas confundem RAZÃO com a lógica ou pensamento discursivo, acham que tudo aquilo em que não aparece explicitamente o pensamento discursivo é "intuição". Chamam qualquer pressentimento de intuição, chamam qualquer fantasia de intuição e valorizam como conhecimento intuitivo verdadeiro qualquer coisa que se passa dentro delas e que não saibam explicar.

Posso ter um sentimento e ter uma intuição errada desse sentimento: eu posso ter dor de cotovelo e chamar este sentimento de "justa-indignação". A intuição, por si, não pode me dizer se aí estou sentindo ou não. Isto requer uma operação racional que vai comparar a memória doas atos com a memória dos sentimentos e ver se uma coisa confere com a outra. É preciso fazer a crítica racional para saber o que se passa. A intuição, hoje em dia, virou uma espécie de prostituta. Ela serve para tudo, como a Geny do Chico Buarque. Ela "dá pra qualquer um". Se um fulano fala um absurdo e a gente reclama: "como é que você sabe disso?", vem a resposta: "ora, por intuição". A pobre da intuição é convocada a sustentar todos os absurdos. Em geral as pessoas nem sabem o que é intuição. Qual a diferença entre intuição e sentimento,

por exemplo? Você tem uma coceira na perna. Isto é intuição? Você tem uma visão do inferno, como Dante. Isto é intuição? É a mesma coisa ter uma coceira na perna e uma visão do inferno?

Temos várias maneiras de conhecer, vários órgãos cognitivos que funcionam de maneiras bem diferentes entre si. Para conhece-los vamos ter de, primeiro, ter os seus conceitos e, segundo, procura-los em nós mesmos. Mas esta será a parte psicológica da astrocaracterologia. Depois, que nós fizermos isso, então vamos investigar as correspondências astrológicas dessas funções e vamos ver em funcionamento no horóscopo. Foi até bom você perguntar isso porque me dá a chance de explicar o seguinte: ontem eu disse que o caráter é o instrumento com que se conhece o caráter. Muito bem, mais precisamente, digo: se não reconheço em mim o que foi um ato de inteligência racional, o que foi um ato de vontade, o que foi um ato de sentimento, etc., como é que vou reconhecê-los num outro? Para a prática frutífera da astrocaracterologia, é necessário um certo treino psicológico durante o qual não vamos falar nada de astrologia, mas simplesmente vamos distinguir estas funções, vê-las operando em nós mesmos e aprender a reconhecê-las nos outros. Aprender a reconhecer, como? Intuitivamente, isto é, diretamente, por experiência. Vamos criar aqui uma técnica psicológica que favoreça a percepção intuitiva de certos dados. Então, existe a intuição, existe a RAZÃO e existe, mais tarde, uma quase-intuição de coisas que só se conhecem pela RAZÃO (não digo que seja uma intuição completa, mas é quase): é quando o sujeito completa uma cadeia de raciocínio sem pensar. Isto é, digamos, quase uma perfeição da inteligência. Pedro Abelardo, o grande filósofo da Idade Média, dizia que existe o intuitivo, existe o discursivo e o conhecimento intuitivo do discursivo, que é o supremo conhecimento. Supremo para nós, pobres seres humanos. Porém isso nada tem a ver com as pretensões absurdas dos ocultistas, nem mesmo o conhecimento intuitivo do discursivo lhe permitirá saber qual foi a "quarta reencarnação de Jesus Cristo", e coisas deste tipo. Mas, se o sujeito diz: "Eu tive uma visão sutil", devemos estar cientes de que uma visão sutil -- mais tarde veremos isto -- é uma visão do possível, não do real efetivo. Há pessoas que têm visão sutil, mas quando a tomam como sempre real, acabam falando besteiras.

O questionamento gnosiológico, filosófico, precede de muitos séculos o surgimento das ciências. Por exemplo, a História, hoje considerada uma ciência, foi constituída como tal no século 19, porém, desde os tempos de Aristóteles, já se investigava para tentar definir, pelo menos o seu objetivo: que é o tempo, o que e causa, o que é fato, qual o valor do testemunho? Tudo isso foi investigado em gnosiologia muitos séculos antes para que pudéssemos, finalmente, ter uma ciência histórica. Na questão da astrologia, alguma discussão gnosiológica já houve, eu mesmo acabei de citar os trabalhos de Sto. Tomás de Aquino. Mas os astrólogos praticantes nunca tiraram o menor proveito dessas investigações.

P. -- Parece que os astrólogos detêm uma coisa que seria o "usucapião" da verdade. A astrologia, dada a sua origem, é uma ciência ou arte que surge de um corpo de tradições ou revelações. Os astrólogos não acompanharam o processo de laicização dentro do tempo, dentro da história.

-- É verdade. O apelo a conhecimentos revelados, para justificar a astrologia, não tem cabimento, porque às vezes as religiões usaram o argumento da revelação justamente para condena-la. O campo astrológico é um campo fenomênico e não sobrenatural. Deve ser abordado com a RAZÃO natural e sem qualquer apelo a revelações. Um conhecimento ser de origem divina ou não, pouco importa. O problema não é a origem do conhecimento mas o significado e a destinação dele. Mesmo a revelação natural. Não tem cabimento fazer da astrologia um território sagrado proibido ao exame racional, e o mais curioso é que as pessoas que assim fazem são justamente as que com mais violência negam as religiões reveladas. O que é que desejam derrubar o dogma cristão para instituir em lugar dele o dogma astrológico, como um novo credo e um novo clero constituído de astrólogos. Até mesmo para entender o texto revelado, ou nós obtermos uma outra revelação que nos dirá o sentido do texto ou vamos ter que descobri-lo com nossa própria RAZÃO. O problema é sempre e uniformemente o mesmo: compreender. Não existem dois modos de conhecer, um modo transcidental, sacrossanto, e um modo humano. Só há uma inteligência -- intuitiva e racional --, que é o nosso único recurso, diante da natureza ou da revelação.

AULA 3

Existe um fenômeno astronômico chamado precessão dos equinócios, que faz os signos do Zodiaco se desloque em relação ao fundo do Céu, constituído pelas estrelas, de, maneira que os signos não

coincidem com as constelações (coincidiram, dois mil anos atrás). Os signos não têm nada a ver com as constelações. Os signos são apenas as regiões percorridas pelo sol em seu movimento aparente, que demarca para nós as direções do espaço, definidas não a contar das estrelas mas da interseção do equador celeste com a eclítica, pouco importando qual a estrela que esteja atrás. Porém, há algumas formas de astrologia, por exemplo, na Índia, que fazem as interpretações com base nas constelações; há muitos sistemas astrológicos diferentes, e cada um teria de ser estudado nas suas particularidades. Alguma outra pergunta?

P. -- Não entendi ainda a Teoria da Sincronicidade.

Porque a presença de um determinado planeta num determinado lugar do céu deve coincidir mais ou menos, no tempo, com determinado evento terrestre? Basicamente há duas teorias para explicar isso. A primeira é a teoria das influências, na qual o astro é uma força causal; é teoria de Sto. Tomás de Aquino; segundo esta teoria, o astro exerce uma influência causante sobre os entes terrestres, inclusive humanos. A segunda é teoria da sincronicidade, segundo a qual não há propriamente uma relação de causa e efeito dos eventos celestes aos terrestres, mas existe apenas uma coincidência significativa entre essas duas ordens de fenômenos, provavelmente devido a terem ambos uma remota causa comum ainda não identificada. Por esta teoria, não é o astro que, estando em determinado lugar, produz determinado evento terrestre; há apenas uma coincidência ou sincronicidade entre esses dois eventos. Mais ou menos como quando você acorda às 7 horas com o som do despertador e sabe que, nessa mesma hora, há muitas pessoas despertando em toda a cidade, sem que seja o seu despertador que as acordou. Esta teoria foi lançada por Carl-G. Jung. Sincronicidade, segundo ele, é coincidência causal significativa. Mas isto evidentemente, não chega a ser uma teoria, é apenas o nome do fenômeno. Quando duas coisas ocorrem ao mesmo tempo com certa regularidade, você diz que são síncronas; e isto evidentemente não é explica-las, é apenas qualifica-las ou nomea-las. Causa-e-efeito é uma explicação; dizer que uma coisa causa outra é explicar uma pela outra; pode ser uma explicação errada, mas é uma explicação. Mas dizer simplesmente que são síncronas é apenas nomear um fenômeno, pois o que se trata de explicar é justamente porque afinal são síncronas. Se não fossem síncrona, não haveria fenômeno astrológico nenhum a explicar.

Jung que era um homem brilhante sob tantos aspectos, enganou-se a si mesmo quando chamou a sincronicidade de "teoria" e julgou ter ela um poder explicativo. Esse tipo de equívoco é muito comum em todo o raciocínio chamado holístico, raciocínio que procura ver uma situação, uma configuração de fenômenos, todos sempre ao mesmo tempo, numa figura total, recusando-se a operar a abstração separativa que isola os vários processos causais. A abordagem holística, embora seja necessária para abordar certos fenômenos (particularmente quando não se tem ainda condição de estuda-los pelas causas), é sempre perigosa, porque nela tudo que se mistura com tudo e é impossível estabelecer a correta hierarquia dos fatores.

A palavra holismo, hoje muito na moda, foi inventada por um filósofo que foi presidente da África do Sul: Jean Smuts. Segundo Smuts, há fenômenos que exigem um exame total e simultâneo das relações em jogo, de modo que não se deve tentar isolar os processos causais. É claro que esta interdependência existe -- por exemplo, no eco sistema --, mas dizer que o holismo é um método já é um erro: o holismo é apenas a atitude natural do ser humano. Quando olhamos a realidade em torno, vemos tudo ao mesmo tempo, numa espécie de síntese confusa. Depois, aos poucos, vamos distinguindo várias linhas causais. É evidente que elas têm uma interrelação, só que, para saber qual é a interrelação verdadeira, é preciso primeiro isolar os fatores uns dos outros, e depois construir uma nova visão holística, mas agora clara e distinta.

Hoje em dia existe um abuso do holismo. Contrapor, como geralmente se faz, a abordagem holística à abordagem causal, em vez de entender que uma é etapa necessária da outra, equivale a dizer que o máximo de conhecimento a que poderíamos chegar seria aquele de síntese confusa, que é o conhecimento natural do homem. Por exemplo, agora, aqui, olhando esta classe, tenho uma síntese confusa, uma apreensão vaga de uma massa de pessoas colocadas na minha frente. Para ter uma visão efetiva do que está acontecendo, tenho de mapear a classe, assinalando onde está cada pessoa, e depois montar o esquema do todo, novamente. Isto quer dizer que o processo analítico é intermediário entre a síntese confusa inicial e a síntese distinta final. Agora, se, a pretexto de holismo, eu me recuso, a fazer a análise, não sairei nunca da síntese confusa inicial.

Se, como geralmente se faz, entendermos o holismo simplesmente no sentido de que o todo é mais importante que as partes, no sentido de que a visão do todo dispensa a das partes isoladas, isto é uma grande bobagem, porque só existe o todo em função das partes. Um todo só é todo porque tem partes, se não tivesse partes não seria todo, seria simplesmente um nada, porque um todo absolutamente simples e sem parte não existe na natureza (a teologia admite que Deus é um todo absolutamente simples, mas é óbvio que aqui não estamos falando de Deus, e sim do mundo dos fatos, da natureza). "Todo" e "parte" são apenas nomes de aspectos sob os quais vemos as coisas, e não nomes de entes, de realidades, porque na realidade tudo que existe é simultaneamente todo e parte. Não existe propriamente nem parte nem todo: são apenas distinções operacionais, que, por um vício abstratista, tomamos como realidades existentes de per si.

P. -- Mas muitas vezes o estudo das partes não leva a um todo.

Da mesma maneira que o do todo pode não levar às partes. Você pode ter a visão de um todo cujas partes não consegue discernir. É a diferença que os escolásticos faziam entre a clareza como resposta a obscuridade, e a distinção como oposta a confusão. Você pode, de um certo fenômeno ter uma visão clara mas não distinta. Clara, porque você distingue este fenômeno de outros fenômenos; mas não distinta, porque você não capta ainda a estrutura interna do fenômeno.

Para chegar a uma visão clara e distinta é preciso articular uma visão sintética com uma visão analítica, porque só existe síntese propriamente dita a partir de uma análise prévia, e só existe análise prévia a partir de um todo captado confusamente de início. Mas a primeira visão totalística que você tem de uma coisa não é propriamente síntese, porque síntese vem do grego "colocar junto", e só podemos juntar elementos quando os percebemos distintamente, de modo que só há síntese quando há partes. A primeira visão confusa do corpo humano como um todo, por exemplo, não é ainda sintética; só haverá síntese depois que você conhecer órgão por órgão, função por função, e conseguir captar a dinâmica total do organismo no conjunto das suas operações e interrelações. Uma das coisa que mais fazem mal à inteligência é criar oposições e conflitos onde não existem. "Você prefere a síntese ou a análise? A RAZÃO ou a intuição?" É a mesma coisa que dizer: "Hoje você vai sair com o seu pé esquerdo ou com o direito? Vai levar a cabeça, o tronco os membros?" Tudo isto é sinal de debilidade mental.

Conceitos que são contrários estão sempre contidos uns nos outros e são inseparáveis. Uma coisa só pode ser contrária da outra na medida em que esteja, de certa forma, contida nela; porque se fossem totalmente estranhas e alheias uma à outra, não poderia haver relação entre elas. Isto é uma coisa de lógica. Se podermos opor síntese e análise, é porque a análise está contida na síntese e vice-versa: uma análise só é análise em função do todo que analise.

Dizer que a RAZÃO é analítica está errado. A RAZÃO sé é analítica porque é sintética, e só é sintética porque é analítica. As pessoas fazem confusões a esse respeito, tomando meras distinções lógicas como diferenças reais entre seres, porque lhes falta o conhecimento de uma antiga ciência chamada dialética; elas só conhecem, de um lado, a silogística e, de outro lado, a fantasia; e por isto ficam divididas.

Um outro esclarecimento. Definindo a astrologia tal como ontem a definimos, compreendemos que, sob a palavra "astrologia", se esconde uma multiplicidade de estudos completamente diferentes entre si. Por exemplo, o que chamei de astrologia pura é um estudo puramente lógico, que trata de ver qual a concepção que fazemos de um certo fenômeno e averiguar, pela análise, as possibilidades e os meios de conhecer esse fenômeno -- , portanto, de entrar no seu estudo direto. A primeira divisão da astrologia seria a astrologia pura, mas esta de nada valeria se o fenômeno do qual ela é ciência não existisse. Este fenômeno, que é a relação astros-homens, como eu disse, não é um ente, algo que você possa ver com os olhos; é uma relação, que só pode ser observada indiretamente, mediante estudo comparativo das condições astrais, por um lado, e dos fenômenos terrestres, por um outro. Este estudo, que descreve as concomitâncias Céu-Terra à medida que ocorrem, é o que chamamos astrologia descritiva. Isso esgota o campo da astrologia? Vocês vêem que até aqui já são duas ciências completamente diferentes, mesmo porque a astrologia pura consiste fundamentalmente em estudo de métodos, e a astrologia descritiva só tem, desde logo, um método: observação e estatística. É o que os astrólogos fazem, de interpretar mapas, é astrologia descritiva ou pura? Não é pura, porque não investiga a natureza e alcance do fenômeno astral, que, ao contrário, pressupõe como conhecidos; não é descritiva, porque trata justamente de interpretar, a partir do mapa,

fatos ainda não ocorrem ou não se completaram. É astrologia aplicada, uma terceira disciplina: se já temos a teoria e uma suficiente descrição do fenômeno, então podemos conceber uma técnica que, aplicando essa teoria e um raciocínio indutivo a partir dos fatos já observados, possa prognosticar ou conjeturar razoavelmente novos fatos; isto seria a astrologia aplicada.

Mas tanto a astrologia descritiva quanto à aplicada também se dividem numa multidão de outras ciências, porque, se dissemos que a astrologia estuda a relação entre os astros e os fenômenos terrestres, se os fenômenos terrestres, neste definição, são tomados em toada sua extensão -- isto é, abarcando desde os fenômenos naturais até os históricos e psicológicos --, então o campo de comparação da astrologia coincide com a totalidade dos conhecimentos humanos. É evidente que, a partir daí, o estudo se desdobra em perspectivas diversas, porque se, de um lado, o instrumental astronômico e a descrição do céu permanecem sempre os mesmos, de outro lado o método com que se estuda história não é o mesmo com que se estuda psicologia. E para cada um dos setores a astrologia deve ter um método diferente, e em cada caso a primeira pergunta é: Por onde fazer a comparação? Em astrologia psicológica, em astrocaracterologia, por exemplo, perguntamos: o que, na psique humana, pode ser comparado com a configuração astral? E a resposta é: Somente os fatores fixos e estritamente individuais, tal como o mapa é fixo e individual; não, portanto, os fatores móveis e impessoais (hereditários, sociais, etc.).

Para cada campo é preciso ver o que pode e o que não pode ser comparado com o mapa astral. Quer dizer, se neste curso vamos dar a astrocaracterologia, os seus métodos não poderão ser extrapolados, sem mais nem menos, para o estudo da história, das crises econômicas, etc. Será preciso inventar outros métodos.

- o -

O resultado da confusão que reina na astrologia é o que vocês verão agora. Vou colocar um mapa na lousa e, dos alunos aqui reunidos que já tenham lido muitos livros de astrologia, pedirei que informem aos outros alunos como as várias escolas astrológicas -- de onde provêm esses livros -- interpretariam, por exemplo, a posição do sol neste horóscopo (não colocarei os signos, só planetas e casas, para simplificar).

Joel Nunes (interpretação segundo Hades) -- É um indivíduo que espontaneamente se envolve com questões que digam respeito à saúde e ao trabalho (sol na Casa VI).

Silvia Pinto (segundo Arroyo) -- Esta exposto a perdas de energia.

Henriete Fonseca (segundo Weiss) -- Em tudo quanto se envolve, e de uma maneira crítica e meticulosa.

Maurice Jacoel (segundo Emma de Mascheville) -- Sente a necessidade de servir a uma causa humanitária.

Maurice Jacoel (segundo a astrologia clássica: Ptolomeu e Morin) -- Sofro de problemas cardíacos.

Outras interpretações: excelente empregado (José Maldonado); dificilmente será autônomo (Silvia Pinto); Hipocondríaco (Maurice); sujeito preocupado com limpeza e higiene (Luis Filidis) etc.

Podemos fazer isto planeta por planeta, mas perguntemos desde já: Algumas dessas interpretações é necessária (necessária no sentido lógico: condição que tem de ser cumprida inexoravelmente) ? Uma coisa e contingente quando pode ser e pode não ser, e "necessário" vem do latim nec cedo: aquilo que não cede, que é duro, que é firme. É fácil perceber que todas essas interpretações são contingentes.

Suponhamos que tivéssemos uma coleção de interpretações, uma para cada planeta, todas elas meramente possíveis (e peço o máximo de atenção para este tópico, pois esta questão é o miolo da astrocaracterologia),então, tendo na mão essa coleção de possibilidades, o que saberíamos realmente do indivíduo? Nada. Porque tudo aquilo poderia ser mas também poderia não ser, e não teríamos nem mesmo como graduar essas possibilidades segundo uma escala probabilística.

P. - Mas pode ser que, levando em conta o mapa no seu conjunto, as várias possibilidades se limitassem umas as outras, de modo que, no fim, aquilo que estava indefinido fosse ficando indefinido.

É justamente nessa hipótese que repousa a maioria das interpretações astrológicas vigentes. E essa hipótese se baseia na abordagem holística. Ela pressupõe que, num conjunto de possibilidades em aberto, a mútua compensação dessas possibilidades formará no fim um conjunto definido, limitado, do qual possamos tirar alguma conclusão quanto ao real. Pois eu lhes digo que isto é uma impossibilidade pura e simples; que, de um conjunto de possíveis não limitado por nenhuma impossibilidade definida e declarada, nada se pode

concluir quanto ao real. Um conjunto de possibilidades não limita outro conjunto de possibilidades, porque o limite da possibilidade não é outra possibilidade e sim a impossibilidade, e a impossibilidade é uma necessidade negativa: a necessidade de que algo não aconteça nunca. Se nenhuma posição planetária indica nenhuma necessidade, então nenhuma indica a impossibilidade do que quer que seja; e, portanto nenhuma delas limita qualquer possibilidade que seja. Portanto, de uma coleção de possíveis só concluímos outros possíveis. Neste caso, tanto faz encarar o mapa nas suas partes ou no seu todo: continuaremos apenas na especulação dos possíveis, e nada sabermos de real.

Para que, de um mapa, se possa concluir alguma coisa de real, é preciso, então, que pelo menos uma das posições planetárias indique algo de necessário. A única esperança da astrologia psicológica é encontrar, para cada posição planetária, tomada em particular, um traço caraterológico absolutamente necessário que ela defina. Peço novamente atenção para este ponto.

A astrologia foi vítima de muitos falsos debates; um deles é o debate entre determinismo e livre-arbítrio. Desejosos de escapar da acusação de determinismo (pois a Igreja católica considerava herética a doutrina do determinismo, e poderia eventualmente levar à fogueira quem a defendesse), os astrólogos começaram a atenuar exageradamente o papel determinante dos astros e começaram a fazer uma astrologia com base no pode ser. Parece-me que essa atenuação foi longe demais, porque, se uma ciência nada estabelece de necessário, então ela também não pode fixar graus de probabilidade, porque probabilidade e improbabilidade são apenas graus escalares entre um possível e um impossível definidos.

A única esperança da astrologia seria encontrar, para cada posição, uma interpretação necessária, que tivesse de refletir um traço necessariamente presente em todos os casos considerados, para depois diversificar essa interpretação numa variedade de expressões mais prováveis e menos prováveis. Este é o ponto de partida da astrocaracterologia: delimitamos um campo de estudos, que é o caráter; dentro do caráter, isolamos os traços constantes; destes, verificamos aqueles que correspondem necessariamente e sempre à presença de determinados planetas em determinados lugares; e então diversificamos o leque das possibilidades.

Agora, uma outra pergunta: Como é que todos esses astrólogos conseguiram encontrar tantas interpretações possíveis, se não tinham nenhuma necessária da qual elas pudessem emergir? A resposta é que, ou foi pura adivinhação, para não dizer chute, ou então eles entreviram confusamente algum traço essencial que, não o sabendo definir diretamente, o expressaram, mais ou menos simbolicamente, através dessas várias interpretações possíveis. Sempre que se fala de possibilidades, algum necessário está subentendido ou escondido, porque o necessário define o impossível, que por sua vez demarca o possível. Esta interpretação necessária, que se esconde por baixo da variedade das possíveis, denominaremos interpretação essencial (da qual as outras seriam manifestações contingentes). Esta interpretação essencial nem sempre é aquela com que o astrólogo atina. Nem sempre conhecemos um ser pelo que nele há de essencial; podemos conhecê-lo pela rama, pela periferia, e descrevê-lo por algum traço periférico que permita mais ou menos reconhecê-lo; mas, se confundimos esse traço periférico com o essencial, nos equivocamos; e é isto o que os astrólogos estão fazendo. Mas à pergunta fundamental eles não responderam até hoje: existe algum traço necessário de caráter, cuja presença no indivíduo se possa deduzir do seu mapa astrológico?

Mais ainda: cada traço necessário, assinalado por cada posição planetária, tem de ser independente das demais posições planetárias. Porque os vários traços do mapa só podem se determinar uns aos outros, as várias posições planetárias só podem modular, só podem limitar uma às outras, para dar forma ao conjunto, se cada uma delas, tomada isoladamente, for alguma coisa, por si: pois o nada nada determina.

Para que possa haver uma síntese do mapa, proveniente da intercompensação das várias posições planetárias, é necessário que cada uma delas seja por si alguma coisa, porque, da somatória de vários nadas, o que se obtém? Nada.

O holismo diz: "Os traços isolados nada significam, juntos também não podem significar nada. Com isto, derrubamos a tese fundamental da astrologia holística, de que "os mapas só podem ser interpretados na sua totalidade". Se eles só puderem ser interpretados na sua totalidade, então não poderão ser interpretados de maneira alguma.

É impossível que a vaca voe por seus próprios recursos e sem queima alteração qualquer das leis da Zoologia lhe acrescente asas. É possível que a vaca voe mediante uma interferência humana ou uma alteração da natureza.

O possível se define pelo impossível, e este é o contrário do necessário. Toda e qualquer ciência ou saber busca primeiro o necessário, depois o possível. Uma ciência que se compraz na especulação do possível, sem nunca procurar o necessário que sustenta esse possível, não está fazendo nada.

O fato de o sujeito ter o Sol na Casa seis não impede que ele se comporte como tivesse o Sol na Casa cinco. Isto é porque o mapa se refere a caráter e não a comportamento. O comportamento pode até ser aprendido e imitado.

O caráter será a estrutura de base a qual o indivíduo poderá aprender outros comportamentos, porém sempre partindo do seu traço de nascimento.

Por isso, à medida que fui afunilando meu estudo de astrologia era a caracterologia, ou seja, o estudo daquilo que é fixo no indivíduo.

A única esperança para que exista a astrologia é haver elementos caracterológicos fixos. A esperança da astrologia é que exista a "interpretação essencial".

Se os astrólogos aceitam às vezes, é porque, no fundo, algo dessa interpretação essencial eles pegaram, pelo menos subconscientemente. Porém a expressam numa linguagem excessiva particularizada e simbólica, sem o grau suficiente de abstração para alcançar o conceito dessa interpretação essencial.

Por exemplo, quando a pessoa diz: "Este sujeito pode ser hipocondríaco", ou diz que "é um bom empregado", parecem coisas muito diferentes entre si, porém, que traços o sujeito tem de ter necessariamente para ser uma dessas coisas, ou ambas? Eu diria que a pergunta central da astrocaracterologia é: Quais são os traços de caráter constantes, identificáveis pelas posições planetárias tomadas isoladamente?

Qualquer coisa que pode ser mudada não será chamada caráter, mas outro traço qualquer da personalidade.

Vamos distinguir os seguintes conceitos: temos que identificar o indivíduo na sua hereditariedade, ou o que chamamos "seu caráter natural", o qual não é dele, é familiar. Temos que estuda-lo nas várias camadas de seu "caráter adquirido", ou cultural e social, e na sua "personalidade integral"; e numa outra faixa que chamaremos "seu personagem", e o "papel social". Qual desses elementos é o caráter no sentido astrocaracterológico? Nenhum deles é constante e exclusivo daquele indivíduo. O que é exclusivo não é constante e o que não é constante não é exclusivo.

O caráter é aquilo que é exclusivo, intransferível e absolutamente constante, de maneira que, se o sujeito o perde, dizemos que este indivíduo não é mais ele.

O caráter não é todo o ser humano. É algo menos que o indivíduo e ao mesmo tempo, algo mais. O caráter é algo menos que o indivíduo porque na composição da personalidade total entram o caráter natural, o caráter adquirido, o papel social, etc., e é algo mais porque o indivíduo morre e o caráter fica. Vamos ver essas noções com muito cuidado.

Quando o indivíduo toma consciência de seu caráter, e consciente e voluntariamente, por ter amor a si próprio, ele se realiza, se exterioriza em atos definidos que criam situações que não voltam mais atrás, este indivíduo transformou o caráter em personagem.

O personagem é o caráter quando realizado, exteriorizado em atos, o que não acontece com a quase totalidade das pessoas. Portanto, é mais fácil estudar a astrocaracterologia em pessoas realizadas.

Outra característica da técnica caracterológica é que quando você descreve o mapa do indivíduo, às vezes ele não se reconhece. Porém, todos os que o conhecem o reconhecem. Portanto, essa é uma técnica na qual a opinião do cliente não pesa.

Uma pesquisa foi feita nos EUA para ver se os astrólogos eram capazes de identificar o caráter, conferindo os resultados das leituras dos mapas com uma bateria de testes. Mas os testes só podem avaliar a personalidade integral, quer dizer, a somatória de caracteres adquiridos, e não é só disso que a

astrocaracterologia está falando. Então não há teste capaz de apreender o caráter, só há um teste, que é a vida, ou seja: quando a via terminou, você já a conhece inteira e o sujeito não tem mais a chance de muda-la, e você tem conhecimento suficiente dos atos e desenrolar das pessoas, então este é o único "teste" que lhe permite conhecer o caráter.

Quando a pessoa morre, vigora o verso de Mallarmé: "Tal como o é em si mesmo, a eternidade o transmuta". Só estudando vidas terminadas e já definidas, aprenderemos algo que poderemos, retroativamente, aplicar ao conhecimento de pessoas vivas, porque compreenderemos qual é o caráter que está no fundo do procedimento dessas pessoas e que elas obscuramente estão procurando expressar de algum modo, e às vezes não conseguem.

Pela astrocaracterologia às vezes sabemos aonde é que o indivíduo está querendo chegar por trás da multidão confusa de seus atos, e por isto mesmo a astrocaracterologia é útil na prática terapêutica, porque o astrocaracterólogo vê qual é a chave por trás de uma série de tentativas e erros que o indivíduo está fazendo e pode lhe indicar, às vezes aonde ele quer chegar. O caráter é como se fosse a regra do jogo, mas o indivíduo que está jogando desconhece a regra, está apalpando para ver se a descobre. O astrocaracterólogo pode ajudar o indivíduo a jogar, não no todo, mas em parte, aquela parte que interessa no momento.

A possibilidade de uma ciência astrológica -- ou melhor, delimitando o terreno, astro psicológica -- repousa na possibilidade de encontrar traços constantes correspondíveis às várias funções planetárias. Em função disto, a astrocaracterologia se pergunta: existem traços de caráter fixos e constantes que possam ser identificados pelas várias posições planetárias do mapa tomadas isoladamente? Esta é a pergunta essencial. E como vamos encontra-los? Qual o método e por onde começar?

É a partir dessa pergunta que podemos avaliar se os astrólogos dos séculos passados falaram algo que valha alguma coisa ou não. Sabemos que há no que eles disseram algo de verdade tanto quanto de mentira.

Algo de verdade há no fundo de qualquer mentira, porém quando buscamos identificar alguma coisa não devemos querer uma mentira misturada com a verdade e sim a verdade integral. Não "toda" a verdade, o conhecimento absoluto e total sobre as coisas, mas algo da verdade. E este algo deve ser total e absolutamente verdade, nos seus limites. Nós precisamos de uma verdade proporcional ao nosso tamanho, a verdade suficiente.

Sobre os personagens escolhidos para se fazer o estudo astrocaracterológico, são pessoas que constituíram personagens perfeitamente definidos. O personagem é uma grande vida. Como definiu o poeta Alfred de Vigny: "Uma grande vida é um projeto de juventude realizado em idade madura". Pessoas que impuseram seu modo de ser ao destino. Neste caso o caráter fica perfeitamente manifesto, não quer dizer que sejam só pessoas famosas, pois existem pessoas famosas que não compõem personagens nesse sentido, e igualmente personagens que não chegaram à fama ou nem passaram perto dela.

Mais tarde veremos que para cada setor da personalidade do indivíduo será necessário isolar do personagem o que advém propriamente do caráter e o que advém dos instrumentos com que ele realizou sua vida. Por exemplo, Napoleão Bonaparte sem dúvida realizou seu caráter, porém dentro de uma circunstância que já estava montada e à qual ele teve que se adaptar. No personagem dele é preciso ver o que resulta de uma adaptação às circunstâncias, e o que é propriamente caráter.

Para cada setor da vida humana é preciso uma metodologia própria, para se estudar a atuação do indivíduo na política, nas artes, etc.

O caráter não pode ser julgado do ponto de vista moral, porque a moral se refere aos atos e não ao ser. Por exemplo, Stalin mandou matar não sei quantas pessoas, porque na situação política vigente ele achou correto. Posso julgar este ato hediondo, mas não tenho meio de saber se em si Stalin era bom ou mau.

Só quem pode julgar o caráter é Deus. Por exemplo, Hitler foi na Primeira Guerra um excelente soldado, um homem bravo, corajoso, bom companheiro. Quando acabou a guerra ele se tornou pobre e foi morar num asilo onde era o mais bondoso dos internos. Depois, movido por um amor fanático a seu país e por uma multidão de idéias morais e políticas errôneas, tornou-se um ditador feroz e desumano. Devemos julgar o caráter de Hitler por seus atos pessoais ou por sua atuação política? É necessário que um homem

"bom" tenha idéias políticas "boas"? É o caráter que determina o destino total?

Não temos a menor condição de fazermos aqui um estudo da situação total onde Hitler se encontrava, e saber se tal ou qual ato foi moral ou imoral, e nem é isto que nos interessa. Partimos do princípio de que aqui todos são bons, porque são personagens humanos. Por trás da vida mais cruel pode-se encontrar este traço miraculoso do espírito humano, que realiza uma vida vencendo o destino.

Procurei escolher pessoas que tivessem obras escritas, para se ter um documento direto. Por exemplo, Marcel Proust, Hermann Hesse, Ernest Hemingway, Alberto Camus, George Bernanos, Balzac, Gustave Flaubert, João Guimarães Rosa, André Gide, Henry Miller, André Malraux, Arthur Koestler, Mári Ferreira dos Santos, Wodrow Wilson, Franklin Roosevelt, Leon Trotsky, Abrahão Lincoln, etc.

O critério de escolha é o seguinte: primeiro, tem de ser um personagem que tenha uma vida completa, realizada de acordo com uma meta escolhida por ele mesmo; segundo, que se conheça sua hora de nascimento; e terceiro, que haja fontes para o estudo biográfico. É importante que não se precise fazer uma pesquisa biográfica original sobre o personagem.

Uma pessoa que consegue realizar sua vida escapa da possibilidade de receber ajuda psicológica, ninguém compreende o problema dela melhor que ela mesma. Quando o homem chega a este ponto, a psicoterapia se cala.

Quando o homem chega a poder realizar sua vida de uma maneira plena, de acordo com o caminho que ele escolheu, pode ser mais feliz ou infeliz, mais otimista ou pessimista, mas a psicoterapia ou a psicologia nada têm a dizer, pois não pode mais ajuda-lo. Quem vai procurar ajuda terapêutica não é a pessoa que está infeliz, mas aquela que não suporta a infelicidade e não consegue agir.

Quem introduziu a idéia de que a psicoterapia tem uma finalidade fundamental ética foi a corrente psicológica de Erich Fromm. A função da psicologia, mais precisamente, da psicoterapia, não é dirigir moral e politicamente as pessoas, mas ajuda-las a ser o são. Para se mostrar ao indivíduo algo de seu caráter, é necessário uma estratégia psicopedagógica.

O mesmo raciocínio que fizemos em relação ao Sol, podemos fazer em relação aos planetas. Vamos experimentar um deles, só para que ressalte um certo tópico que é importante. Vamos interpretar Vênus na casa cinco, por exemplo, segundo as regras mais correntes em vários manuais:

-- Namorador -- Criação artística --Jogador de sorte -- Aptidão pedagógica, etc.

Podemos fazer a mesma pergunta de novo, se algum desses traços é necessário, e a resposta será: não. São apenas possíveis, sendo que essa possibilidade não está limitada, nem pela direita ou pela esquerda, nem em cima ou em baixo, está em aberto.

Mas a pergunta é a seguinte: destas coisas, quais são traços de caráter? Namorar ... homem de sorte .. Não, porque traços de caráter o indivíduo tem que ter desde que nasce. Não se pode "nascer" namorador. Ser criativo ou não criativo, talvez seja traço de caráter. Aptidão pedagógica também não é traço de caráter. O que está faltando para que esses traços possam ser descritos como traços de caráter? Falta generalidade, estes traços são muito particulares, são de determinadas situações. Por exemplo, o sujeito pode ser namorador somente num meio onde isto seja possível. Pode acontecer também que o sujeito tenha sido capado quando era criança, como os castrati da Idade Média, que eram capados para que pudessem ter uma bela voz feminina ao crescer. Então, o talento artístico se manifestaria dessa maneira. Só que o talento artístico, que seria confirmado por Vênus na casa cinco, nesse caso seria contraditório com o fato de ser namorador.

Então todas essas interpretações são demasiadamente particularizadas. Este é um ponto que temos que obedecer. A descrição do caráter tem de ter um nível de generalidade suficiente.

E o traço de caráter "não atualizado"? Devo dizer que é um mistério, algo que está no fundo do sujeito e que ninguém vê? Neste caso estaria me contradizendo, pois antes afirmei que caráter é visível aos outros, embora nem sempre o seja para o indivíduo mesmo.

Na verdade todos os traços de caráter estarão suficientemente presentes e visíveis, ainda que não traduzidos em atos ou comportamentos explícitos, e nem mesmo ainda em atos voluntários. O caráter tem

uma finalidade de maneiras de transparecer, algumas perfeitamente aberrantes e cômicas (quando o intuito consciente é muito incoerente com a motivação profunda, com o caráter, e este se manifesta por canais imprevistos ou indesejados).

P. -- Você quer dizer que essas várias interpretações dadas pelos astrólogos baseiam-se em qualidades específicas, enquanto a "interpretação essencial" de que você se fundaria em qualidades genéricas?

Quase exatamente isso. Temos de encontrar os gêneros dos quais essas qualidades assimiladas pelos astrólogos são as espécies. Também poderiamos dizer que a relação entre o que chamo "interpretação essencial" e as outras interpretações possíveis seria do tipo que existe entre substância e acidente. Por exemplo, se um sujeito trem Marte na Casa VI isto tanto poderá fazer dele um "trabalhador obsessivo" como um "ralhador intrometido". Existe alguma qualidade essencial da qual essas duas outras, tão diferentes, possam ser manifestações acidentais?

P. -- Você diria que a condição social e cultural limita o número de manifestações acidentais possíveis, sem interferir na qualidade essencial?

Tudo leva a crer que sim. Veja, por exemplo, que na Renascença um terço da população masculina espanhola estava no clero" será que essa gente toda tinha vocação de padre, tinha "horóscopo de padre", ou será que tornam-se padre era apenas um canal, socialmente admitido e vigente, pelo qual se expressariam os traços e tendências pessoais mais diversos, que numa outra época e situação se expressariam de outra maneira? Esta última hipótese parece muito mais viável.

Mas, uma vez dito que devemos encontrar os gêneros dos quais as qualidades descritas pelos astrólogos são as espécies, surge o seguinte problema: é o grau de generalidade que devemos ou podemos alcançar?

Notem que atribuir um traço qualquer de caráter a um indivíduo é sempre, de modo implícito mas necessário, enfatizar uma qualidade às expensas da sua contrária, ou de suas várias contrárias. Por exemplo, se digo que um indivíduo é "esforçado" estou, no mesmo ato, afirmando ele não é preguiçoso, ou que não é negligente, ou que não é indiferente? Vocês compreenderão facilmente que "esforçado" quer dizer uma coisa como contrário de "preguiçoso", outra como contrário de "negligente", outra ainda como contrário de "indiferente". Para saber em qual destas acepções usei a palavra "esforçado" tenho de explicitar esse contrário, o qual sempre se encontra implícito na intenção de quem atribui uma qualidade a alguém.

Pelo contexto, pela situação, podemos geralmente discernir a intenção implícita: o que o sujeito quis realmente significar, ao usar uma palavra que pode ser bastante inadequada ou imprecisa. O estudo verdadeiro das qualidades de caráter começa a partir do ponto em que deixamos de aceitar as palavras no seu sentido genérico, abstrato e aparente, e começamos a interpreta-las segundo o contexto e a situação real em que foram proferidas, discernindo as intenções reais que elas escondem ou que vão procurar comunicar. Essa interpretação só se pode fazer a partir do momento em que temos um quadro das várias qualidades (assinaladas por essas palavras) e vamos distinguir, para cada qual, seus vários contrários seus recíprocos, seus semelhantes, etc., enfim toda a gama de relações semânticas. Possuindo esse quadro, sabemos então especificar e até particularizar as intenções subjacentes numa dada situação.

Só para dar um exemplo, a experiência me diz que, quando um indivíduo se declara preguiçoso, ele pode estar querendo significar muitas coisas diferentes, e que, por trás dessas coisas diferentes, podem se ocultar muitas intenções diversas. Há caso de sujeito que se crê realmente preguiçoso, por ser, na verdade um trabalhador obsediado pela consciência do dever cumprido, e que por isto sente que deveria trabalhar mais, quando em verdade já trabalha muito mais que os outros. Por essa mesma RAZÃO, esse indivíduo poderá, ou atribuir o rótulo de preguiçoso a pessoas que não o são (porque seu padrão de exigências é mais estrito), ou ao contrário, não ser capaz de perceber, nos outros, a mais inequívocas manifestações de preguiça, por sentir que, no fundo, o defeito de preguiça é exclusivo dele. Eis aí todo um leque de possibilidades que se abre a interpretação de uma simples palavra. O "instinto caracterológico", para se desenvolver, requer a observação de uma infinidade de sutilezas desse tipo.

Um bom começo, aliás sugiro por Klages, um dos fundadores da moderna caracterologia, seria fazer uma lista de todas as palavras do dicionário que significam qualidades humanas, e em seguida organiza-las e cataloga-las por suas relações de oposição, contrariedade, semelhança, contigüidade, etc. Esta lista e o

quadro resultante nos dariam, desde logo, um mapa das acepções possíveis que deve ou pode tomar em situações diversas (sem contar, é claro, acepções recentes e não dicionalizadas ainda, que teríamos de acrescentar por nossa conta).

P. -- Um dicionário analógico seria interessante para esse fim?

Não, porque um dicionário analógico classifica as palavras segundo categorias e relações que interessam a um outro propósito (por exemplo, meramente lógico) distinto da clave caracterológica, que é a que nos interessa. O melhor é estudar um dicionário comum da língua, e você mesmo, pela sua experiência de observação humana e por seu próprio esforço de distinção e classificação, estabelecer as várias relações cabíveis.

A lista das qualidades humanas possíveis está para o caracterólogo assim como a paleta está para o pintor. Uma boa paleta não é aquela que dispõe simplesmente na ordem do espectro todas as cores possíveis, segundo uma RAZÃO uniforme e abstrata, mas aquela que classifica as cores segundo o intuito preciso do quadro que se vai pintar. Maurice Utrllo, por exemplo, utilizava uma variedade de tons de branco. e dispensava a maioria das outras cores. Cada pintor organiza sua paleta, cada caracterólogo deve fazer sua própria lista de qualidades: cores e qualidades são igualmente instrumentos de descrição (ou de reprodução de caracteres imaginários). O dicionário analógico é uma paleta padronizada e pronta.

Ao estudar, uma por uma, as palavras que significam qualidades humanas, e observar a infinidade de acepções diferentes -- com diferentes contrários e uma variedade de semelhantes -- que podem assumir nas várias situações, vocês verão tanto é barbaramente errônea e em geral puramente projetiva a maioria das descrições que costumamos fazer de nós mesmos e dos outros. Tal como nenhum objeto, animal ou pessoa, pode ser pintado com dois ou três traços grosseiros dados a esmo, sem seleção de linhas e cores, também nenhum caráter pode ser descrito mediante a simples colagem de dois ou três adjetivos. A descrição correta teria de dar as qualidades corretas, na correta localização, com as proporções verdadeiras e as ênfases adequadas -- é um trabalho de pintor, e o pintor não basta ter observado o modelo; é preciso ter disposição a paleta de cores, a técnica do traço, o senso das proporções, etc. E notem que, no caso, não se trata simplesmente de reproduzir impressões, mas de reestruturar intuições, pressentimentos, antecipações, coisas enormemente sutis que captamos de uma pessoa, e que às vezes, têm de passar pelo filtro de conceitos e juízos. O caráter sendo um conceito abstrato, e cada caráter uma totalidade singular concreta, essa operação pode ser tão difícil quanto uma pintura abstrata que tome por ponto de partida um objeto concreto.

Para ser um bom caracterólogo é preciso, então, desenvolver o senso das nuances, dos momentos e das situações, tal como se traduzem em palavras diferentes. Por exemplo, dizemos que um sujeito é "amoroso". Quer isto dizer que não possa ser também "odiento"? Não se trata de colar adjetivos, mas de saber quando, onde, como e quanto e quando será odiento, e, mais ainda, quanto, quando, como e onde uma dessas qualidades, nele, depende da outra ou independe. Outro exemplo: dizemos que um homem e "tolerante" porque geralmente não ralha com quem o ofende. Mas chamaríamos de tolerante ou de "banana" um sujeito que fosse absolutamente incapaz de ralhar ou de castigar? Só faz sentido dizer que um sujeito "tolera" quando, ao mesmo tempo, ele conserva em si a mesma possibilidade e o poder de ralhar e castigar, sem os manifestar neste ou naquele momento. Se ele perder essa capacidade, a palavra certa para qualifica-lo já será outra. Enfim: uma qualidade manifesta só adquire sentido e peso específicos quando contrastada com outras qualidades latentes e imanifestas, porém tão reais quanto ela. Por exemplo, se o homem se esquiva de castigar, mas conserva amargura dentro de si, não pode ser dito tolerante, mas simplesmente, "contido". E assim por diante.

Enfim: sem o quadro das qualidades e de suas relações lógicas, e sem., por outro lado, uma criteriosa observação das situações, não podemos descrever caracteres, mas simplesmente colar adjetivos inadequados em traços provavelmente inexistentes.

A possibilidade de estabelecer esse quadro é uma das condições necessárias, sem as quais não pode existir nenhuma astrocaracterologia e, de modo geral, nenhuma astrologia psicológica, e esta condição prévia tem sido omitida pelos astrólogos. Caracterologia e astrologia têm de caminhar juntas, ou não ir a parte alguma. Qualquer interpretação astrológica do caráter depende de que os traços individuais discernidos possam ser colocados e organizados num quadro que contenha seus contrários, seus similares, e suas várias

graduações possíveis.

Porém, se digo que o quadro dos caracteres possíveis é necessário à caracterologia, quer dizer que seja suficiente? É claro que não. Com esse quadro, teríamos somente o esquema abstrato de qualidades possíveis e de algumas de suas combinações mais óbvias. Faltaria, ainda, algum princípio de organização segundo o qual essas qualidades pudessem somar-se, combinar-se, atenuar-se ou acentuar-se mutuamente, num dado indivíduo. Faltaria a visão da estrutura do caráter, estrutura esta constituída no esquema total de combinações possíveis de qualidades, hierarquizadas em níveis e planos e dispostas também em suas relações de contigüidade , oposição, etc. Uma coisa são as relações lógicas e semânticas das qualidades, isto é, das palavras, outra coisa é a sua organização psicológica, real, no indivíduo concreto. Para captar esta organização, precisamos ter um conceito explícito da estrutura do caráter, de suas várias funções e níveis, bem como uma visão da sua dinâmica interna. Sem isto, as nuances das palavras tomadas isoladamente ficarão boiando, como atributos sem uma substância. Toda qualidade é qualidade de alguma coisa, e ao falarmos de estrutura do caráter passamos das qualidades isoladas à compreensão do quid que pertencem.

AULA 4

Teses principais que formam as bases da Astrocaracterologia:

1a. A astrologia é uma ciência comparativa.

2a. O fenômeno astrológico existe e seu estudo é importante.

3a. Uma vez feita a concepção da astrologia como ciência (v.meus livros Astros e Símbolos e Astrologia e Religião, bem como as apostilas dos cursos -- proferidos no Rio e Salvador -- A Astrocaracterologia segundo Sto. Tomás de Aquino, Astrologia: Ciência e Ilusão e Astrologia e Caracterologia), sua construção efetiva começa por uma de suas partes, que é a Astrocaracterologia.

4a. A definição provisória do caráter, enquanto objeto de estudo da Astrocaracterologia, inspira-se na definição que Sigwart (lógica, livro I); dá de essência: "É a unidade de um ente, enfocada de tal modo que reinvindica para esse ente a necessidade de certas propriedades".

5a. O instrumento pelo qual conhecemos o caráter é o próprio caráter. Daí que a Astrocaracterologia seja uma forma de conhecimento de si, a qual se baseia na consciência de si (saber o que fez, saber o que pensou, saber o que desejou; admitir os dados da memória) e na coragem moral. O conhecimento de si é a sistematização crítica dos dados da consciência de si. A consciência de si pode ser muda, mas o auto conhecimento é um conhecimento expressivo, que busca exteriorizar-se em formas (artísticas ou conceptuais).

6a. O caráter é, na personalidade, o elemento fixo e ao mesmo tempo individual e irredutível. Não se confunde, portanto, nem com os elementos naturais, hereditários, nem com os elementos culturais recebidos. A hereditariedade de um indivíduo é comum aos seus irmãos; a formação cultural é comum a todos aqueles que viveram num mesmo meio. O caráter não é nem um fenômeno natural, nem cultural.

7a. Para cada objeto de estudo, a astrologia deve ter um método diferente; o método deve adaptar-se ao objeto e não este àquele.

Método é a seqüência de procedimentos intelectuais da qual se espera obter um conhecimento ou uma resposta no fim. É a estratégia da investigação. Para a elaboração dessa estratégia, é necessário considerar a natureza do objeto tal qual já o conhecemos (pois toda investigação pressupõe que algo do objeto já seja conhecido), distingui-lo de outros objetos semelhantes e vizinhos, e levantar preliminarmente as dificuldades que se poderão encontrar no caminho.

No nosso curso, o objeto é o caráter, então devemos inicialmente cerca-lo, perguntando, primeiro, que é e que não é o caráter, e, segundo, como seria possível uma comparação entre a configuração astral e o caráter. Para esta segunda providência, o passo inicial seria excluir desde logo o impossível, isto é, estabelecer quais as condições em que a comparação desejada não se poderia realizar. As impossibilidades podem ser de duas ordens: impossibilidades teóricas (ou absolutas) e impossibilidades práticas (ou

relativas).

Dentre as impossibilidades teóricas, devemos desde logo destacar a seguinte. Não adianta buscar a correspondência entre a estrutura total do mapa astrológico e a estrutura do caráter total se não conhecemos separadamente os elementos que compõem um e outra. A simples idéia de uma correspondência entre os astros e o caráter se tornaria autocontraditória (portanto, uma impossibilidade absoluta) caso os fatores astrais e os componentes do caráter não fossem isoláveis, isto é, passíveis de uma identificação particularizada. A possibilidade de qualquer ciência astrológica repousa na possibilidade de considerarmos cada "influência planetária" independentemente das outras. É surpreendente como esta exigência tão óbvia tem escapado à maioria dos astrólogos, os quais promovem a síntese ao mesmo tempo que negam realidade aos elementos isolados, isto é, fazem a síntese de nada com o nada e iludem-se com o pretexto de estarem fazendo uma "abordagem holística" que superaria a execrada "ciência analítica". Isto mostra simplesmente que não compreendem o que é uma abordagem totalizante ou sistêmica, e que a confundem com o que os lógicos antigos chamavam de síntese inicial confusa.

A necessidade e a possibilidade de isolarmos os elementos de um todo dado, para depois reconstruirmos com eles um todo conceptual, se torna evidente pelo seguinte exemplo. Ao descrevermos a aparência física de um indivíduo, compreendemos facilmente que não existe conexão intrínseca (isto é, lógica e necessária) entre os vários traços que a compõem; por exemplo, da sua estatura elevada não se segue necessariamente que ele seja gordo ou magro, e da cor dos cabelos não podemos deduzir a cor, dos olhos. São dados isoláveis e independentes, que só são unidos extrinsecamente e existencialmente, pelo fato de se encontrarem juntos num mesmo indivíduo, o qual, este sim, é um todo, e não é redutível às suas partes. Da unidade existencial do todo não se conclui nunca uma conexão intrínseca e lógica entre as partes. Os astrólogos fazem a confusão entre totalidade real e totalidade lógica.

Numa totalidade lógica, os elementos são intrinsecamente e necessariamente inseparáveis, não se podendo conceber um sem o outro. Por exemplo, num triângulo, dado um dos elementos (por exemplo, que tem três lados retos) segue-se necessariamente um outro (que tem três ângulos internos e três externos). Num mapa astrológico esta conexão inexiste. Do fato de ter um indivíduo, digamos, Saturno na Casa III, deduz-se que ele deva ter necessariamente Sol na V, ou na IV, ou na X? Evidentemente, não. A conexão é empírica e não lógica, e, sendo assim, os elementos podem e devem ser concebidos isoladamente.

- o -

Todos os conhecimentos transmitidos neste curso serão abordados -- simultânea ou sucessivamente -- em três níveis:

1o . Teórico. Divide-se em: (a) teoria astrológica pura; (b) teoria psicológica do caráter, ou caracterologia; (c) teoria astrocaracterológica, ou teoria das relações entre a configuração astral e o caráter.

2o . Técnico. técnica é um conjunto de conhecimentos voltados para um uso, para uma ação futura. Esse conjunto de conhecimentos não tem unidade lógica; é um amálgama de conhecimentos das mais variadas procedências e de valores muito diversos entre si, conhecimentos heterogêneos que não são unidos por outra coisa senão pelo fato de que nós os utilizaremos para um mesmo fim. A técnica pode ser comparada a um conjunto de coisas que colocamos numa mala quando vamos viajar; essas coisas não há conexão lógica: podemos colocar uma escova de dentes ao lado de um livro e de uma boneca que vamos dar de presente. O único padrão de unidade é extrínseco às coisas: é a finalidade da viagem. Se nosso objetivo prático é chegar a uma interpretação correta do caráter pelo mapa astrológico, todos os conhecimentos que, por acaso, possam ser úteis a esse fim, farão parte da técnica astrocaracterológica, a qual será portanto uma coleção e não um sistema de conhecimentos (ao contrário da teoria, que tem de possuir unidade e coerência lógica do começo ao fim).

3o . Prático. A prática em geral, utiliza apenas uma parte dos conhecimentos técnicos, ao mesmo tempo que, pela experiência, contribui para enriquecer a técnica. A prática não depende só dos conhecimentos técnicos acumulados, mas de uma facilidade, de um talento de improviso, que não decorre da técnica, nas do caráter do indivíduo que pratica, bem como das circunstâncias felizes ou infelizes no momento da ação. A técnica ensina-se, mas a prática somente se pode praticar. O professor ensina a técnica, mas somente supervisiona a prática, sem poder propriamente ensiná-la.

A RAZÃO permite generalizar e resumir o acontecimento, de forma a não ser necessário carregar imensa carga de memória. Obedece ela então à função prática de descarregar a memória. Também permite que se vejam as coisas de longe; quando pensamos por conceitos, não temos todo o trabalho de recordar uma por uma as imagens dos objetos que lhes correspondem, e portanto diminuímos a emoção, o impacto das imagens, que só são evocadas de longe e de leve, graças à rapidez com que passamos de um conceito a outro. Também por isso, o pensamento lógico permite o discernimento do que é um problema presente e do que é um problema passado. Quando esse discernimento falha, o sujeito pode permanecer com medo de algo do que fazia sentindo ter medo no passado, mas que, na atualidade, não. Como por exemplo, o caso de um sujeito cujo pai agredisse a mãe quando ele era criança e, chegando aos quarenta anos, ainda se comporte como se aquela situação ainda vigorasse.

O procedimento da RAZÃO é um procedimento inicialmente descritivo, crítico. Junto então com o ruim, ela destrói o bom, para ver o que resta no fim, como se fosse um cadinho de alquimista que vai esmigalhando o objeto em busca de sua essência.

A entrada em cena desse processo crítico é a coisa mais traumática na vida do ser humano. Porque vai limpar, purificar seu mundo afetivo e imaginativo, embora o sujeito mesmo a quem o processo ocorre, no momento em que ocorre, tenha a impressão de que está havendo a destruição de seu mundo imaginativo. Essa purificação fará com que o mundo imaginativo fique com menos coisas, porém mais valiosa o que aumentará a capacidade de discernimento do sujeito. Não existe nenhum trauma que seja pior do que este. Pois todos os outros traumas são localizados, afetam uma parte da psique, enquanto este afeta toda a psique.

Neste ponto, notem que a Astrocaracterologia não é apenas uma nova variante de astrologia, mas é uma doutrina psicológica propriamente dita; é uma "escola" de psicologia.

Quase todos os processos terapêuticos se baseiam no fato de o indivíduo trazer para a luz da consciência certos conteúdos subconscientes. Este processo do qual falo passa-se inteiramente dentro da consciência, sem qualquer coisa de subconsciente. Mas esse processo e tão geral e abrangente que, resolvendo-o, o subconsciente se resolve sozinho. O que desmente a tese clássica de Freud de que o inconsciente preside o consciente. Considerar que o inconsciente tem predomínio sobre o consciente é o mesmo que considerar que o rabo abana o cachorro. Só a partir de um certo ponto de vista muito particular tal coisa parece razoável. Mas o fato é que tudo que está no subconsciente passou pela consciência. Esta determina o que entra e o que sai do subconsciente. O trauma, a neurose, surge neste processo, que se dá inteiro na consciência, mesmo que disso o sujeito possa se esquecer depois. É algo que então se torna inconsciente. Do que decorre que o ponto fundamental a ser destacado na cura psicológica é a restruturação das bases da consciência do sujeito. O critério de organização da consciência é fundamentalmente intuitivo até uma certa fase. Depois entra em funcionamento a RAZÃO. Se aí o indivíduo não faz uma transição gigantesca, uma adaptação bem sucedida ao mundo racional em que está penetrando, e tenta continuar na base da organização intuitiva, ele se torna um inadaptado à vida adulta e muito provavelmente será vítima de neurose e outras coisas deste tipo.

O "trauma da emergência da RAZÃO", creio eu, seria um mal antropológico, não apenas psicológico. Seria o mal da espécie humana, o qual se coloca na base de todos os problemas psicológicos individuais possíveis. Estes afetam apenas o indivíduo, enquanto que aquele, antropológico, à espécie como um todo.

Freud buscou chegar ao mal antropológico fundamental e julgou tê-lo encontrado no "complexo de Édipo", ao qual considerou um problema universal. Malinowsky demonstrou que em certas tribos tal complexo não existia, derrubando assim a universalidade daquela solução, referindo-a como relativa a um dado contexto cultural, sociológico e não antropológico. O mesmo não pode ser dito do advento da linguagem e da RAZÃO: são fenômenos universais, dos quais a espécie humana não tem como escapar.

Adler, seguindo Nietzsche, disse que a "vontade de poder" é universal. No entanto é possível ver culturas onde não se cultiva a vontade de poder.

O "complexo de Édipo" e o complexo de inferioridade (adleriano) não são, portanto, antropológicos. São sociológicos: dependem do contexto desta ou daquela sociedade. O mesmo não se pode dizer do pensar e do falar: não existe tribo que não fale ou que não pense. A fala exige o conceito; este, a RAZÃO. Não

existe, por outro lado, em qualquer época ou lugar, a experiência do sujeito humano nascer falando, assim como todos os sujeitos humanos e animais nascem respirando. Em toda sociedade humana, ocorre que cada sujeito um dia vai ter o confronto com a RAZÃO, e este confronto vai ser trazido por meio da cultura, não da natureza. Portanto, se existe um trauma inerente ou possível a esta situação do ingresso da RAZÃO, este trauma é universal. Pretendo, mais adiante neste curso, provar que existe.

Freud usou muito a mitologia para comprovar a existência do complexo, que considerava antropológico. Se precisou escolher, dentre os mitos existentes, um que sugeria esse complexo, podemos afirmar, em contrapartida, que todos os mitos possíveis falam exatamente do confronto do homem com a RAZÃO.

Essas considerações são uma antecipação das consequências lógicas da ciência e técnica da Astrocaracterologia. podem ser, por ora, objeto de ceticismo, mas não podem ainda ser discutidas com proveito, na medida em que a aceitação ou refutação válida de uma proposição lógica pressupõe o conhecimento, por parte de quem aceita ou refuta, dos passos necessários à sustentação dessa tese. Antecipações geram às vezes confusão e discussões prematuras, mas não se pode evitar totalmente as antecipações; não se pode ser totalmente lógico na seqüência da demonstração porque o aluno fica impaciente, ansioso por saber aonde se vai chegar. Por ora, convém apenas admitir que do que se disse não se pode legitimamente concluir que eu esteja afirmando que o inconsciente e insignificante, que Freud, Jung e seus seguidores estejam errados no fundamental. O inconsciente existe e, obviamente, age e importa. Mas podemos perguntar: por que todas as correntes de pensamento que o admitem não chegaram a encontrar nenhum elo comum entre todas as opiniões que têm a respeito? Kant dizia que um sinal de que uma investigação científica foi a bom termo é que os vários investigadores chegam aos mesmos resultados, o que não aconteceu ainda em Psicologia: a cada novo investigador corresponde um novo resultado. A proposta de Freud -- complexo de Édipo -- não é um elo comum; a de Jung -- os arquétipos do inconsciente coletivo -- também não; a de Adler -- vontade de poder -- também não. Os pretendidos avanços nesta discussão não chegam a ser minimamente satisfatório, como se vê pelo número de teorias inconciliáveis que disputam a supremacia, sem chegar a acordo ou desenlace. Por exemplo, nos EUA, que diálogo pode haver entre os adeptos de Maslow -- herdeiro da psicologia culturalista de Fromm e Herney -- e os defensores da sociologia?

A idéia que proponho -- a do trauma da emergência da RAZÃO -- pode inclusive conciliar essas várias correntes ou criar um terreno comum de disputa. Ela se funda em algo que independe de qualquer tipo de estrutura social para ser verdadeiro. Pode-se fazer abstração de tudo que envolve a vida em grupo, ela assim mesma continuará verdadeira. É como um elo perdido que, levado em conta, dá o ponto de convergência de todas teorias. Sendo que o que há de comum nestas teorias é uma só pergunta: em que momento e por que o homem deixa de ser um estrito "animal" e se torna um "animal racional"?

Há quem suponha que tais divergências no âmbito da Psicologia se devem à pouca idade dessa ciência. Muitas outras ciências modernas são tão recentes quanto a psicologia moderna. Por exemplo, a tabela dos elementos foi descoberta na última década do século passado. É mais recente do que a proposição, por Freud, do conceito de inconsciente. E também do que a exposição deste mesmo conceito por Eduard Von Hartmann, o autor que Freud leu e estudou. Hartmann o expôs em 1860/70. Aquela tabela é posterior portanto à teoria do inconsciente, e ninguém a contesta. Não é a questão de idade. Não há em psicologia no mesmo sentido em que existe consenso na química. E, sendo assim, temos de busca-lo. Porque a ciência não é como filosofia moral, a religião, onde se pode até mesmo admitir, para cada cabeça uma sentença. A busca do consenso faz da natureza da própria ciência. No entanto os psicólogos têm agido de maneira onde não parece importante a busca do consenso, mas sim a fundação de novos e novos partidos.

Uma das consequências da astrocaracterologia é a proposição de um ponto de conciliação, de um elo comum em meio a todas essas discórdias. O elo comum eco princípio mais alto que abarca todas as teorias traumatológicas da psique está, segundo creio, no trauma de emergência da RAZÃO. Mas é cedo para falar disto, pois teremos tempo para estudar esse fenômeno quando chegarmos à parte do curso que se refere à RAZÃO.

Prosseguindo, apontamos mais um critério: As regências têm de ser independentes entre si.

Isto significa que os traços de caráter que sejam dedutíveis da posição de um determinado planeta numa

casa não poderiam ser dedutíveis da presença de um outro planeta na mesma casa.

Vocês sabem perfeitamente que essas condições que estou apresentando não são atendidas pela astrologia vigente. Por exemplo, do fato de o sujeito ter Lua na VI, pode-se deduzir que ele é "preguiçoso"; de ter Vênus nesta mesma casa VI deduz-se a mesma coisa; igualmente deduz-se de ter Netuno nesta mesma casa VI. Mas o que querem dizer essas três preguiças"? Devem ser preguiças completamente diferentes, suponho eu.

A primeira tarefa da astrocaracterologia é a de catalogar, mapear essas diferentes regências.

Tudo quanto dissemos até agora refere-se a uma astrocaracterologia meramente filosófica, não científica ainda. Trata-se apenas de uma dedução puramente lógica, pois não estudamos um único caso, não temos na mão um único fato. Só temos um quadro de possibilidades lógicas nos quais esses fatos deverão se encaixar. Se não se encaixarem, toda a nossa teoria estará errada.

Impõe-se, dizia eu, que investiguemos a questão das regências planetárias. Como saber qual planeta tem relação com que? Este é portanto um problema de astrologia pura, porque se trata de investigar a própria natureza do fenômeno astral.

Para que tivéssemos certeza da teoria das regências, ela precisaria obedecer aos seguintes requisitos:

1. Como a astrologia se baseia num simbolismo e numa mitologia, seria preciso que nossa interpretação fosse coerente com todo esse simbolismo e com toda essa mitologia, pelo menos com a da civilização onde estamos. Em primeiro lugar, devemos estabelecer uma interpretação simbólica ou mitológica.

Esta interpretação nos daria alguma certeza? Não. Justamente porque é mitológica. Num mito pode haver alguma verdade, mas misturada com inverdades. É difícil, num mito, discriminar uma coisa da outra. De qualquer modo, sem saber sequer a interpretação simbólica e mitológica, não poderíamos passar adiante.

2. Teremos de encontrar na estrutura da psique humana pelo menos um ponto de correspondência com esse sistema mitológico; algum processo, dentre os muitos que existem, que fosse análogo a um mito.

3. Teremos de verificar se essa analogia é uma mera coincidência -- se é um modo de falar, uma metáfora, ou analogia de atribuição extrínseca -- ou se ela expressa uma correspondência real e necessária.

Se virmos, por exemplo, que o Sol na mitologia é tal ou qual coisa; e que na psique humana existe uma determinada função, um determinado processo que equivalha esquematicamente a este mito do Sol, o passo a seguir seria ver se essa correspondência que encontramos é simplesmente bonita e sugestiva, ou se ela expressa uma relação real entre a estrutura da psique e a estrutura do mundo circundante celeste. Temos de ver se esta correspondência é analogia em sentido intrínseco ou é de correspondência em sentido extrínseco (metáfora).

Existem dois tipos de analogia: a de atribuição intrínseca, que é baseada numa correspondência efetiva entre qualidades reais dos entes; e a de atribuição extrínseca, ou metáfora, que é simplesmente um modo de falar.

Se, no caso, fosse uma analogia de atribuição intrínseca, ou seja, uma analogia verdadeiro entre dois seres, nunca tal analogia existiria sem que pudesse ser detalhada; nunca seria apenas uma analogia genérica, esquemática e por alto, mas os dois seres comparados continuariam se correspondendo em detalhes menores do seu comportamento.

4. Finalmente, teríamos que averiguar se existe algum elo causal -- ou alguma outra relação real mais profunda -- entre um dos elementos da comparação e o outro.

Se fizéssemos tudo isso, poderíamos ter certeza de que tal planeta rege tal coisa, definitivamente.

Por exemplo, a antiga analogia estabelecida entre a lua e as águas: dia a dia nos aproximamos da confirmação de um elo qualquer. Por tudo quanto tem água neste mundo parece que se comporta de acordo com as fases da Lua: as marés, o corpo humano, etc. Existem milhares de estudos de correspondências, à semelhança dos estudos feitos por Gauquelin; correspondências das fases lunares e de vários processos naturais, biológicos, inclusive no ser humano.

Nesta casa, vamos que a antiga analogia entre a Lua e as águas parece conter algo mais do que metáfora;

parece ter uma correspondência real qualquer. Também o fato de chamarmos o louco de "lunático" parece ter algum fundamento, porque no mundo inteiro se observa que na fase da Lua cheia a quantidade de internações em hospitais psiquiátricos cresce formidavelmente. Isto é confirmado no mundo inteiro. O que estabelece apenas um fato astrológico. Este fato será digno de estudo, mas não quer dizer que já esteja terminada, concluída e muito menos confirmado, a partir dele, alguma teoria causalista qualquer.

Um exemplo particularmente claro de como se pode fazer este estudo nesses vários níveis é dado pelo exemplo do Sol.

Sabemos que o sol, durante milênios, foi a única fonte de luz de que o homem dispôs. Sendo a única fonte de luz, isso significa que, quando o Sol estava presente -- acima do horizonte -- as pessoas enxergavam claramente e, quando ele ia embora, não enxergavam nada. O Sol se identifica pura e simplesmente com a luz; identifica-se funcionalmente, como única fonte de luz. Isto implica necessariamente que a diferença entre enxergar e não enxergar; ou, pelo menos entre enxergar claramente e enxergar obscuramente. Portanto, se o indivíduo só enxerga claramente quando não havia Sol, ou mesmo nada enxergava. Isto implica que, enquanto ele não tomasse consciência de que havia Sol, ele não tomaria consciência da diferença entre enxergar e não enxergar. Sol é luz e luz é a condição da visão. Se ele não percebia a diferença entre luz e obscuridade, então não percebia a diferença entre enxergar e não enxergar. Ora, a presença da luz é um fato externo ao corpo humano; e enxergar ou não é um fato interno a este mesmo corpo humano. Durante milênios houve perfeita coincidência da presença do Sol, que é um fato externo, com um fato interno, imanente ao corpo humano, que é o de enxergar ou não enxergar. Isto significa que para a totalidade da humanidade primitiva, a descoberta de que havia Sol -- o Sol sempre esteve aí mas ninguém nasceu sabendo disse ou mesmo reparando nas coisas -- este primeiro ato de reparar que existe o Sol coincidiu, no tempo, com a tomada de consciência do próprio ato de enxergar. E um ato não é separável do outro, nem seria admissível que o indivíduo percebesse essa distinção entre enxergar e não enxergar sem ao mesmo tempo reparar na presença ou ausência do Sol. Nem seria possível reparar na presença ou ausência do Sol sem ao mesmo tempo reparar que enxergava ou não enxergava. Estas duas intuições -- percebe que existe o Sol é um ato intuitivo, imediato; perceber que se enxerga também é um ato intuitivo, imediato -- aconteceram ao mesmo tempo. Porém, estes dois atos poderiam ocorrer sem que no mesmo instante o indivíduo estabelecesse a conexão entre sua percepção e o mundo externo? Não, não poderia. Ou seja, houve aí uma tripla intuição. Houve a intuição do enxergar; houve a intuição de que aquilo que internamente enxergo é aquilo que externamente está lá. A este fenômeno denomino a tripla intuição.

A tripla intuição é no ser humano a origem da noção de verdade e falsidade. Esta noção não pode ter surgido no homem de nenhuma outra maneira. Claro que depois desta tripla intuição o sujeito pode ter tido muitas outras. Não sei quando isso acontece; não sei se isto aconteceu a um indivíduo que depois contou aos outros; ou se aconteceu com vários ao mesmo tempo; ou se foi acontecendo aqui e ali. Mas em algum tempo, na história da humanidade primitiva, deve ter eclodido esta tripla intuição. Ela é a origem do conhecimento propriamente dito. É origem da nossa consciência do fenômeno da significação. Para haver significação é preciso que haja uma intenção (um pensamento dentro de mim, algo que eu desejo); é preciso que haja fora um objeto, e é preciso que haja uma conexão do desejo com o objeto. Todo o processo de significação se sustenta em cima deste triângulo.

O homem só pode ter tomado consciência da significação a partir do momento em que teve a tripla intuição. Porque antes não tinha reparado na diferença entre conhecer e não conhecer; entre claro e obscuro; entre um ato intuitivo, imediato. Como o sujeito sabe que enxerga? Sabe-o por um ato intuitivo, interno, também imediato. Como ele sabe que o que enxerga é aquilo que está na frente dele? Também por um ato intuitivo imediato. Se essas três intuições não ocorrerem ao mesmo tempo, de nada adianta cada uma delas separadamente. A RAZÃO não poderia, ex post facto, juntar numa conexão lógica esses três momentos, se jamais eles tivessem se dado juntos num só ato intuitivo; porque a RAZÃO opera com modelos calçados na intuição, na experiência, e sem a tripla intuição não existiria o modelo -- ou pelo menos um modelo universalmente válido -- da conexão conhecedor-conhecer-conhecido.

Entendemos portanto que para a totalidade da humanidade primitiva a descoberta do Sol e a descoberta da sua capacidade de cognição imediata; é a descoberta da sua capacidade intuitiva.

O elemento, o ser, o ente que fornece luz ao nosso planeta e que torna possível a visão, é fácil percebermos, é perfeitamente harmônico com a nossa capacidade de enxergar. Ou seja, o Sol não ilumina as coisas nem mais nem menos intensamente do que o admite a nossa capacidade de captar luz e sombras. Existe uma harmonia. Se o Sol fosse mais brilhante, ficaríamos ofuscados; se fosse menos, não enxergaríamos nada. Existe este jogo harmônico entre o olho e a luz, a luz que no caso é dosada segundo a capacidade do olho. Como se o Sol tivesse sido colocado lá "para" servir e agradar à nossa capacidade de ver. É esta harmonia que sustenta -- mas não prova -- as teorias teológicas da criação do universo.

Esta noção de uma harmonia, de uma com proporção entre o homem e o ambiente no qual ele existe chama-se hoje, na cosmologia atual, "princípio antrópico" (não confundir com "entrópico").

O princípio antrópico é um estudo que vem sendo feito de há uns dez anos para cá e que procura averiguar se a adequação que existe entre nosso organismo e o meio que o circunda poderia ser uma simples coincidência ou se o cosmos em torno parece "construído propositadamente" para ser habitado por este ente, com estas proporções, com estas capacidades cognitivas, e assim por diante.

Quer as investigações sobre o princípio antrópico, cheguem a bom resultado ou não, o que nós já podemos adiantar é que a teoria da tripla intuição é certa e que as outras a este respeito só podem ser ditas certas se esta for verdadeira.

A tripla intuição é mais do que a origem da autoconsciência. Ela é o fundamento de todo conhecimento humano. Por exemplo, quando sonhamos, "vemos" coisa. Porém não temos ao mesmo tempo a intuição clara da nossa posição em face dessa coisa que enxergamos. Tanto que trocamos de posição com o objeto. Quando na realidade física estou sendo perseguido por outro touro feroz não troco de posição com o touro nem um minuto, apenas posso fazê-lo imaginativamente. Posso imaginar o que o touro viu em mim. No sonho, posso trocar de perspectiva à vontade. Por isto mesmo, não temos intuição clara, no sonho, da relação do sujeito com o objeto. Se ficamos dementes, também não temos esta intuição. Um louco pode atribuir a outros os seus próprios atos; realmente passo a acreditar nisso. Isto significa que está falhando a tripla intuição ou mesmo que ela não está acontecendo.

A tripla intuição une sujeito, objeto e conhecimento. E devemos essa tripla intuição ao sol. S houvesse qualquer outra fonte de luz, poderíamos devê-la a ela, a esta outra fonte de luz ocasional, desde que estivesse presente com a constância do Sol. Ou seja, se não houvesse Sol mas existisse no lugar dele outro objeto brilhante que funcionasse como se fosse o Sol, seria a mesma coisa.

Vemos então que a analogia que existe entre Sol e o ato intuitivo, que é uma das analogias mais antigas da astrologia, tem fundamento. Não é uma imagem poética, não é uma metáfora. Mas é algo que poderia ser outro modo. Pelo menos dentro das condições reais em que nós existimos na terra.

O Sol e a luz, de modo geral, têm uma relação não ocasional com a intuição. Não têm uma semelhança, apenas, com o nosso ato intuitivo: têm uma conaturalidade; são a mesma coisa que ele. Tanto que, como espécie, só exercemos esta capacidade intuitiva a partir do momento em que percebemos que existe o Sol. Até lá, poderíamos ter intuições isoladas. Porém não teríamos a menor idéia da relação entre a coisa intuída e o objeto existente fora de nós. Ou seja, não distinguiríamos realidade e sonho. Em resumo, poderíamos ter a intuição de objeto; mas não teríamos consciência de perceber o percebemos, e não teríamos portanto o fundamento da certeza.

Cada um de vocês pode, na sua própria história, investigar qual foi o primeiro instante que entendeu que entendia. Ou seja, onde entendeu que sua inteligência agia, que ela não ficava simplesmente apatetada na frente de um objeto, recebendo suas impressões passivamente, mas que ela entendia ativamente. Por exemplo, este copo d'água também esta presente diante de vocês. No entanto ele capta, não age interiormente. Mas eu também estou aqui e eu os vejo, sei que vocês estão aí. Como dizia Platão, "não é o olho que enxerga; quem enxerga sou eu". O olho é apenas por onde eu enxergo.

A tripla intuição não é feita com o olho, porque com o olho eu apenas reajo à luz. Mas o olho não sabe que enxerga. E se ele não sabe que enxerga, muito menos ele vai saber o que ele está enxergando. Tanto que no sonho também enxergamos mas não sabemos precisamente o quê, e não o sabemos porque não temos consciência clara de esta enxergando. Porque se tenho consciência de estar enxergando, também tenho a consciência do quê estou enxergando. Qual a diferença entre o enxergar no sonho e o enxergar na Vigília?

No sonho, já a intuição não é um ato intuitivo perfeito. É um ato intuitivo parcial, onde se inclui o objeto, o sujeito, mas não se inclui o ponto preciso de encontro entre os dois. Por exemplo, se no sonho o touro me persegue, na vida real um touro tem que me perseguir em algum lugar. E eu digo que ele me persegue porque a distância que me separa dele no espaço é cada vez menor; porque, para onde eu vou, ele vai atrás. Porém, se tenho os olhos fechados, não posso medir o espaço, não sei onde está o meu corpo. É a minha imagem que está sendo perseguida pela imagem do touro, enquanto meu corpo tranqüilamente repousa na cama. No entanto, a tripla intuição implica uma consciência muito clara da relação de distância entre sujeito e objeto.

Sempre que há uma intuição verdadeira, eficiente, existe a tripla intuição no fundo, operando como modelo e garantia dessa intuição. Essa garantia de unidade do conhecedor-conhecer-conhecido é o que geralmente buscamos na crítica lógica dos nossos conhecimentos, mas essa crítica também seria impossível sem seu fundamento na tripla intuição.

Recordem-se do que foi dito da consciência de si. Coisas que aparecem no sonho, que nós imaginamos, podemos retroativamente conferir-lhes uma credibilidade real sem crítica, enganando a nós mesmos e mentindo a nós mesmos, apagando ou embaralhando os dados da memória. Assim, posso lembrar ter visto o touro me perseguindo. Porém, não tenho, nesse momento, a consciência de o touro estar me perseguindo numa arena, num prado ou qualquer lugar em que me lembre de haver estado. Para reconstituir a percepção real, tenho de operar com base na tripla intuição, caso contrário nada mais tenho senão pura imaginação. (Se no sonho há consciência de que se sonha, isso já é um princípio de tripla intuição).

A diferença entre as duas situações -- a de angústia de ser perseguido por um touro e a segurança de estar tranqüilamente deitado na cama -- é percebida no momento mesmo em que se acorda. Ao acordar, não mexo nem no touro nem no lugar e, sim, em mim mesmo. No sono, posso escapar do touro simplesmente mudando de sonho, mas o que mudou realmente foi apenas o estado de minha autoconsciência: encarei as coisas de uma outra maneira. O mesmo não pode ser feito na vida real: ao ser perseguido por um touro real, não adianta mudar de estado de consciência: o melhor, mesmo, é correr. No sonho, sem mudar de lugar ou alterar o touro no quer que seja, eu escapo dele ou o torno inofensivo. Então, não é uma tripla intuição. é uma intuição na qual um dos elementos está faltando. Quando você acordar, completa a tripla intuição: inclui a consciência de estar e de que estava sonhando. Restabelece a situação real.

A percepção do touro é então falsificável. A da luz, não. Posso admitir que um touro me persiga ou não. Mas não posso enxergar sem luz, e sem fonte de luz.

Existe muitas diferenças entre essa tripla intuição originária e as outras. A tripla intuição em si é a base de todo conhecimento. O que chamamos de tripla intuição originária é a intuição do Sol como fonte de luz que nos permite enxergar. Ela tem algo diferente de todas as outras intuições: ela é necessária. Não posso deixar de tê-la. Todas as outras intuições são contingentes: posso ver ou não ver o touro ou qualquer outro objeto. Mas se houve a tripla intuição originária, não tenho consciência de enxergar seja lá o que for.

A diferença, portanto, entre o sonho e a vigília é que naquele não é necessário mexer no objeto ou mudar de lugar para mudar a situação; na vigília, necessariamente tem- se de mexer no objeto ou mudar de lugar para mudar de situação. Há muitas intuições e situações na vida nas quais não podemos mexer no objeto nem mudar de lugar. Isso significa, realmente, que não podemos mudar essa situação. Mas, no sonho, mudamos a situação magicamente, sem mexer no objeto nem sair do lugar. A diferença, então, entre o sonho e a vigília não é que na vigília nós sempre podemos mexer no objeto e no sonho não o podemos fazer. A diferença é que no sonho nós conseguimos mudar magicamente a situação mexendo apenas em nós mesmos, interiormente, sem mexer no objeto nem sair do lugar.

Na vigília, não: não basta mexer em mim mesmo, não basta mudar de estado interno. Às vezes não podemos mexer no objeto por uma impossibilidade física. Quando acontece isso na vigília (não poder mexer no objeto), significa que aquela situação, naquele momento, não tem saída. A tripla intuição originária também não tem saída. Eu não posso mexer no Sol, tira-lo de lá. Posso apenas fechar os olhos. Mas se eu os abrir, ele estará lá de novo. A noite pode suceder ao dia, ocultando-se, com isto, o Sol. Mas no dia seguinte ele estará lá de novo. Não há como fugir. Isso também significa que o homem não pode escapar da sua inteligência intuitiva. Ele simplesmente a tem. E a primeira coisa que ele conhece realmente

é o fato de tê-la.

...

É fácil entendermos que sem intuição não temos nenhum meio de conhecer nada. Por exemplo, como posso ter imaginação, se nada intuí? Quer dizer: todas as faculdades pressupõem como condição prévia a intuição. Os animais também têm intuição? Não têm eles alguma linguagem? Sim, se qualquer animal, mostrando-se a ele um objeto, se lembra de um outro, é sinal de que aquilo para ele tem significação. Os animais não têm linguagem? Se tem linguagem, têm intuição. Isto quer dizer que a base do nosso conhecimento, que é a tripla intuição, nós a compartilhamos com os animais. Apenas tiramos dela alguma consequência que os animais não tiram. Por que Aristóteles não disse que o homem não é um "animal intuitivo", mas, sim, "racional"? Porque todos os animais são "intuitivos", nesse sentido rudimentar ao menos.

A tripla intuição é a consciência "de" unida à consciência de si. Então estabelece um triângulo: consciência, objeto, e consciência de si. Tudo isto unido num ato só. Por isso é uma tripla intuição, mas não em seqüência: é tripla não por ter três atos, mas por ter três aspectos unidos num ato só. Entendemos que se não existisse Sol ou nenhuma outra fonte de luz, isso não teria acontecido jamais. Então podemos deduzir que, se temos a tal intuição, devemo-la ao Sol? Não seria impossível que num mundo obscuro surgisse a diferença entre o som e o silêncio. Porém, suponho que teria demorado um pouquinho mais. Ademais, a diferença entre o som e o silêncio não poderia se percebida de modo simultâneo. Porque existe luz e obscuridade ao mesmo tempo, mas não existe som e silêncio ao mesmo tempo. Por que digo isso? Porque estou sob o Sol e fecho os olhos, está escuro dentro de mim, ao mesmo tempo sei que está claro do lado de fora. Tenho a consciência da obscuridade no mesmo instante que tenho consciência da claridade. Portanto a tripla intuição não nos dá apenas a consciência da luz, mas também a consciência da obscuridade no mesmo ato e no mesmo instante, inseparavelmente, ao passo que silêncio e ruído não podem acontecer ao mesmo tempo. Ruído, som, uma coisa que se desenrola no tempo. Existe som simultâneo? Som tem de durar, senão não é som. A percepção visual nos dá idéia do simultâneo, ao passo que a auditiva só dá idéia do sucessivo. Poderia surgir uma tripla intuição, entre aspas, auditiva. Mas já não seria propriamente intuição, seria um raciocínio. Por que? Porque primeiro ouvi o som, depois o silêncio, depois repetiu-se o som. Então eu vou raciocinando, quer dizer, combinando o presente com o ausente e chego à conclusão que há uma relação entre eles. Isto não é intuição, é raciocínio, é RAZÃO. A RAZÃO nos permite conectar o presente com o ausente. Coisa que a intuição não pode fazer. Temos RAZÃO exatamente por causa disto. E é isto que vai ser a nossa diferença específica. Com a RAZÃO o homem pode construir, esquematicamente, a presença do ausente, representada por uma imagem ou por um conceito, e relaciona-la com uma coisa presente, ou até com uma outra coisa também ausente. Mas não é intuição mais. Por que não é intuição? Porque não foi percebido, mas construído. Aqui vocês têm o rudimento do conceito de intuição e do conceito de RAZÃO. Portanto, temos o rudimento da "regência solar". Entendemos que dentro do universo da psique humana, o Sol "rege" a inteligência. Basta isto para termos uma astrocaracterologia do Sol? Não, porque se o Sol representa a inteligência intuitiva, se ele é, de certo modo, a inteligência intuitiva, ele o é, do mesmo modo, para todos os seres humanos. Onde quer que esteja o Sol, na hora em que o camarada nasceu, ele continua tendo inteligência intuitiva porque é um animal, tem vida animal. Isto nos dá a regência solar, mas não nos dá a diversificação caracterológica das vária posições do Sol. Então, se há Sol no seu mapa, você tem inteligência intuitiva, isto é o que nós sabemos. Se na hora em que você nasceu existia Sol, não importa onde estivesse, você tem inteligência intuitiva, pelo menos de modo latente. Mas é disto que trata a astrocaracterologia? Não. Isto que estamos fazendo e astrologia pura, teórica. A astrocaracterologia começará no instante em que formos capazes de diversificar tipos de intuição, de inteligência intuitiva, e relacionar esses tipos com as várias posições do Sol no horóscopo. Então essa é a lição número um da astrocaracterologia técnica: o Sol rege a inteligência intuitiva. Porém, não sabemos ainda como interpreta-lo.

maio de 1990.

AULA 5

As aulas de repetição têm a função de filtrar as dúvidas individuais dos alunos, discutí-las e formulá-las como dúvidas do grupo. E as dúvidas que surgiram foram duas : (1o) se o caráter, além de individual, é único, e (2o) como enfrentar a questão dos gêmeos astrais.

A questão dos gêmeos astrais aparentemente é espinhosa. Eu a responderia com outra pergunta: Como vocês fariam para averiguar diferenças de caráter entre dois gêmeos? Há um método para isso? Sim, a observação, a experiência.

O propósito essencial deste curso é criar um esquema de métodos para que o tratamento da questão astrológica possa vir a ser científico. Para isso, o quanto for possível, devemos evitar questões de princípio, que só possam ter decisões de tipo metafísico. E essas questões levantadas são exatamente desse tipo. A repetibilidade do ser humano é uma questão puramente metafísica. Não temos condições de abordá-la pela astrologia e muito menos pela astrocaracterologia.

Nós ainda não trabalhamos o conceito de caráter, dei apenas uma definição provisória e disse que mais tarde veremos isso. A questão dos gêmeos seria uma aplicação do conceito de caráter à resolução de um caso particular e excepcional. mas se ainda não temos o conceito e não sabemos aplicá-lo para os casos gerais e correntes, quanto mais para as exceções! Além disso, os gêmeos não nascem ao mesmo tempo. Primeiro nasce um e depois o outro. Se lembrarmos que a cada quatro minutos temos diferenças de um grau de arco, podemos chegar até a três ou quatro graus de diferença nos mapas de nascimento de dois gêmeos. Mas ainda temos um outro abacaxi: os gêmeos simultâneos, que nascem de cesárias. Gauquelin fez uma outra pesquisa, além da já referida, e que chamou de "hereditariedade astral". Percebeu que a presença de determinados planetas nos quatro ângulos dos temas dos pais tende a se repetir nos mapas dos filhos numa proporção estatisticamente significativa. Percebeu também que essa "hereditariedade astral" não se verifica em crianças nascidas de parto cesário. Por quê?

Não sei; mas dá para perceber que temos aí um problema: se explicar os gêmeos, que já são uma exceção difícil, explicar os gêmeos nascidos de parto cesário é ainda mais complicado. Se nós, mal colocado um conceito, exigimos que ele explique todas as suas exceções, então não vamos dar nenhum passo.

Para avançar temos de colocar cada questão de maneira que possamos resolvê-la. Esse é um conceito básico do método científico. Se a questão é grande demais, devemos dividi-la numa sucessão de questões para que possamos, por etapas, resolver uma por uma.

Em princípio, podemos dizer que mapas perfeitamente iguais são uma anomalia. Mas não há motivos para que não existam outras anomalias, como pessoas caracterologicamente iguais. Mas; supondo que exista alguma diferença astrológica entre os gêmeos, como investigar esse caso? Primeiro devemos conhecer a vida desses gêmeos e, pela experiência, conhecer o seu caráter. Depois precisamos ter o elemento astrológico com que comparar seus caracteres, os seus mapas. Porém esse instrumento astrológico já e está preciso e afinado o suficiente para captarmos diferenças astrocaracterológicas ditadas por uma diferença, no horóscopo, de dois, três ou meio grau? Para aprendermos as diferenças entre um grau e outro precisaríamos antes, no mínimo, ter fixadas as diferenças mais grossas entre as casas. Mas nem isto temos ainda; e as casas têm trinta graus cada uma.

Depois de ter dito estas coisas, pergunto: Por que surge esse tipo de questão? É porque a expectativa das pessoas em relação à astrologia é de tipo metafísico, como se fosse uma doutrina explicativa universal, que deve responder a quase todas as questões em princípio, isto é, sem investigação experimental, por simples dedução. Acontece que isto só é possível às ciências de tipo normativo, ciências que não visam a verificar uma realidade, mas apenas à extensão de uma norma a casos particulares, como, por exemplo, a Moral, o Direito.

A maior parte das pessoas que buscam a astrologia o fazem com uma expectativa de tipo religioso. Hoje são raras as pessoas que seguem as religiões antigas -- catolicismo, judaismo e islamismo. As pessoas já não gostam dessas religiões, ficam insatisfeitas e também num vazio. Buscam alguma coisa, e esperam

encontrá-la na astrologia. Acontece que a astrologia não é religião. Além disso, o estado do conhecimento astrológico é rudimentar. Ele está numa situação exatamente inversa à da religião -- doutrinas que, em princípio, pretendem explicar tudo, ou quase tudo, mesmo que seja errado : é errado mas é lógico. A astrologia é uma ciência que está para se construir. Se ela conseguir explicar uma única coisa já terá dado seu primeiro grande passo.

Isso significa que esse tipo de pergunta não deve ser colocada com uma questão de princípio, como uma questão genérica. Deve ser colocada como uma questão de fato, a ser investigada e resolvida no terreno dos fatos. Não podemos aqui colocar perguntas apenas para aplacara a baixo preço a nossa sede de respostas : Qual a finalidade do cosmos? Existem vida após a morte, etc. Só que para essas questões não temos respostas firmes que possam gerar credibilidade.

Para investigar qualquer coisa, precisamos ter o conceito, a preparação gnosiológica do terreno. Perguntar, em primeiro lugar, do que se trata, qual é o problema, qual sua dimensão, distingui-lo dos problemas parecidos, discutir as possibilidades de resolver esse problema para, então estabelecer os métodos de abordá-lo. Se procedermos assim, podemos chegar às respostas verdadeiras.

Quando colocarmos uma pergunta temos que distinguir se queremos uma resposta doutrinária, teológica, obtida por pura dedução de princípios universais que versem sobre o possível e não sobre o real particular e concreto, ou se queremos uma resposta cientificamente fundamentada nos fatos e em métodos precisos de verificação. E esta última demora mais tempo, só que é mais firme. A primeira pode ser mais rápida, mas só alcança o genérico e transposta ao terreno dos fatos, é uma crença como qualquer outra.

Para o caso dos gêmeos astrais eu tenho uma hipótese que poderemos investigar mais tarde; a identidade de caráter é perfeitamente possível, e não só entre gêmeos.

A astrocaracterologia tem, até o momento, instrumentos para diferenciar uma certa quantidade de caracteres, alguns milhares de tipos. para além deste ponto a visão se embaralha. para aprofundar a diferenciação seria necessário inserir novos traços caracterológicos que ainda não foram pesquisados. Quanto caracteres que teremos de investigar.

Entre o terreno do que a astrocaracterologia já pode distinguir e o caso dos gêmeos ainda existe um imenso terreno de diferenças que nós ainda não captamos. Não temos ainda instrumentos para descrever certas diferenças mais finas. Isso também vale para responder à outra questão levantada -- se o caráter, além de individual, é único. Em princípio, não há motivo para que não possa haver repetição de caracteres. E como a astrocaracterologia não tem instrumentos para distinguir diferenças além de determinados limites, certamente encontraremos repetições dentro desses limites. É como se você fotografasse em preto e branco duas maçãs do mesmo tamanho e formato, uma verde e outra vermelha. apesar de existirem diferenças entre elas, o instrumento utilizado não consegue captá-las.

A descrição do caráter é feita por discernimento de traços. Assim como num desenho, não é possível fazer todos os traços ao mesmo tempo. Você faz traço por traço, e quanto mais traços você fizer mais diferenciada vai ficando a figura. Mas para fazer cada traço você precisa saber como fazê-lo, precisa ter uma decisão criteriológica prévia. Até o momento a astrocaracterologia lida com determinado número de traços que permitem captar um certo número de diferenças. É evidente que na realidade existem muito mais traços de caráter que os quer nós captamos, assim como na figura real existem mais traços dos que os feitos pelos desenhista. Porém, não precisamos completar todos os traços de uma figura para que ela fique reconhecível. Basta um certo esquema.

A partir do momento em tivermos esse esquema, vocês poderão e até deverão descobrir outros traços, de modo a transformar o instrumento em algo mais precioso, capaz de captar diferenças mais finas.

A investigação do que é propriamente o caráter começará hoje. E começaremos cercando o caráter desde fora, tentando separá-lo de todas as outras coisas que possam se parecer com o caráter. Este é um processo abstrativo, o que significa que o caráter não é uma coisa "real" em si e por si mesmo. O caráter de um indivíduo só existe junto com os outros elementos ou aspectos reais que formam esse indivíduo. A parte aprendida, cultural, não faz parte do caráter de uma pessoa. Mas você pode conceber uma pessoa que só tenha caráter e não tenha a parte aprendida? Isto não existe. É uma coisa que estamos separando

mentalmente mas que não existe separadamente na realidade.

Tomando a definição provisória de caráter -- a unidade de um ente descrita de tal forma que reivindica para esse ente a necessidade de certas propriedades -- podemos perguntar: A essência é única? Dois entes não podem ter sua unidade montada de tal maneira que eles tenham as mesmas propriedades?

A essência, descrita dessa forma, é sempre a essência de uma espécie de entes, e não de um ente individual. Por exemplo, o que é o ser humano? Usemos a definição que diz que o homem é um animal racional. Se ele é racional, então fala. Se fala, então existe alguma espécie de regra gramatical. Portanto o homem é um animal gramático. Isto já é uma propriedade, e esta propriedade está presente em todos os seres humanos. Se o caráter for definido apenas nesse sentido, será sempre o de uma espécie, portanto um tipo. Mas o que é um tipo? É um exemplar único? Não. Por exemplo, os tipos humanos, as raças. Existe apenas um preto, um branco, um vermelho e um amarelo? Não. Isso quer dizer que, enquanto permanecemos no que é descritível, estaremos mo terreno do genérico. No máximo chegaremos ao específico, mas nunca ao individual.

Antes de entrarmos no tema central, é necessário fazermos outro esclarecimento. O conceito de caráter não será obtido de maneira dedutiva -- quando colocamos determinados princípios e vamos deduzindo suas consequências -- mas de maneira crítica, mediante distinções e exclusões. Precisamos, portanto, aprender o que é uma distinção e quais os tipos de distinções que fazemos. O que é uma distinção e quais os tipos de distinções que fazemos.

Em lógica, particularmente na lógica antiga, aristotélica, são admitidos os seguintes tipos de distinções : 1o, real-real; 2o, real-mental e, 3o, mental.

Uma distinção é dita real-real quando, além de ser objetivamente real, é também concebida como real. É uma distinção entre seres, fenômenos ou qualidades que existem realmente de modo separado. Por exemplo, quando eu distinguo um homem e um camelo. Essa distinção é dita real-real porque o camelo e o homem existem independente um do outro, embora em certos casos a sobrevivência de um dependa da sobrevivência do outro. Mas sobrevivência não é existência. Um beduíno no deserto não pode sobreviver sem o camelo, mas ele pode existir sem o camelo. Então o homem e o camelo não só podem ser concebidos mentalmente como distintos mas eles também são realmente distintos. Não dependem um do outro, exceto acidentalmente.

A distinção real-mental ocorre quando nos referimos a coisas que não existem separadas mas podem ser concebidas separadamente, porque, estando juntas, operam ou se manifestam distintamente. Embora elas nunca se dêem separadas, ocorrem de modo distinto; por exemplo, quando distinguo a respiração das batidas do coração. Num se humano uma não existe sem a outra, mas são coisas suficientemente distintas.

As distinções puramente mentais são meramente operativas. Expressam coisas que não existam separadamente, distintamente. Por exemplo se eu distinguo um homem como indivíduo e como membro de sua família. A individualidade dele e a pertinência à sua família não são processos que ocorram distintamente na realidade. Elas só se distinguem pelo ponto de vista sob o qual o homem é olhado. Não é como a respiração e as batidas do coração, que são processos distintos realizados, inclusive, por órgão diferentes. A distinção entre o indivíduo e o membro da sociedade é puramente mental. Ela se dá logicamente e não ontologicamente.

Quando fizermos distinções acerca do caráter precisamos tomar muito cuidado para sabermos que tipo de distinção estamos fazendo para que não tomemos abstrações ou distinções meramente lógicas como coisas realmente distintas. O sujeito que tem domínio de seu pensamento a ponto de saber que tipo de distinção está fazendo, terá caminhado pelo menos 50% do percurso no mundo do conhecimento. No entanto é fácil verificar que, hoje em dia, no mundo da psicologia e das ciências sociais, se contam nos dedos os sociólogos que sabem essa diferença. A maioria faz distinções mentais e acredita que as coisas são distintas na realidade. Um bom exemplo disto são as formosas "escolas"psicanalísticas -- freudiana, adleriana, rechniana, junquiana -- que se diferenciam somente por distinções que, na maioria dos casos, são puramente mentais e, ma melhor das hipóteses, são reais-mentais.

Se reconhecemos que uma distinção é mental ou é real-mental, devemos admitir também que entre elementos distintos só por lógica, exclusivamente por processos mentais, não pode haver relação de

prioridade. Só pode haver prioridade do real-mental para cima. Por exemplo, se percebo que a distinção do homem enquanto indivíduo membro de uma sociedade é puramente mental, não tem sentido, logo em seguida, tentar estabelecer qual desses dois aspectos têm prioridade -- se o caráter do indivíduo ou a influência da sociedade sobre ele. Essa é uma questão absurda, que não pode ser colocada.

Prioridade significa predomínio ou influência de um aspecto sobre o outro e só pode ocorrer entre coisas que existem distintamente. Se acabo de reconhecer que esses aspectos não existem distintamente, que eles só se distinguem logicamente, então também tenho de reconhecer que não existe entre eles nenhuma relação de prioridade. Neste caso a abordagem causal é absurda, pois para uma coisa ser causa de outra precisa ter prioridade sobre esta outra -- a causa pode ocorrer sem que o efeito se manifeste imediatamente, mas o efeito só pode comparecer na presença da causa.

Às vezes, depois de aprendermos essas coisas, experimentamos profundas decepções diante de algumas formulações do pensamento contemporâneo. Percebemos que, nesse campo, grande parte das discussões giram em torno da determinação de quais dos aspectos de uma distinção puramente mental têm prioridade sobre outros. O debate sobre quem tem razão, se a escola adleriana ou a freudiana, é exatamente deste tipo. Por acaso existe algum indivíduo que tenha libido e não tenha, vontade de poder, ou vice versa? Essa distinção pode ser, no máximo, real-mental. Se provarmos qualquer conexão entre uma coisa e outra -- e as duas escolas admitam que existem conexões, ou seja, que não existe libido sem vontade de poder e vice versa -- então acabou-se a discussão. A distinção tornou-se mental. E qualquer indivíduo que se diga freudiano ou adleriano já está errado, porque se ele é uma coisa também tem de ser outra. Quando vemos que pessoas sábias entram nesse tipo de debate sem se darem conta que se trata apenas de uma acentuação de um aspecto provisório que certamente deverá ser integrado com outro para ter alguma materialidade, então isso nos deixa profundamente decepcionados.

Se para cada distinção que fizermos sobre aspectos do caráter, tivermos claro se esta é uma distinção que só existe na nossa mente, uma distinção de ponto de vista e portanto relativa ao observador, então nunca entraremos na confusão mental que hoje reina em boa parte da psicologia e nas ciências sociais. E a primeira distinção que precisamos saber se é real-real, real-mental ou mental é a distinção entre o caráter do indivíduo e os demais componentes de sua personalidade. O caráter existe distintamente do restante? Podemos conceber uma parte fixa do ser humano que exista realmente de modo distinto do restante do que é esse ser humano? Se a resposta for afirmativa, então essa seria uma distinção real-real.

Para essa questão podemos trabalhar com duas hipóteses: ou o caráter é um esquema independente de esse esquema ter vindo à existência; ou não, ele é uma unidade composta e vivente.

Vamos supor que o caráter é algo fixo e estável que todo ser humano tem. Você vê pessoas, e esses pessoas têm algo de fixo, e estável, algo de mutável. Essa imagem confusa inicial do caráter é a nossa matéria-prima de investigação. Vamos ver se isso que nós temos chamado de caráter, essa parte fixa, poderia existir independentemente da parte mutável. A primeira resposta é não. Eu nunca vi um caráter andando por aí. Vi pessoas. Então o caráter não existe realmente como algo separado do indivíduo concreto.

Mas existe uma escola de muito sucesso atualmente chamada sociobiologia que diz que tudo o que o indivíduo faz, pensa e imagina durante o curso inteiro de sua vida já está programado no seu código genético, no seu ADN. Neste caso, o que é concreto é o ADN. O indivíduo é apenas uma espécie de sombra, um tecido que se organiza em torno do ADN. Neste caso, o que existe é o caráter, o indivíduo não existe. Essa hipótese, para mim, é louca.

Mas vejamos a outra hipótese: os traços variáveis cuja somatória constitui o indivíduo real e concreto com todas as suas contradições, esse conjunto predomina sobre o caráter? Esse conjunto é o real, e o caráter apenas uma parte que nós isolamos logicamente?

Se a sociobiologia tem razão, a única coisa que existe é o caráter. Só existe no indivíduo aquilo que é fixo, que foi dado por sua fórmula inicial. Essa fórmula contém certo número de variações possíveis, que poderão se realizar ou não. Mas ela é que é o real. Se o caráter pode existir separadamente do indivíduo, então poderemos estudar o caráter de um indivíduo que não existe. E esse caráter existirá, de algum modo. Segundo a sociobiologia ele existirá no ADN.

Mas vamos fazer uma outra hipótese, a que o caráter, existe como um conjunto de possibilidades, uma fórmula matemática de possibilidades, e que nós podemos conhecê-la. O fato de estar ou não no ADN não tem a menor importância. Nós temos, então, a noção de uma personalidade inteira, efetivamente existente com todas as suas contradições, e temos também a noção do caráter como fórmula matemática de possibilidades. Das duas, qual poderemos comparar o mapa astrológico? Obviamente, é a fórmula.

Podemos calcular um mapa astrológico de um momento qualquer, num lugar qualquer, e descrever o caráter de um indivíduo sem saber se ele existe ou não. Nós entendemos que, seja o que for que viermos a estudar sobre o caráter, ele será o núcleo de uma personalidade possível, independente de existir ou não. E se o caráter não for isso, então não pode existir a astrocaracterologia ou qualquer espécie de astrologia psicológica. Se a astrocaracterologia tem algum fundamento é porque o caráter pode ser descrito independentemente da existência do indivíduo. A coleção de mapas astrológicos possíveis é a coleção de caracteres possíveis, independentemente de eles terem vindo à existência ou não.

Para nós, por enquanto, importa menos saber se o caráter enquanto tal existe independentemente do indivíduo ou não, do que constatar apenas que ele pode ser descrito como tal. Isto é crucial. Fernando Pessoa inventa assim os seus heterônimos. Quando surgia a idéia de um personagem, alguém em nome de quem ele iria escrever, registrava a hora em que lhe ocorrera a idéia e levantava o mapa daquele momento. Todos o que leram Fernando Pessoa terão de concordar que seus heterônimos têm uma certa consistência. Eles de fato são diferentes e têm uma constância em seu modo de escrever. Ele conseguiu incorporar pessoas tão diferentes porque os concebia num momento em que aquele caráter era possível. E era bom astrólogo.

A descrição do caráter feita por qualquer astrolólogo é sempre feita independentemente da existência do indivíduo, a não ser que na interpretação entrem elementos não-astrológicos, de observação. Em toda e qualquer interpretação astrológica existem esses três elementos: o astrológico puro, que é a descrição do caráter, do núcleo possível de personalidade independente da existência ou não do indivíduo; e os elementos empíricos, que se dividem em empíricos reais e empíricos conjecturais. Alguns exemplos: se me aparece um indivíduo com muitos planetas na casa XII e eu digo que essa pessoa tem vocação sacerdotal, uma coisa é dizer isto sabendo que o indivíduo é padre, outra é dizer sabendo que ele não é, e outra ainda sem saber se ele é ou não é. Além disso, não dá para dizer, pelo mapa, se o cliente é homem ou mulher. Mapa não tem sexo. Esse é um dado empírico, extracaracterológico. Pode ser empírico real -- se eu vi a pessoa -- ou empírico conjectural, onde eu suponho o sexo do cliente.

Desses elementos, o que vamos estudar neste curso é a dimensão astrológica pura. Porém, quando entrarmos na parte prática necessariamente precisaremos trabalhar também com os elementos empíricos. Mas, para chegar à descrição do caráter, precisaremos isolar os elementos reais e conjecturais. A maioria dos astrólogos, quando lê um mapa, não está consciente de quais são os elementos astrológicos e quais os elementos empíricos que está colocando na leitura. Chama todo esse complexo de coisas de astrologia. Mas evidentemente não é. Se sou um homem muito experiente, viajei muito, vivi muito, conheci muitos tipos de pessoas, lugares e culturas diversas, é evidente que isto vai me facilitar a interpretação conjectural. Agora, se sou uma pessoa jovem, inexperiente, caipira, a conjectura fica mais difícil. Se a imaginação é rica, a conjectura fica mais fácil. Se é pobre, mais difícil. E o que tudo isso tem a ver com astrologia? Nada.

Em qualquer ciência existem elementos que lhe são internos, e outros que lhe são externos. E que não podem ser confundidos de maneira alguma.

Esta distinção entre as faixas de operações que faz um astrólogo é de que tipo? Ela pode ser real-real. Eu disse que toda ciência tem elementos que lhe são internos e outros que lhe são externos. Esses elementos, apesar se serem distintos, não podem existir separadamente. É por isto que a distinção entre os terrenos das várias ciências é difícil. Onde termina o território da física e começa o da química? Podemos distinguir na natureza processos que são físicos de processos que são químicos, mas eles não ocorrem sozinhos. Existem distintamente mas não separadamente. Portanto essa é uma distinção real-mental.

Já vimos que o caráter pode ser estudado independentemente da existência ou não dos indivíduos reais. É isto que permite, por exemplo, que os personagens de ficção tenham caráter. Quem pode negar que D. Quixote, ou Eugênia Grandet, ou Raskolhikov tenham caráter? Têm caráter porque existe uma constante

em seu comportamento. D. Quixote, por exemplo, reage sistematicamente da mesma maneira. É até previsível. Podemos inclusive dizer que nos perssonagens de ficção predomina o caráter sobre a personalidade total. Não existe romancista capaz de inventar um personagem que tenha toda a imensa variedade e mutalidade dos seres humanos reais.

D. Quixote. É um tipo esquemático, com personalidade fácil de descrever. É um homem que olha o mundo sob o aspecto de ideal e da verdade eterna e que não tem olhos para o real empírico e contingente. Para ele, os seres são sempre símbolos de realidades superiores e não aquilo que são aqui e agora. Se olháramos o comportamento desse personagem, à luz da verdade eterna, ele tem sempre razão. Aquelas coisas de fato, têm sentido. Mas olhando à luz da verdade cotidiana, ele está é doido. Nunca vê as coisas em seu aspecto mesquinho e passageiro. Ela olha uma mulher vulgar e o que vê é "a mulher", o símbolo da beleza divina. Não sabe se é mais bonita ou mais feia que a vizinha. Não vê o particular, só o geral. essa tendência caraterológica nítida e perfeitamente descritível.

Se vocês lerem muitos livros de ficção -- que aliás recomendo que façam porque ninguém poderá ser bom astrólogo e muito menos astrocaracterólogo sem conhecer esta parte da cultura humana --, vocês verão que os primeiros romances se caracterizam pelo esquematismo de seus personagens. Dado um personagem, ele reagia sempre da mesma maneira. Mais tarde se introduziu uma noção de verossimilhança. Para dar uma ilusão de realidade, a fixidez profunda do caráter deveria transparecer sob uma aparente incoerência. Isso porque não conhecemos os caracteres de maneira direta. Percebemos o fundo fixo de uma pessoa por trás de sua mutalidade cotidiana. Mais adiante ainda, os romancistas foram aprendendo a disfarçar cada vez mais, e até a diluir a essência dos personagens, de modo a aparecer apenas a variabilidade dos momentos. Um bom exemplo é a obra de Marcel Proust, Em Busca do Tempo Perdido. É quase impossível você dizer ali, qual é o caráter dos indivíduos, pois foram diluidos numa sucessão de vivências psicológicas diferentes. Poderíamos dizer que Cervantes, ao fazer D. Quixote, olhou o homem de longe e que Proust o olhou bem de perto. Mais recentemente, no Nouveau Roman, a diluição do personagem aumentou ainda mais. Atomizou-se de tal forma que as diversas situações já eram vistas em si mesmas, independentemente de haver um personagem por trás delas.

Poderíamos dizer que o romance começou com uma abstração -- o caráter sem a mutabilidade dos momentos -- e terminou numa outra abstração de sentido contrário -- a mutabilidade dos momentos sem o caráter de fundo. Os primeiros romances são imperfeitos por serem demasiado esquemáticos. O últimos também são imperfeitos porque trabalham com os acidentes sem sua substância. No meio desses extremos, no século XIX, houve um período de perfeição do gênero. É a época de grandes romancistas como Tolstói, Stendhal, Balzac e outros. Considero que a leitura dos romancistas desse período faz parte deste curso.

Mas disse tudo isso para mostrar que podemos ter dois tipos de visões abstratistas. Uma que considera o caráter, a parte fixa, independente das variações e das variações e das vivências psicológicas ao longo da vida. Outra que considera apenas essas vivências sem ser capaz de reuní-las sob a unidade do caráter.

A descrição astrocaracterológica incidirá somente sobre o caráter, ou seja, sobre o esquema nuclear da personalidade. Esse esquema será diferente da descrição de uma pessoa real por ser muito esquemático, mas isso mesmo também será mais claro que uma pessoa real. O personagem de Cervantes é claro porque a acidentalidade que recobre qualquer vida humana lhe foi retirada e nós vemos apenas sua estrutura. Mas na vida real essa estrutura não aparece assim e nenhum caráter é tão claro. É por esse motivo também que estudaremos durante o curso apenas mapas de pessoas já falecidas, pois o tempo se encarrega de apagar as acidentalidades e deixa apenas o núcleo, os atos mais significativos.

Se o caráter é apenas a forma nuclear de uma personalidade possível, independentemente de essa personalidade existir ou não, então devemos perguntar: Por que tanto trabalho para estudarmos uma coisa se ela pode não existir? Para respondermos a isto devemos lembrar que a ciência moderna surgiu a partir do momento em que o homem se desvencilhou da visão imediata do mundo e que, por assim dizer, voltando as costas para o real manifesto, começou a trabalhar com modelos esquematizados que continuam um resumo das experiências possíveis.

A famosa revolução científica operada por Galileu consistiu exatamente nisso. Quando que ele começou a observar a natureza, coisa que os medievais não faziam, isso é um erro. Ele fez exatamente o contrário. Começou a operar com realidades mentalmente construídas, com modelos. Inventou, por exemplo, o

modelo do plano inclinando sem atrito. Nenhum plano inclinado onde escorrega alguma coisa é sem atrito, como poderia? Sabendo disto, temos um modelo ideal em face do qual podemos medir empiricamente o quanto de atrito existe na realidade. Se não temos o modelo, não temos um parâmetro para observar o real.

Com esse pequeno truque -- os modelos --, tivemos o grande avanço verificado nas ciências durante a Renascença. Galileu, na verdade, trabalhou menos a observação e mais com a lógica. aliás, a ciência que mais avançou neste nosso século foi a física -- que também é a que está mais distante da observação do fato imediato e onde o modelo lógico desempenha um papel predominante. Hoje em dia a invenção de modelos tem um papel até abusivo. Ultrapassou a esfera da utilidade e do necessário e virou uma espécie de jogo gratuito de especulação sobre mundos possíveis. Talvez a Física esteja se aproximando de uma perigosa decadência. Mas, nos últimos séculos, ela progrediu graças ao uso dos modelos-lógicos matemáticos.

O nosso modelo de caráter não será matemático, ainda. será apenas um modelo lógico que, um dia, talvez possa ser matematizado mas, a partir do momento em que esse modelo estiver concebido, em que tivermos fixado um método para seu estudo e, a partir daí, tivermos um método para as correções das diferenças entre o modelo e o real, então estará fundamentada uma ciência. A partir desse momento, tudo o que se fez em astrologia até hoje será considerado uma vasta pré-história, uma especulação imaginativa que foi necessária para que, um dia, pudesse surgir uma ciência das correspondências astrais reais.

A distinção feita por Galileu entre plano inclinado real e o modelo sem atrito é do tipo real-mental. O movimento de um sólido deslizando por um plano inclinado é perfeitamente distinguível do atrito da superfície sobre esse sólido. Um não existe sem o outro mas eles são perfeitamente distintos, mesmo porque são vetores contrários: um vai, o outro vem. Mas o que aconteceu posteriormente com a ciência é que nem sempre as distinções foram bem feitas e devidamente consideradas.

Toda ciência opera com esses três distinções. O passo que Galileu deu foi imenso em relação à ciência escolástica. Mas se os escolásticos não eram tão bons em física, eram ótimos em lógica. E nunca mais a lógica alcançou o nível de clareza que teve na Idade Média. A partir de Galileu, os cientistas acaram que a matemática poderia expressar tudo, e foram matematizando a lógica. Mas lógica e matemática são coisas realmente distintas. às vezes, certas obras científicas misturam uma precisão matemática com um ilogismo de base, chegando a resultados absurdos.

Criar modelos lógico matemáticos e raciocinar por eles dá uma maior precisão à observação do real, mas não o substitui de maneira alguma. Mas alguns cientistas esquecem isto. A ciência, logo na Renascença, resolveu fazer do que chamou de qualidades secundárias dos corpos, como a cor, e estudar apenas medidas, volumes, etc. Separar essas qualidades secundárias é uma distinção puramente mental. Mas chegou-se a acreditar que por trás do mundo das aparências sensíveis existe um outro mundo organizado por leis matemáticas que é mais real do que o primeiro. E que o mundo das aparências sensíveis é uma ilusão. Isso é apenas um platonismo rasteiro.

Um bom exemplo seria falar do modelo de átomo como uma realidade enquanto as paredes e as coisas são apenas aparências. O átomo, na verdade, é um esquema, um modelo, uma distinção puramente mental. Ele é apenas uma estrutura de circulação possível de energia. É mais uma tendência do que uma coisa. Compõe-se de uma infinidade de partículas, por sua vez, são aparências de comportamento. Isso é apenas um constructo que em certos pontos, deve equivaler a certos dados da experiência, mas apenas em certos pontos.

Nós vamos gastar meses para conceber nosso modelo de caráter e estudá-lo teoricamente, tal como Galileu estudou o plano inclinado sem atrito. Depois de fazer isso, temos que voltar a realidade, medir as diferenças entre o modelo e a realidade e explicar caso por caso. Primeiro desenvolveremos o modelo, que é o instrumento para conhecer. Com esse instrumento, que é uma possibilidade de conhecimento, teremos então de conhecer efetivamente algo.

O que já sabemos desse modelo é que, por trás de toda a experiência do indivíduo, o caráter deve permanecer constante. Também que ele tem que pode ser estudado independentemente dos acidentes e variações que compõem a vida. Sabemos também que conhecer o caráter ainda não é conhecer o ser humano. Por fim, lembramos que o caráter se compõe de traços, que ele tem de ser decomponível e que os

vários traços têm de se articular para formar uma figura. precisamos saber que traços são estes e também ter em mente que os traços não possam ter uma correspondência astrológica não nos interessam por enquanto e devem ser isolados preliminarmente.

AULA 6

A partir desta aula faremos uma série de resenhas de várias caracterológicas que foram enunciadas desde o começo do século. De uma delas aproveitaremos algumas noções e dispensaremos outras, sendo que as examinaremos no sentido de distinguir o que poderá ser objeto de comparação com o horóscopo e o que não poderá ser comparado com este de maneira alguma. Será preciso, no entanto, examinarmos a parte que não admite comparações -- pelo menos diretas --, já que entre os vários planos, aspectos e componentes da personalidade humana buscaremos enfocar a parte que nos interessa e que estamos denominando de caráter, sendo portanto necessário conhecermos as outras partes para saber quando uma certa atitude, sentimento ou situação emana deste caráter ou de outra instância qualquer da personalidade.

cada uma destas caracterologia parte de um ponto de vista diferentes e tem objetivos diversos, resultando daí uma multiplicidade de critérios que dificultam a comparação, sendo esta a parte mais problemática e trabalhosa do nosso curso. A primeira caracterologia que vamos estudar é a do psiquiatra Lipot Szondi. Embora pouco conhecido no Brasil, Szondi é um dos grandes pensadores da psicologia do século XX. Como médico psiquiatra, de formação inicialmente freudiana, trabalhou no Instituto de Genealogia de Budapeste, onde teve acesso a dados de, praticamente, todas as famílias da capital, acabando por se interessar pelo fenômeno da recorrência de doenças mentais dentro da mesma família. Sua indagação foi no sentido de averiguar se determinadas tendências mórbidas não seriam hereditárias. Mais tarde, na escola szondiana surge, com o Dr. Claude Van Reeth, a hipótese de que, mesmo não sendo hereditárias, as doenças mentais poderiam ser recorrentes dentro de uma família, dada a repetição de uma espécie de "discurso familiar": independentemente da transmissão pelos gens, poderia haver alguma outra forma de transmissão familiar que não a biologia. No entanto, Szondi, pessoalmente, sempre insistiu na questão da hereditariedade.

Seu sistema psicológico nasce de um sonho que teve, no decorrer de vinte anos se constatou sob a forma de uma galeria de rostos, rostos nos quais certas tendências mórbidas do ser humano apareciam de maneira particularmente nítida. Tendo examinado cerca de 90.000 fotografias de doentes mentais de todos os hospitais da Hungria, acabou encontrando os personagens que queria, conforme os havia sonhado. Especulando essas imagens extremadas e conferindo pelo estudo da genealogia, chegou a formular não só os princípios de uma psicopatologia como também os princípios de uma Psicologia Geral, estudando o que chamou de impulsos ou, mais apropriadamente, de pulsões.

Faz parte da essência desses impulsos humanos uma natureza alternante (pulsão vem de pulsar), ou seja, nenhum impulso é contínuo. Todo impulso tem ritmo, indo de um mínimo a um máximo e, segundo Szondi, o homem tem basicamente quatro impulsos: Sexo, Paroxismalidade, Impulso de Ego e Impulso de Contato. Cada um desses impulsos se rege por uma alternância, sendo que será preciso defini-la -- alternância entre o quê e o quê -- e não basta, ainda, apenas denominar estes impulsos, mas será preciso demarcar suas popularidades. No impulso sexual, por exemplo, é óbvia a polaridade: masculino e feminino. O impulso de Paroxismalidade se divide no impulso de exibir-se, de ser visto, ou seja, de desencadear um efeito e, por outro lado, um impulso de extinguir o espectador, ou seja, no impulso de matar que, segundo Szondi, é o impulso fundamental do ser humano. Szondi é criador da noção do complexo de Caim; ele acreditava que o desejo de matar o pai surge a posteriori do desejo de matar em geral o semelhante.

O impulso do Ego se divide no impulso de conservação e no impulso de expansão, o Ego quer perseverar naquilo que é, sem ser destruído, mas, ao mesmo tempo, ele quer ser mais. Finalmente, o impulso de Contato se divide no desejo de buscar e de evitar o contato social humano. Para Szondi, nenhum destes quatro impulsos é fruto da cultura, tudo está dado a partir da própria constituição biológica do ser humano (1) e, baseado na pressuposição de que os genes patológicos e fisiológicos em processo de mutação são formas realizadas de genes idênticos primários da pulsão, admite oito necessidades ou desejos pulsionais dos quais cada par pertence a um tipo unitário de pulsão. O sistema de pulsão da psicologia szondiana

admite oito necessidades fisiológicas compulsivas, que denominamos "fatores de pulsão", que resultam da disposição dos quatro tipos psicopatológicos hereditários que Szondi divide sob duas formas sintomáticas, clínica e geneticamente distintas.

As oito moléstias psíquicas hereditárias, das quais cada par subordinar-se a um tipo hereditário comum são:

PULSÃO

I. S : Tipo hereditário das doenças
doenças sexuais

II. P.: Tipo hereditário das
doenças paroxísticas

III. Sch: Tipo hereditário das doenças
esquizoformes

IV. C: Afecções circulares:
estados

FATORES DE PULSÃO

1. Homossexualismo (h)
2. sadismo (s)

3. epilepsia (e)
4. histeria (hy)

5. catatonia (k)
6. paranóia (p)

7. depressivo (d)
8. maníaco (m)

Enfim, cada uma dessas quatro pulsões fundamentais (s, P, Shc e C), em cada uma das suas duas variantes (fatores de pulsão) podem ser, a cada momento, afirmadas ou negadas pelo indivíduo, que de acordo com a natureza da situação em que se encontra, resultando, portanto, numa galeria de dezesseis forças em ação. O jogo de afirmação ou negação dessas dezesseis forças cria um quadro a cada momento -- sendo que se todas as pessoas fossem iguais, sempre que estivessem nas mesmas situações afirmariam ou negariam os mesmos fatores -- mas existem, por outro lado, uma repetição compulsiva dos fatores que são postos em ação, ou seja, determinadas pessoas afirmam ou negam, mais freqüentemente, determinadas tendências do que outras pessoas. Para identificar a situação psicológica do indivíduo a cada momento e também ter uma visão de qual é o seu quadro constante de afirmações e negações de impulsos Szondi concebeu um teste. É importante esclarecer, antes de explicarmos o teste, que os "fatores" são designados por nomes de doenças mentais mas, notem, para Szondi não significam doenças apenas, e sim impulsos presentes em todos os seres humanos. Há uma psicopatologia de Szondi, mas, antes desta, existe uma Psicologia. Adiante veremos como as tendências podem se transformar em doenças.

Para a investigação das necessidades instintivas há um método de escolha que é chamado de Diagnose Experimental de Pulsão. O resultado final da escolha (feita através de pranchas com fotografias), é anotado num gráfico quadriculado que mostra o que se denomina o perfil da pulsão. O teste é repetido seriadamente em relação a cada examinado, se possível dez vezes em períodos certos. Por meio de uma técnica são constatados a classe e a forma de pulsão, o que possibilita determinar o destino individual pulsional. A partir da observação dos resultados do teste, Szondi passa a se preocupar com o fenômeno da determinação dos impulsos humanos, e pergunta-se em que medida esse perfil é sempre repetitivo, e em que medida pode mudar. Seleciona então os fatores que, segundo ele, pesam sobre o destino humano e, por isto mesmo, o seu sistema psicológico chama-se Análise do Destino, ou Psicologia do Destino. O primeiro fator que devemos levar em conta no destino é esse quadro pulsional de base que, sendo hereditário, não muda, o segundo é o quadro, o ambiente social e familiar, o terceiro o ambiente cultural, o quarto o Ego e o quinto o Espírito.

A hereditariedade fornece um certo quadro pulsional, que aparece na vida do indivíduo sob a forma de exigências, de necessidades de coisas que ela sente não poder deixar de buscar, e dará o repertório total dentro do qual o seu é diferenciado e especificado; o quadro pulsional propriamente dito dará o repertório de exigências a cujo atendimento o indivíduo se dedica ao longo da sua vida; o ambiente social, familiar imediato (já atuando não através da hereditariedade, mas atuando desde fora, pela educação, moral, etc.), recorrerá novamente, dentro deste quadro de impulsos, o permitido, e o proibido, o enfatizado ou o reprimido, criando uma nova grade de escolhas. O ambiente cultural, na medida em que oferece informação, educação etc., permitirá que o indivíduo compreenda melhor as aplicações das suas escolhas, introduzindo mais uma nova grade de seleção. A função do Ego é fazer a escolha. Ele diz sim ou não. Todo impulso familiar e toda moral familiar e ainda o ambiente cultural não são suficientes para ativar uma escolha, estão apenas oferecendo um repertório e sugerindo.

A importante ação das manifestações do ego no destino de cada indivíduo manifesta-se de muitas maneiras:

1. Na conscientização e na capacidade de conscientização das pretensões ancestrais inconscientes do inconsciente familiar, o que acontece através da projeção das imagens ancestrais.

2. O ego deve tomar posição quanto às possibilidades de destino herdadas; deve afirmá-las ou incorporá-las ao próprio ego, identificando-se com elas, ou negá-las: e, em certos casos, até mesmo destruí-las.

3. O ego deve conciliar os antagonismos da existência, isto é, os mundos subjetivo e objetivo, a omnipotência e a impotência, o corpo e a alma, o sonho e a vigília, o consciente e o inconsciente, a masculinidade e a feminilidade, o aquém e o além. Ao ego plenamente desenvolvido a Análise do Destino chama de pontifex oppositorum, esse ego é capaz de supervisionar e conciliar todas as antinomias, tem o poder de escolher entre as possibilidades do destino compulsivo herdado, um destino de livre escolha.

Caminhamos na determinação para a liberdade, a margem de escolha parece se ampliar a cada momento. Existe uma passagem da mecanidade para a escolha consciente. O ego fará as escolhas baseado em alguma das instâncias anteriores (hereditariedade, quadro pulsional, moral, familiar, cultura). Segundo Szondi, os nossos impulsos caminham para ser, em primeira instância, socializados, ou seja, têm de encontrar canais de expressão compatíveis com o meio social onde estamos e que então são humanizados, isto é, tomam forma humana -- a forma da razão e da linguagem. Transformam-se em necessidades que podem ser verbalizadas, definidas, compreendidas como tais e orientadas conscientemente.

Chegamos então ao último fator do destino, que é o Espírito -- que é aquele que transformará os impulsos em valores. O caminho do homem é a passagem de um destino compulsivo a um destino de livre arbítrio. Ele não usa apenas a imagem "pirâmide", que vai da hereditariedade ao espírito, mas também a idéia do "palco giratório". Ele diz que o destino é livre na medida em que o "palco" pode continuar girando; ou seja, onde as escolhas vão construindo o destino, elas sempre determinam algo, e a este destino estará livre enquanto os motivos que determinam as escolhas sejam livremente escolhidos pelo Ego dentro do repertório de valores dados pelo espírito ou pela inteligência. Quando não há mais escolha é porque o "palco" parou de girar, um dos impulsos tomou a frente não deixando os demais se manifestarem. O destino passa a ser então compulsivo.

Segundo Szondi o homem normal é aquele que é sucessivamente, sádico, homossexual, histérico, epiléptico, catatônico, paranóico e maníaco e depressivo, sendo doente o homem cuja escolha não é mais livre, aquele que não consegue objetivar mentalmente, nem conceitualizar os motivos de suas escolhas, portanto não é capaz de ativar o impulso necessário para realizar tais escolhas.

O complexo de Caim, segundo Szondi, é o grande fator de paralisia do destino. Ele nos explica isto através do estudo de dois personagens que o interessavam particularmente: Caim e Moisés. Caim é o homem que se torna assassino quando se sente rejeitado. E ele vê em si mesmo uma feiura, um mal, um defeito que não consegue definir. É aquele que está, por algum motivo, sujo e que deveria se esconder. Quando temos pensamentos ruins que não ousaríamos trazer a público, pensamentos que desejaríamos esconder por vergonha, estamos tendo pensamentos "caínicos", cuja manifestação seria a consecução do ato assassino. Caim só manisfesta como tal na hora de matar, antes é um lobo em pele de carneiro. Caim é o homem do subsolo (ver Dostoievskt), cheio de pensamentos tenebrosos, que está contra todos e, principalmente,

contra si mesmo. Consolo e paz só encontraria na extinção d e tudo, no assassino universal. Szondi parece ter razão quando coloca que o complexo de Caim possui uma originalidade em relação ao complexo de Édipo; na narrativa bíblica a idéia de matar o pai surge depois. O primeiro a matar mata o irmão, o igual -- aquele que não é o anterior, mas o que está face a face. Matar o pai, o parricídio, é só uma forma particular de homicídio.

Para Szondi a história universal é a exposição universal do cainismo. Em um trabalho chamado Caim e o Cainismo na História Universal, ele aborda o assunto, diz que o destino do homem é passar do estado cainista ao estado mosíta. Moisés começa a vida como um assassino, era um homem violento que, após o assassinato, começa a pensar. Quando Moisés se oferece pela primeira vez, como libertados do seu povo, este o rejeita e o deixa no exílio por quarenta anos. Ele fica cuidando de suas vacas, como Abel -- que era pastor, sendo Caim agricultor. Moisés, após ter sido rejeitado, quer fazer algo de bom e se recolhe até que surja a oportunidade de ser feita a libertação do povo. Moisés surge então, como legislador primordial, como homem que percebe diretamente o certo e o errado.

Moisés viveu seu destino até o fim. Precisou cuidar dos animais, o que quer dizer que precisou colocar em ordem os seus impulsos, ver quantas vacas existiam, para onde iam ... Conhece enfim, o repertório dos seus impulsos. Depois do esforço de quarenta anos, Moisés é premiado com o conhecimento da lei, da justiça universal, e recebe não por ouvir falar, mas por manifestação direta da própria natureza das coisas. Torna-se, a partir daí, um legislador, não apenas o homem que faz o certo e o errado, mas que impõe o certo e castiga o errado; é portanto o educador do seu povo.

Os impulsos cainícos, com o passar do tempo e com a experiência, havendo interferência do elemento reflexivo, cultural, onde o indivíduo pode pensar, conhecer e cuidar do seu rebanho, evolui naturalmente para um sentido moral interno -- do próprio indivíduo -- por assim dizer intuitivo. Szondi diz que a vida humana transcorre entre Caim e Moisés, numa caminhada do estado cainítico para o mosaítico, mas que nem sempre essa história se completa. Muitas vezes o homem não atinge nem mesmo o estado de Caim. A afirmação do impulso cainita implica ou numa violência ou já na adesão à linha mosítica -- o indivíduo se arma de um chicote para punir o mal, sendo que ele não será agradável em nenhuma das hipóteses. Há o Caim que se esconde e há aquele que se manifesta -- na hora em que se manifesta é um horror, porque há crise. Por isso que essa pulsão chama-se paroxismo, ela é uma crise, um momento de violência, onde o sujeito realiza o impensável. Para que Caim se manifeste de maneira evolutiva (Moisés) é preciso que passe pela crise, e tal passagem não se realiza de imediato. Não é possível transformar um sujeito em bom apenas através de um discurso. Pensamos em nos livrar dos nossos defeitos, daquilo que nos envergonha -- Caim é em nós aquilo de que temos horror -- sem mais nem menos; mas não podemos nos livrar dele, só podemos transformá-lo. Essa transformação leva tempo, dá trabalho e não pode acontecer automaticamente. E por quê? Porque há a interferência do ego, do espírito e da cultura.

A transformação de Caim em Moisés é um ato livre, portanto um ato de vontade, no qual o homem persevera somente se quiser. A maioria, como foi colocado anteriormente, não chega nem mesmo ao estado de Caim, não manifesta o Caim, reprime o mal -- e isso é a epilepsia: O ataque epiléptico, segundo Szondi, é um assassínio embutido, é uma onda de violência que o indivíduo tem medo de exteriorizar. Assim, ou ele tem um ataque epiléptico ou tem uma imensa constelação de somatizações, nas quais aparecem as doenças relativas a cada fator: doenças do fator "e" são todas aquelas que são auto-irritantes, onde o indivíduo se auto-castiga -- asma, bronquite, eczema, etc. Para cada fator se tem uma coleção de somatizações; geralmente as pessoas param nas somatizações: 1o grau, tem pensamentos ruins; 2o grau, arruma uma doença; 3o grau, tem uma ataque epiléptico; 4o grau, mata alguém. A maior parte das pessoas param pelo 1o ou 2o graus.

O cainismo não é uma doença psicológica, mas ontológica. O mal estaria na raiz do homem. mas e se eu quero fazer o bem? Então é preciso fazer algo como Szondi ou como Freud. É preciso espremer o mal que há dentro de você e tirar de lá o bem, o que não é fácil.

A imensa profundidade psicológica dos pensadores judeus vem da profundidade da experiência do povo judeu. Experiência de confronto com a maldade -- alheia e própria. E o senso de culpa? Todo Antigo Testamento está cheio de culpas. A culpa é, às vezes, involuntária -- não chega a ser culpa. É culpa apenas no sentido de má-interpretação, o indivíduo não entende a linha do destino, não entende o que a vida, o

que Deus está lhe propondo. É a história de Jonas. Jonas recebe a Revelação para ir pregar na cidade de Nínive. No meio do caminho, porém, se esquece, não acredita ser com ele a história, e por isto é castigado; não que tenha feito mal, mas porque houve um erro de inteligência. A inteligência de Jonas não foi suficiente para captar o sentido de sua missão. Volta e meia a gente é castigado pela vida por não ter entendido uma situação, e não porque queria fazer o mal.

Existe a possibilidade de fazer o mal sob controle. Existe o cainismo trabalhado, como sistemas de "freio-acelerador"; você sabe o quanto de mal agüenta fazer sem destruir as bases morais da sua própria existência e sem destruir as pessoas que você gosta e a sociedade humana. A grande preocupação de Szondi era essa como partir de uma raiz má e ir trabalhando, espremendo o mal até que dele saia o bem -- óbvio, antes de se chegar a matar alguém. O impulso fundamental com o qual teremos verdadeiramente que lutar é o "a", o epiléptico, o impulso de matar e de matar-se. No caso esse impulso distingue-se do impulso "s", sádico, porque o sádico não deseja matar ninguém; o sádico tem prazer no sofrimento -- se o outro morre, acabou a fonte de prazer. O sádico prolonga o sofrimento e o Caim mata na hora. O ato cainítico é explosivo. No entanto, se coloco o "hy" para resolver o problema do "e", eu girei o palco -- e isto é saúde. Agora, se fico na linha do "e", ou seja, eu quero o mal e me condeno por o querer, e faço o mal para mim para não fazê-lo ao outro e, assim, fico com mais raiva do outro, aí eu acabo emperrando o palco.

Com base nesta constatação -- de que o destino do neurótico e do psicótico é um destino compulsivo caracterizado pelo emperramento do palco giratório --, Szondi inventa o tratamento do "psicochoque", que consiste em induzir um trauma no indivíduo, de maneira que esse trauma obrigue a uma mudança de estado. Nesse sentido, ele retoma Hipócrates, que curava epilépticos amarrando seus pés e jogando-os dentro de um poço (onde havia cobras). Após dez minutos os retirava. O medo era tanto que, quando retirados, a epilepsia havia se extinguido. Muitas pessoas passam por situações análogas: um susto brutal que muda a direção do destino, mas muitos não tem essa sorte. É da natureza do homem epiléptico desejar o medo, e às vezes até procurá-lo. No entanto, uma coisa é o susto espontâneo, outra coisa é o susto planejado, a terapia do psicochoque, algo que o terapeuta domina totalmente.

A diferença entre o "hy" e o "e" é que, no caso do "hy" faz parte, essencialmente, o espectador: algo é feito não por se feito, mas para ser visto. O cainita não faz nada para ser visto -- de preferência não quer ser visto, não quer testemunhas, quer que todos morram para que sua fealdade não seja descoberta. O "hy", ao contrário, faz de conta que faz algo, justamente para não fazer. Este "hy" poderia ser uma solução para o "e", se ele mesmo não se tornasse um mecanismo compulsivo, fora de controle.

Só existirá saúde enquanto todos os fatores "rodem" e "entrem" em cena, convocados pelo eu. Quando quero, atuo no "s", quando quero, no "hy", com consciência, com razões para agir, sendo que os impulsos fornecerão, então, o tipo de energia necessária para uma determinada, ação, obedecendo ao chamado do eu. Para que isto aconteça é necessário, primeiro, que o impulso seja socializado, segundo, é preciso passar para a humanização dos impulsos, estes devem ser conscientizados, a pessoa, tem que saber o que existe em sua alma, conhecer o seu repertório de impulsos, os personagens que existem dentro dele e que forçam uma manifestação. Em função de valores livremente aceitos, a pessoa tem que optar por este ou aquele comportamento e chamar os personagens -- os impulsos -- para que dêem apoio às decisões do seu. Essas decisões passam a ser livres a partir do momento em que não vêm prontas, mas são elaboradas no próprio eu com conhecimento de causa.

Quando Szondi designou cada um dos fatores com uma letra cuja inicial é a de uma doença, queria assinalar que, se aquele impulso se tornasse unilateralmente dominante, seria doentio. Todos juntos não caracterizam doença alguma, tampouco quando se alternam, somente, onde se tornam fixos, fazendo o palco giratório emperrar, tornando sempre presente o mesmo fator é que se tornam doenças.

O impulso sexual se dividirá em "s" e 'h". Quando Szondi diz sadismo quer dizer o desejo de fazer o outro sentir alguma coisa, o desejo de intervir interiormente no outro, e o "h", o desejo de sentir alguma coisa. Todos temos um e outro. O desejo de mexer no corpo do outro, de interferir, permanecendo superior e alheio, reflete o desejo de exercer um poder. Tal poder só se consuma quando sua vítima cede totalmente, porque se existe uma resistência por parte da vítima, há algo nela que não padece, mas que age. Ação e paixão são categorias contrárias, já dizia Aristóteles. Se alguém que tenta provocar alterações na psique do

outro encontra lá resistência, isso significa que o outro não está totalmente passivo -- não se limita à paixão mas também tem ação, é por este motivo que o sádico quer que sua vítima concorde; no entanto, a concordância total por parte dela faz com que desapareça, com que ela não exista, chegando a passividade total. Então, esse impulso nunca chega até o fim, ele converte no seu contrário: no "h", no desejo de sentir. O desejo de sentir algo, de ser mexido, não funciona da mesma maneira. O desejo de sentir uma alteração em paroxismo, ao seu máximo, o que acontece? Como se inverte? Não inverte, pára. Porque aquele que sentiu está cansado. O fator "s" tem a caraterística da inversão, por isso chamaríamos sado-masoquismo. É o desejo de sentir, por outro lado, se inverte na simples indiferença. Não são mecanismos perfeitamente simétricos.

Por que esse fator "h" se expressa, sobretudo no homossexualismo? Porque somente um indivíduo do meu próprio sexo pode saber exatamente o que eu sinto, pode me dar sensações exatamente como eu as desejo, e não sensações que resultem do acaso, como pode acontecer numa relação entre pessoas do sexo oposto. A homossexualidade é uma mesmice. O "h", no fundo, é um desejo de ser compreendido sem o trabalho de ter que se explicar. É o desejo de uma comunicação passiva. O "s" é o desejo de uma comunicação unilateral, onde eu vejo sem ser visto, toco sem ser tocado e exerço poder sem que ninguém exerça sobre mim. O sexo se comporá desses dois fatores, o "s" e o "h", que são bastante diferentes, o desejo de tocar, de fazer o outro sentir enquanto se permanece atrás do muro, nada tem a ver com o desejo de sentir, mas é necessário que se tenha os dois.

O Sch se dividirá em "k" e em "p". O "p" é a paranóia, que se define positivamente ou negativamente conforme predomine um dos dois mecanismos complementares que chamam projeção e introjeção. Os dados absorvidos do mundo exterior são introjetados como sendo partes do próprio eu do indivíduo, como qualidades do seu próprio eu, se isso acontece em condições mórbidas -- em paralisia do palco giratório --, temos o que se chama de paranóia inflativa, uma inflação do ego (megalomania). O outro mecanismo é quando as forças ou tendências que se agitam dentro de mim são vistas no mundo externo -- são projetadas no mundo externo. Pressupõe o seguinte pensamento sofístico: se estou sentindo medo neste momento é porque algo fora aconteceu e me fez sentir medo. Do sentimento deduzo a existência externa de uma causa. Se me sinto ameaçado é porque alguém está me ameaçando. Na verdade posso me sentir ameaçado por um mecanismo de minha própria memória, no sentido de vivenciar algum sentimento de medo que tive há dez anos atrás, por exemplo. No caso, seria uma causa imanente, interna, e a projeto para fora na forma de paranóia persecutória.

A análise do Destino considera os doentes mentais principalmente como enfermos da pulsão -- pulsão do ego. a desagregação e a reconstituição do ego e da personalidade íntegra, assim como as pertubações do comportamento relacionadas com ela, devem ser compreendidas como formas consecutivas de reação, freqüentemente até como mecanismo de defesa. Citando Szondi: "O homem deve ter a coragem de ser diferente daqueles que o circundam quando necessário. Deve ter a coragem se ser bom, ainda que os outros ajam mal com ele ou em torno dele. "O que é o mal? A análise do Destino ensina que ser mal significa não ter encontrado ainda a saída apropriada, adequada para a emergência dos impulsos negativos. Disse ainda não, porque amanhã ou depois poderá ser diferente.

(1) Para compreender melhor esta tese v. L. Szondi, Introdução à psicologia do Destino, trad. bras. de Juan A. C. Muller, São Paulo, Manole, 1975.

Obs.: Transcrição sem revisão do autor

AULA 7

O objetivo do estudo da astrocaracterologia de Szondi é, uma vez concluído, compará-la com o horóscopo. Temos de averiguar se a comparação é possível em que termos. Evidentemente, as caracterologias que não puderem ser legitimamente comparadas com o horóscopo nem por isso nos serão inúteis, mesmo porque elas preencherão o terreno que fica em torno do que chamamos caráter. Contribuirão, portanto, para definí-lo por contraste.

A pergunta da qual Szondi partiu não foi uma pergunta caracterológica. Foi sobre a possibilidade de um indivíduo humano dominar o seu destino ou então de ser dominado por ele. Sua caracterologia é apenas

uma extensão da sua psicologia geral.

O que o alertou para a questão foi um sonho que teve quando tinha uns vinte e poucos anos. Estava noivo na ocasião e, no sonho, viu-se casando com a mesma moça que fora noiva e posteriormente esposa de seu irmão (que ele não chegou a conhecer). Este irmão fora muito infeliz no casamento, e Szondi percebeu então que a moça de quem estava noivo era igual à antiga noiva de seu irmão e que ele estava prestes a repetir o destino do irmão. Esta compreensão o fez romper o noivado.

Outras experiências do gênero, como a recorrência de doenças em pessoas cujos nomes e histórias familiares ele conhecia pelo seu trabalho no Instituto Genealógico de Budapeste, fizeram com que ele formulasse então as questões fundamentais da Psicologia do Destino, e levantasse a hipótese de uma recorrência das tendências e portanto dos destinos dos antepassados.

A confirmação que a sua Psicologia do Destino assumiu depois de várias décadas pode ser resumida por duas figuras: a primeira é a figura dos fatores do destino, que podemos representar por um cone de várias secções:

FALTA UM GRÁFICO AQUI.

Da hereditariedade provém o inconsciente familiar, noção que Szondi não considerava como substitutivo do inconsciente pessoal de Freud ou do inconsciente coletivo de Jung, e sim mais uma dimensão que, futuramente, poderia ser articulada com aquelas outras noções numa imensa psicologia geral, dentro de um espírito integrativo e não polemista.

Se deitarmos esse cone, de forma que a base fique voltada para nós, teremos uma segunda figura que é a divisão em quatro grupos de instintos ou impulsos que definem a natureza pulsonal do homem:

S= sexo; P= paroxismalidade; Shc= impulso do ego; C= impulso de contato.

Sexo: Szondi o define nos mesmos termos que Freud, com diferenças que veremos adiante. Paroxismalidade: acúmulo e descarga de energia. Impulso de ego: impulso de ser e de ter, de preserverar em si mesmo ou de expandir-se, crescer. Impulso de contato: impulso social, necessidade de aproximar-se dos indivíduos.

Cada um desses vetores, por serem pulsões (algo que pulsa), tem dois extremos, mas que nem sempre representam contrariedades lógicas, porque é um esquema da representação de forças reais, que existem biológicamente, e não um mero esquema de relações lógicas, onde seria admissível uma perfeita simetria dos contrários, o que não acontece aqui. Daí que nem sempre os pontos extremos se oponham logicamente de modo distinto.

Cada um desses extremos Szondi designava com letras minúsculas, fazendo com que quatro vetores ou impulsos se dividam em oito fatores, da seguinte forma:

SEXO

Divide-se em s (de sadismo) e h (de homossexualismo).

s = desejo de fazer o outro sentir, de alterar o outro, mantendo-se inalterado, de ser sujeito

ativo e insensível sobre um objeto passivo senciente (ou melhor: sujeito passivo).

h = desejo de sentir, de tornar-se objeto de estados sensitivos.

PAROXISMALIDADE

Divide-se em hy (de histeria) e e (de epilepsia).

hy = desejo de ser visto ou notado, de exibir-se.

e = impulso de matar, de prejudicar, de fazer o mal.

EGO

Divide-se em k (de catatonia) e p (de paranóia).

K = impulso de conservação do ego.

p = impulso de expansão do ego.

CONTATO

Divide-se em m (de mania) e d (de depressão).

m = impulso de apoiar-se nas pessoas ou separar-se delas.

d = impulso de adquirir ou de renunciar.

Cada um desses fatores, por sua vez, pode ser, a cada instante da vida do indivíduo, afirmado ou negado. A escolha dá-se então em cima desses oito fatores e não diretamente em cima daqueles quatro vetores primários.

O resumo do perfil caracterológico é dado por meio de um quadro de tabulação, que registra os resultados da aplicação (ou aplicações) do teste de Szondi, ou diagnósticos experimental dos impulsos".

O teste é constituído de seis séries de oito pranchas cada uma, pranchas estas que reproduziam os rostos de indivíduos representantes de cada um daqueles fatores -- indivíduos doentes que traduziam um quadro que poderíamos dizer "puro" das doenças correspondentes à exacerbação extrema de cada um dos oito fatores. O testado faz escolhas positivas ou negativas dessas pranchas: cada 8 pranchas. é instituído a escolher duas que julgue simpáticas e duas antipáticas. A escolha indiferente (ausência de simpatia ou antipatia) não é assinalada no quadro de tabulação. Segundo Szondi, depois de aplicado o teste várias vezes (dez, vinte vezes), caso se observassem escolhas compulsórias pelo testando, aos poucos iria tomando forma um perfil médio constante, que no curso da vida poderia mudar espontaneamente, por psicoterapia ou evento traumático ou qualquer outra causa adventícia. Porém, quando mudava, mudava dentro das mesmas linhas, isto é, os fatores acentuados continuavam mais ou menos acentuados. apenas a sua polaridade mudava, de forma que o que era antes afirmado passava a ser negado e assim por diante.

As escolhas positivas ou negativas expressam os impulsos que o indivíduo, no momento do teste, aceitava ou rejeitava, restando ainda saber se tais escolhas eram conscientes ou inconscientes. Seriam conscientes se coincidissem com o seu discurso diante do terapeuta.

No exemplo fictício que veremos a seguir, faremos abstração de certos dados indispensáveis num caso real. Consideremos então hipoteticamente que o resultado do teste coincidisse com o que era expresso no discurso do paciente.

Uma vez que este mesmo quadro persistisse após uma longa bateria de testes, seria considerado o quadro descritivo do caráter do indivíduo; isto, com todas as precauções e atenuações derivadas da observação clínica, uma vez que este teste nunca é aplicado fora do contexto clínico, da entrevista psicológica. Porque é importante verificar se que o teste expressa vai no mesmo sentido ou em sentido contrário ao discurso do paciente. Sendo um sentido contrário ao do discurso, a interpretação desses mesmos dados poderá ser invertida (as escolhas "positivas conscientes" serão vistas como "independentemente negativas"). Vamos supor então que neste caso fictício as escolhas do teste não contradizem as tendências expressas quando não emanem de nenhuma situação excepcional.

As escolhas assinaladas acima da linha dupla são "positivas" -- correspondem a figura com as quais o testando simpatizou -- e as abaixo "negativas"-- com as quais o testando afirmou antipatia.

VETOR S

Neste vetor, o outro importa o tempo todo: não é possível fazer o outro sofrer se este vai embora; também não é possível receber sensações de um sujeito que não age. Nem sempre, porém se traduzirá por contato físico, porque aqui não se fala de atividade sexual e sim do impulso sexual, que poderá expressar-se de maneiras diferentes até o limite máximo em que começa a se confundir com qualquer dos impulsos (o que vale para cada impulso em particular). E é isto exatamente o que o teste busca determinar: o que determina a ação, os fatores instintivos ou pulsionais por trás do comportamento. s: o paciente fez três escolhas positivas, o que o torna s+: ele aceita o seu impulso sádico de querer fazer o outro sentir, de alterar o outro, permanecendo inatingível. Deseja provocar alteração sem ser alterado. A este impulso se chama sadismo porque nenhum prazer chega a ser tão intenso quanto a dor. Neste impulso repousa, por exemplo, a causa

de certos atos sádicos que as crianças praticam com alguns animais. Por sua vez, o sadismo também é um desejo de conhecer, uma curiosidade malsã; o desejo de "ver no que dá"; o desejo de sentir-se soberano e inatingível da ação. h: rejeita o aspecto passivo, de sentir (rejeita ser objeto das ações dos outros).

Combinamos as respostas, conclui-se tratar-se de alguém que não deseja sentir o resultado da ação do outro mas que deseja fazer o outro sentir o resultado de sua ação.

A simultânea positividade de s e h (s+ e h+) seria, ao contrário, característica do momento em que o indivíduo deseja -- conscientemente ou não -- ter uma relação sexual.

A normalidade ou anormalidade (em termos diagnósticos) do indivíduo dependeria evidentemente da confrontação do teste com a situação em que o sujeito estivesse. A persistência na escolha de um determinado fator não significa, por si só que, necessariamente, algo "emperrou" na vida do sujeito que a "roda do destino" parou de girar. Pode ser um sintoma de uma tendência permanente que já foi socializada ou equilibrada de algum modo constante. O teste não se completa a si mesmo. Ele só faz sentido dentro da psicologia e psicoterapia de Szondi. O quadro pulsional deve ser conferido com a situação de vida do sujeito.

VETOR P

Neste vetor só é possível fazer duas coisas com o outro: ou mostrar-se a ele ou supri-lo violentamente. No fator hy, o outro importa apenas como espectador dos meus atos; no fator e, como inimigo, com um obstáculo a ser suprido.

hy: Necessidade de expressão. No caso aqui examinado, ela existe mas não é intensa ao ponto de chamar atenção.

e: Representa-se e-II, dada a intensidade com que ele rejeita o que sente como mal em si mesmo. É o "Caim escondido". É alguém cheio de impulsos maus, que sabe que os tem, mas não quer tê-los e não quer que apareçam.

Combinado hy e e, podemos perceber que é uma pessoa que quer se mostrar (hy) mas não quer que vejam o que há de mau nele (e-II). Sabe que, se mostrar muito, esta parte cainítica vai aparecer. Quer expressar-se, mas com uma expressão consciente, deliberada, seletiva, de forma que os aspectos maus, cainíticos, que o envergonham, não apareçam.

Na coluna S o impulso se refere exclusivamente ao parceiro sexual, ao passo que a coluna P representa a atitude ética do indivíduo em geral, a sua moral; trata-se da coluna do bem e do mal, tal como o indivíduo os entende. O fator e é a moral do indivíduo para consigo mesmo ou perante Deus. O hy é a moral social.

Para Szondi, o fator decisivo é o fator e. É o centro do teste, porque segundo ele o problema básico do homem não é o complexo de Édipo, o desejo de matar o pai, mas o complexo de Caim, que é desejo de matar o primeiro que passar pela sua frente: o desejo de matar o irmão, o semelhante, a si mesmo, o ser humano, em suma. O pai é apenas uma das vítimas possíveis deste desejo. O homem, para Szondi, é fundamentalmente e na raiz um ser assassino e mau cujo destino se resolve na sua tentativa de tornar-se bom.

No caso presente, o sujeito é um Caim que se esconde e ao mesmo tempo deseja fazer sofrer; ele sabe que é mal o que quer fazer, inclusive por sabê-lo que procura esconder. Caso o resultado fosse outro, ambos (s e e) fossem negativos, seria o caso de o indivíduo rejeitar tanto o que em si há de agressivo quanto de mal. Seria o caso de o sujeito reprimir-se: de não querer tocar em ninguém e não querer fazer mal. Fosse o caso de também dar hy+!!!, teríamos paralelamente àquele desejo de ocultar os impulsos que rejeita, uma grande necessidade de expressar. À repressão, então, estaria possivelmente intensificando a necessidade de expressão.

VETOR Sch

k: Expressiva rejeição deste impulso (k-!). Uma vez que tal fator significa sobretuto o desejo de segurança, definido por Szondi como o desejo de ter, de permanecer, de ordem, de segurança, de firmeza, o indivíduo está simplesmente rejeitando a sua necessidade de segurança, a conversão da sua identidade. Rejeita, a avidez de ter.

p: Intensa aceitação deste impulso (p+!!!): deseja chamar de eu muitas coisas que não são "eu", expandir-se, ampliar o seu personagem.

Combinando os fatores k e p, observamos que ele não está muito interessado em distinguir o que é ele e o que é o outro. Pela grande positividade de p, percebe-se nele o interesse de ser muitas coisas, um grande desejo de crescimento do ego, quase uma inflação do ego.

Não estando interessado em demarcar os limites do que é próprio e do que é alheio; estando, em contrapartida, interessado em ser muitas pessoas que não é, conclui-se que ele está se indentificando com diversos personagens. Ele está chamando de eu muito do que se passa pelo mundo, o que denota grande atividade imaginativa. O que, por fim, pode traduzir também a sua identificação simplesmente imaginária com algum personagem universal.

Ou a pessoa afirma ou rejeita a necessidade de permanência; de estabilidade do ego; ou afirma ou rejeita a necessidade de crescimento, de mudança e de adaptação desse ego. Sendo o fator k o ter, o ter domínio sobre si, saber quem é, ter uma visão racional e organizada de si mesmo, portanto ter uma estabilidade (ou forma definida) do ego; e o fator p o desejo de crescer, de ser mais (como quando admiramos tanto a uma pessoa que acabamos nos tornando parecidos com ela), o resultado aqui implica uma instabilidade do ego. O nosso sujeito está portanto num momento de altíssimo impulso de transformação do seu ego, de sua imagem psíquica.

VETOR C

m: Denota algum desejo de apoiar-se nas pessoas.
d: Expressivo (d -), tendência a renunciar.

É dos fatores m e d que temos o diagnóstico do psicótico maníaco depressivo, que oscila entre um momento de euforia e um momento seguinte em que tudo murcha; o sujeito se recolhe e fica meses sem falar com ninguém.

Qualquer quadro pulsional pode ser encontrado em qualquer pessoa. O quadro, por mais exagerado que seja, não é patológico em si mesmo. Porque depende, em primeiro lugar, do equilíbrio das várias colunas; em segundo lugar, da situação real de vida, que o psicoterapeuta precisa conhecer, uma vez que o quadro que teste fornece é apenas o quadro pulsional.

Szondi distingue entre o que é um impulso de ego significa o impulso de ser e de ter. E o ego propriamente dito significa o autor das escolhas. Existe um impulso de ego que está colocado já na natureza pulsional do indivíduo; existe um ego propriamente dito que Szondi vai chamar de Ego pontifex, ou ego construtor de pontes. Trata-se do ego que, fazendo as escolhas, harmoniza como pode, mal ou bem, as suas várias necessidades. Este outro ego pode atrofiar-se, sumir e deixar somente ao impulso de ego. Quando todas as suas escolhas são determinadas pelos fatores inferiores da pirâmide, então não temos mais aquele Ego pontifex -- temos apenas o impulso de ego, que é uma espécie de raiz do ego, um ego que ainda não está formado. Sem o Ego verdadeiro não é possível a formação de valores.

A escolha faz sentido, mas as primeiras escolhas são ditadas pelo próprio destino. Porque são escolhas que vêm da natureza pulsional instintiva, a qual vem da hereditariedade. A hereditariedade é a coleção das tendências, das vidas e dos personagens dos antepassados que, diz Szondi, permanecem no fundo do inconsciente, como moldes e figuras dos destinos possíveis. Dentro deste repertório é que você fará suas primeiras escolhas, movido não ainda pelo ego, mas por esse repertório mesmo, pelas exigências latentes dos antepassados. As figuras que estiverem mais proeminentes no seu repertório serão repetidas: o indivíduo se comportará como seu avô, bisavô, etc. Aos poucos, através tanto do ambiente social quanto cultural, o indivíduo assumirá outras figuras de vidas possíveis, que ele descobre não nele mesmo, sob a forma de impulsos, desejos, necessidades, mas que ele descobre fora de si, observando como as outras pessoas vivem. Ou seja, ele descobrirá que tem a possibilidade de fazer outras coisas, porque viu outros fazendo, e que poderiam acontecer-lhe outras coisas diferentes daquelas que lhe acontecem. Isto só é possível a partir do momento onde ele tome consciência de um ambiente social que fornecerá a ele este outro repertório externo dos moldes de vida contemporâneos, e em seguida tome consciência do ambiente cultural, que lhe mostrará as possibilidades de os julgar positiva ou negativamente assim como articular causal e logicamente os vários comportamentos possíveis, sabendo que fazendo tal coisa, acontece tal

outra. Portanto, aí ele poderá optar. E isto é um dado que só surge com a cultura.

A medida em que essa possibilidade de julgamento e de escolha vai-se consolidando ela encontra apoio no impulso de ego. E aí aos poucos se consolida o ego propriamente dito que, bem desenvolvido, se tornará o Ego pontifex, que faz as suas escolhas e constrói o seu destino. Porém, não o constrói livremente, mas à semelhança do que disse Karl Marx: "O homem faz a sua própria história, mas a faz num cenário que não foi escolhido por ele. "Tal cenário -- externo e interno -- já é dado, e com ele é que o indivíduo jogará os lances do seu destino.

Mesmo a escolha mais livre estará predeterminada ao menos do ponto de vista material (não formal). A forma lógica do destino é o ego que vai dar. Ela a "inventará" de acordo com os valores e ideais aprendidos da cultura e do espírito. Porém a matéria, o com quê, o de que ele fará o seu destino, isto terá que ser dado pelo repertório de possibilidades já oferecido: 1o, na sua hereditariedade; 2o, na sua própria natureza pulsional e instintiva; 3o, no seu ambiente social.

O homem não é livre nem escravo: ele é um jogo, uma dialética, uma luta para ser livre. Nesta luta, ele depende sobretudo do elemento cultural. Até mesmo para fazer uma terapia, que pode interferir no seu destino, ele só chega a esta informação por meio da cultura. Neste mesmo esforço para ser livre, os primeiros passos são determinados apenas pelo impulso de ego e não pelo Ego propriamente dito. Portanto daí podem surgir novas escolhas compulsivas. Com o material recebido e suas primeiras escolhas, o indivíduo forja situações que em seguida limitarão suas escolhas futuras. Como é o ego que faz a escolha e a escolha faz o destino, a terapia szondiana procurará orientar essas escolhas.

As escolhas fundamentais segundo Szondi são:

- a escolha de parceiro, de conjugue;

- a escolha de profissão.

- a escolha dos amigos

Cada ato humano pode fechar a possibilidade de algumas escolhas numa certa direção e abrir outras possibilidades.

Segundo Szondi, existem dois tipos de destino: o destino compulsivo e o destino livre. Ele diz que é da natureza do homem ele ter destino livre. Para isto o homem foi feito, ele só se realiza quando tem o destino livre, quando chega a possuir o livre arbítrio. Com certeza, o homem nasce escravo e luta para tornar-se livre.

a ação psicoterápica não pode incidir igualmente sobre os três fatores: isto dependerá sempre da situação real do sujeito.

O Inconsciente Familiar é algo que está atrás do próprio inconsciente pessoal do sujeito. Este é o conjunto de necessidades e de impulsos que o sujeito já tem. Por trás destes existem uma infinidade de outros moldes, destinos e comportamentos possíveis que são os dos antepassados, dos quais a sua fórmula pessoal é apenas uma seleção entre muitas possíveis. Do repertório do inconsciente familiar cristalizou-se uma; é uma combinação peculiar do que já existe. A única coisa realmente nova que surge é o ego -- quando este se forma, é algo novo que se forma. O sujeito nasce com um impulso de ego (impulso de ser e de ter), do qual se desenvolverá o Ego. Toda criança, a partir do momento que nasce já tem o impulso de experimentar, de ser, de crescer. Deste impulso de ego forma-se o Ego propriamente dito. (É evidente que não se pode explicar todo o comportamento do recém-nascido só por reflexos -- pois a noção mesma de reflexo implica um impulso ou instinto anterior, do qual o reflexo resulta como somatória desse impulso com o estímulo exterior que o excita).

No início a hereditariedade e a natureza pulsional do homem são os únicos fatores normativos das escolhas. Elas determinam a forma das escolhas e portanto a forma inicial do ego. Ao longo do tempo, porém, deixam de ser a forma e passam a ser apenas a matéria das escolhas.

Não existem propriamente uma hierarquia entre as escolhas fundamentais, porque as três são determinantes do destino. Szondi fez uma pesquisa sobre cada uma delas no sentido de confirmar, ou invalidar a hipótese de que os grupos pulsionais formavam também grupos profissionais semelhantes. Ou

seja, que havia uma tendência à recorrência de certas profissões entre pessoas de estruturas pulsionais semelhantes. Do mesmo modo que na escolha do conjugue havia o que ele chamava de "genopropismo", ou a escolha ditada por motivo genético: nós nos casamos com nossos "parentes" psicológicos, pessoas cuja família tenha a mesma estrutura pulsional que a nossa. Não necessariamente que aqueles indivíduos em particular tenha a mesma estrutura pulsional, sobretudo no momento. Mas enquanto grupo familiar, as famílias deles serão aparentadas entre si psicologicamente. Do mesmo modo, nos grupos, nas "patotas" de amigos, se verificaria o mesmo genotropismo. É algo estatístico, não absoluto, havendo o predomínio, nos grupos, de determinado tipo. De maneira mais ou menos ocasional o grupo pode ter algo assim como um "patinho feio", um sujeito que está deslocado no ambiente.

Nenhuma família pulsional é em si melhor do que outra. Nenhum quadro pulsional é melhor ou pior que outro, é mais são ou mais patológicos do que outro. Porque o quadro pulsional deverá ser confrontado com a existência social do indivíduo e com as suas declarações ou, dito de outro jeito, com aquilo que ele está pensando no momento. É justamente este confronto que pode dar o diagnóstico de uma patologia ou não.

Onde veremos o predomínio do são ou do doentio é na pirâmide dos fatores do destino e não no quadro dos fatores pulsionais. Na medida em que o homem cresce e avança em idade, em conhecimento e integração social, espera-se que o fator decisivo das suas escolhas também vá subindo, conforme as exigências da sua vida real. Mas, em tese, nada impede que o indivíduo, cujas escolhas sejam determinadas apenas pelo meio social, seja um indivíduo são. Contando que isto seja suficiente para a situação dele no meio onde está. O que quer dizer que nem todos os indivíduos cheguem a desenvolver propriamente em ego, um Ego pontifex. Para muitos deles isto não é necessário porque o quadro pulsional não chegou a entrar em conflito com as necessidades externas. O indivíduo, mesmo tendo um ego rudimentar, pode estar suficiente socializado e neste caso não é ou não está doente.

O primeiro tipo de doença seria a doença de socialização, quando a sua tendência hereditária e sua natureza pulsional não encontra canais válidos, socialmente inofensivos, onde a expressão dos seus instintos não chegue a lesá-lo, onde ele não seja portanto rejeitado pelo meio social nem ineficiente neste mesmo meio.

Deve existir um mínimo de integração social, um mínimo de eficiência abaixo do qual se tornará vítima da situação ou fará dos circunstantes suas vítimas: sofrerá e fará sofrer. Mas não é o sofrimento que vai caracterizar a doença, pois pode haver um sofrimento social legítimo, quer para o indivíduo isolado, quer compartilhado por todos os membros da sociedade: pobreza, guerra, epidemia, etc. Tais sofrimentos não vão tirar o indivíduo do meio social. O que poderá tirá-lo é a sua incompatibilidade com o meio, a sua incapacidade de agir em benefício próprio em seu meio social. Ele se tornará indefeso, como um mendigo é indefeso -- o que o caracteriza, segundo Szondi, como um doente. Não podendo agir em seu próprio benefício, não desfrutará dos instrumentos e recursos sociais que estão ao alcance dos outros.

À medida que a sociedade se complexifica, este tipo de socialização simples e mais ou menos automática vai se tornando cada vez mais difícil. Num ambiente primitivo, mais simplório, a integração social é bem mais fácil, pois basta seguir os canais habituais de comportamento da sociedade. Mas numa cidade como São Paulo, quais os "canais habituais"? Existem milhares e muitos deles são contraditórios. Não existe nenhum conjunto de gente ao qual você possa amoldar-se passivamente e se tornar um indivíduo socialmente normal por automatismo. A adaptação do indivíduo à sociedade requer uma participação maior da inteligência pessoal dele. Ele tem de pensar para adaptar-se. As exigências da sua vida econômica podem contrariar as exigências do seu grupo religioso, do seu grupo familiar e assim por diante. A pluralidade dos códigos morais de vários meios é um dos fatores geradores de neurose.

Não sendo possível a socialização automática, o sujeito tem de subir para a faixa seguinte. Para o indivíduo se adaptar socialmente ele necessita de uma certa cultura, não apenas no sentido de cultura imitativa, de aprendizado de comportamentos sociais consagrados, mas no sentido de cultura pessoal: um conhecimento que habilite a saber mais ou menos o que está se passando e quais são as alternativas de comportamento existente. Szondi usa aqui o termo "cultura" no sentido de cultura letrada, cultura superior.

Mas toda a cultura que o sujeito tem pode não lhe ser suficiente para resolver os problemas com os quais se defronta, o que o obrigará a individualizar as soluções, a inventá-las -- o que compete ao ego. E este ego poderá vir a não encontrar apoio para suas escolhas no ambiente cultural nem no ambiente social. Terá

então de se apoiar em valores universais, valores consagrados em toda a história humana, conhecidos pelo menos na história da sua civilização. Podemos ver um exemplo disto numa peça de Ibsen intitulada "O Inimigo do Povo". O personagem de Ibsen é o homem que age de acordo com valores universais porém contrariando os do meio social em que vive. É rotulado de inimigo do povo, embora na verdade seja amigo do povo e queira apenas fazer o bem, bem que coincide com o interesse imediato do meio social ou com o que este julga ser seu interesse. Um outro exemplo é Sócrates: armou um conflito com o meio social e foi condenado à morte, porque agiu em nome de valores universais, que não se harmonizavam com a consciência média do grupo social.

O conflito entre o espírito e o meio social é mais raro do que parece, pois; ao integrar valores do espírito, o homem se integra na comunidade social "por cima" e não "por baixo".

Sempre que surge um conflito, diz Szondi, é preciso puxar a escolha para o grau superior seguinte. É preciso primeiro socializar os impulsos, encontrar para eles canais de exteriorização que não prejudiquem nem às pessoas em torno nem ao próprio indivíduo. Se este primeiro passo não for suficiente para eliminar o traço patológico, então é necessário humanizar tais impulsos, vinculá-los aos seus valores universais correspondentes. É que há uma escala de valores correspondente a cada um dos fatores pulsionais. Cada um deles não é apenas um impulso: é também um valor potencial que justifica os nossos atos.

O que não se resolveu ao nível da natureza pulsional, terá que ser resolvido na vida social. Ao começar a conviver com outras pessoas, o indivíduo encontrará meios de comportar-se, de agir, que poderão dar vazão aos impulsos que não estão harmonizados na sua própria natureza pulsional. Aqueles que não se resolvem ao nível do ambiente social serão colocados ao nível de pensamento lógico, para o que é necessário a cultura e assim por diante.

Esta passagem de um nível para outro se opera através da escolha que o indivíduo faz abre a porta para uma subida ou consolida um destino coercitivo já determinado de antemão. Para se compreender isto é necessário ter em conta que cada um dos impulsos tem uma graduação de expressão que vai desde a mais crua e imediata até uma expressão culturalmente valorizada ou já espiritual.

A maneira mais simples de compreender isso é pelo parentesco que existe entre as doenças e as profissões. Todas as profissões são legítimas, porquanto existem socialmente e são admitidas, exceto aquelas que uma determinada sociedade exclui. Mas mesmo a profissão mais excluída de todas, a mais detestada, se for permitido o seu exercício, mesmo rotulado como legítimo, é um meio de socialização. A prostituição é um exemplo disso: sempre criticada, sempre tolerada.

Foram-se grupos profissionais e, através do exercício da profissão, o indivíduo encontra em geral meios de dar expressão espontânea a um impulso, transformando-o num valor. Por exemplo, ninguém seria açougueiro, cirurgião, dentista, etc, se não existisse o fator s. Ninguém seria artista, cabeleireiro, se não existisse o fator h. E cada um que tem um desses impulsos prevalente não é doente, justamente porque integra esse impulso numa profissão.

Para entender porque as profissões artísticas pertencem ao grupo h, é preciso lembrar que Aristóteles distinguia entre dois tipos de ação: a ação transitiva e a ação imanente. a transitiva incide sobre um objeto e a imanente permanece no sujeito. Em todas as profissões artísticas a ação é mais imanente do que transitiva, no sentido de que, para qualquer artista, o prazer da criação supera o do efeito obtido sobre o público.

Não se pode reduzir a profissão ao impulso que a sustenta energicamente. O impulso não é a causa da profissão mas meio energético que condiciona a sua realização: as profissões não são doenças. O impulso fornece a energia específica que é necessária para a profissão. Dá não a forma mas a sua matéria, no sentido aristotélico. a forma é o que é a coisa; a matéria, o de quê é a coisa. O determinante é a forma, pois poderia sempre ser feita de uma outra matéria, embora nem sempre de maneira conveniente. Para o exercício de determinadas profissões requerem-se determinados tipos de energias. O que não impede que um indivíduo que tenha só pouco impulso necessário possa exercer a mesma profissão. Ele pode exercê-la por ver nela uma oportunidade de lucro, prestígio, honra ou qualquer outro motivo, sem que qualquer dos motivos lhe seja algo vocacional. Tal circunstância poderia talvez mesmo modificar-lhe o quadro pulsional, levando-o justamente a desenvolver uma rejeição por aquele impulso que dá matéria aquela

profissão.

Uma profissão é um sistema de atos e significações, pois cada profissão é uma determinada forma lógica. Se o trabalho executado dia após dia não der vazão ao impulso predominante do indivíduo, exigindo que ele produza artificialmente um outro impulso, estará com isso criando um sério problema. Provavelmente isso resultaria numa detenção da roda do destino em algum ponto.

Não apenas existem grupos profissionais mas também existe uma escala de socialização e de humanização. Do indivíduo que quer tirar sangue, fazer sofrer , até o açougueiro; do açougueiro ao dentista; do dentista ao biólogo, anatomista, que abre os corpos em busca de um conhecimento, existe uma escala. É lógico, por exemplo, Claude Bernard não iria ficar dissecando corpos apenas movido pelo sadismo; há também um outro intuito que o motiva: o da descoberta científica. Porém, se não existisse um elemento "s" forte na sua estrutura pulsional, ele não teria estômago para ficar fazendo isso.

Mesmo que a profissão seja a correta, é preciso saber se esta alcançou o grau de humanização e de socialização suficiente para o indivíduo.

Existem as várias direções dos impulsos, que definem as várias profissões, e existem os graus de socialização e de humanização.

O grupo hy, sendo o impulso de mostrar, de mostrar-se e para ser visto é preciso criar algo, será algo, será estão o grupo das pessoas que se manifestam: jornalista, escritor, ator, professor.

O grupo anterior engancha no grupo seguinte que é o grupo das profissões com significação moral -- grupo e: advogado, juiz, padre, pregador, polícia (este último requer o s, mas é bom que tenha um elemento e expressivo, senão será apenas sádico).

No fator k encontramos as profissões que tem sobretudo relação com a ordenação do mundo, com a lógica: as profissões de tipo científico/técnico, como os matemáticos, físicos, etc. Note-se que a catatonia (que dá a inicial k) ocorre quando o mecanismo lógico do indivíduo paralisa o restante, fazendo-o deixar de ter motivações e valores. Chega um ponto onde o indivíduo não consegue agir, ficando apenas o automatismo lógico funcionando, deixando o indivíduo por assim dizer "vazio". A informática é profissão do grupo k. Há profissões que implicam certas combinações, como a de astrônomo -- o fator k introduz o elemento matemático e o fator p a especulação por mundos imensos; o mesmo se dá com a física teórica, com a psicologia, etc.

No fator m, as profissões que buscam contato social: vendedor, balconistas, relações públicas, político. No caso tanto do vendedor como no do político, não basta apenas que o indivíduo apareça (hy): é necessário que, no caso do vendedor, o freguês assine o contrato e, no caso do político, que as pessoas votem nele. O fator m possibilita esta interferência efetiva no meio social.

No grupo d, todas as profissões que isolam o sujeito e o prendem dentro d um passado: arqueólogo, museólogo, colecionador, arquivista.

Os vários fatores se combinam. Cada profissão tem uma certa combinação dos impulsos que o indivíduo necessita ter para agüentar aquela profissão, sem a qual a profissão lhe fará mal.

Com isso, Szondi nos deu uma tipologia. Os 8 tipos humanos são representados por estas 8 letras minúsculas. Szondi nos deu uma caracterologia na medida em sua tipologia permite que esses tipos vão se combinando e se misturando em dosagens diversas até nos aproximar ao máximo do perfil individual.

Este critério omite, porém, se o indivíduo é mais inteligente ou mais burro. É algo que não aparece em qualquer lugar da psicologia de Szondi.

Toda tipologia, toda caracterologia enxerga determinado traço e determinadas distinções, portanto um determinado repertório de combinações, e deixa o restante para lá. O mesmo se dá com a Astrocaracterologia: permite um certo número de combinações e deixa os traços restantes de lado, pois simplesmente não os enxerga. Todas as tipologias e caracterologias, por nenhuma ser perfeita, deverão ser combinadas de acordo com o objetivo com que o sujeito está sendo: se para ele se fazer um diagnóstico psicológico, para orienta-lo profissionalmente, para simplesmente estudar sua biografia historicamente. para cada finalidade requer-se uma certa bateria de tipologias que se complementam. antes de tudo

precisamos saber com que intuito foi concebida ou aquela caracterologia em particular. A de Szondi é uma caracterologia médica: tem uma finalidade não puramente descritiva e, e sim, dinâmica, que é a de ajudar o terapeuta szondiano a interferi de maneira a fazer girar de novo a roda do destino quando o indivíduo está doente. Secundariamente, a psicologia szondiana forma um critério não de orientação profissional mas o que ele chamava "ergoterapia": a terapia através do trabalho. Conforme a situação momentânea do indivíduo, a adoção temporária deste ou daquele trabalho, que não seja vocacional a longo prazo, pode ajudar a recolocar a roda do destino girando, particularmente quando as exigências da situação social se tornam superiores às possibilidades da natureza pulsional, ou seja, quando o indivíduo não está agüentando seu nível social próprio.

Nosso mestre Alfredo Müller, tinha um famoso caso de um rapaz milionário, depressivo esquizofrênico, que ele mandou se empregar numa olaria. Oleiro é um dos primeiros trabalhos que a humanidade conheceu. Um dos trabalhos mais primitivos, monótonos e toscos que podem existir, porque consiste em mexer no barro para fazer um tijolo: algo informe, cria-se uma forma quadrangular. Com isto apenas, ele retirou o sujeito de uma crise esquizôfrenica. Era iminente a internação deste jovem. Durou dois meses tal trabalho na olaria, o suficiente para recuperá-lo.

Szondi só fala da vocação. Em seu esquema falta o elemento talento, a profissão para ele sendo vista apenas como meio de curar o indivíduo, ou por integrá-lo com as suas necessidades pulsionais fundamentais ou por saltar por cima de alguma necessidade pulsional momentaneamente não atendida e em conflito com a situação externa do indivíduo.

Qual seria estão a possibilidade de obtermos uma descrição pulsional como esta a partir do horóscopo do indivíduo? Descrita a caracterologia szondiana em linhas gerais, de uma maneira extremamente superficial, vamos esboçar uma comparação tal como é praticada pelos astrólogos hoje em dia. Vejamos se seria possível obter das duas o mesmo resultado.

As comparações analógicas são fáceis de fazer. Por exemplo, se fala no k, diz-se: é saturnino; no p, é jupiterino. Mas o inverso não é possível: pelo Saturno do mapa, deduzir o k: pelo Júpiter do mapa, deduzir o p. A comparação é possível mas não de modo direto. É necessário um considerável número de mediadores, que obteremos com outras caracterologias que formos comparando, nos meses seguintes, com o horóscopo. Até chegarmos ao ponto de, por um indício astrológico, complementado por essas mediações, deduzir algo.

A analogia estrutural que exista entre diversos instrumentos, à semelhança deste de Szondi, com a Astrologia, não é suficiente para que na sua aplicação prática dêem o mesmo resultado. O fato de os resultados não coincidirem foi verificado numa pesquisa recente feita nos Estados Unidos onde davam, por um lado, os resultados d aplicação de uma bateria de testes caracterológicos aplicados nos mesmos indivíduos cujos mapas foram dados a um grupo de astrólogos para serem lidos. O nível de acerto foi mínimo. Por que acontece isso? Onde os astrólogos erraram? Creio ter descoberto a pista que leva à resposta dessas questões, e é isto que pretendo lhes ensinar nas próximas aulas, de uma maneira lenta, gradual e segura.

AULA 8

No ponto em que paramos, já podemos começar a investigar a respeito da possibilidade de comparação entre caracterologias e horóscopos de nascimento. Notaremos que existe um abismo entre a astrologia e a caracterologia, e verificaremos que a simples descrição do mapa não permite chegar às mesmas conclusões a que chegam as descrições caracterológicas. Um exemplo eloqüente é o de uma experiência controlada realizada nos Estados Unidos (Califórnia) no intuito de testar a astrologia.

Participaram do experimento astrológico indicado pela National Council for Geocosmic Research (Conselho Nacional de Pesquisa Geocósmica), organismo de reconhecida competência por astrólogos de todo o mundo. Uma das hipóteses testadas por Shawn Carlson (físico da Universidade da Califórnia que coordenou o experimento) consistia em verificar se voluntários estudantes seriam capazes de identificar

seu próprio perfil psicológico elaborado por um astrólogo a partir do mapa natal. Noventa estudantes receberam um envelope com três perfis elaborados com base em horóscopos, sendo um destes baseado em sua própria carta natal; entre os três perfis deveriam reconhecer aquele que foi baseado em seu próprio horóscopo. A frequência de acertos foi de 33,7% o que corresponde à frequência que seria obtida se a escolha fosse feita ao acaso -- no sorteio, quando há três possibilidades, a média esperada é de 1/3 ou 33.33 ...% sendo que nas condições do teste, se a frequência obtida fosse de 50%, ainda assim o resultado seria atribuído ao acaso. Não houve qualquer resultado estatisticamente significativo, mas no caso os astrólogos poderiam alegar que o resultado depende da capacidade das pessoas reconhecerem seu próprio caráter.

Em outra parte do experimento as interpretações de astrólogos foram comparadas com os resultados de um teste caracterológico de amplo uso entre psicólogos desde 1958, conhecido como California Personality Inventory (CPI). Cada astrólogo recebeu um envelope contendo um mapa astral e mais três perfis psicológicos feitos através do CPI, sendo um desses perfis pertencentes ao indivíduo cujo mapa estava no envelope. Os astrólogos deveriam escolher o perfil que mais se aproximasse do caráter indicado no mapa astral. Acertaram apenas 34% das escolhas, outro resultado que é equivalente ao do sorteio. O que teria ocorrido? Uma vez que os 28 astrólogos que participaram estavam familiarizados com o CPI e consideravam que os traços avaliados por este -- sociabilidade, responsabilidade, tolerância, autocontrole, flexibilidade, eficiência intelectual, etc. -- eram bem semelhantes aos avaliados pela astrologia, verificou-se que há no mínimo uma incompatibilidade entre as avaliações dadas, por um lado, pelo CPI e por outro lado pela astrologia; e, uma vez que os próprios astrólogos impuserem suas condições para formulação do teste, conclui-se que os astrólogos ignoravam o que se pode obter no horóscopo.

Veremos agora, se é possível obter uma comparação entre o teste de Szondi e o mapa astral.

Embora existam alguns elementos que guardam analogia com os símbolos astrológicos, como por exemplo, masculino e feminino correspondendo a Marte e Vênus e o mecanismo de expansão e contração do ego correspondendo a Júpiter e Saturno, precisamos avaliar o alcance dessas analogias. Se tomarmos o quadro pulsional institivo de Szondi, em que ficam em evidência, ora um ora outro instinto, e buscarmos uma relação com os ciclos planetários, imediatamente notaremos que os ciclos dos impulsos são muito mais rápidos que os dos planetas: durante um mesmo dia os impulsos podem aparecer e desaparecer várias vezes. Outra dificuldade se apresenta ao notarmos que não há correspondência imediata entre todos os planetas e os impulsos instintivos de Szondi; finalmente devemos notar que o quadro pulsional institivo é apenas um dos níveis da Psicologia Geral de Szondi. Ele nunca pretendeu extrair um diagnóstico a partir exclusivamente de seu teste, o qual fornece um quadro instintivo que não pode ser avaliado em si mesmo, mas que necessita de um confronto com a situação exterior e com os demais níveis da pirâmide. De fato, se fizermos uma proporção entre o teste de Szondi e a psicologia de Szondi, colocando do outro lado da igualdade o mapa astral, verificaremos que está faltando uma psicologia astrológica:

Teste de Szondi = mapa astral Psicologia Geral de Szondi = ?

O mapa astral poderia servir com a mesma finalidade que tem o teste de Szondi, que é um elemento descritivo dentro da Psicologia Geral. Como não há uma psicologia astrológica, o que se verifica é que cada astrólogo tem uma opinião, ou modo de interpretação que substitui a psicologia geral. Tal ocorre como se existissem várias psicologias com critérios interpretativos diferentes e se utilizando do mesmo teste.

Tudo isso nos sugere tentar outra linha de comparação, ou seja comparar a estrutura do Zodíaco e do Sistema Solar com a Psicologia Geral de Szondi. Isto sim seria possível, pois existe uma Antropologia de Szondi, da qual derivou uma psicologia da normalidade, a qual, comparada com o teste, e com a situação exterior vivenciada pelo indivíduo, põe em evidência a patologia e sugere o tratamento. Se tomarmos a Antropologia Geral de Szondi e a compararmos com o esquema astrológico geral, aí sim conseguiremos maior consistência: o eixo das casas III e IX correspondendo ao ambiente cultural, na natureza instintiva correspondendo ao eixo das casas II e VIII, e assim por diante. É muito possível que possamos encontrar uma correspondência esquemática mesmo a custa de variações e combinações alternativas. Porém, quando nos referimos a pirâmide, estamos falando do elemento antrológico, de uma estrutura do ser humano em geral, como espécie. Não se pode contestar que a astrologia contenha em si uma descrição do destino

humano em geral; mas o que está em questão não é este ponto; de fato, o que queremos saber é se a astrologia tem elementos para o diagnóstico do caráter individual real, empírico. Que a Astrologia ou a mitologia são concepções do destino humano, isto não há como negar. O problema é que os astrólogos pretendem extrair desta concepção mitológica e simbólica geral um diagnóstico do caso particular. Uma coisa é você possuir o arquétipo do destino humano, outra bem diferente é você saber estabelecer a ligação entre esse arquétipo e o momento preciso que determinado indivíduo real está vivenciando. Aí os astrólogos operam uma passagem indevida, logicamente impossível, que é feita por adivinhação. Também na mitologia podemos, para cada evento da vida de um indivíduo, encontrar um símbolo mitológico análogo: O problema é: qual. e em que sentido e profundidade interpretá-lo. Da mesma forma, o I Ching contém toda a galeria das situações humanas possíveis em seus 64 hexagramas, e nem por isso nos dá a compreensão dos fenômenos na sua existência individual. Falta algo, a ponte, a esta ponte entre o universal e o particular só pode ser constituída a partir da observação do fato.

Em outra aula foi citada a pesquisa Gauquelin como um fato astrológico observado e comprovado pela ciência. Porém apesar da correlação ser estatisticamente significativa, ela apresenta o inconveniente de estabelecer uma relação entre eventos muito distantes no tempo e intermediados por uma cadeia causal desconhecida e que dificilmente poderá ser investigada em todos os seus elos. Como poderíamos acompanhar a vida de indivíduo, identificando, classificando e estabelecendo as relações causais de cada fato até evidenciarmos o nexo entre a carta no momento do nascimento e a escolha da profissão, vinte e tantos anos depois?

A profissão expressa uma tendência caracterológica, reforçada ao longo da vida por vários acontecimentos harmônicos ao longo do tempo; a ligação é por demais indireta e o fato "profissão" pode conter interferências exógenas. Por isto procuraremos investigar diretamente os traços caracterológicos, partindo da série de comportamento referentes a cada um e procurando estabelecer as relações entre as posições planetárias e os diferentes traços caracterológicos. Isso nos permitirá saltar a rede de analogias distinguindo relações mediadas e imediadas:

imediada
posição do planeta * traço caracterológico

* mediada

comportamentos possíveis

Se a solução teórica parece simples, a execução prática é um tanto trabalhosa; para um mesmo traço caracterológico devem existir muitos comportamentos possíveis, ainda que tomados em determinada sociedade e determinado meio social; e também é verdade que de milhares de traços caracterológicos correspondentes às diversas combinações planetárias possíveis, a astrocaracterologia até o momento só conhece com segurança alguns. Isto evidencia a imensa pretensão dos astrólogos que acham que qualquer posição planetária poderá ser interpretada com o mesmo nível de certeza; na verdade, ainda não temos uma astrologia tão desenvolvida assim.

Podemos concluir ainda, que apesar de existir de fato um quadro pulsional de base, a leitura do mapa não visa a descrevê-lo, e que se quisermos saber a respeito precisaremos utilizar outro instrumento, por exemplo o próprio teste de Szondi. Este é um ponto extremamente importante, pois o paciente, quando procura o astrólogo, não leva apenas os elementos diagnosticáveis pela astrologia, mas se apresenta inteiro, devendo o astrólogo saber distinguir entre o caráter tomado no sentido astrocaracterológico, e os diversos elementos outros (inconsciente familiar, inconsciente social, seu ego, sua individuação, etc.), já estudados pelas psicologias de Adler, Freud, Viktor e outros. Como todo o profissional, também o astrólogo deve ser consciente dos limites de sua competência, discernindo, em cada caso, quando pode agir e quando deve encaminhar o problema a outro profissional.

Procuremos aproveitar o máximo de cada uma das psicologias e encontrar qual o lugar da

astrologia, enquanto técnica diagnostica (horoscopia), entre os vários ângulos caracterológicos existentes. É preciso delimitar o campo da astrocaracterologia, pois que não se pode concluir do indivíduo pela astrologia, por exemplo seus conflitos lidibinais, conflitos de individualização, etc; etc. Será útil que o astrocaracterólogo estude outras técnicas caracterológicas mais desenvolvidas, como por exemplo a quirologia, a grafologia, ou a fisionomia. O astrocaracterogo poderá conhecer muito a respeito do indivíduo, mas ele tem de saber através de que meio está concluindo algo a respeito dele; por exemplo, pode ser que o astrólogo seja um fisionomista nato, mas ele tem de saber que foi por aí que descobriu algo que pela astrologia seria impossível; se não fizer estas distinções estará enganando a si mesmo; no caso de ler o mapa de uma pessoa ausente não saberá o que fazer, e o mesmo vale aqueles que têm uma grande intuição psicológica.

A quirologia progrediu extraordinariamente neste século, através do trabalho meticuloso de comparação de cada exemplo por particular com milhões de outros, empreendido, por exemplo por Charlote Buhler. A grafologia tem seu maior representante no Pe. Asessadro Moretti, e também foi desenvolvida pelo isolamento e comparação de traço segundo certos parâmetros, estabelecendo-se tipos possíveis de letras. O resultado do trabalho está em cerca de trinta livros, que vão desde um tratado geral até tratados voltados para o estudo de aspectos psicológicos particulares -- paixões, sentimentos, etc. -- e uma grande coleção de caligrafias de personagem célebres, interpretadas. Foi preciso 99% de suor para 1% de inspiração, como diria Edison. E assim será nosso trabalho: isolar traço por traço, correspondência, delimitando o território para depois formar a síntese.

Com esta exposição sobre a psicologia de Szondi, obtivemos a noção de que a astrologia não versa sobre os instintos, ao menos diretamente. No próximo mês estudaremos a caracterologia de Le Senne ou uma outra, a fim de encontrarmos um outro território vizinho, também distinto do da astrocaracterologia. O campo específico da astrocaracterologia, como já foi adiantado no programa deste curso, é o das posições planetárias correspondentes a aspectos da cognição, ou da percepção, abordaremos este que não é o de nenhuma outra caracterologia; mas para observá-la em sua particularidade devemos demarcar o que temos ao redor para evitar confusão. Veja este exemplo: um indivíduo pode ter um impulso com relação a um tal objeto, mas ele só terá este impulso se perceber este objeto de alguma forma; como seria possível um instinto "x" voltar-se para um determinado objeto se este escapa à percepção do sujeito? Entre o instinto e o objeto existe a percepção do objeto, e há a necessidade da percepção, portanto, para a manifestação do instinto. Pode existir um forte instinto voltado para determinado objeto, e ao mesmo tempo pouca capacidade de perceber onde está este objeto. Desta forma, a perspectiva de descrição dos instintos deveria ser completada com o quadro perceptivo; por exemplo, para saber se um traço qualquer "y" fortemente positivo pode progredir normalmente ou patologicamente no indivíduo, devemos considerar também qual é a aptidão para perceber quais as portas que se abrem e quais não. Por exemplo, se decidirmos disseminar uma idéia num determinado meio, temos de considerara primeiramente se o conteúdo desta idéia é oportuna no contexto, depois é preciso saber se temos os meios materiais de difusão. a maior facilidade para expressão dos instintos. a astrocaracterologia será fundamentalmente uma psicologia da percepção, do conhecimento, uma psicologia da inteligência, portanto. O quadro instintivo inicial fica assim coberto por uma "rede" que permitirá a abertura de certas janelas e o fechamento de outras, de maneira que estes instintos poderão ou não se manifestar.

As tendências do indivíduo não são conhecidas diretamente através da interpretação do mapa astral porque a tendência é uma força dinâmica que se afirma ou não, conforme as circunstâncias. Pelo teste de Szondi se pode obter a tendência de um determinado momento. Pelo mapa de nascimento que tem uma configuração fixa, obtemos absolutamente constantes, que poderão se manifestar no curso mas sim como meras possibilidades. Tendência é uma possibilidade já transformada em potencial, com alta probabilidade de ocorrência.

No mapa, nos deparamos com a possibilidade distintas, contrastadas com impossibilidades absolutas, através de traços caracterológicos únicos, determinados pelas posições planetárias, sendo que um traço jamais equivalerá a um contrário. A expressão de um traço caracterológicos na vida cotidiana dependerá de uma infinidade de fatores, porém o repertório de comportamento previsíveis e finito. É isto precisamente o que devemos verificar com os estudos de casos, que após a elaboração individual pelos alunos, deverão em seguida ser comparados a fim de verificar a consistência dos critérios. Esta técnica de

análise deverá ser bastante precisa, e estando firmes nela, posteriormente poderemos, apoiados na teoria da astrocaracterologia, fazer o caminho contrário, isto é, deduzir a partir do mapa astrológico aspectos individuais com suficiente segurança, e em certos casos com segurança absoluta.

Sendo assim, limitaremos o território da astrologia desta forma:

1) Investigaremos o caráter num sentido particular e determinado.

2) Tal investigação será realizada com um número restrito de ferramentas, e não com a utilização de toda a bateria de instrumentos de que a astrologia (planetas, casas, pontos médios, aspectos, estrelas fixas, etc.).

Este processo poderá expandir-se com a utilização se conveniente, de mais instrumentos, cabendo tal desenvolvimento, depois aos participantes do curso.

Para que possamos entender melhor o objeto formal da astrologia devemos levar em consideração dois aspectos que a antiga lógica chamada de objeto formal motivo e objeto formal terminativo. Formal motivo é por onde encara o objetivo e o formal terminativo é o que se quer saber a respeito dele, ou seja, a que resposta se quer chegar no fim. Colocando-se então o objeto formal da astrologia -- a relação entre eventos celestes e terrestres -- sob a luz desse critério, percebemos que este mesmo objeto origina várias ciências. A ciência que denominei astrologia pura visa apenas a definir o que são essas relações e delimitar seu âmbito e, paralelamente, há a astrologia de observação, que visa apenas a anotar as relações ocorridas no terreno dos fatos e separa os fatos das hipóteses. Em terceiro lugar existe uma astrologia aplicada, que baseada nos estudos das anteriores procura desenvolver técnicas para diagnosticar de antemão outras possíveis relações. A astrocaracterologia é uma das várias ciências deste terceiro grupo.

Para entrarmos no terreno da astrocaracterologia -- o caráter -- devemos antes delimitar as relações astros/homens, como elas podem ser estudadas e quais são as possibilidades desse estudo, para em seguida delimitar o caráter, e separá-lo de tudo aquilo com o que se parece.

Os instintos e as tendências não fazem parte do caráter, no sentido aqui adotado. O corpo de instintos pode ser chamado caráter, e o corpo de tendências também, mas no sentido astrocaracterológico. O caráter no sentido astrocaracterológico é -- e aqui o definido pela primeira vez neste curso -- o sistema das direções da percepção, o conjunto do que e como o indivíduo enxerga, ou ainda, os canais por onde ele recebe e transmite informações. Poderemos chamar a astrocaracterologia de uma psicologia do conhecimento, pois os instintos e tendências do indivíduo se definirão sempre em face do que (ou de que maneira) ele enxerga. Uma psicologia dos instintos ou tendências deverá ser comprovada por esta caracterologia do conhecimento, que se chamará astrocaracterologia.

Na seqüência, quando a definição de caráter estiver perfeitamente clara, pela exclusão de tudo aquilo que ele não é, e pelo acumulo de todos os fatores que compõe, passaremos para a segunda fase, que a definição do caráter internamente. Teremos assim, primeiro a sua estrutura, e depois a sua dinâmica e o seu funcionamento. a terceira fase será a verificação da correspondência do caráter com o horóscopo. Perguntas?

P -- O que você quer dizer com "humanizar"?

Dentro da psicologia Szondiana, socializar e humanizar são duas fases do desenvolvimento do indivíduo. Na primeira o indivíduo usa os seus instintos como apoio para uma atividade socialmente útil, ou inofensiva, ou seja, é a fase que torna os instintos do sujeito compatíveis com a sua sobrevivência num determinado meio social, e humanizar, segundo Szondi, consiste em colocar estes mesmos instintos a serviço de valores, livremente escolhidos pelo indivíduo. Por exemplo: um indivíduo que vá trabalhar de açougueiro e tem, em princípio, seu fator s socializado. Mas se este mesmo indivíduo tiver um ego mais complicado, desejando expansão, com certeza necessitará absorver determinados valores que possam fazer com que a sua violência e seu desejo de fazer sofrer sejam colocados a serviço de algo mais útil, no seu próprio entender.

P -- De que forma devemos agrupar dados a respeito de personagens a biografar?

Em primeiro lugar, deve-se coletar o material biográfico, buscar as fontes e optar por algumas, se o número de fonte for excessivo. a obra do personagem não vem ao caso senão na medida em possa fornecer dados a respeito da psicologia do sujeito. Nem sempre a obra revela diretamente algo sobre a psicologia do

autor, mas no caso dos autores de ficção, prestem atenção nos temas insistentemente repetidos. Os temas obsessivos indicam aspectos da realidade que despertam a atenção do sujeito, ou porque ele os percebe melhor ou porque o incomodam, a ponto de escrever sobre o tema na tentativa de entendê- lo. Tentem perceber a que aspectos da realidade o personagem é sensível, e, automaticamente, a que ele é indiferente. No caso de pintores, é necessário saber se os temas eram circunstancias ou não. além disso, deve-se tomar cuidado para que a percepção própria do leitor não desvie a atenção dos temas principais da obra do autor.

P -- O maior cuidado estético que o autor possa dar à obra é importante?

Sem dúvida, pois indica se o indivíduo tem mais ou menos acuidade para o som, forma, etc. Indica se percebe mais os dados imaginativos da narrativa bruta ou a forma final, pronta como uma jóia. Concluindo, o que pode ser percebido como uma direção da sua percepção.

Aulas de junho de 1990.

AULA 9

Este teste caracterológico provém de uma das muitas caracterologias existentes. Tal como fizemos com a de Szondi, vamos primeiro estudá-la como ela é em si mesma, tal como seus autores a formularam, para somente depois proceder à sua comparação com a Astrologia. Neste caso, trata-se da caracterologia franco-holandesa, assim chamada por ter sido concebida por dois holandeses, G. Heymans e E. D. Wiersma, e posteriormente transformada em sua forma atual por dois franceses, R. Le Senne (filósofo, cujo prestígio associado fez talvez com que essa caracterologia saísse do anonimato) e G. Berger.

Heymans e Wiersma começaram esta caracterologia por meio de dois processos simultâneos: 1o, pelo estudo de 100 biografias: 2o, através de um repertório de algumas centenas de perguntas entregues a 3.000 psiquiatras, psicoterapeutas e educadores, de forma que respondessem a respeito de pacientes ou alunos que conhecessem bem. Destes 3.000 questionários, inutilizaram 500 por respostas ambíguas (o que não deixa de ser uma lição para nós: igualmente devemos desprezar o planeta posicionado ambiguamente).

Após desprezarem 1/6 de seu material, considerado ambíguo e difícil de interpretar, foram gradativamente coando as respostas conforme estas expressam tendências que parecem vinculadas a alguma constante. As várias tendências expressas nas respostas não compareciam aleatoriamente, não se combinavam de uma maneira qualquer, mas sim, quando aparecia uma determinada tendência, apareciam associadas outras duas ou três. Agrupando, finalmente, as tendências de comportamento, definiram o que chamaram fatores do caráter.

As perguntas seguintes foram afunilando estes fatores até que se chegou finalmente a três que, conforme se verificou depois em outros questionários, eram realmente os decisivos. Eram fatores que agrupavam em si um grande número de tendências expressas nas respostas. De maneira que, tendo obtido essa tendência por método de indução empírica (da multiplicidade para a unidade, (sic) do particular para o geral), inversamente também se podia, dada a tendência, prever por dedução com razoável margem de acerto, os comportamentos decorrentes (do geral o particular). Esta definição dos três fatores atendia ao requisito básico de toda investigação científica, que é do completar o método indutivo por um método dedutivo.

A esses três fatores encontrados eles chamaram emotividade (E), atividade (A) e ressonância (R).

O filósofo René Le Senne interessou-se pelo assunto e, com a ajuda de uma equipe, refez a pesquisa de Heymans e Wiersma na França, encontrando os mesmos resultados. A partir deste apoio recebido de Le

Senne, esta caracterologia se propagou a ponto de constituir uma escola independente, que se consolidou numa sociedade Internacional de Caracterologia e tem inclusive uma revista que circula até hoje na França, denominada Le Caracteroloque. Um pouco mais tarde, o psicólogo Gaston Berger simplificou os questionários, que eram bem maiores, e deu ao teste esta forma atual, a qual vocês responderam. Podemos encontrá-lo no Traité Pratiique d'Analyse du Caractère, com tradução para o português (edição pela editora Agir, Rio).

Neste trabalho, a função de Heymans e Wiersma foi a de conceber o teste e encontrar os primeiros resultados, definido os três fatores. Nas mãos de René Le Senne, a caracterologia deixou de ser apenas uma pesquisa em particular e tornou-se uma ciência completa do caráter. Ele deu a definição formal e a descrição fenomenológica dos fatores e dos tipos de caráter resultantes. Também descobriu que os três fatores eram insuficientes para aprender certas diferenças individuais mais finas. Completou o teste primeiro com dois fatores que ele chamou de Amplitude de Consciência (AC) e outro que chamou Polaridade (P). Mais tarde acrescentou outros quatro fatores que não diziam respeito ao caráter como um todo mas à particularização de determinadas tendências. Aos primeiros dois fatores que acrescentou chamou de fatores complementares, por ajudarem a completar o perfil do caráter; aos outros quatro fatores, mais mutáveis, chamou fatores de tendências, cujos resultados apresentam mais mudanças de tempos em tempos, sendo adequados portanto à verificação do estado de determinadas tendências no momento. Os quatro últimos são, pela ordem, o que chamou de Avidez, Interesse Sensorial, Ternura e Paixão Intelectual.

Com o seu aporte, Le Senne transformou a caracterologia numa ciência do caráter, a qual registrou num grande livro chamado Tratado de Caracterologia, que é um dos grandes livros de psicologia deste século.

Fator é a força comum que agrupa várias tendências. Estas tendências por sua vez são matrizes de comportamentos. "Tendência" é simplesmente a causa, qualquer que ela seja, que faz com que o indivíduo, em determinadas situações similares, reaja de modo similar. Várias tendências, por sua vez, se agrupam tendo como causa ou fórmula única um fator. Com isso, talvez sem saber os caracterólogos franceses estavam obedecendo à fórmula de Klages - o fundador da caracterologia em nosso século, cujo trabalho Elementos de Caracterologia contava já uns 30 anos por ocasião do surgimento desta caracterologia de Heymans e Wiersma, na década de 40 - que dizia que o caráter deve ser descrito em torno de dois eixos que chamava de elementos (a matéria do caráter) e os fatores (que são a forma que esses elementos adquirem, diferente de indivíduo para indivíduo). Heymans e Wiersma enfocam justamente o centro da questão que é justamente a forma, ou seja, os fatores.

Estes três fatores estão presentes em todos os seres humanos: todo ser humano tem algum tipo de emotividade, de atividade e de ressonância. Porém, estão presentes em quantidades ou intensidades diferentes. As sucessivas experiências, tanto no lado holandês quanto no lado francês, demonstraram que o próprio indivíduo, respondendo sobre si mesmo, é uma fonte fidedigna de conhecimento objetivo.

Definindo os fatores, temos:

EMOTIVIDADE

Reação interna aos estímulos externos. Particularmente sob a forma de reagir a diferenças ou conflitos. O que quer dizer que o indivíduo denominado emotivo sente mais as diferenças do que um outro indivíduo não-emotivo. Define Gaston Berger: "Ser emocionado é ser perturbado", ainda que esta perturbação não apareça no comportamento imediato visível, porque a emotividade não é o único fator do caráter.

Para que o indivíduo seja emotivo, segundo esta escola, são necessárias duas condições:

1a : que determinados órgãos e tecidos internos sejam mais frágeis do que na maioria das pessoas;

2a : que certos órgãos dos sentidos, ao contrário, sejam mais perfeitos do que em outras pessoas.

Por exemplo, tendo o tato mais agudo, um certo indivíduo terá certos órgãos internos mais frágeis, permitindo-lhe então esta condição que registre mais facilmente ou mais intensa e quantitativamente informações que outros indivíduos não registram em seu aparato psicofísico.

Esta concepção relativa à fraqueza de certos órgãos (fígado, coração,, pulmão, etc) implica claramente que pela definição do caráter seria possível determinar a propensão do indivíduo para determinadas doenças e não para outras. Diz Le Senne que não há nada no caráter que não tenha uma correspondência fisiológica

ou anatômica qualquer, de maneira que, conhecendo em detalhe a constituição do indivíduo, seria possível saber qual é o seu caráter.

Já na Antigüidade, Aristóteles associava a maior ou menor acuidade dos sentidos a determinados traços de caráter. Dizia que as pessoas que são mais agudas intelectualmente também são as que têm o sentido do tato mais desenvolvido. Le Senne prossegue então uma idéia que é velhíssima.

ATIVIDADE

Não é a quantidade de ação dispendida; não é o número de atos. Ao contrário, aquele indivíduo que é caracterologicamente considerado inativo pode parecer muito mais ativo; pode agir mais do que o caracterológicamente ativo. O que se chama atividade nesta caracterologia é a facilidade para ir da idéia à sua realização. No indivíduo ativo a decisão é mais fácil do que no inativo; e ele passa da decisão à ação naturalmente. Para o inativo, por mais agitado que seja, a decisão é dificultosa: e, uma vez tomada, ela se desfaz em fumaça, não se transformando em ação. É necessário compreender que essa atividade pode ser uma atividade meramente interna, no sentido de tomar decisões e de dar ordens. O decisivo é se o indivíduo gosta de decidir, se tem o impulso de decidir e se, uma vez decidido, age em função do que decidiu ou se acaba agindo levado por outras causas adventícias. O aspecto importante está na conexão da decisão com a ação e não na qualidade de ação.

Le Senne e Berger advertiram que a atividade, tal como a entendiam, não é comportamento mas uma disposição interior para decidir e para agir em função do que foi decidido. Goethe dizia que a coisa mais difícil é a pessoa agir conforme pensou. Decidir é fácil e agir também o é - o difícil é agir em conformidade com o pensado. E é justamente esta capacidade de fazer o que decidiu que caracteriza o indivíduo ativo. Ao passo que o que caracteriza o inativo é uma divisão: seu comportamento vai numa direção diferente ou mesmo contrário àquilo que ele decidiu.

O inativo examina mais, tem dúvidas a respeito de si mesmo. Porque decidir é querer, querer é ter certeza, ter certeza é decidir. A dúvida é a indecisão, que se traduz por um não-querer, por um não-agir.

RESSONÂNCIA

Todas as informações recebidas pelo organismo psicofísico humano, se são recebidas, é porque alteram a pessoa por dentro, interferem no jogo de forças interno. Se não houver alteração nenhuma, nenhuma informação houve. Esta alteração é imediata: a informação dos sentidos provoca alteração no organismo psicofísico no instante em que ocorre. Porém, além de provocar alteração no instante em que surge, ela também pode ser retida na memória e continuar a provocar alteração mais tarde. Pode sair do campo da consciência (ser esquecida) e retornar ou agir por vias subconscientes, provocando novas alterações muito depois. Esta segunda forma de alteração pode ocorrer ou não. Mas a primeira tem ocorrer necessariamente, senão não houve informação.

Ao primeiro tipo de alteração chama-se função primária; ao segundo tipo, função secundária. Todas as informações têm a função primária necessariamente.

Há um fator moderado que seleciona as alterações, tornando secundário o caráter das informações. Fazendo com que as informações recebidas sejam retidas mais tempo. Neste último caso, os indivíduos portadores desse fator moderador serão secundários, enquanto que aqueles outros que tendem a esgotar a informação no instante em que a recebem serão ditos primários.

Se o teste terminasse aí, nesses três primeiros fatores (cada um deles associado a uma coluna), seria apenas uma tipologia, ou seja, seu resultado permitiria apenas enquadrar os testados num dos oito tipos de caráter que estes três fatores, combinados, podem gerar.

O sistema de tabulação que adotamos é diferente do que é usado por Le Senne, por Berger e outros. É uma simplificação que fiz. Os códigos, letras, sinais e números, são diferentes dos que constam no livro de Berger.

O critério de marcação é o seguinte: se a somatória das respostas ultrapassar 50, o fator corresponde será assinalado com um sinal de mais (+); caso seja inferior a 50, com um sinal de menos (-). Assim, teremos E+ E- , A+, A- e, no caso da ressonância, 1 e 2, conforme fiquem abaixo ou acima de 50, respectivamente. Le Senne adota apenas letras e o modo de ele tabular a resposta é por meio de gráficos de curvas,

diferentemente de como estamos fazendo.

O indivíduo então pode ser emotivo ou não emotivo, ativo ou não ativo, primário (1) ou secundário (2), o que gera as seguintes combinações: E+ A+ 1; E+ A+ 2; E+ A - 1; E+ A - 2 (grupos dos emotivos); E - A+ 1; E- A= 2; E- A- 1; E- A- 2 (grupo dos não emotivos).

Os nomes a que correspondem estas combinações são altamente equívocos e problemáticos. Nenhum dos nomes significa o que se entende por esses mesmos nomes na linguagem corrente. Cada termo expressa um conceito muito definido, particular a esta caracterologia, e deve ser entendido só e somente neste sentido, o que a seguir daremos, e não nas acepções correntes.

Para chegar aos mencionados tipos, equipes inteiras também foram acionadas para estudar os diários, memórias, cartas, depoimentos de personalidades históricos falecidos. E por isso mesmo costuma haver pequenas divergências entre os autores, enquadrando às vezes o mesmo personagem em tipos diferentes. São poucas porém essas divergências, ocorrendo num pequeno número de casos - o que seria até esperado, uma vez que se trata de uma certa pessoa (após estudar em detalhes a biografia e obra de determinado personagem), responder por ele a este. É o que cada aluno deverá fazer em relação ao personagem escolhido, naturalmente que não no prazo do curso - neste prazo, o que se exige é apenas um conhecimento mínimo necessário para o trabalho que temos em vista - mas num prazo de dez anos de "convivência", aproximadamente.

Observamos que a fórmula dos tipos serve apenas para orientar a observação dos casos. Os tipos são decorrentes da indução, da observação de milhares de casos. Por experiência estatística então sabe-se que o sujeito cujo resultado do teste gerou tal ou qual fórmula terá tais e tais traços. Pode haver traços que pareçam contradizer aqueles primeiros, o que deverá ser investigado e resolvido pelos fatores completares e pelos fatores de tendência, pois é difícil encontrar um tipo totalmente puro. Há também outros elementos que atenuarão mais ainda as coisas, como é caso da psicodialética que traz luz nova ao assunto, o que trataremos mais a frente.

Os oito tipos são:

Emotivos

E+ A+ 1 = colérico

E+ A+ 2 = passional

E+ A - 1 = nervoso

E+ A - 2 = sentimental

Não emotivos

E - A+ 1 = sangüíneo

E - A+ 2 = fleumático

E - A - 1 = amorfo

E - A - 2 = apático

Vejamos os perfis dos dois primeiros, traçados por Gaston Berger:

COLÉRICO (E+ A+ 1)

Generoso, cordial, cheio de vitalidade, exuberante, otimista, em geral de bom humor. Falta-lhe gosto e senso de medida, sendo às vezes grosseiro sem se dar conta. Falta-lhe refinamento. Atividade intensa e febril mas múltipla. Dom de liderança. Tem como valor dominante, que orienta sua vida, a ação. Aprecia agir e fazer.

PASSIONAL (E+ A+ 2)

Ambicioso que realiza. Tem uma tensão extrema de toda a personalidade (esforço coordenado de todas as funções, de todos os aspectos da personalidade em vista de um fim). É dominador mas sabe controlar e

utilizar sua violência.

Comparando o colérico e o passional, temos o seguinte quadro:

O colérico, se tiver um ímpeto de violência, a extravasa, por ser uma pessoa exuberante. O passional é bom conversador. Tem o sentido da grandeza e sabe dominar e reduzir seus impulsos e necessidades. As lideranças originam-se de um destes dois tipos.

O colérico é alguém cuja vida interna, cujos sentimentos, afetos, impulsos, etc., transbordam. É caudaloso, age ao compasso dos impulsos do momento. As suas emoções lhe subirão às faces, seja sob a forma de reação (porque é um emotivo), seja sob a forma de ação (porque é um ativo). O que se passar dentro dele virá a tona, com manifestações de emoção ou de ação, pois trata-se de um primário. Aquilo a que reagir é porque o afetou no momento; caso não o afete na hora, não afetará depois. Muita coisa lhe provoca reação, pois trata-se de um emotivo e, por isto mesmo, percebe muito. A sua expressão e seu comportamento não são estudados porém respondem à somatória do seu equilíbrio psicofísico do momento. O colérico tem uma superabundância de recursos psicológicos ou físicos, que gastará, dilapidará numa atividade múltipla. Decidirá agir e fará muita coisa, de forma produtiva, porém associada a uma multilateralidade de aspectos.

Exemplo de um colérico famoso é Balzac. Durante anos a fio, a vida dele resumiu-se no seguinte: começava a trabalhar às 18h e escrevia como um louco até 8h da manhã. O prato de refeição que lhe era servido, ele comia enquanto trabalhava. De repente, parava tudo e só pensava em festas, em gastar dinheiro, em mulheres e bebidas. Gastava tudo o que tinha, seguro de que, uma vez que precisasse novamente de dinheiro, escreveria um ou diversos livros e conseguiria então a soma de que precisava. Sua obra é descomunal, porém cheia de erros, desatenções, por lhe faltar o senso do gosto e da medida. Há muita coisa de terrível mau gosto em Balzac, ao mesmo tempo que é um escritor exuberante. Sua obra A Comédia Humana, comporta dezenas de títulos, nos quais os mesmos personagens reaparecem. Um personagem, às vezes central numa história, reaparece como secundário numa outra, de forma que aos poucos isso foi formando uma rede que mostra toda a sociedade humana. Ele teve idéia de fazer uma obra nestes moldes de repente, de manhã, quando estava na rua. Chegou em casa e disse: “Cumprimente-me. Estou em vias de me tornar um gênio”, o que é próprio de um primário.

Temos no Brasil um colérico ilustre: Mário Ferreira dos Santos, filósofo. Um dia, deu-lhe na cabeça e ele foi para casa e passou a escrever uma obra entitulada Enciclopédia das Ciências Filosóficas, que tinha 58 volumes, todos escritos num prazo de 16 anos, o que significa mais de 4 volumes por ano. Mário comia muito, falava muito, agia muito, sempre animado e alegre, confiante na inesgotabilidade das suas forças, e sem se preocupar com o amanhã. Às vezes tinha explosões de raiva, que logo passava.

Tanto no caso de Balzac quanto no caso de Ferreira, não foi algo longamente deliberado - foi um súbito impulso de vontade que durou vários anos.

Por outro lado, o passional não age inconseqüentemente. Ele também é emotivo. Sente as coisas profundamente, as coisas o abalam. E, sendo ativo, estas emoções que o abalam tendem a ser trabalhadas e a transformar-se em ações, em decisões; tendem a ser coordenadas num esquema de idéias, valores e planos. Mas, ao contrário do colérico, cuja emoção transborda em ação imediatamente, haverá um intervalo entre a emoção e ação de maneira que as causas que desencadeiam a ação do passional não serão tão claras para o observador do momento quanto aquelas que põem colérico em ação. Portanto, ele parecerá desde logo muito mais misterioso que o colérico. Ao contrário de colérico, que tende a ser generoso e cordial, portanto simpático, a não ser quanto à sua grosseria, o passional tenderá a ser simpático ou antipático conforme lhe interesse. O passional também tem o poder da vontade, porém, ao contrário da vontade do colérico, que é uma vontade fácil e momentânea, será uma vontade dolorosa, porque ele formulará um objetivo e tenderá a pôr a serviço dela toda a personalidade: as forças que são propícias e as que são antagônicas. O passional se caracterizará principalmente por isso: por um esforço de coordenação de toda a personalidade; ele buscará todos os desejos, impulsos, mesmo que sejam antagônicos entre si. No colérico a multiplicidade interna aparecerá sob a forma de ações incoerentes: ele fará uma coisa com convicção e fará uma outra, igualmente com convicção, porém que é o contrário da que acabou de fazer. Esta incoerência do colérico era bem visível em Balzac. É um tipo incoerente por excesso, porque tem a força para fazer algo e o contrário deste algo, igualmente com convicção. Ao passo que o passional tenderá

a comprimir os dois lados da personalidade para obter uma síntese em vista de uma finalidade única.

O colérico não sacrifica seus apetites: gasta totalmente suas forças porque sabe que quando precisar de mais, terá. Ao passo que o passional, não: ele terá a consciência da dificuldade do objetivo que se impôs e, por isto, tenderá a poupar suas forças e a nada fazer que não concorra para esse objetivo. O passional sacrifica os seus desejos pelo ideal, pelo plano que traçou. O termo que identifica - passional- decorre do fato de haver uma paixão dominante à qual tudo o mais se subordina.

Exemplo de passional famoso é Napoleão Bonaparte. Ele fez inúmeros sacrifícios pelos seus objetivos, inclusive o sacrifício de se separar da mulher que amava por ela não poder lhe dar filhos.

O colérico, com poucas pinceladas se visualiza o se perfil. Não se dá o mesmo com o passional. O motivo das ações deste último sempre são coisas muito remotas, devido a sua secundariedade. Quando ele chegar a fazer algo, as demais pessoas já esqueceram do motivo. O colérico é mais tático, enquanto o passional é mais estratégico. Tanto um quanto outro são de recuperação rápida, ao passo que um inativo, quando se desgasta, pode levar anos para recuperar-se: por lhe ser difícil univocar decisão e ação, ele se desgasta mais. Há um hiato que ele não consegue transpor a não ser com esforços medonhos e à custa de estratégias muito complexas, que a seguir veremos.

NERVOSO (E+ A- 1)

De humor variável, ele quer assustar e atrair a atenção dos outros. É indiferente à objetividade, tem necessidade de embelezar a realidade. Faz o que os americanos chamam wishfulthinking, pois pensa não conforme o que vê mas conforme o que desejaria que fosse. Se não gosta da realidade, inventa outra . Tem o gosto pelo bizarro, pelo estranho, pelo extravagante. Tem um ritmo irregular de trabalho e só trabalha no que lhe agrada. Sente necessidade de estímulos para fugir do tédio. É inconstante nas suas afeições.

Exemplos históricos: Badelaire, Verlaine, Stendhal.

O trabalho do colérico e do nervoso é irregular, por motivos opostos. Tanto um quadro outro pode trabalhar aos solavancos. O colérico porque tem multiplicidade de linhas de ação que ele conduz paralelamente, de acordo com algo que pensou e com objetivos que tem, por decisão própria. Ao passo que o nervoso é pressa de tédio. Ele pára o trabalho não quando decide, mas quando não agüenta. A curva do seu trabalho é curta, porque a coisa entendia. Ele cansa, é mais fatigável que o colérico. Ademais, é movido pelo gosto. Se não gosta mais, torna-se simplesmente incapaz de fazer. Sabendo disto, como é que ele fará para se adaptar à vida social, ao trabalho, ao mundo chato, tedioso? Terá de recorrer à fantasia, embelezando as coisas artificialmente, se convencendo que a coisa que imaginou é melhor do que na realidade é. Ser um emotivo não ativo, isto quer dizer que ele é perturbado profundamente pelo que acontece, mas não consegue transformar as suas reações em ações voluntárias.

Podemos exemplificar essas diferenças assim: suponha que alguém ofenda um colérico. Ele revida com um tapa e a história acaba aí. Caso a ofensa se dirija a um passional, ele irá medir para ver o que convém aos seus objetivos, se a ofensa é ou não relevante e se é melhor ou não esperar outra ocasião para revidar. Se a ofensa for dirigida a um nervoso, que é um primário, ele tenderá a uma reação no momento mas não conseguirá fazer convergir toda a sua personalidade de maneira a reagir de forma que satisfaça a todo o seu ser. Qualquer reação que tenha o deixará metade descontente: se dá um tapa, se arrepende depois; se não dá, se acusa de covarde. Quando chegar a bater em alguém, baterá demais, de forma desproporcional à decisão tomada. O que, em sentido caracterológico, não é ação, por não ter aquela proporcionalidade com a decisão. O nervoso tem menos domínio, menos liberdade de ação do que o colérico ou passional. Estes agirão na medida exata do que decidem e com a personalidade inteira. O nervoso, por ser primário, tem de reagir no momento; mas, por ser inativo, não age verdadeiramente.

SENTIMENTAL (E+ A - 2)

Um ambicioso que permanece no estado da aspiração. Meditativo, introvertido, esquizotímico. Freqüentemente melancólico e descontente consigo mesmo. Vulnerável e escrupuloso. Tem dificuldade em entrar em relação com os outros. Rumina o passado, se auto-analisa. É resignado à derrota e aprecia a intimidade. Às vezes tem um vivo sentimento da natureza.

Tal como o passional, o sentimental é ambicioso. Porém, tem dificuldade de chegar a decisões porque tem

uma consciência demasiado aguda dos aspectos contraditórios que se agitam dentro dele mesmo, e não chega a coeri-los para tomar decisões. Tão logo decide, questiona a sua própria decisão. Por isso se diz que é escrupuloso. Em latim, scrupulum quer dizer "pedrinhas": é um sujeito que fica pesando pedrinhas e mais pedrinhas, levantando objeções contra si mesmo e contra seus próprios projetos, não no sentido crítico de planejar direito e criticar o plano com antecedência para não dar errado, e sim por uma compulsão.

Tal como o nervoso, é um inativo, alguém cuja ação não expressa a decisão, se é que houve decisão, mas que expressa uma reação, às vezes indesejada, a um estímulo exterior ou interior qualquer. Quando parece estar agindo, na verdade está reagindo. Porém o nervoso expressará isto numa contradição imediata do comportamento: ele faz e desfaz. O sentimental não faz nem desfaz: fica pensando.

Um exemplo: ofende-se um nervoso e ele faz um estardalhaço. No instante seguinte, ele está com um monte de problemas, achando que reagiu demais. Daí telefona, desculpa-se, elogia quem o ofendeu, humilha-se. O sentimental ficará, ao contrário, paralisado por escrúpulos, e não reagirá de maneira alguma, preferindo retirar- se e meditar sobre o que aconteceu e sobre as múltiplas conseqüências possíveis dos atos que ele poderia ter cometido e não cometeu.

Onde o nervoso apela para a fantasia, para poder se adaptar, o sentimental apela para sua auto-análise. Ele ficará analisando os seus próprios sentimentos e desejos em busca de uma coerência ao nível mental, ao nível teórico. Daí serem típicos do sentimental os escritos confessionais: diários, memórias, que escreve para si mesmo porém na secreta esperança de algum dia tudo aquilo seja lido por alguém que vai compreendê-lo totalmente. O sentimental tem um desejo imenso de ser compreendido e por isto mesmo aprecia a intimidade.

Sendo um auto-analista, ele compreende facilmente o próximo e tem o dom psicológico, assim como o nervoso tem o dom da fantasia,

Sentimental célebre: Jean J. Rousseau. Escreveu uma obra típica de sentimental: Os Devaneios do Caminhante Solitário, livro onde se coloca como o homem mais bondoso da Europa, o de coração mais puro, que a todos queria bem e a todos perdoava por não o entenderem.

Um sentimental que não mentia e que também era gênio nas letras foi Amiel, filósofo suíço que a vida toda tentou escrever alguma grande obra e não conseguia. Escrevia um diário no qual registrava diariamente as dificuldades interiores que encontrava para realizar a sua obra. No fim, o diário ficou sendo sua grande obra e virou um clássico da literatura.

Kierkegaard foi outro caso de indecisão, que durou uma vida inteira.

Alfred de Vingny: fracassou em todos os seus projetos, recolheu-se movido pelo senso de dignidade ofendida, passou o resto da vida curtindo essa amargura. Tinha o inconveniente de estar sempre do lado errado: tentou a carreira militar e se deu mal, tendo descoberto que era monarquista só após este regime ter caído. Ofereceu generosamente o seu apoio à causa monarquista para que o rei recuperasse o trono até descobrir que o rei era salafrário, que estava passando muito bem em Londres, gastando seus milhões e que estava pouco ligando para recuperar a monarquia. Vigny foi alguém que quis fazer uma carreira heróica mas descobriu que a causa que escolhera era perdida. Ficou o resto da vida curtindo essa amargura e escrevendo sobre a tragédia do poeta num mundo mau e estúpido. Sua grande obra prima Chatterton é exatamente isto: um jovem poeta que sofre num mundo que não o compreende, num mundo que não está à altura dos seus ideais.

SANGÜÍNEO (E - A+ 1)

Extrovertido, bem falante, espírito prático, polido, espirituoso, irônico, hábil diplomata, sabe manobrar (manipulador), tem iniciativa, dá mais valor à experiência do que à teoria, tem espírito flexível, aprecia o sucesso social.

Exemplo: Voltaire, Talleyrand. Este último era ministro do governo anterior a Napoleão, depois foi ministro de Napoleão. Quando derrubaram Napoleão, foi ministro do governo que o sucedeu. Napoleão voltou e ele foi novamente ministro de Napoleão. Derrubaram novamente Napoleão e ele foi ministro no governo que derrubou Napoleão.

FLEUMÁTICO (E - A+ 2)

Homem de hábitos, regras e princípios. Pontual e objetivo, fidedigno, ponderado, de humor constante, paciente e tenaz. Moralista e, se religioso, entenderá a religião sobretudo no aspecto moral. Abstratista, senso de humor muito vivo. Aprecia a norma e a Lei.

Tanto o sentimental quanto o fleumático são escrupulosos, porém por motivos totalmente diversos. O sentimental porque vê a sua contradição e se analisa. O fleumático porque deseja manter a coerência entre o ato e o sistema abstrato ao qual aderiu, um problema o fleumático tentará resolvê-lo segundo a aplicação dedutiva de uma norma e vai deduzindo até chegar ao caso particular. Se é um caso para o qual não há norma, inventará uma norma geral, para os casos que venham a ser parecidos.

Exemplo: Kant. Dizia: "O céu estrelado acima de mim, a norma moral dentro de mim". Era um homem tão apegado a regras que dizia o seguinte. "Não se deve mentir mesmo ao ladrão que vem nos assaltar."

AMORFO (E - A - 1)

Disponível, conciliador, tolerante por indiferença (finge que concorda para poder continuar tudo do mesmo jeito), As pessoas acham que tem "bom caráter". Negligente, indiferente, freqüentes aptidões para a música e teatro. (Mais para execução do que para a composição: amolda-se ao instrumento, à partitura, ao papel, etc. Ama o prazer. Quer sentir-se bem, daí amoldar-se. É indiferente ao que se passa externamente. Há uma harmonia interna dentro dele e nada mexe com isso. Estado de permanente homeostase.

Exemplo: La Fontaine. Neste, nota-se uma medição distante sobre o ser humano, como se visse de muito longe. Procura manter-se sempre dentro do absolto equilíbrio.

APÁTICO

Distante de tudo por ser fechado, secreto, voltado para si, mas sem vida interior intensa. Escravo do hábito. Conservador (não no sentido político). Sombrio. Taciturno. Rancoroso, difícil de reconciliar. Honesto. Veraz. Honrado. É o menos tagarela dos homens. Ama a tranqüilidade.

Exemplo: Luiz XVI. Só gostava de marcenaria. No dia em que tomaram a Bastilha, anotou num diário que mantinha, não por motivos sentimentais mas como parte do ofício de rei. "Hoje, nada".

AULA 10

ELEMENTOS BÁSICOS DA CARACTEROLOGIA FRANCO-HOLANDESA

Esta caracterologia é assim chamada por ter sido iniciada por dois holandeses - G. Heymans e E. D. Wiersma - e completada por dois franceses - René Le Senne e Gaston Berger.

O teste que utilizamos foi extraído do livro de Gaston Berger. Traité Pratique d'Analyse du Caractère (V. Bibliografia).

Os elementos que forneceremos em seguida provêm igualmente desse livro, do Tratado de Caracterologia de Le Senne, que é o grande clássico dessa escola, e de outras obras afins.

Vamos inicialmente estudá-la tal como é em si mesma - em sua teoria e sua técnica - para somente depois esboçarmos algumas comparações com a astrologia.

Que é caráter

"O vocábulo caráter provêm do grego charaktér, que significa impressão, gravação.

"Desse primeiro sentido resultam: (a) um aspecto original; (b) um aspecto permanente (praticamente indelével)."

Roger Gaillat, Chaves da Caracterologia, p. 13 Gaillat distingue entre um sentido amplo e um sentido estrito do termo caráter.

Sentido amplo: "O caráter é aqui entendido como um feixe de traços ... que conferem a um indivíduo uma

originalidade natural. O termo engloba, portanto, não só disposições estáveis e inatas, mas também a maneira pela qual o sujeito explora essa base primitiva ao sabor das situações ... O caráter aparece como uma 'resultante' ou, caso se prefira, o resultado de uma ação exterior sobre um dado suscetível de evoluir."(Id., p. 14)

Sentido estrito: "O termo caráter diz respeito aqui exclusivamente ao núcleo constitucional primitivo do psiquismo humano ... No seu aspecto hereditário, o caráter é uma herança sob a forma de genes cromossômicos provenientes, em esmagadora maioria, de nossos procriadores imediatos - pai e mãe" (Id., p. 15). Assim, "o caráter aparece como uma primeira natureza complexa, um tipo de equilíbrio neurendócrino", (p. 16), definido por Le Senne como "Sistema invariável das necessidades, que se encontra por assim dizer nos confins do orgânico e do mental".

Usando o termo o sentido estrito, Gaillat dá a seguinte definição:

"O caráter é uma estrutura psicofisiológica, ao mesmo tempo organizadora e racional, que coloca o indivíduo, de maneira original, em relação constante e dinâmica com o dado existencial."

Ponto de partida

Heymans e Wiersma, partindo da análise de 3 mil questionários preenchidos por médicos a respeito de seus pacientes, isolaram desde logo três fatores cuja maior ou menor intensidade num indivíduo delinearia o perfil do seu caráter:

a) Emotividade: reação emotiva aos estímulos externos.
b) Atividade: busca do esforço.
c) Ressonância: efeito das impressões, o qual pode ser imediato e breve (primário) ou retardado e duradouro (secundário).

A combinação dos três fatores produzia, então, oito caracteres (mudei, para simplificá-lo, o sistema de abreviaturas usado pelos autores):

1) Emotivo-Ativo-Primário: COLÉRICO (E+A+1)
2) Emotivo-Ativo-Secundário: PASSIONAL (E+A+2)
3) Emotivo-Inativo-Primário: NERVOSO (E+A-1)
4) Emotivo-Inativo-Secundário: SENTIMENTAL (E+A-2)
5) Não-emotivo-Ativo-Primário: SANGUÍNEO (E-A+1)
6) Não-emotivo-Ativo-Secundário: FLEUMÁTICO (E-A+2)
7) Não-emotivo-Inativo-Primário: AMORFO (E-A-1)
8) Não-emotivo-Inativo-Secundário: APÁTICO (E-A-2)

Método da caracterologia de Le Senne

A contribuição de Le Senne constituiu, primeiro, em dar maior fundamento científico à caracterologia de Heymans e Wiersma, completando os resultados da observação- indução pela definição mais rigorosa dos conceitos e pela formulação de uma teoria mais abrangente; segundo, em ampliar o campo das diferenciações individuais, introduzindo os fatores de tendência, que se acrescentam aos caracteres de base, modulando-os e particularizando-os.

O aporte de Berger foi sobretudo de ordem técnica, aperfeiçoado e simplificando os questionários, que são o principal instrumento de pesquisa desta caracterologia.

A caracterologia franco-holandesa não é somente uma técnica diagnóstica ou descritiva, mas uma ciência completa do caráter, comportando princípios explícitos, conceitos rigorosos, crítica metodológicas e exigentes procedimentos de pesquisa e verificação. Eis como Le Senne define as exigências da caracterologia:

"Se a caracterologia é um conhecimento legítimo, deve permitir, de um lado, por meio de fatos comprovados e, tanto quanto possível, medidos, destacar por indução os traços constitutivos de um caráter; mas, por outro lado, deve permitir que se deduzam a partir desses traços, isto é, dos elementos da fórmula desse caráter, as propriedades que possam coincidir com as propriedades comprovadas. Estabelecemos a realidade empírica de um caráter mediante a descrição estatística ou biográfica; mas devemos compreendê-

lo por construção, tal como compreendemos a construção de uma esfera pela rotação de uma circunstâncias ao redor de seu diâmetro," (Tratado de Caracterologia, p. 110)

Ou seja: a caracterologia atém-se à regra áurea do conhecimento científico: só há ciência quando aquilo que foi deduzido a partir de princípios coincide com aquilo que foi induzido da observação dos fatos. Guardem em este ponto, que ele nos será útil mais tarde, quando se trate de formular os princípios e métodos da astrocaracterologia.

Os três fatores de base

Gaston Berger (Traité, pp. 22-28) define-os assim:

Emotividade. - "Ser emocionado é ser perturbado ... Chamemos emotivo àquele que é perturbado quando a maioria dos homens não o é, ou que o é mais violentamente que média ... O emotivo vibra por um nada se perturba por motivos dos quais ele é o primeiro a reconhecer que não valem a pena ... O emotivo, que maldiz sua sensibilidade quando ela o faz sofrer, vê nela entretanto um bem, ao menos um valor precioso. O não emotivo parece-lhe ora um hipócrita que dissimula seus sentimentos, ora um ser anormal, que não é verdadeiramente humano ... Por seu lado, o não emotivo considerada sempre com surpresa e reprovação * os emotivos *. Parecem-lhe loucos, doentes ou bêbedos."

Atividade. - "Não é o comportamento. Daquele que age muito, mas a disposição daquele que age facilmente ... Quando é emotivo, o inativo pode 'fazer' muitas coisas. 'Parecerá' ativo, quando é apenas arrebatado. Retire-se a atração exterior e, entregue a sim mesmo, ele será presa de indecisão infinita .. Pode-se ser ativo, ao contrário, e não ter senão uma atividade manifesta muito medíocre ... Um dos traços do ativo é a facilidade com que ele recupera forças, após um trabalho esgotante ..."

Secundariedade (ou Ressonância +) - "Todas as nossas representações exercem sobre nós uma ação imediata, a que podemos chamar sua 'função primária'. Mas, quando desapareceram do campo de consciência, continuam a 'repercutir' em nós e a influenciar nossa maneira de agir e pensar. Esta ação prolongada é sua 'função secundária'. Por extensão, chamaremos 'primários' aos indivíduos em que as impressões agem sobretudo pela sua função primária, 'secundários' àqueles em quem as impressões exercem uma 'função secundária' importante."

Os oito caracteres de base

1. Colérico

a) Fórmula: Emotivo-Ativo-Primário (E+A+1)

b) Perfil. - Generoso, cordial, cheio de vitalidade e de exuberância. Otimista, geralmente de bom humor, falta-lhe com freqüência gosto e elegância. Atividade intensa e febril. Líder.

c) Valor dominante: a ação

d) Coléricos famosos. - Balzac, Casanova, Danton, Diderot, Victor Hugo, Saint- Simon, Charles Péguy, George Sand.

e) Observação de Gaston Berger. - "O colérico, sendo emotivo, ressente fortemente os conflitos. Mas, longe de abatê-lo, eles lhe fornecem a ocasião de sentir sua própria força ... O colérico faz face, mas freqüentemente não escolhe. Busca conservar ambos os partidos. Pouco se preocupa de ter uma vida coerente ... *Mas * sua infidelidade não é esquecidiça como a do nervoso: é conservadora: não sacrifica um amor a outro, acrescenta o segundo ao primeiro."(Traité, pp. 45- 46.)

2. Passional

a) Fórmula: Emotivo-Ativo-Secundário (E+A+2)

b) Perfil. - Ambicioso que realiza. Tensão externa de toda a personalidade. Atividade concentrada num fim único. Sabe dominar - e utilizar - sua violência. Tem um senso profundo de grandeza. Sabe subjugar suas necessidades orgânicas.

c) Valor dominante: a obra a realizar.

d) Passionais famosos. - Santo Agostinho, Beethoven, Racine, Nietzsche, Pascal, Tolstoi, Miguel Angelo,

Napoleão, Hitler, São Bernardo, Fichte, Hegel, Flaubert, Comte.

e) Observações de Gaston Berger. - "A paixão é a ordenação da vida afetiva, submetida a uma tendência dominante ... Há dois meios de realizar o equilíbrio sistemático das formas:

1) A integração consiste em fazer servirem à realização da obra as tendências que, entregues a si mesmas, arriscariam desviar-se.

2) O sacrifício: a deliberação do passional é dramática, porque ele sofre naquilo que negligencia e paga com sua felicidade o sucesso de sua empresa."(Traité, pp. 47-50.)

3. Nervoso

a) Fórmula: Emotivo-Inativo-Primário (E+A-1).

b) Perfil. - Humor variável. Quer espantar, atrair a atenção alheia. Necessita embelezar a realidade, o que vai da mentira à ficção poética. Tem um gosto pelo bizarro, às vezes pelo macabro. Trabalha irregularmente e só no que lhe agrada. Tem necessidade de excitações que o tirem do tédio. Inconstante nas afeições. Fácil de consolar.

c) Valor dominante: o divertimento

d) Nervosos famosos. - Baudelaire, Chopin, Stendhal, Dostoievski, Gauguin, Heine, Edgar Põe, Rimbaud, Oscar Wilde, Verlaine, Mozart, Sterne.

e) Observações de Gaston Berger. - "Quanto mais a emotividade aumenta, mais os conflitos são vivamente sentidos. Aqueles nos quais a impressão é a mais forte são, sem dúvida, os nervosos, cuja emotividade não é regularizada pela secundariedade, e cuja inatividade impede de realizar seus desejos. Esmagados pela exterior, mal adaptados à vida social, os nervosos têm tendência a fugir quando o meio se torna demasiado penoso. Os exemplos de evasões abundam nas biografias dos nervosos. Mas a fuga nem sempre é possível, e o nervoso a substitui por uma fuga simbólica: o país dos sonhos. Este movimento de fechar-se comporta dois momentos, um que assegura a proteção, outro que permite a compensação buscada. O primeiro é a fabricação de uma máscara, o segundo a organização de um refúgio ... nem todos os nervosos possuem aptidões criadoras que fazem da arte um refúgio privilegiado. Entre os menos dotados, o orgulho du connaisseur pode substituir o do criador. Há enfim, as fabulações medíocres, e as compensações patológicas de tipo mitomaníaco. Há, enfim, o socorro dos excitantes, álcool e drogas." (Traité, pp. 39-41.)

4. Sentimental

a) Fórmula: Emotivo-Inativo-Secundário (E+ A- 2)

b) Perfil. - Ambicioso que permanece no nível da aspiração. Meditativo, introvertido, esquizotímido. Melancólico e descontente de si. Tímido, vulnerável, escrupuloso, alimenta a sua vida interior pela ruminação do passado. Auto-analise. Dificuldade de relacionamento. Resignado a derrotas evitáveis. Vivo sentimento da natureza.

c) Valor dominante: a intimidade

d) Sentimentais famosos. - Russeau, Amiel, Vigny, Chopin.

e) Observações de Gaston Berger. - "O sentimental parece-se com o nervoso, mas a secundariedade substitui a graça pela profundidade e o jogo das imagens pela reflexão; ela torna-o prudente. O sentimental hesita tanto que ele deixa passar a ocasião e, no fundo, se rejubila com isso, pois a ação o atemoriza ... decepcionado pelo mundo, ele não foge para a fantasia: ele se fecha em si. A vida interior lhe permite triunfar à sua maneira. O instrumento de liberação que ela lhe oferece é o método reflexivo e a análise psicológica ... ele se tornará capaz de fazer por artifício o que outros realizam naturalmente. É o que se chama 'mudar o caráter'. Ele é, de todos os homens, o que mais exatamente conhece suas fraquezas, mas ele espera, graças à sua secundariedade, tirar a sua fraca atividade o melhor rendimento ... a análise reflexiva ajuda-o a suportar o sofrimento ... ele é feliz na reflexão, na intimidade, no segredo. Longe dos olhares trocistas dos homens superficiais, ele escreve para si mesmo, mas sonha encontrar o irmão ideal que seria capaz de compreendê-lo ... ele justifica a inação pela natureza de ideal ou pelo rigor da exigência." (Traité, pp. 42-45).

5. Sangüíneo

a) Fórmula: Não-emotivo-Ativo-Primário (C-A+1)

b) Perfil. - Extrovertido. Prático, polido, espirituoso, irônico. Sabe manejar os homens. Tem iniciativa e flexibilidade. Oportunista.

c) Valor dominante: o sucesso.

d) Sangüíneo famosos. - Montesquieu. Telleyrand, Anatole France.

e) Observações de Gaston Berger. - "Difícil de perturbar, ele não sente o conflito com o peso suficiente. Sua atividade permite-lhe dominar a situação: o conflito torna-se jogo. O sangüíneo se diverte em vencer as resistências. A sociedade é o seu terreno. As leis e costumes são apenas a regra do jogo. Basta saber aplicá-las. O que entusiasma ou escandaliza os emotivos torna-se para o sangüíneo um pretexto de reflexões irônicas." (Traité, pp. 37-38.)

6. Fleumático

a) Fórmula: Não-emotivo-Ativo-Secundário (E-A+2)

b) Perfil. - Homem de hábitos e princípios. Pontual, objetivo, fidedigno, ponderado. De humor igual, geralmente impassível, paciente, tenaz, sem afetação. Às vezes, um vivo senso de humor. Ama os sistemas abstratos.

c) Valor dominante: a Lei.

d) Fleumáticos Famosos. - Kant, Washington, Franklin, John Stuart Mill, Leibniz, Darwin, Joffre.

e) Observações de Gaston Berger. "A gravidade substitui a troça, e o conflito toma o aspecto de um problema a ser considerado com objetividade e do qual se trata de descobrir a solução. Os fleumáticos têm o jeito para a exatidão da observação objetiva." (Traité, pp. 39.)

7. Amorfo

a) Fórmula: Não-emotivo-Não-ativo-Primário (E- A- 1)

b) Perfil. - Disponível, conciliador, tolerante por indiferença, mostra às vezes uma teimosia passiva muito tenaz, negligente, preguiçoso, indiferente. Frequentes aptidões para a música e o teatro.

c) Valor dominante: o prazer.

d) Amorfos famosos. - La Fontaine, Luiz XV.

e) Observação de Gaston Berger. - "A constatação que está na base de todo conflito é vivida pela consciência como emoção. O conflito será portanto atenuado e como que amortecido nos não-emotivos. Os não-emotivos inativos não têm reação pessoal. Seguem seus hábitos ou obedecem às circunstâncias. O amorfo se abandona, mas sua primariedade o torna móvel e ele cede a todos os impulsos. Nada o afeta profundamente: uma decepção amorosa é logo apagada por uma nova aventura. No amorfo a plasticidade se revela como a verdadeira força: ele parece ceder, mas deixa passar a tempestade e depois de reencontra tal como era na origem." (Traité, p. 36)

8. Apático

a) Fórmula: Não-emotivo-Inativo-Secundário (E- A- 2)

b) Perfil. - Fechado, secreto, mas sem vida interior intensa. Sombrio e taciturno. Escravo dos seus hábitos, conservador. Tenaz nas inimizades, difícil de reconciliar. O menos tagarela dos homens. Ama a solidão. Honesto, veraz, honrado.

c) Valor dominante: a tranqüilidade.

d) Apáticos famosos: Luiz XIV, Luiz XVI, Xavier do Maistre.

e) Observações de Gaston Berger. - "A resistência de seus hábitos lhe dá independência em relação ao meio. Sua maneira de se adaptar é ignorar, deixar passar, 'fazer-se de morto'. Sua força é a inércia."

(Traité, p. 36)

...

Comentários aos oito caracteres de base

O colérico é inconstante pois tem confiança em que possui forças de sobra. Já o passional economiza suas forças, abstendo-se do que não concorra para sua meta; sabe que suas forças estão abaixo do que pretende realizar. Por outro lado, o nervoso é inconstante como o colérico, mas por motivo diverso: se para o colérico um canal de ação não lhe basta, para o nervoso o tédio e a fraqueza o obriga a interromper o que começa.

Os tipos irônicos são três: o nervoso, o fleumática e o sanguínio. O fleumático porque realmente vê as coisas de longe. O sangüíneo porque não leva as coisas a sério. E o nervoso porque usa a ironia como uma arma com qual se define; se uma pessoa se comporta com ironia mas no fundo sofrendo, então é do tipo nervoso.

O passional é resignado à derrota, pois uma vez derrotado, pensar no assunto não irá contribuir para a consecução de seus planos. Já o sentimental se resigna de antemão a uma derrota que poderia evitar. Diferente é o caso do amorfo, que também se resigna, mas por pura indiferença.

O sentimental é psicólogo nato, porque deseja conhecer para dominar melhor as tendências que ele vê como incompatíveis. Não conseguindo decidir, ele pelo menos procura, ao nível das idéias, encontrar uma explicação que lhe dê uma unidade, ao menos potencial. Embora ele não consiga realizar essa unidade, pelo menos pode obter uma imagem coerente de si mesmo. Sendo o signo do psicólogo, é o signo da reforma de si. Se lhe derem um bom conselho, o sentimental fará tudo para segui-lo, pois tem consciência de seus desfeitos e deseja se superar.

O nervoso, sendo primário, não refletirá como o sentimental, mas procurará na fantasia sua defesa; sendo que esta fantasia poderá se expressar como uma força na descrição artística e poética, ou como uma simples fuga que se traduz na mitomania (necessidade de "inventar" para confundir os outros) ou, no caso extremo, pelo consumo de drogas.

O sentimental justifica sua inação pela pureza do ideal ou pelo rigor da exigência, enquanto se esforça no sentido do autoconhecimento. No entanto, muitas vezes a justificativa desvia-se para a autolisonja, quando ele alega que as oportunidades que perdeu não eram dignas de sua pessoa, pois ele não iria comprometer seu ideal puro sujando as suas mãos na sordidez do mundo. Apenas aqueles que não encontrem uma justificação para a fuga é que permanecerão na auto-análise sincera. Um exemplo de sentimental na literatura brasileira é o Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos.

No fundo o sentimental sabe quando está mentindo, mas ele só contará a verdade à "alma gêmea" que possa compreender suas boas intenções. De fato o sentimental geralmente é pessoa de boas intenções, tem valor, mas não consegue agir à altura de suas aspirações.

Um outro exemplo de sentimental é Amiel na obra Diário Íntimo - oito volumes, dos quais uma seleção foi traduzida para o português por Mário Ferreira dos Santos. Nesta obra podemos ver a sinceridade quase perfeita de um homem para consigo mesmo, e notamos que ele não era tão incapaz quanto ele mesmo se julgava; ele apenas se tornava incapaz na presença alheia: era um pensador profundo que não conseguiu enquadrar seu talento dentro dos canais de ação que se lhe apresentavam; por outro lado, seu diário é uma obra prima da literatura, da filosofia, da teologia, e até da poesia.

Outro sentimental é Manuel Bandeira, cujo verso mais famoso é "a vida inteira que poderia ter sido e que não foi". No entanto, quando foi lançada sua obra completa, Otto Maria Carpeaux disse: "A vida inteira que poria ter sido ... e que está aqui, perfeitamente realizada,"

Tanto para o sentimental como para o nervoso, é normal que estejam em situação social embrulhada. Se a situação externa não for hostil, ainda assim o nervoso, por sentir contradições, e o sentimental, por dificuldades de se comunicar, ambos estarão fadados de uma certa dose de fracasso social. Em contraste,

se um sangüíneo estiver com dificuldades de adaptação, então é um estado anormal e até alarmante.

A diferença fundamental entre o emotivo e não-emotivo é que para o emotivo todo conflito dói e ele enxerga contradições onde outros nada vêem. Os emotivos são seres dilacerados e enfrentam esta dilaceração de maneiras diversas: o colérico, lutando e tentando ser tudo ao mesmo tempo; o passional fazendo escolhas e sacrifícios dolorosos; o nervoso, fugindo para o mundo dos sonhos; e o sentimental tentando achar uma fórmula teórica que explique para si o que está acontecendo. No entanto, toda essa problemática dos quatro emotivos está ausente nos não-emotivos por serem estes insensíveis aos pontos que para os primeiros são dolorosos.

Quando se fala em fleumático tem-se a impressão de um sujeito frio perante as pessoas, formal, circunspecto, imagem que na verdade é a do apático. Na verdade, fleumático tem um vivo senso de humor, o que é facilmente explicável: é um tipo cerebral, vive pelas idéias. Enquanto para outros as idéias são abstratas, para ele são perfeitamente concretas; daí que, experimentando coisas de longe, estas lhe parecem às vezes de maneira incongruentes ou cômicas

Cada um dos tipos não-emocionais escapa de perceber a emoção e a contradição de maneira diferente: o fleumático porque racionaliza tudo; o sangüíneo, porque não quer que nada o atrapalhe - quer vencer, e afasta tudo o que o incomodaria -; o amorfo escapa por indiferença, quer ficar em um estado de bem-estar, mas neste caso o bem estar é interno, e não um bem-estar de desenvoltura social: ele se fecha nele mesmo porque não quer ser incomodado. No entanto, o amorfo, por ser um primário, é afetado pelos estímulos exteriores do momento, voltando ao estado original depois que tudo passa; cede por preguiça, parece mudar mas não muda. O apático não muda nem na aparência, não é possível influenciá-lo de maneira alguma. Se o amorfo parece mudar, o apático nem parece. Enquanto o amorfo é comparável à água, que muda de forma mas não perde o volume, o apático é comparável à pedra.

Fatores complementares e fatores de tendência

O caráter, dado pelos fatores apresentados, é apenas o traço mais constante, que pode ser puxado para o fundo do comportamento. Neste caso, o que transparecerá de forma mais saliente - sobretudo no momento, na fase atual de sua vida - pode ser uma tendência mais particular do indivíduo, à qual ele dá relevo no momento. Tendo isso em vista, a escola francesa acrescentou aos fatores de caráter dois fatores designados fatores complementares, e mais quatro fatores designados fatores de tendência. Fatores geram tendências, que geram comportamentos. Quando falamos de fatores de tendência, já está se referindo à zona intermediária entre as características individuais e o comportamento.

Primeiramente analisaremos os dois fatores complementares do caráter. O primeiro, chamado de Amplitude de consciência, diz respeito a dois tipos de seres humanos que poderemos compreender se nos lembrar-mos do que foi falado em outra aula sobre síntese inicial confusa, análise e síntese final distinta. No que diz respeito à Amplitude de Conciência, há um tipo cuja atenção se dirige para a síntese inicial confusa e outro tipo cuja atenção vai da análise para a síntese final distinta. Notem que a divisão não é entre sintéticos e analíticos; não pode haver síntese se não houver análise. Um tipo será dito "sintético-analítico", e o outro, na falta de termo melhor, será dito "impressionista." Para o segundo tipo, pensar será reproduzir impressões globais indizíveis, de um modo no qual ele não sabe distinguir um elemento de outro dentre uma multidão de elementos que se lhe apresentam. Não sabendo delimitar o todo e nem distinguir suas partes, o tipo impressionista pega apenas o tom. Já o tipo analítico- sintético, indo da análise para síntese e da síntese para a análise, procurará uma visão distinta das partes para montar um todo claro e distinto. Assim, o primeiro destes tipos, o que capta o tom, também é dito disperso, pois o foco de sua atenção é múltiplo, ele tem a cada instante diante da atenção uma multiplicidade indistinta de elementos. O outro será dito concentrado, não no sentido de que apreende um número restrito de elementos, mas no sentido daquele que seleciona o ponto de atenção e se concentra em uma coisa por vez. A coluna AC do teste mede o grau de dispersão: quanto mais pontos, mais dispersa a atenção. Os tipos mais característicos destas duas modalidades são, por um lado, Descartes que, como concentrado, dizia que se temos um problema muito complexo, devemos dividi-lo em pequenos problemas e resolvê-los um por um para depois resolver o problema do conjunto. De outro lado teríamos Bergson, que conseguia melhor do que ninguém dar a nocão do fluxo total do pensamento, um todo onde não se sabe onde começa e onde termina.

A Amplitude de Consciência também tende a ser um elemento constante do caráter, de maneira que parece ser inútil querer mudá-lo. O certo é tomá-lo como um dado a ser usado. Muitas pessoas dispersas fracassam nos estudos por procurarem seguir modelo de concentrado. O disperso sempre fará melhor quando se tratar de abarcar um grande volume de informações, porque do grande volume de informações ele tirará uma impressão bastante verdadeira. Um exemplo é a obra de Otto Maria Carpeaux , A História da Literatura Ocidental, onde tudo se mistura como se fosse música, em que não se sabe onde termina uma melodia e começa a outra. Tudo está emendado, é como um rio que corre constantemente. É a maior história da literatura que jamais foi feita, e no entanto, se nos ativermos às obsevações de Carpeaux sobre este ou aquele tópico em particular, identificaremos muitos erros; para compreender esta obra, é preciso pegar o todo, e como a maioria dos críticos literários é do tipo concentrado, a obra foi muitas vezes mal compreendida.

Na pintura, Cézanne é um exemplo de concentrado, e Renoir é um disperso. Em Renoir as coisas se emendam umas nas outras, as figuras não importam em si mesmas, mas sim pela infinidade de conexões que as unem umas as outras. Não se trata de detalhe e de todo: os dois pegam o detalhe e o todo, mas de maneiras diferentes.

...

A coluna seguinte P significa Polaridade, e é definida por duas denominações astrológicas: Marte e Vênus. A coluna mede o grau de marcialidade. Note-se que nenhuma das colunas, quer aquelas que se referem aos fatores complementares, quer aqueles que se referem aos fatores de tendências, pode ser definida em um sentido unívoco, isto é, definitiva por um adjetivo. Cada adjetivo deve ser entendido no sentido dialético, como uma configuração em que a coluna expressa a resultante de um jogo de forças contrárias que se combinam dialeticamente. Por exemplo, se dissermos que o indivíduo é do tipo marcial isto quer dizer que ele é divisivo, que procura os combates e confrontos pois sublinha as diferenças e afirma a sua parte, destaca sua posição frente ao antagonista, e portanto, dada a ocasião de luta, ele se apresentará com toda a boa vontade. Ele gosta do combate e, na medida em que isto o diverte, ele respeita e no fundo gosta do adversário. A polaridade marcial é então definida por uma dialética entre o desejo de luta e o respeito ao adversário.

Já o indivíduo com polaridade venusina se inclina à concordância e à conciliação; ele não aprecia as situações de disputa e procurará não concorrer abertamente, não combater declaradamente; procurará, antes, contornar a situação cedendo, procurando seduzir ou persuadir; não deseja que os conflitos cheguem a eclodir, mas que permaneçam como potenciais latentes, até que possam ser resolvidos pacificamente. Porém, na mesma medida em que ele aprecia as situações de paz e de conciliação, e que se sente mal quando há disputa, ele odeia aquele que fecha as portas à conciliação, e o combaterá de maneira muito mais violenta do que faria um tipo marcial. Para o marcial o combate é uma atitude constante, e portanto não tem a gravidade trágica que tem a luta para o venusino. O venusino, quando obrigado a combater, não conformará com a simples vitória: quererá destruir o oponente, enquanto que o marcial se contenha em vencê-lo.

No reino animal, o comportamento do javali ilustra bem o comportamento do venusino. O javali é um animal pouco belicoso e quando atacado sempre foge, até entrar na toca; porém se é ameaçado dentro da toca, ele sai e ataca o mais furioso dos animais. Já o cachorro é um animal belicoso que busca a confusão e a disputa, mas que para de atacar quando outro se dá por vencido e sai de rabo entre as pernas.

O mesmo pode ser exemplificado através da história das guerras. Enquanto estas foram travadas entre exércitos profissionais (cujo caráter é essencialmente marcial) e sem comprometer a população civil, eram presididas por todo um sistema de regras, havia uma legalidade ética. Por exemplo, se um exército se encontrava cercado por todos os lados, fazia parte da ética ele se dar por derrotado -- pois estava potencialmente derrotado -- para não obrigar o exército contrário a liquidá-lo: o inimigo não quer liquidar mas apenas vencer. A guerra é uma atividade marcial, e enquanto ela se travou entre exércitos profissionais foi mais pacífica (a última guerra que ainda respeitou alguma ética foi a de 1914). Com o início da participação da população civil na guerra, a violência aumentou até chegar à barbárie. Isso se deve à característica venusina da população civil, que não aprecia a guerra e deseja ardentemente a paz e o sossego, mas que no entanto, quando obrigada ao combate (e o crescimento dos estados e o aumento do

custo das guerras pela sofisticação dos armamentos foram causa disso), então as guerras aumentaram de violência. Quando a população civil é forçada pelas circunstâncias a entrar na guerra, ela entra com o entusiasmo e com o fanatismo nacional: seu desejo de segurança só se satisfaz com a destruição total do adversário. Notem que o conceito de que a guerra é um empreendimento nacional, que envolve toda a população e não só o exército, é um conceito que surgiu com o nazismo - - mas hoje é aceito por todos os Estados, na prática.

Embora os conceitos Marte e Vênus sejam conceitos opostos, não são de fato conceitos diferentes: sabemos por análise lógica que o oposto é oposto a alguma coisa, e que na verdade o conceito se define pelo seu contrário. Assim, a extrema violência venusina, se continuada por muito tempo, torna-se insuportável e necessita ser regulamentada; nesse momento aparece o aspecto marcial, que dará as normas de combate. Da mesma forma, o impulso marcial não poderá ser continuado indefinidamente, ou se esgotará no cansaço. Fica claro portanto que o elemento de caráter P estará sujeito a um jogo dialético em que, para o tipo P-. predominará o aspecto venusino e, para o tipo P+, predominará o aspecto marcial durante a maior parte do tempo. Devemos lembrar ainda que as três primeiras colunas do teste (E, A e R) expressam os elementos mais constantes, já as colunas dos fatores complementares P e AC, embora tendam a ser constantes, podem admitir variações circunstancias, sem que isto exija uma mudança de caráter; finalmente, para as ultimas quatro colunas (fatores de tendências) espera-se maior variação, de acordo com as circunstâncias, uma vez que são fatores mais próximos do comportamento.

Passemos agora para os fatores de tendência. AV significa Avidez. A avidez não deve ser entendida necessáriamente no sentido de desejo de comprar ou possuir, mas no sentido que Nietzsche chamava de vontade de potência, ou desejo de ser. É o desejo de que o "eu" exista intensamente e se sobreponha ao mundo exterior, de que estenda seu domínio, quer através da posse de coisas, quer através da afirmação do seu modo peculiar de ser, ou pelo acúmulo de conhecimentos, ou mesmo através do autodomínio. A coluna mede a avidez positiva: quanto maior o número de pontos, mais ávido o sujeito. É esta coluna que sublinha a importância das outras; qualquer outra coluna, para se afirmar plenamente, precisa de ajuda desta. Por exemplo, o tipo passional é um tipo ambicioso; no entanto se o indivíduo passional tiver uma avidez muito baixa, os fatores de caráter do passional poderão não transparecer. A avidez pode aumentar ou diminuir de acordo com condições situacionais da vida da pessoa.

No caso do sentimental, que é um indivíduo que não sabe agir, quando ávido age de forma a conservar o que tem, comportando-se como uma pessoa avarenta. Esta avareza não tem necessariamente o sentido financeiro, pois pode ser manifestada no sentido de uma avareza de si: o indivíduo não se dá para com os outros, pois se esconde, procurando se conservar.

A coluna seguinte IS significa o Interesse Sensorial; mede a sensoriedade ou sensualidade do indivíduo, sendo esta sensualidade não necessariamente entendida no sentido erótico do termo; sobretudo não quer dizer sensual no sentido de ser desejado por outra pessoa, o contrário é que estaria correto: se o sujeito é facilmente atraído pela beleza alheia, aí sim é que possui o elemento da sensualidade. O sensual concede atenção aos dados dos sentidos, independentemente do valor informativo ou utilitário que possam ter: Ele se deixa absorver nos dados dos sentidos, quaisquer que sejam. Se, normalmente, retemos a informação na memória para apresentá-la à inteligência, e uma vez feito isso a informação sensual recorre à memória para prestar atenção no dado em si mesmo, como que para curtí-lo.

Do ponto de vista do aprendizado, que é o que fundamentalmente nos interessa aqui, o sensual é em primeiro lugar facilmente distraído pelas informações sensíveis, nas quais ele prestará atenção independentemente de seu valor informativo; isto significa que, para os estudos o sensual tem duas opções: ou mandar calar os sentidos (coisa que dificilmente fará), ou estabelecer uma ponte entre os sentidos e a inteligência, e a faculdade que faz esta ponte é a imaginação (não confundir a imaginação com a recordação, tanto uma como a outra produzem imagens; Sto. Aquino chamava a imaginação de fantasia, a qual dividia em fantasia memorativa, que é aquela que repete as imagens já percebidas, e em fantasia combinatória, que combina as imagens formando novas figuras). É a partir da imaginação que podemos obter conceitos abstratos, pois a inteligência nunca opera diretamente sobre o material dos sentidos, que é um material bruto; pelo contrário. necessita de uma matéria já trabalhada. O esforço de imaginação é o primeiro grau de abstração, em que separamos as sensações visuais, acústicas, táteis, dos objetos que as provocaram. De tudo que está no objeto, só retenho o que me atingiu, e simplificando o que me atingiu

produzo uma imagem; a reprodução desta imagem chama-se arte.

Como eu estava dizendo, o indivíduo não sensual vai mais diretamente para uma idéia abstrata, não porque ele seja mais inteligente, mas porque ele se interessa menos pelos detalhes do caminho. O sensual curte o momento, que por ser fugaz, ele tende a repetí-lo pois não quer que vá embora. André Gide, que era muito sensual, definia a sensualidade como valorização do momento em si mesmo, independentemente do significado ou da importância. Por isto, muitas pessoas serão não dispersas, no sentido da coluna anterior, mas dispersivas: pessoas que se esquecem de para onde estão indo e se perdem na curtição dos detalhes. Se a coluna AC é baixa e o indivíduo não sente que é concentrado, deve verificar se a sua sensualidade é elevada. Nesse caso a pessoa é concentrada no sentido do foco da sua atenção, mas como presta muita atenção nos momentos em si mesmos, não tem muito o senso da continuidade de sua atenção.

O sensual pode se disciplinar, e como eu disse há duas maneiras: primeira, cortando por esforço (método ditatorial), segundo disciplinando-se pela arte, que irá gradualmente estabelecendo uma ponte entre a sensualidade e a inteligência. Dessa maneira sempre que a sensualidade for entrando em ação, a inteligência acaba entrando também. Uma pessoa que seja muito sensual e pouco inteligente poderá aumentar a sua inteligência começando por alguma arte primitiva e monótona, como por exemplo aprendendo alguma dança. O ritmo é a forma mais primitiva de arte, tanto é que está presente desde cedo na evolução do aprendizado das crianças, se observarmos bem, é graças ao ritmo que a criança pode ir organizando sua inteligência e conquistando alguma habilidade inicial. No entanto, se o indivíduo se dá a formas de arte que já superou, então está regredindo, pois tinha conquistado uma continuidade interior e está se utilizando de uma coisa que para ele não tem mais função. O ideal é que desde cedo o indivíduo opte por formas de arte que lhe permitam uma evolução o que não é o caso, por exemplo, do rock, ou de outras formas de entretenimento. Nossa sociedade está educando a população para consumir sempre o mesmo produto, com diferenças mínimas, o que obriga as pessoas a permanecerem como estão, sem evoluir. Mesmo no que diz respeito à educação artística, não há termo de comparação entre o que se faz no Brasil e que se faz no exterior. Na verdade a arte, aqui, está sendo usada no sentido oposto ao de sua finalidade pedagógica. A palavra educar vem do latim educare , ou seja, dirigir o indivíduo para fora de si (do que ele é agora), fazendo com que a crença, seja melhor do que é. A arte no Brasil está sendo entendida no sentido de desenvolver a percepção, a sensualidade pura e simples. É verdade que a sensualidade é necessária, pois toda informação que temos do mundo exterior adquirimos pela sensualidade, no entanto, se não vamos aos poucos dando forma a estes dados, não os poderemos integrar em nossa personalidade.

Parece que nossa educação infantil não está tão ruim, mas quando me refiro à educação artística estou me referindo à educação artística adulta. Nesse aspecto, só para vocês terem uma idéia, seria necessário que o indivíduo conhecesse pelo menos três línguas, pois apenas com a literatura nacional não é possível o indivíduo brasileiro adquirir uma educação literária. Em outros países como Itália, França etc., existe uma literatura que é um todo que se basta a si mesmo, não existindo nenhuma possibilidade humana que não esteja plenamente representada nestas literaturas; e assim é possível que o cidadão italiano, só conhecendo a língua italiana, ou o inglês, só conhecendo a língua inglesa, adquiram cultura literária. No Brasil, pelo contrário, isso é impossível. Por exemplo: quantos autores que escrevem em português têm o segredo da exposição de idéias? Isto significa que a língua portuguesa como instrumento de exposição de idéias filosóficas nunca foi usada, ou seja, que de impressões e de sentimentos, não passando daí. Será que com isto dá para o sujeito formar a idéia do que é a linguagem humana? Se tomarmos um autor, como por exemplo Bergson, não há uma palavra na sua exposição que tenha um correspondente em português: outro exemplo é Flaubert: lê-lo em tradução portuguêsa ou não lê-lo é a mesma coisa, nele, cada palavra foi estudada em seu valor fonético, mas suas ligações semânticas, nas suas repercussões, etc.

Vamos para a outra coluna, a da ternura. A ternura é a capacidade de você ver com os olhos alheios, sentir como o outro sente, compadecer-se -- não necessariamente no sentido de você ter dó da outra pessoa, mas no sentido de você realmente ter capacidade de sair se si e vivenciar o papel de um outro. Um caso célebre de pouca ternura é o de René Descartes; Descartes dizia que quando olhava as pessoas, tinha que fazer um esforço para perceber que elas tinham um eu consciente, porque, olhando de fora lhe parecia que elas eram apenas máquinas que se mexiam. No outro extremo há o caso de indivíduos que conseguiram sentir o padecimento de animais como seu próprio padecimento: é o caso célebre entre nós de Gracilliano Ramos,

que conseguiu descrever a visão de um mundo de uma cachorra como se ele fosse a cachorra. Notem que o homem que seja terno por esta caracterologia poderá não ter nenhuma idéia, nenhuma concepção, nenhuma crença que valorize esta compaixão, como era o caso do próprio Gracilliano; ele não tinha nenhuma ideologia franciscana, e até pelo contrário, ao nível das idéias tendia a ser um homem rigoroso, implacável. Por exemplo, ele mesmo dizia que para ele seria perfeitamente natural se todos os burgueses fossem mortos. Uma coisa é a idéia que o sujeito sustenta, outra são seus traços caracterológicos, e entre estas duas dimensões existe um certo jogo dialético no qual o sujeito as combina, produzindo uma terceira resultante.

Os não-ternos, como não se identificam com o próximo, têm dificuldades de dar verossimilhança aos sentimentos e atitudes alheias; têm dificuldade de sair de sua atitude própria e entender que do ponto de vista do outro é perfeitamente natural agir como agiu. Quer dizer que são pessoas que, quando estudam psicologia, tenderão a permanecer mais nos aspectos teóricos longínquos do que no confronto de alma com alma. Nesse caso, se aproximarem da prática, poderão cometer erros de avaliação por tentarem enquadrar o indivíduo dentro de categorias que não cabem.

P.- E se o sujeito for pouco terno mas for emotivo (E+)?

Significa que ele se emociona com ele mesmo; o emotivo sente, tem propensão a ser abalado, e no caso só sente o que acontece consigo. Se além de emotivo for terno, será abalado não só por aquilo que lhe chega diretamente, como pelo que se passa com os outros. Uma propensão do emotivo pouco terno será a de atribuir a um outro os problemas dele mesmo.

É muito interessante observar quais os efeitos desses traços de caráter nos seus aspectos cognitivos. Pois se eu tenho tal ou qual tendência, tenho uma espécie de grade que seleciona o que eu vejo; assim, tendo a ver as coisas sempre pelos mesmos ângulos, e tomo essa percepção como se fosse suficiente, e até como percepção completa da realidade. Então, para o indivíduo terno é relativamente fácil sair de seu próprio ângulo de visão para enxergar com os olhos do outro. Já o indivíduo pouco terno tenderá a enxergar tudo unilateralmente, a não ser que complete sua visão através da inteligência, e estando consciente de que os limites cognitivos de sua grade seletiva fazem com que sua visão imediata nunca seja completa. Eu pessoalmente acredito que a capacidade de entender o pensamento alheio é até mais importante do que a de se ter um pensamento próprio: quem não intelige nem no passivo, muito menos terá capacidade de entender no ativo.

...

Vamos ao último fator, que é a Paixão Intelectual. Não se trata do desejo de saber, de acumular conhecimento, e sim do desejo de compreender, de chegar às razões últimas, aos princípios fundamentais. O desejo de aprender e de acumular conhecimento coloca-se, aqui, na categoria da avidez.

Determinadas pessoas necessitam de explicações, de fundamentos de causas, mais do que as outras; e também se atém menos às causas próximas, que se esgotam ao nível do prático- técnico, imediato, do que às causas profundas (enquanto outras pessoas se satisfazem com a causa próxima, a causa eficiente imediata). Isto é o que se chama demanda das causas. Esta demanda é desigual de pessoa a pessoa. O indivíduo cuja demanda de causas é baixa acredita ter compreendido um coisa quando chegou a causa mais próxima, ao passo que um outro entenderá que esta primeira explicação suscita mais problemas do que soluciona, e não se satisfará enquanto não encontrar um princípio explicativo suficiente.

P: Este fator tem alguma relação ou parentesco com a ressonância secundária?

Não, não tem. A secundariedade não é necessariamente uma concentração na busca das causas. É apenas a retensão do efeito de algum estímulo psicológico.

Vou explicar melhor a paixão intelectual. Estamos acostumados a raciocinar em termos de causa e efeito, mas na lógica indu o processo causal se divide em três fases: causa, meio e efeito. Entre a causa e o efeito, admite-se que existe uma espécie de intervalo ou vazio, a que eles chamam apurva. O apurva é o tempo transcorrido entre a causa e o efeito. Mais ou menos no sentido aristotélico de causas próximas e causas remotas. Quando nos contentamos com a causa próxima corremos o risco de tomar por causa aquilo que é apenas o apurva, o meio. Hoje em dia, quando falamos de causa, entendemos somente a causa eficiente

imediata. Mas a causa não é razão. Atrás da causa existe outra causa, que por sua vez tem outra causa, que tem outra, e assim remontando para trás, de causa em causa, temos de chegar ou a indefinição ou a um princípio universal que de conta de todas as cousas de uma vez. Há certas mentes que vão atrás deste princípio e não se dão por satisfeitas enquanto não o encontram, ao passo que outras, mais interessadas no processo prático de produção de efeitos, se contentam com o conhecimento das causas mais imediatas, sem indagar da sua razão.

A importância deste fator é evidente. Por exemplo, um caráter Nervoso, mas que tenha muita paixão intelectual, pode mostrar uma persistência nos estudos que não se explicaria só por seu caráter de base. Do mesmo modo, a paixão intelectual pode dar a um apático uma mobilidade e uma flexibilidade nas coisas de estudos, que ele não tem nas demais áreas da vida. Aqui mesmo vimos o exemplo de um aluno, caracterologicamente apático, mas que, na convivência conosco, não mostra nada da imutabilidade pétrea do caráter apático: a razão é que como aluno o colega de escola ele convive conosco sobretudo através da intelectualidade, que é sua parte mais móvel.

Mas as pessoas que convivem com ele em outras circunstâncias certamente reparam nos traços que configuram o caráter apático.

Os fatores de tendência modificam o comportamento, sublinham, alteram ou compensam a expressão do caráter. Do mesmo modo, ao estudar o seu caso particular, você deve observar se as eventuais deficiências que nota em si mesmo provêm do caráter ou de um fator de tendência. Porque, se provêm do caráter, não adianta tentar mudar esse traço diretamente, mas é preciso compreender a psicodialética do seu caráter para dirigi-la sutilmente, de longe; mas as tendências, sim, podem ser modificadas mais facilmente, e de fato mudam de tempos em tempos.

De qualquer modo, observem desde já como duas pessoas que dizem “Compreendi” podem estar querendo dizer coisas totalmente diferentes.

P. - A paixão intelectual é uma aptidão?

Não, não é aptidão. O sujeito poder ter uma paixão intelectual elevada, sem ter por isto uma inteligência notável, e vice-versa, homens muito dotados intelectualmente podem ter baixa paixão intelectual. A diferença surge é na prática, no decurso da vida, porque certamente o indivíduo que tem maior paixão intelectual vai se esforçar mais, vai cultivar a sua inteligência natural, e pode terminar por ser mais inteligente do que o outro. Mas também acontece o contrário: de que o sujeito sem uma motivação intelectual particular acabe tendo uma produtividade intelectual grande, por outros motivos. Vejam o caso de Balzac. Sua motivação principal não era nada intelectual: era dinheiro. No entanto, seus dons intelectuais eram tão grandes que passaram por cima da motivação e acabaram dando à sua obra um valor que livros escritos por dinheiro e só por dinheiro geralmente não têm.

P. - Quando você falou do teste de Szondi, você disse que este teste dificilmente poderia ser compreendido fora das concepções antropológicas de Szondi. Este teste de Le Senne também depende do quadro mais amplo de alguma concepção filosófica ou antropológica?

Não. A psicologia de Szondi - desde as concepções filosóficas mais gerais até os pontos mais específicos do teste e da psicoterapia - é obra de um único homem, e leva a sua marca. O teste de Szondi é de interpretação dificílima, porque requer a compreensão profunda dos meandros do pensamento de Szondi, compreensão a que, creio eu, não se chega sem ter uma afinidade, uma empatia com a forma mentis desse grande sábio. Já esta caracterologia que estamos estudando agora é uma obra coletiva, bastante destacável das concepções filosóficas próprias a Le Senne. É, portanto, de uso mais fácil e prático. Pode-se compreender muito bem este teste caracterológico sem conhecer nada da filosofia de Le Senne; mas não se poderia dizer o mesmo do teste de Szondi. Um caso intermediário é o de Klages, cuja caracterologia é relativamente destacável de suas concepções filosóficas e relativamente dependente delas. Outro caso é o de Jung. Podemos admitir a sua tipologia sem concordar com suas teorias sobre os arquétipos, o inconsciente coletivo, etc., mas então será seguro que não interpretaremos essa tipologia exatamente no mesmo sentido em que Jung a entende. O que importa é que esta caracterologia, erroneamente chamada caracterologia de Le Senne, é destacável de quaisquer concepções filosóficas de seus autores e pode ser colocada em uso corrente - daí o seu sucesso.

AULA 11 Agora vamos estudar um pouco mais em detalhe a estrutura interna de cada um dos oito tipos, isto é, não somente de modo descritivo, como o fizemos até agora, isto é, o indivíduo visto pelos outros, visto desde fora, visto pelo seu comportamento evidente, mas segundo o seu jogo de forças internas, tal como ele se entende. Não vamos fazer isto extensivamente com os oito tipos, um por um. Vou pegar somente, a título de exemplo, aqueles dois onde este tipo de estudo é o mais fácil e o mais nescessário, que são justamente aqueles nos quais os conflitos são sentidos de maneira mais viva, que são o nervoso e o sentimental.

É esta parte que Le Senne chamava de Psicodialética. Psicodialética porque trata, fundamentalmente, das relações entre um caráter, entre uma constituição caracterológica dada, e o eu, o eu pessoal, que julga, opina, escolhe e se coloca perante o mundo e perante esse caráter. Por outro lado, é também o estudo das relações entre o caráter e o mundo. Esta dialética começa na hora onde o caráter entra em choque com o mundo circundante e este choque é percebido pelo eu, o qual reage então, e deseja tomar providências, consertar a coisa de algum modo.

Vamos começar pelo nervoso, o qual, se vocês se lembram, tem por fórmula E+ (emotividade) A- (inativo) e R1 (ressonância primária) e está mais exposto aos estímulos do momento do que à retenção e a elaboração duradoura dos estímulos recebidos.

P. - O que você considera como eu?

O eu é como o ponto em geometria: é uma noção intuitiva. O sujeito que não souber o que é "eu", está liquidado. Não procure um conceito do eu, porque aqui não se trata do "eu" dos psicólogos, mas do eu empírico, desse a que você se refere a toda hora quando fala de você mesma. O conceito do eu pode ser infinitamente variado, mas todo mundo sabe o que é "eu". É deste eu que estou falando, não é do conceito de EU, porque todo conceito de uma coisa vai ter que ser situado em relação a outra coisa. Na psicanálise clássica, você situa o eu em face de duas outras instâncias, inconscientes, que seriam o super-ego e o id. É evidente que este eu a que se refere a psicanálise não pode ser o mesmo eu que é definido em oposição ao "outro" ou em relação a "nós". O eu que delineio, em face do meu super-ego e do meu id não é o mesmo eu do qual eu falo agora. Todo conceito do eu terá de se ater a alguns dos seus aspectos particulares, pois dar um conceito do eu não é outra coisa senão diferenciá-lo de outras instâncias, ou seja: precisar um dentre os vários sentidos da palavra; ao passo que o eu empírico da vida cotidiana abrange de uma maneira plástica e indefinida todos esses sentidos possíveis. Simplesmente não se pode definir o eu empírico, mas cada um sabe o que ele é no instante em que fala dele. Creio que isto é suficiente para entendermos o que vai ser dito sobre a dialética entre o eu e o caráter.

Os tipos, os fatores e as tendências, isto tudo, sim, precisa estar claro, porque é perante tudo isto que o eu se posiciona. É como se fosse um espetáculo, onde o que está em questão não é propriamente o eu, mas aquilo perante o qual o eu se posiciona. Quando o caráter entra em choque com o mundo exterior, demonstrando uma ineficiência e uma incapacidade para enfrentar as situações, quem é que sofre? Não é o caráter; caráter não sofre; assim como a planta do prédio não cai; quem cai é o prédio. Então o caráter é como se fosse a planta do prédio, se a planta do prédio está mal calculada, alguém vai pagar, mas certamente não é a planta. Quem é o sujeito que sofre? É o eu. Quanto a isto não há a menor dúvida. Se lhe dói o calo, você sabe que é o seu calo; você não precisa ter um conceito do eu para saber quem vai ter de ir ao pedicure ou calista: é você mesmo. Entenderam isto? Entenderam porque não vamos estudar a conceituação do eu? Isto cai fora, completamente, do âmbito da caracterologia. Quem toma decisões, quem vive não e o conceito do eu, mas o eu empírico. O conceito é somente aquela parte que você elabora reflexivamente e sobre o qual você tem uma relativa certeza lógica. Para o eu agir, fazer, julgar, decidir, não precisa ter conceito algum, precisa ter, apenas, existência real. Sabemos do eu o suficiente para conhecê-lo quando se fala dele, na prática. É este eu que vai ter de se posicionar, de um lado, perante o ambiente, o mundo que o rodeia, e, de outro lado, perante a sua própria constituição. Como é que ele percebe que tem uma certa constituição? Quando percebe que comete sempre os mesmos erros e que lhe dói sempre nos mesmos pontos. Vejamos a psicodialética do nervoso:

Onde poderá doer num nervoso? Evidentemente é na emotividade, não é isto? Ela sofre porque percebe diferenças e percebe contrastes. A perturbação do organismo psicofísico, causada pela percepção de um

contraste, de uma contradição, isto é o que se chama emoção. Toda emoção é uma diferença. Quanto mais emotivo o sujeito, mais as diferenças e os conflitos são percebidos claramente. Mas a emotividade sozinha não poderia fazer o indivíduo sofrer, porque na mesma medida onde ele sofre emoções, onde ele é alterado pelo que acontece, ele, teoricamente, poderia produzir uma ação contrária, que neutralizasse o efeito da emoção ou lhe desse emoções agradáveis. Porém, isto o nervoso não pode, porque ele um inativo. Um inativo não é um indivíduo que age pouco, mas é um indivíduo que tem dificuldade, primeiro, para decidir (ele não gosta de decidir) e, em segundo lugar, quando decide, não cumpre, isto é, suas ações refletem outras causas que não a decisão. Quer dizer, você toma a decisão mas, na hora de agir, age em resposta a outro estímulo qualquer que veio, ou do exterior ou do interior, não do que vem da sua decisão. Então, significa que o nervoso terá dificuldades de conduzir uma ação deliberada, no sentido de alterar aquilo que o emocionou dolorosamente. Ele desejará reagir, mas não saberá como e, se souber como, ainda assim, dificilmente passará à ação, porque a decisão tomada também suscitará nele novas divisões, ou seja, novas emoções, em vista da imaginação das conseqüências possíveis; e assim o processo decisório se multiplicará num leque de temores tão grande, que é melhor não decidir nada.

Então, dizemos que o nervoso sofre, aparentemente, pela sua emotividade, mas realmente por causada sua inatividade. A emotividade em si mesma não é positiva nem negativa neste sentido, porque há emoções agradáveis e emoções desagradáveis. Quando as emoções são agradáveis, não temos nada a fazer além de recebê-las e isto é fácil, qualquer criança faz; mas, quando são desagradáveis tendemos a fazer algo para escapar delas, e é aí que o nervoso se dá mal. Portanto, o grande problema, o ponto dolorido do nervoso é a sua inatividade. Note que ele não terá, para esta inatividade, a saída intelectual do tipo sentimental que, retendo na sua memória as suas experiências dolorosas e meditando sobre elas, pode chegar a elaborar uma justificação teória que; se não muda a situação exteriormente, o convida, pelo menos, à resignação; sem que a situação deixe de ser dolorosa, pelo menos deixa de ser absurda, aos olhos dele.

O nervoso não tem esta saída, porque ele não perceverará no exame das mesmas recordações; ele responderá a novos estímulos que vêm do mundo externo. É aí que se instala, propriamente, a dialética, porque é necessário achar uma saída: este é o problema colocado pelo caráter ao eu.

Pela constituição do seu caráter, o nervoso tem este problema, ele tem este tema a tratar. Na hora em que se instala um sistema de trocas entre o eu e o caráter, o eu, naturalmente, buscará uma saída, quer dizer: colocado na encruzilhada desta emotividade que lhe dói, desta inatividade que o impede de mudar de situação e desta primariedade que o impede de meditar longamente sobre um problema, tendo estes três dados na mão, o que o eu terá de fazer? É simples: ele terá de buscar forças em algum lugar. Ele sente que não tem forças para enfrentar a situação, que não é capaz de construir na sua mente uma constelação de representações, de idéias, de imagens que canalizem a sua ação da maneira desejada, porque, sendo um emotivo, ele necessitaria de um grande empuxe emocional para agir. Mas a emotividade do nervoso o não impele a agir, o impele a fugir. Então ele não pode encontrar socorro na emotividade: terá de construir alguma coisa. Das representações que poderiam impelí-lo a agir, nós podemos encontrar dois tipos: primeiro, a representação que indica um bem desejado, ou seja, algo que ele desejaria atingir; pensando neste bem, ele, teoricamente, poderia perseverar na sua busca. Porém, esta solução falha porque, para perseverar na busca de um bem, seria necessário a atividade e a secundariedade, justamente o que ele não tem. Então lhe resta outra saída: conceber um mal do qual devesse fugir. Isto é fácil, porque o mal é uma ameaça que vem de fora e ele está acostumado a estímulos que vêm de fora. Não lhe custa conceber uma constelação de imagens que o oprime e da qual ele deveria fugir. É assim como se, desejando recuar à direita, colocasse um cão- de-fila à direita e, desejando recuar à esquerda, colocasse o cão-de-fila à esquerda. Este é o mecanismo básico no qual o nervoso encontra a saída para a sua inatividade: ele se assusta a si mesmo, se persegue e se atormenta, porém, este é um tormento inventado por ele mesmo e com o qual se livra, ou ao menos planeja livrar-se, do sofrimento real que tinha antes. O tipo nervoso é como o “poeta fingidor” de Fernando Pessoa: "finge sentir que é dor a dor que deveras sente”, só que mudando o seu signo para outro lado.

No esforço de representar este teatro contra si mesmo, ele espera que, se expondo à ameaça de males maiores ainda, isto lhe dê uma energia para, fugindo dos males imaginários terríveis, enfrentar ao menos os pequenos males que a vida de fato lhe coloca. É justamente neste esforço que surge aquele outro traço caracterológico do nervoso, que é o gosto pelo bizarro e às vezes pelo macabro. Há uma infinidade de

nervosos nas letras, que se dedicaram a escrever contos de terror como Edgar Põe, Nerval, Hoffmann e outros tantos. Provocar um temor imaginário, para com ele fazer face ao temor real, este é o mecanismo fundamental. Isto pode tomar inúmeras formas, uma delas é de piorar, imaginativamente, as conseqüências da situação presente: "se continuar assim, vai ficar assim e assado" e, se o sujeito conseguir imaginar isto de maneira suficientemente catastrófica então, ele fugirá desse mal terrível voltando-se contra a situação presente e enfrentando-a. É lógico que este processo é enormemente cansativo e que o mal imaginário, repetido, poderá gerar outro traço caracterológico, secundário. É por isto que as pessoas de tipo nervoso se queixarão de uma infinidade de males que não têm - e o tom de suas queixas revela algo de falso, uma espécie de exibição vaidosa, que se expressa às vezes na insistência e minúcia com que descrevem sofrimentos que outras pessoas prefeririam calar ou esquecer. É que o nervoso prefere sofrer destes males imaginários porque no fundo sabe que são imaginários, daí toda a sintomatologia de tipo hy, que surgirá no nervoso com mais freqüência do que em outros caracteres. O nervoso vive sempre assim, in extremis, às portas da morte, ele precisa imaginar que já esta lá.

Entendemos então que a grande força do nervoso é a fantasia, o imaginário, com uma dose de teatro. Os outros, que não são nervosos, fiquem sabendo que, quando o nervoso se queixa disto e daquilo, muito provavelmente ele está sofrendo de outra coisa. A pessoa nervosa, quando se queixa de um mal imaginário e você lhe demonstra que aquele mal não existe, ela fica com medo porque, sumindo o mal imaginário, começa a aparecer o mal real; porque ela sabe que seu mal é uma espécie de grand guignol; uma espécie de teatro de terror, mas que é teatro e ela está se sentindo, no fundo, perfeitamente bem ali.

O primeiro movimento que o leva a fazer isso é um diagnóstico perfeito que ele faz da sua situação, quer dizer: não tenho força, não tenho motivação para fazer tal ou qual coisa, só sinto medo e mais medo, portanto o negócio é combater o medo com o medo.

Se você desmente a fantasia de um nervoso, ele se irrita porque sente que isso lhe tira a força. Atenuando-se o mal imaginário que ele inventou para se livrar de um mal real, ele começa a ver o mal real, que ele não tem força de enfrentar. Quando um nervoso se queixa de um problema, geralmente está com outro. Nem todos os nervosos são assim; eu disse "geralmente". Já o fleumático, se ele se queixar de alguma coisa, provavelmente dará a descrição mais exata possível do que se passa.

P. - O tipo hipocondríaco é um tipo nervoso?

Lógico. O hipocondríaco e hy, no Szondi. O hipocondríaco mostra um sintoma que não tem, procura se convencer de que tem e acaba sentindo aquilo como real para se livrar de algum pânico e, se você mostrar que o sintoma dele é falso, recomeça o problema e ele vai ter de inventar uma outra estratégia. O nervoso procede assim, por fintas e rodeios com a sua própria psique, pela simples razão de que não consegue realmente agir. É um ser dividido, e um homem não pode agir só com uma parte de si. Para agir, na realidade, é preciso que todas as dimensões entrem e a maneira que o nervoso tem de unificar suas dimensões é pela fantasia. O grande problema do ser humano é encontrar a unidade das suas forças, para poder enfrentar os desafios colocados pela vida, e cada um encontra essa unidade a seu modo. O colérico encontra pela soma, quer dizer, ele quer tudo e faz tudo: não desiste de nada. Ele quer A e quer B e pega o A e o B, mesmo que sejam contraditórios. Portanto o colérico é um terrível perdedor de tempo, é um esbanjador de energia. Mas por que ele faz isto? É porque ele tem a energia. Já o nervoso é exatamente o contrário, ele não tem, ele só tem a energia imaginativa, não a energia mental concentrada e contínua, como a do secundário, mas uma energia fosfórica, que acende e apaga, e ele tem que aproveitar os momentos de impulso. Ora, assim, repentinamente, você não pode conceber um sistema todo de idéias coerentes. Você pode conceber imagens, fantasias, então é esta a força dele: com a fantasia, ele constrói uma certa unidade, ao menos momentânea. Para cada problema real que ele tem, haverá um imaginário que, dentro do seu teatro mental, será bem pior, o que seriam as conseqüências aumentadas daquele problema real que ele tem. Então ele vai sempre pelo mal menor, e só conseguirá adquirir uma certa coerência na medida em que for completando este mundo de fantasia, na medida em que ele tiver um sistema de molas em que ele, apertando para lá e para cá ele "se puxa" para cá e para lá, ou seja, um círculo de cães de fila em todas as direções, que ele solta ou prende conforme o seu desejo, para ser perseguido somente na direção em que deseja. É por isto que os nervosos de maior sucesso (não o sucesso social mas o sucesso no sentido de equilíbrio psicológico) são justamente os que têm um maior talento artístico, porque o talento artístico será, precisamente, o domínio da fantasia, enquanto a imaginação do

homem não dotado é uma coisa meio sem forma e meio descontrolado. O dom artístico é precisamente o controle da forma: conseguir imaginar o que quer, na hora em que quer.

P. - Qual é o seu tipo? Afinal, você sabe o nosso.

Passional para sentimental, ou como também o chama Le Senne, passional melancólico. É o tipo emotivo, ativo e secundário, mas que, tendo uma taxa de atividade superior à média das pessoas, não chega a ser tão ativo quanto a média dos passionais. Ele age, mas seu processo de decisão é mais intricado e doloroso que o dos outros passionais, pois há nele um forte elemento de auto-análise e melancólia, como nos sentimentais. Posso me enquadrar neste tipo porque minha taxa de atividade está só um pouco acima da média (deu 58),ao passo que a emotividade a secundariedade são pronunciadas.

Foi bom você perguntar isso porque me dá a ocasião de dizer que existe nesta caracterologia uma multidão de tipos compostos e intermediários, como por exemplo o sentimental para primário (taxa de secundariedade só um pouquinho acima da média, o que aproxima do nervoso), o sangüíneo para colérico (quase emotivo), etc. A descrição de todos estes tipos seria demorada e nos levaria muito longe de nosso objetivo. Quem deseja conhecê-los, que estude o Tratado de Caracterologia de Le Senne, que, como eu já disse, é um grande livro, um clássico da psicologia.

Mas, em princípio, sempre que uma das três primeiras colunas fica por volta de 50 pontos no teste, estamos na presença de um tipo misto, o que vocês podem identificar facilmente.

Notem que o tipo misto não é no sentido de ser metade uma coisa, metade outra. Ao contrário, cada um desses tipos intermediários é perfeitamente definido em si mesmo; tão definido e distinto quanto os tipos puros.

P. - Só pelo caráter propriamente dito, isto é, pelas três primeiras colunas do teste, obtém-se uma descrição suficiente pela qual reconhecer o indivíduo?

Só no caso de ser um tipo puro e no caso de as demais colunas, isto é, fatores, não introduzirem uma acentuação diversa, que modifique seu comportamento ao ponto de velar a imagem do seu caráter. Porque - e isto é importante - nem sempre o traço mais saliente, mais visível do comportamento emana do caráter de base. Tal ou qual tendência, expressa nas demais colunas, pode ser ou estar tão pronunciada, que ela é que assinala o traço mais saliente. Aqui mesmo vimos o caso do apático que, na escola, não parece apático, porque, tendo um quociente elevado de paixão intelectual, se destaca entre os colegas pela vivacidade do seu interesse no estudo. Quando os colegas vêem o resultado do seu teste, ficam incrédulos - mas, na verdade, fora da situação escolar (em casa, por exemplo, com família) ele certamente se demonstra mais indiferente, soturno e pesado do que na escola. Como veremos mais adiante, o conhecimento suficiente completo de um indivíduo só pode vir da consideração de todas as camadas da personalidade. O estudo do caráter, por si, está longe de poder dar uma imagem suficiente. O caráter não expressa os fatores mais salientes, porém só os mais constantes - não esquecendo que, justamente por serem mais constantes, podem ficar escondidos no fundo, sem transparecer de modo evidente no comportamento imediato. Vocês verificarão, sem dificuldade, que os traços assinalados nas colunas de fatores de tendência são mais facilmente reconhecíveis no comportamento externo do sujeito.

Vamos ver agora a psicodialética do sentimental. Vou dar a psicodialética só destes dois tipos, e depois vocês procurem estender, analogicamente, aos demais tipos, conferindo em seguida no tratado de Le Senne.

O processo se define assim: O caráter, por si mesmo, coloca uma limitação. Caráter quer dizer forma, uma marca. Se tem uma marca é A e não B, ou é B e não é C. Por ter um caráter, o indivíduo tem limite. No entanto, a situação humana não tem limites: qualquer pessoa pode ser colocada em face a qualquer situação, seja ou não opta por enfrentá-la. Quer dizer: a vida não seleciona nossos destinos conforme nosso caráter: nem sempre o que nos acontece é comproporcional ao nosso caráter. Então, qual é a limitação que o caráter coloca intrinsecamente, por isso mesmo, e qual é o padecimento que isto pode provocar quando o sujeito é confrontado com tais ou quais situações?

Dito isto, e tomando como pressuposto que o eu percebe este problema, como é que ele vai tentar escapar do padecimento? E, levando em conta, novamente, o caráter, qual seria a resultante provável desta

tentativa? E que outros padecimentos poderiam surgir a partir deste jogo? E assim por diante.

O problema colocado pelo caráter do sentimental, é o mesmíssimo colocado pelo do nervoso, porque ele também é emotivo e inativo, quer dizer, ele também sente as diferenças, sente os conflitos, e não consegue reunir em si energia volitiva suficiente, para saber o que quer fazer e, uma vez tendo decidido que fazer, continuar obedecendo a si mesmo, ou seja, à sua decisão anterior e não passivamente ao jogo das circunstâncias.

Quando o fracasso, a derrota, a ilusão acontecem uma, duas, três, quatro vezes, o que fará um nervoso? Inventará um esquema de horrores que o impulsionem nesta ou naquela direção, inventará um sistema de motivações fantásticas, mediante o que Edgar Poe chamava "o espírito da maldade". Quer dizer, o nervoso convoca o diabo, para perseguí-lo do lado contrário, para que o diabo o aterrorize perante o mal e ele se veja impelido a procurar o bem que neutralize esse mal. Ele faz um exorcismo ao contrário, um "inxorcismo". Grande parte dos poetas do tipo nervoso tocam neste tema, da conversão do mal em bem e do bem em mal.

O sentimental não reagirá por este artifício complexo, mas, ao contrário, vai se recolher dentro de si para pensar o que é que está acontecendo. Porém, na hora em que se recolhe para pensar o que está acontecendo, ele vê que pensar o que acontece é melhor, é mais agradável do que sair lá fora e enfrentar situações e acontecer tudo de novo. Ele desenvolverá o gosto pela auto-análise interminável, pela recordação, transformada numa finalidade em si mesma. Ele sabe tudo de si mesmo e pouco dos outros e, para ele chegar até o outro é difícil. Ele deseja a intimidade porque, se sabe tudo aquilo a respeito de si mesmo e se afastado, se sente diferente, isto provoca um novo problema isto é, a continuação da dialética. Na medida em que ele se fecha em si, se examina, conta e reconta a sua estória para si mesmo um montão de vezes, ele adquire uma tremenda intimidade consigo mesmo. Mas ele não sabe se os outros são como ele ou não: ele precisaria conhecer os outros. Mas, na hora em que vai entrar em relação com os outros, acontece tudo de novo: os outros o decepcionam e ele volta para casa. É como a tartaruga que sai da casca, dá uma olhada e volta para casa de novo. Então, de tanto ter decepções e fugir das decepções e para dentro de si, ele, primeiro, desenvolve o gosto da auto-análise e da ruminação do passado, porém, este gosto o isola mais ainda dos outros e o isola mais ainda da ação. Então ele tenta voltar ao mundo, volta, tem novas decepções, se fecha de novo e assim por diante. Chega um momento que, de tanto ele se analisar e se decompor e buscar as razões dos seus atos e ao mesmo tempo ter cada vez menos atos, começa a ter aquela sensação de vazio: quem sou eu?

Você conhece os seres pelas suas ações, pelas suas manifestações. Se eu não me manifesto, então posso fazer A como posso fazer B, tenho potencial para o A e para o B, mas de fato não faço nem A nem B, portanto não sou isto nem aquilo. Então, o que sou eu? Um zero. Então, no fundo de si, o sentimental encontra o fantasma do nada.

Se querem um tipo sentimental trágico, leiam o livro de Graciliano Ramos, Angústia. O personagem Luís da Silva prossegue numa auto-análise interminável e cada vez mais trágico, mergulhado cada vez mais no nada, no fundo de si, até que é obrigado, numa reação, a agir pela primeira vez na vida, nadificando alguma coisa, isto é, matando um sujeito.

No sentimental, o desenvolvimento da psicodialética chega ao nada. O nada é o quê? É a ausência total de significado e valor. Como o indivíduo vai sair disto? Só há uma saída: é o sentimento da indignação contra o nada. Ele fica indignado com o absurdo e a ausência de sentido da vida, ele fica indignado com a possibilidade de que sua vida dê em nada. Só que esta indignação, também, novamente, repete o mesmo circuito; ao invés de levá-lo a agir, ela se torna, também, um fim em si porque, quando chegou no estágio da indignação, ele já não é mais um nada, ele já é; um ser humano indignado perante o absurdo do mundo, o absurdo da existência. Ele já é alguma coisa e isto lhe dá o sentido da sua própria nobreza, da nobreza do homem perante o absurdo da indignidade do mundo e, geralmente, pára por aí mesmo.

A elaboração deste problema pode levar o sujeito a buscar a dignidade real, que lhe dê um senso de valor, do valor do homem, do valor dele mesmo como ser humano, e isto desenvolverá nele, o sentido do estoicismo. Estoicismo é uma filosofia moral antiga, cuja norma era: "Agüenta e abstém-te", sustine et abstine, agüente o tranco e não reclame, quer dizer: "O bom cabrito não berra". Ele chegará a este estoicismo final, ou seja, à dignidade passiva, mas dignidade que se abstém do mal, do que é baixo,

indigno, mas também nada faz de positivo contra esse mal.

Assim como a grande força do nervoso era a fantasia, que, uma vez dominada, lhe permitiria ter um sistema de molas propulsoras ou de cães-de-fila ou de diabos perseguidores à sua disposição, com o que ele se transformava numa espécie de mago; assim como o nervoso encontrava força nesta fantasia, o sentimental encontrará, se chegar a encontrar, a sua grande força no sentimento moral. Os grandes sentimentais foram pessoas que tiveram um elevado senso de moralidade, um alto senso ético, por dentro, mas cuja vida por fora foi extremamente medíocre.

Mas logo no começo da sua carreira, o sentimental foge dos conflitos e, na medida em que ele foge dos conflitos, se afasta das pessoas do lugares e ocasiões que poderão ser motivo de sofrimento. Tendo feito isto e, portanto, mais tarde, tendo desenvolvido o sentido da dignidade e portanto da indignidade, ele não poderá fazer mais, efetivamente, nada contra a indignidade, porque as possibilidades de ação já foram cortadas. Daí a mistura típica do sentimental envelhecido: ética e melancolia.

...

A escola filosófica a que pertence Le Senne é uma escola particularmente interessada no problema da dialética das consciências, ou seja, em como uma pessoa pode entender a outra. Como é que várias visões de mundo, várias filosofias diferentes podem se entender, e em que nível isto pode ocorrer? A partir destas questões, alguns representantes desta escola levantaram a hipótese de que há um fundo caracterológico que impele os indivíduos a verem o mundo desta ou daquela maneira, e de que, a posteriori, cada um justifica seu ponto-de-vista com uma doutrina filosófica que não é outra coisa senão uma projeção do seu caráter.

Certamente isto levaria a um relativismo. Mas por outro lado, a própria existência da caracterologia desmente o relativismo, pois, se podemos compreender todos os caracteres e, ainda que não perfeitamente, podemos compreender os vários pontos-de- vista e as suas convergências, é porque existe na inteligência humana um fator que se sobrepõe a todas as limitações caracterológicas.

Mas depois, um discípulo de Le Senne, chamado Robert Maistriaux demonstrou que haveria pelo menos uma divergência caracterológica ao nível da inteligência mesma, que pareceria intransponível, que seria aquela entre o que ele chama particularizantes e generalizantes. Dito de outro modo, ou, como também os denomina, coisípetos e coisífugos. No primeiro caso, a inteligência vai em direção às coisas e à sua manipulação, portanto à atualidade. No segundo caso, a inteligência vai em direção aos conceitos, juízos e sistemas abstratos, portanto à potencialidade. Com esta distinção, se ela for intransponível, parecemos voltar ao relativismo. De fato, esta escola de Le Senne parece padecer de um relativismo psicologista congênito, do qual não consegue escapar por completo.

Uma tipologia da inteligência está implícita na própria noção de astrocaracterologia, que envolve doze orientações diferentes da inteligência, orientações estas que são irredutíveis, no sentido em que cada indivíduo enfocará o mundo, a experiência, a linguagem, o aprendizado, a começar de um determinado ponto, como se várias pessoas entrassem no mesmo compartimento por portas diferente, sem poderem entrar por outra de maneira alguma. Mas isto não quer dizer que depois o indivíduo não possa compreender uma outra perspectiva diferente da dele, porém sempre partindo da sua perspectiva de origem.

Mas antes de entrarmos diretamente neste assunto que, diga-se de passagem, será cuidadosamente descrito mais tarde, teremos de saber o conceito de caráter para a escola Le Senne. Esta escola entende como caráter um sistema de equilíbrio das várias necessidades, o qual tende a ser estável. Dito de outro modo, um sistema de equilíbrio das tendências, o qual possa ser descrito num momento dado, e que tenderá a ser igual ou parecido num outro momento. Ora, o que era o caráter para Szondi? Era um sistema de pulsões, de impulsos, de instintos. Mas os instintos estavam muito longe de serem ”fatores de tendências”. Os instintos são para Szondi a causa dos fatores. Um instinto por si mesmo não tornará o sujeito emotivo, nem ativo, nem secundário, nem primário. Isto porque o instinto está num grau mais baixo, está num nível anterior a esta caracterologia. É como se Szondi estivesse sondando o subterrâneo de onde emergirão, mais tarde, os fatores dos quais emergirão as tendências e, destas, os comportamentos.

Isto significa que a caracterologia de Szondi, na medida onde ela busca a raiz mais primária das tendências

e dos fatores, é o que poderíamos dizer, uma caracterologia etiológica, que busca as origens ou as causas e que diferencia os indivíduos conforme as causas mais remotas que, mais tarde, forjarão seu comportamento. Portanto, a caracterologia de Szondi é essencialmente dinâmica, temporal, evolutiva. É por isto que é preciso aplicar o teste de Szondi muitas vezes, sendo que nenhuma vez deve ser considerada como definitiva. Ele não tende a buscar uma estabilidade descritiva como o teste de Le Senne. Ao contrário, na medida onde o teste de Szondi é a base de uma psicoterapia, ele busca precisamente a mudança, ele está interessado no potencial de transformação que se esconde sob todo quadro pulsional dado em determinado momento. Portanto, a caracterologia de Szondi é feita conforme a distribuição das várias forças causais que plasmam o caráter. Já a caracterologia de Le Senne funciona exatamente ao contrário, na medida em que ignora as causas, capta uma faixa intermediária no homem, ao passo que a de Szondi pegava uma muito mais baixa, mais profunda (no sentido de mais básica). Evidentemente, o que um chama de caráter não é o que a outra chama de caráter.

No entanto, também é evidente, que estes dois aspectos existem no homem. Existe um conjunto de forças hereditárias que são causais, que têm força causante. Estas forças se distribuem segundo um diagrama diferente nas várias pessoas. Isto é, o impulso do sexo, o impulso da agressão, o impulso social não são o mesmo nas distintas famílias de seres. As causas em operação no fundo do caráter a se constituir não são as mesmas. Este aspecto szondiano existe no ser humano inequivocamente. Porém, também é evidente que, quaisquer que sejam as causas, o conjunto dos fatores e tendências, a cada momento da vida, terá um certo perfil. E também é certo que este perfil tenderá a se estabilizar nas pessoas. E, quando se estabilizar, que perfil será? É este que o teste de Le Senne mostra. É perfeitamente possível descrever os atos de uma pessoa, sem saber onde ele nasceu, sem saber quem são seus pais. Do mesmo modo, a descrição do caráter já formado e tornado é independente do conhecimento da sua origem. Neste sentido, os aspectos hereditários saem do âmbito desta caracterologia. Ela apenas diz: “Estatisticamente, os três primeiros fatores são bastantes constantes, os dois seguintes são um pouquinho menos e os quatro últimos menos ainda”.

A grande contribuição desta caracterologia é a seguinte: 1o, fixar o tipo; 2o, dar a sua psicodialética. Quanto à psicodialética, é muito difícil o indivíduo sair de dentro dela. Mas será justamente no decurso desta psicodialética que os quatro fatores de tendência serão acentuados ou deprimidos. Você aumentará ou diminuirá tal ou qual tendência dessas quatro, dentro desta psicodialética, isto é, no esforço em que você está envolvido para harmonizar as exigências do seu caráter às exigências do mundo.

AULA 12

O teste de Berger, em si mesmo, é indiferente a qual seja a natureza do caráter. Embora essa escola de Le Senne, afirme que o caráter é hereditário, na prática isto pouco importa. De modo geral, as discussões sobre o caráter têm permanecido em torno do hereditário e do aprendido. Essa questão aparece, às vezes, lamentavelmente confundida com outra, que é a do constante e do mutável - subentende-se, nessas condições, que aquilo que é hereditário tem de ser fixo, quando na verdade a hereditariedade poderia ser composta (como já havia visto Szondi) por uma multiplicidade de linhas de desenvolvimento possíveis, ou seja, de um mesmo legado hereditário se poderia tirar muitos resultados diferentes. O caráter, no sentido szondiano, é hereditário mas não é tão fixo; no entanto tem-se identificado o conceito de hereditário com o de fixo, e o de aprendido com o de mutável. Por outro lado, não me parece que o aprendido possa ser tão mutável assim, já que certos hábitos e valores, uma vez introjetados profundamente, se tornam tão difíceis de mudar como se fossem hereditários.

É preciso tomarmos um certo cuidado porque, quando estivermos trabalhando com a definição astrocaracterológica de caráter, vamos ver que estaremos falando de algo que não é nem herdado e nem aprendido. Estaremos lidando com o problema da forma individual, portanto sairemos da esfera da causa eficiente - causa eficiente é aquela que desencadeia um determinado processo, o qual não seria possível, no entanto, sem uma causa formal, que é precisamente o quê o objeto é. Por exemplo, se um gato mia, você pode perguntar: porque miou? E responder: Ele miou porque está com fome ou porque lhe pisaram o rabo, ou porque viu um cachorro, enfim, todas estas respostas são perfeitamente possíveis; mas há outra resposta que já está pressuposta nelas e que será sempre certa: o gato miou porque é um gato. Antes de haver uma

causa eficiente é preciso uma causa formal, porque se o gato fosse um cão poderia com fome, poderiam pisar no seu rabo ou ele poderia ver outro cão e, mesmo assim, não miaria. O estudo do seu caráter, tal como vamos entendê-lo aqui, está mais próximo da idéia de causa formal do que da de causa eficiente.

O indivíduo tem tal ou qual inclinação astrocaracterológica porque ele é quem é. E é absolutamente fora de propósito fazer a pergunta: "Mas por que ele é quem é, e não outra pessoa? "Esta pergunta é de ordem metafísica, é a questão de Heidegger: "Por que existe o Ser e não o nada?" O fato é que é, e, sendo, pode ser descrito tal como é. De onde podemos tirar a causa do Ser? Ou a causa do Ser é outro ser ou é o nada. Se é o nada, o nada nada produz, nada causa. A pergunta só poderá ser respondida à velha maneira de Parmênides: Ser é e o não-ser não é. Do mesmo modo, se fizermos a pergunta: "Por que eu sou eu?", ela se fechará em si mesma. Não nos interessa aqui saber o por quê do Ser, mas do o quê. Supõe-se que, se Ele é alguma coisa, algum fundamento deve ter, e, se o seu conhecimento descritivo, o seu o quê já não evidenciar imediatamente esse porquê, então este não será evidenciado nunca. A mim parece que o mapa astrológico, a posição dos planetas na hora do nascimento do indivíduo tem algo a ver com o que ele é, não com o que ele faz, não com as suas tendências, não com as causas que desencadearão o seu comportamento.

Podemos explicar, por exemplo, que um gato seja branco, malhado ou preto pela hereditariedade, mas não podemos explicar por ela a causa de um gato ser um gato. Porém, podemos assinalar uma série de coincidências, ou seja, uma série de coisas que têm de acontecer paralelamente ao fato do gato ser um gato. Por ser um gato, sabemos que ele terá um série de propriedades; sabemos também que os gatos não nascem no fundo do oceano, não nascem em pleno ar, enfim, há uma série de coisas que, sem ter uma ligação causal com o gato e com o fato do gato ser gato são, no entanto concomitantes, e isto por coincidência. Não é por coincidência que o gato, não nasce no fundo do oceano. As concomitâncias têm uma relação lógica com o fato, mas não uma relação causal. Parece que a ligação dos planetas com o caráter é deste tipo, não é uma ligação causal e também não é uma conexão misteriosa e mágica. Se entendermos que certas concomitâncias são exigidas pela própria forma do ser, pelo fato do ser ser o que é, exigidas pela própria forma do ser, pelo fato do ser ser o que é, entendemos então que essas ligações podem ser estudadas e deverão se repetir segundo um padrão lógico. Fazem, assim, parte das condições de possibilidade para que um determinado evento se realize, embora não tenham uma influência causal: uma coisa que não causa a outra, mas sem a qual esta não poderia acontecer. Mesmo que seja uma condição remota, certamente a ligação entre esses dois entes pode ser estabelecida logicamente.

O caráter, no sentido astrocaracterológico, não será nem hereditário nem aprendido, e também não podemos dizer que o nosso enfoque fará abstração deste problema. Ao contrário, o caráter é algo que não poderia jamais ser hereditário e não poderia também ser aprendido. Porque não é nem a hereditariedade nem a cultura que faz com eu seja eu, e não outro. Após quatro séculos de ciência da natureza investigando as causas eficientes e procurando distingui-las das concomitâncias acidentais, nos parece difícil entender que existem concomitâncias que não são acidentais e que também não são causas; não sendo contudo misteriosas, no sentido de um sincronismo junquiano. O fato de que eu seja eu e não outro significa que eu posso excluir do meu destino tudo o que pertence ao destino alheio, e isto não se dá nem por uma questão causal e nem por mero sincronismo, mas sim por uma necessidade ontológica.

Onde está este terreno comum que, sem ser causa, sem ser uma ligação acidental, sem ser mero sincronismo, estabelece uma relação necessária e constante entre dois fatos? O sincronismo de Jung, é preciso notar, não era uma relação constante e necessária, mas simplesmente significativa. Quando olhamos através da abordagem e procuramos distinguir entre o que é causa, o que é acidentalismo e o que é sincronismo junquiano, estamos limitando severamente um terreno que no tempo de Aristóteles já estava suficientemente amplificado, na medida em que ele fala de uma causa formal, de uma causa material, de uma causa eficiente e de uma causa final. A ciência moderna da natureza, por sua vez, não investiga senão as causas eficientes, de um lado, as coincidências desprezíveis, de outro, e a distinção entre estas duas coisas. Ela não investiga a causa formal, mas a dá por sabida e, dela, não tira nenhuma conclusão. Foi somente a introdução do método fenomelógico, no século XX, que corrigiu os exageros dessa forma de averiguação, pois a fenomenologia não se interessa por causas, e sim pelo o quê, ou seja precisamente, a causa formal. A resposta: "O gato mia porque é gato" é uma resposta fenomenológica. Parece-nos obvia demais, e, no entanto, de que adianta estudarmos as coisas profundas e ocultas se esquecermos o óbvio?

De tanto procurar o que está “por trás”, acabamos por não enxergar o que está diante do nosso nariz.

Não pode haver investigação causal sem uma investigação fenomenológica preliminar. Há uma regra metodológica que nunca falha: antes do “por quê” vem o “o quê”.

A caracterologia franco - holandesa é indiferente à causa do caráter, embora tenha convicção de que esta causa é hereditária. Por outro lado, a caracterologia szondiana se preocupa fundamentalmente com as causas que produzirão o caráter, buscando estas causas, em parte, na hereditariedade, em parte, no meio social etc., procurando ver, na estrutura hereditária do indivíduo, quais são as condições para que essas várias causas possam operar e provocar efeitos maiores ou menores. Os caracteres, na caracterologia de Szondi, se diferenciarão precisamente pelo maior ou menor aporte desta ou daquela causa. Um caráter se diferencia, então, porque nele predomina um ou outro instinto hereditário, ou a liberdade de escolha do eu, ou o fator cultural e assim por diante, e conforme a distribuição distinta das várias causas é que se obtém uma forma do caráter.

A caracterologia Szondiana não é separável do problema das causas, ao passo que a franco - holandesa sim. Podemos perguntar: e a nossa? A astrocaracterologia não busca nem uma coisa nem a outra; nem é baseada na dosagem das causas, nem é puramente descritiva, no sentido de ser indiferente à causa. Ela se ocupará de uma coisa mais básica, que é a descrição do ser individual, não no seu comportamento, não naquilo que o faz assemelhar-se a certos indivíduos ou o classifica em certos indivíduos grupos humanos mas, precisamente, naquilo que faz dele um ser único e irredutível. A maior parte das caracterologias se dissolve sempre em tipologias, ou seja, têm um certo número de critérios distintivos que, agrupando os indivíduos em nervosos, coléricos ou qualquer outros grupos, por distinções progressivas, acaba paulatinamente por situá-los num grupo relativamente pequeno, porém com um limite muito determinado, terminando no genérico. A astrocaracterologia, ao contrário, nada impede que esta progressiva particularização chegue até o indivíduo singular. O número de fatores a serem levados em conta em astrocaracterologia não tem limites intrínsecos: ele depende apenas de até onde você quer prosseguir; porque o céu, que é um dos elementos da comparação astrocaracterológica, contém uma infinidade de elementos possíveis. Basta você ir encontrando novos padrões de comparação e você irá afunilando até encontrar um número de caracteres que coincide com o número de seres humanos existentes e o ultrapassa, o que não é possível na caracterologia de Szondi, nem na franco - holandesa, nem em qualquer outra.

Se o caráter é a forma individual, só será caracterologia aquela que seja a descrição dos caracteres singulares, marcando, de um lado, aquilo que os assemelha a outros seres humanos e, por outro lado, aquilo que precisamente os singulariza. A descrição do singular é sempre uma descrição intuitiva, não é racional, no sentido de que não vai operar por conceitos, categorias, etc. Ora, a pergunta que surge é: existe uma técnica para a descrição do indivíduo singular? A resposta é a seguinte: Existe uma técnica do desenho, da pintura; por que não existiria então uma técnica da caracterologia individual? Por que a caracterologia deveria deter-se ao nível de geral? O desenho, por exemplo, não se detém. A técnica de reprodução de intuições chama-se arte, e esta técnica é “científica” em si mesma. A astrocaracterologia deverá aperfeiçoar o seu instrumento até chegar no limite do inconfundível - singular inconfundível. Não temos isto ainda: somos apenas capazes de descrever dois milhões e oitocentos mil tipos aproximadamente. O sistema de distinções em astrocaracterologia é praticamente infindável, mas obedece a uma regra uniforme. A rigor, enquanto a percepção humana puder perceber diferenças deve-se poder continuar individualizando as descrições indefinidamente.

A astrocaracterologia não é indiferente ao problema das causas. Ela abarca o problema causal ou seja: para que possa haver tal ou qual causa, para que tal causa seja eficiente possa operar sobre tal ou qual indivíduo, é preciso que ele seja tal e como ele é. Posso pisar no rabo do gato porque o gato tem rabo, mas não posso pisar no rabo de uma laranja. Esta causa pode operar sobre um ser e não pode operar sobre outro, porque a forma de um admite a operação desta causa e a forma do outro não. Ao descrever a forma do ente singular, já estou apontando de antemão quais as causas que poderão atuar sobre ele ou não. Ora, é perfeitamente possível fazer mapas astrológicos de pessoas que não nasceram ainda, e que talvez venham a nascer. Podemos fazer a seguinte pergunta: “Qual é a causa daquilo que não existe ainda? “ Vamos supor que faremos o mapa de um indivíduo que irá nascer em São Tomé das Letras, no dia 28 de junho de 2010 às três horas da manhã. Podemos calcular este mapa, descrever o caráter e, no entanto, é possível que não nasça ninguém em S, Tomé nesta hora: Então, quais serão as causas do caráter desse indivíduo? Nenhuma,

desde que aquilo que não existe não tem causa: No entanto, se ele nascer neste dia neste lugar, nesta hora, com esta configuração planetária e tiver, portanto, este caráter individual definido, ele estará sujeito a ação de tais ou quais causas, compatíveis com esse caráter, e a todas as demais causas ele permanecerá indiferente. Se posso conhecer de antemão o caráter singular, independentemente do indivíduo portador deste caráter existir ou não, é porque posso saber quais as causas que poderão vir a operar sobre este indivíduo e quais as que não poderão. As causas precisam já estar dentro de um quadro delimitado de antemão. Ora, o quadro de possibilidades de um determinado ente, tanto daquilo quer ele pode fazer quanto daquilo que pode padecer é o que se chama, em lógica, a sua essência. Conhecendo a essência, sei quais são as causas que podem operar sobre esse ente e quais as que não podem, e também já sei o repertório das suas ações possíveis. O conhecimento geral do quadro das possibilidades, ou seja, esta noção do possível e do impossível em si, precisamente, o assunto da metafísica e, também, do senso comum. O cientista que investiga causas pressupõe que já conhece suficientemente, por senso comum, o quadro do possível e do impossível e que, portanto, só resta averiguar as causas e distingui-las das concomitâncias coincidenciais. Mas tais causas e concomitâncias não fazem sentido fora de um conhecimento suficiente distinto e diferenciado do quadro de possibilidades, e é falso que o senso comum seja suficiente para oferecer este conhecimento.

A investigação do possível e do impossível é o que se chama Metafísica ou Ontologia Geral; na falta de uma referência ontológica suficientemente nítida, o cientista praticamente se apoia na ontologia do senso comum que é uma ontologia não-crítica, fundada no hábito, no usual. Sem uma crítica não só dos meios de conhecimento, mas também uma crítica dos objetos de conhecimento possíveis, isto é, uma crítica do ser, caímos no desvario científico. Quando se diz que algo é ciência e não metafísica, podemos entender que isto é impossível, pois se não há metafísica também não há ciência, e a investigação se apoiará na metafísica do senso comum. Sem o estudo da Ontologia Geral ou Metafísica, só nos resta apoiarmos nos costumes e, apoiando-nos em costumes, chegamos a investigar quem é que pisou no rabo da laranja.

A astrocaracterologia busca a natureza do fenômeno "caráter", a sua essência, e a delimitação das causas possíveis que poderão vir a operar sobre este, permitindo a exclusão das causas impossíveis, delimitando o quadro das causas possíveis e, dentro destas, das causas prováveis. Ela busca a causa formal, que é a essência. Quando aplicado ao indivíduo, no sentido singular, a essência é o que chamaremos de caráter, é a forma singular deste ou daquele indivíduo de maneira irredutível. Entre as coisas que singularizam o indivíduo está o fato de que ele é o único que nasce naquele momento e naquele lugar. A idéia de que o momento e lugar demarcam precisamente uma individualidade penetrou na mente humana muito primitivamente. Faz muito tempo que os homens perceberam isto, e a astrologia seria a ciência que tiraria as últimas conseqüências desta realidade, de que entes surgidos em momentos e lugares distintos são distintos. Antes de distinguir as causas do caráter, podemos aprender a diferenciar os vários caracteres, e saber que caracteres tais ou quais, descritíveis desta ou daquela maneira, só poderão estar submetidos à ação de tais ou quais causas.

[NB - A última parte da Aula 12 foi inteiramente tomada pela exposição e Comentários do Texto As Camadas da Personalidade, que preparei especialmente para este curso. Evidentemente, o comentário, em classe se faz intercalando a leitura e a exposição oral. Como, porém, a reprodução escrita desse vaivém seria muito complexa, dou a seguir, primeiro, o texto completo e, depois, a transcrição dos comentários destacando, em cada passo, tão claramente quanto possível, as remissões ao texto. - O. C.]

Texto: AS CAMADAS DA PERSONALIDADE

Parte I - Preliminares

§ 1. - "O conceito de personalidade abarca duas idéias diferentes: a de integração mais ou menos perfeita - ela é o conjunto ou o sistema de tudo o que há em mim - e a de individualidade: a forma em mim assumem os elementos que em mim figuram me pertence propriamente e me distingue dos outros"(Gaston Berger, Caractère et Personnalit, Paris, P. U. F, 1954, p. 2)

§ 2. - Definições de personalidade:

H. Piéron: "A personalidade representa essencialmente ... a unidade integrativa de um homem, com o

conjunto de suas características diferenciais permanentes (inteligência, caráter, constituição) e suas modalidades próprias de comportamento" (Vocabulaire de la Psychologie, p. 210).

W. Sheldon: "A organização dinâmica dos aspectos cognitivos, afetivos, conetivos, fisiológicos e morfológicos do indivíduo (cit. Por Piéron, id., ibid.).

§ 3. - Em vista de tais definições, Berger observa que "a psicologia geral isola por abstração um certo número de funções: memória, percepção, imaginação, etc. O estudo da personalidade, ao contrário, é uma investigação concreta que se empenha em compreender como todas as funções operam juntas e reagem umas sobre as outras, num homem determinado, ou tal ou qual categoria de homens"(op. Cit. P. 3).

§ 4. - Sendo assim, o estudo da personalidade deve partir das diferentes funções isoladas pela psicologia geral e reuní-las gradativamente em diferentes níveis e camadas - correspondentes ao vários graus de menor e maior integração da personalidade (pois é evidente que o grau de individualidade cresce junto com o de integração, com o que caminhamos dos elementos ao todo, do impessoal ao pessoal), destacando, em cada um, os diversos esquemas e modalidades de integração dessas funções, cuja totalidade hierarquizada e funcional se chamará, precisamente, personalidade.

A título provisório, fornecerei aqui uma divisão possível dessas camadas, que deveriam ser abarcadas em seu conjunto num estudo descritivo completo de uma personalidade individual qualquer.

§ 5. - O aluno reparará facilmente na disposição zodiacal deste arranjo, mas advirto que isto resulta de uma aplicação proposital das categorias zodiacais à descrição da personalidade humana; a estrutura do zodíaco serve aqui como recurso heurístico e memônico, e o esquema duodenário resultante não deve, portanto, ser interpretado precipitadamente como uma transcrição fidedigna dos fatos, empiricamente constatados; seu valor é sugestivo, nada mais.

§ 6. - Destaco, ainda, que cada uma das camadas que assinalo recebeu particular atenção de determinadas escolas e correntes da psicologia contemporânea, das quais cito algumas entre parênteses de mero exemplo e malgrado as enormes diferenças que as separam umas das outras. Mas esta simples enumeração já evidenciará de imediato ao aluno que a descrição completa de uma personalidade individual requereria o concurso e a colaboração de muitos métodos, às vezes erroneamente tidos por antagônicos. A conceição mais extensa de cada uma dessas camadas será dada oralmente, em classe.

.Parte II - Enumeração das Camadas

1. Caráter (no sentido astrocaracterológico do termo).

2. Hereditariedade, constituição, temperamento, estrutura pulsional (Wilson, Sheldon, Kretschmer, tipologia em geral; Szondi).

3. Cognição e percepção, sua estrutura e desenvolvimento (behaviorismo; Pieron e Piaget; Kohler e a Gestalt em geral; Festinger; psicologia da linguagem).

4. História pulsional e afetiva (Freud, Klein, psicanálise em geral)

5. Ego, autoconsciência e individuação (Jung).

6. Adaptação a votação (Ungricht; Cirill Burt; Eysenck).

7. Situações e papéis sociais (Adler; Horney e a escola culturalísta em geral, psicologia da comunicação).

8. Síntese individual provisória, em cada etapa de desenvolvimento, isto é, "perfil caracterológico" no sentido da escola de Le Senne e Berger.

9. Personalidade intelectual superior; gênio, criação artística, estilo, etc.; "personalidade poética" no sentido de Croce, em oposição à "personalidade empírica" (Pradines; Bergson; Koestler; heurística).

10. Eu transcendental, pessoa, responsabilidade moral, livre-arbítrio, etc. (Kant, Husserl, Berdiaeff, Gusdorf, Caruso).

11. Personagem - no sentido estrito em que este termo é usado em astrocaracterologia: o indivíduo perante a História, a civilização, a humanidade (Dilthey, Weber, Wallon).

12. Destino final: o indivíduo perante Deus, o sentido e o valor da vida, etc. (Psicologias místicas tradicionais; Paul Diel, Viktor Frankl).

Parte III - Observações

[§ 7. - Além dessas camadas, pode-se admitir a existência de faixas sub- humanas, constituídas de puras reações químicas (feromonas,] por exemplo), ou de automatismos maquínicos variados. Normalmente, a operação destas faixas está absorvida pelas faixas superiores, de modo que sua importância no conjunto fica reduzida. Porém, em determinadas situações, o sub-humano pode assumir um papel relevante e até decisivo como causas do comportamento, absorvendo a personalidade verdadeira. A importância e freqüência crescente de tais fenômenos na sociedade de hoje levou algums psicólogos a colocarem esta faixa no topo e no centro se suas percepções psicológicas, o que é, evidentemente, uma confusão entre psicologia e psicopatológica. A bibliografia sobre este indigesto assunto é vasta, e vai de Gurdjieff e Guénon até os estudos recentes de Deleuze e Guattari sobre o "inconsciente maquínico", de Conway e Siegelman sobre e fenômeno do snapping, de Sargant sobre a "possessão da mente", e até a programação neurolinguística. Estas faixas, porém, nas quais o que é propriamente humano se dissolve nas remotas raízes que o ligam ao animal, à planta, ao mineral até ao infra-natural, estão, por isto mesmo, rigidamente fora do âmbito da caracterologia.

§ 8. - O aluno deve ter notado que as camadas que descrevi podem ser enfocadas quer como uma sucessão de âmbitos que a personalidade, em seu desenvolvimento, vai progressivamente abarcando, quer como coexistentes num dado momento dessa evolução.

§ 9. - Deve também procurar notar que algumas delas representam momentos e aspectos integrativos, que cristalizam a personalidade num equilíbrio total ao menos provisório, ao passo que outras representam divisões e rupturas que abrem a personalidade a novos desenvolvimentos, às vezes por meio de agudas crises; vamos chamá-las, respectivamente, e provisoriamente, de camadas integrativas (que "fecham" a personalidade num quadro definido) e divisivas que a abrem para o ingresso de influências externas, rompendo o equilíbrio anterior e desencadeando a luta por uma nova e superior integração).

São integrativas as camadas: 1, 2, 5, 6, 8, 11. São divisivas: 3, 4, 7, 9, 10, 12. Veremos por quê, durante as explicações orais. O estudo dos dois tipos de camadas requer métodos opostos.

§ 10. - Finalmente, o aluno deve estar atento para o fato de que, até a camada 8, todas estão presentes em todo indivíduo adulto normal; ao passo que as seguintes - de 9 a 12 - representam desenvolvimentos que, se numas personalidades se manifestam plenamente, noutras permanecem em estado germinal ou latente ou são totalmente sufocadas. A "personalidade", como se vê, é um fenômeno que transcende os limites do estritamente "psicológico" - no sentido acadêmico e especializado do termo - e se ramifica na História, na Antropologia, na Religião, etc., cujas contribuições uma psicologia da personalidade deve absorver, sob pena de mutilar seu objeto.

COMENTÁRIO

Por que estamos estudando todas estas caracterologias? Porque o caráter, tal como o entendemos em astrocaracterologia, é uma região que não é abarcada por nenhuma delas, e porque o estudo comparado das várias caracterologias deixará, enfim, uma zona em branco, um espaço virgem, que será justamente aquilo que se chama caráter em astrocaracterologia. O conceito astrocaracterológico do caráter está, portanto, sendo aqui exposto gradativamente por suas distinções e contrastes em face de outros tantos aspectos do caráter estudados pelas várias caracterologias.

Com o presente comentário, avançaremos muito na conceituação astrocaracterológica do caráter, e por isto considero esta lição a parte culminante deste primeiro trimestre, e peço aos alunos um estudo cuidadoso deste assunto.

Parte I - Preliminares

[§§ 1 e 2]

Na definição inicialmente dada por Berger, destacam-se duas coisas: a integração (a personalidade é um

sistema, um organismo, uma ordem, uma fórmula) e a individualidade (é por essa personalidade que o indivíduo se distingue dos outros). Berger diz ainda que a forma que em mim assumem os elementos que me compõem me pertence propriamente. Aí, por um lado, subentende-se que os elementos, considerados em si mesmos, podem não me pertencer, podem ser impessoais, podem vir de fora, da família, da sociedade, etc.; porém, por outro lado, também está implícito que a personalidade não se constitui somente da forma, mas da forma com os elementos, ou, melhor ainda, dos elementos na forma. No uso que geralmente se faz do termo em psicologia, a personalidade é um todo inextricável de elementos e de forma (tal como na definição aristotélica o homem é um composto inseparável de forma, ou alma, e matéria, ou corpo; e a separação é a morte).

Quais são esses elementos a que se refere Berger? São o caráter, as tendências constitucionais, o aporte hereditário, etc. Todos esses elementos, montados numa certa ordem e forma, constituem a personalidade. Se, de um lado, a psicologia geral isola esses elementos e os estuda um a um, a psicologia da personalidade, diz Berger, se definirá como o estudo integrado de todos elementos numa forma em particular, que é a personalidade. Portanto, temos aqui duas abordagens complementares: de um lado, os elementos separados; de outro, os elementos juntados e coeridos pela forma. Mas e a forma enquanto tal? E a forma considerada independentemente dos elementos? Esta não é assunto nem da psicologia geral, nem da psicologia da personalidade.

Se quisermos ter uma idéia precisa do que é que vamos chamar de caráter em astrocaracterologia, diremos que ele é a forma pura da personalidade. Ou seja: a forma sem os elementos, a forma como mero esquema de possibilidades, a ser preenchido, na existência real, por tais ou quais elementos. Este aspecto, que foi abandonado tanto pela psicologia geral quanto pela psicologia da personalidade, é o nosso assunto: o tema da astrocaracterologia, ou, dito modo, o elemento humano e terrestre a ser comparado com a configuração celeste ou horóscopo.

No sentido em que normalmente se usa a palavra caráter em psicologia, ele é um dos elementos da personalidade; a soma do caráter, tido como elemento constante, com os outros elementos, tidos por mutáveis, adquiridos, substituíveis é o que dará enfim o que se chama a personalidade, ou seja, os elementos distribuídos numa forma integrada individual. Porém, em astrocaracterologia, a palavra caráter será utilizada de uma maneira mais radical: partindo da sua etimologia - que designa uma marca ou a forma individual de uma letra - , o caráter será, para nós, a forma pura da personalidade, isto é, a forma que tal ou qual personalidade tem independentemente da natureza, quantidade e proveniência dos elementos que a compõem.

Notem que a psicologia geral opera uma abstração, separando os vários elementos, que depois a psicologia da personalidade concreciona novamente, numa forma individual. A astrocaracterologia operará então uma segunda abstração, para separar, desta vez a forma pura; e esta forma é o que denominamos caráter. A astrocaracterologia baseia-se no pressuposto de que a forma total da personalidade possível - é importante salientar isso, pois ela abarca personalidades que não nasceram, que talvez não nasçam nunca - guarda uma correlação com a figura do céu no momento e lugar do eventual nascimento. A figura do céu expressa, por uma analogia estrutural bastante nítida que estudaremos mais tarde, a estrutura possível de uma personalidade; só não está predeterminado se esta personalidade vai existir ou não, pois é possível que no momento e lugar em que se forma essa figura, não nasça ninguém. É mais do que evidente que a figura do céu não pode ter uma relação direta com a personalidade real e concreta, existenciada, porque então seria preciso que houvesse para cada figura do céu; um ser humano efetivamente existente; por isto é que a figura do céu corresponde somente à forma pura, à estrutura da personalidade possível, pois os vários elementos que preencherão essa estrutura, dando-lhe a carne e o sangue da existência concreta, só podem ser concebidos na e pela existência concreta. Este ponto, tão delicado e importante, tem escapado, quase que universalmente à percepção dos astrólogos, que por isso caem no equívoco de buscar uma equivalência entre a figura do céu e a personalidade concreta; a astrocaracterologia corrigirá isso, estabelecendo que a correspondência só pode ser buscada entre a figura do céu e o caráter, a forma pura, fazendo abstração dos elementos componentes, isto é, da matéria da personalidade, a qual matéria, por ser tal, não pode ser concebida abstrativamente, isto é, sujeita a estudo a posteriori, isto é, histórico, pela narrativa do que efetivamente aconteceu; e, obviamente, ao nível do puro caráter, entendido como esquema de uma personalidade possível, obviamente ainda não “aconteceu” nada.

Pode-se calcular o mapa de qualquer momento e lugar, independentemente de nesse momento e lugar nascer alguém ou não; e qualquer astrólogo reconhecerá que, pela mera figura do céu, é impossível dizer se nesse momento e lugar nasceu alguém ou não, isto é, se o mapa é de alguma pessoa de carne e osso ou de uma mera possibilidade de pessoa. O único ponto que a astrocaracterologia concede à hipótese astrológica tradicional é, portanto, que a figura do céu em certo momento e lugar, não predeterminando o nascimento nem o impedindo, limita o quadro dos nascimentos possíveis, no sentido de que, em dado momento e lugar, só poderão nascer pessoas cujo caráter, cuja forma pura de personalidade, seja harmônico com a figura do céu nesse instante; e que essa figura conservará uma relação com a forma pura da personalidade de quem quer que nasça nesse momento e lugar, quaisquer que sejam os elementos que, concreta e empiricamente venham a preencher essa estrutura. Por um paralelismo que os alunos versados em simbólica tradicional não terão dificuldades de entender, o caráter, esquema puro da personalidade possível, guarda uma correspondência nítida com a forma total de uma vida realizada e terminada, isto é, com a biografia completa do indivíduo, ainda que às vezes não se pareça muito com a personalidade real vivente desse indivíduo em cada instante ou fase da sua vida, tomado isoladamente. Dito de outro modo: o indivíduo, enquanto vive, às vezes não se parece muito com o seu horóscopo; mas certamente se parecerá depois de morto, quando, num retrospecto, enfocarmos a sua biografia como um todo acabado e fechado. O caráter é, de certo modo, anterior e posterior à vida do sujeito real concreto: de um lado é a forma da personalidade possível, portanto do destino possível; de outro lado é a forma do destino realizado e terminado. É só e exclusivamente neste sentido que podemos admitir a validade do velho adágio astrológico de que “caráter é destino”; e nunca no sentido corrente de que o caráter seja a causa eficiente dos eventos que sucedem ao indivíduo; pois os eventos não são senão matéria, às vezes casual e adventícia de que se vai compondo o destino; e o que o caráter predetermina é somente a forma total e final desse destino, e não a sucessão de entrada em cena dos elementos materiais, a qual é, a rigor, perfeitamente indiferente: com estes ou aqueles elementos, o caráter se realizará.

Neste ponto, a astrocaracterologia concorda com Klages quando (nas palavras de seu brilhante intérprete Gustave Thibon*) proclama que “a relação meta-empírica da alma ao corpo precede o fato temporal da individualização efetiva; ela está relacionada à essência e ao fim da pessoa humana ... O fundo potencial do caráter resulta da relação transcendental da matéria e da forma”. Porém, a astrocaracterologia inverte a fórmula de Klages, para o qual as constantes do caráter, que “especificam, anteriormente a toda influência e a toda volição consciente, nosso comportamento individual ... representam como a matéria, mais ou menos plástica ou refratária, sobre o qual se exerce o mundo exterior, por um lado, a vontade livre, por outro”. O caráter, anterior, de certo medo, à existência temporal concreta, é, para Klages, matéria à qual a influência externa e a vontade livre darão forma; para a astrocaracterologia, o caráter é forma e nada mais que forma, pois seria inconcebível uma “matéria” anterior à existência concreta, já que a matéria é precisamente o elemento cuja entrada em cena dá existência à forma pura de uma possibilidade, isto é, a uma essência. Tanto a influência externa quando a vontade livre poderão moldar apenas a forma empírica da personalidade, isto é, contribuir para a somatória, acrescentando ou subtraindo elementos; mas esta forma empírica não será jamais outra senão uma dentre as várias formas possíveis de um mesmo caráter, uma forma selecionada dentro do repertório de possibilidades que é o caráter.

É por essas razões que, neste curso, daremos preferência ao estudo de vidas realizadas. Isto é, não só vidas terminadas no sentido temporal, mas vidas completadas, no sentido de que o indivíduo se propôs uma meta, um objetivo, e o realizou, ou ao menos levou sua realização até um ponto identificável.

No caso de vidas truncadas, frustradas, incompletas, a correspondência entre caráter o Horóscopo continua, evidentemente, a vigorar, porém de modo muito menos patente; pois a relação de caráter e horóscopo só se manifesta através da existência e, quanto mais obscura a existência, mais obscura esta relação. Muitas pessoas que se debruçaram sobre o mistério da realização humana, notaram que cada indivíduo, sem conhecer de antemão, é claro, a forma do seu destino, entreveêm, no entanto, algo como o nebuloso perfil de um destino possível que lhes parece adequado e próprio a sua individualidade; apegam-se a esta imagem, buscam realizá-la; e, entre as vicissitudes da vida as vezes a perdem de vista, ou, levados pela fraquesa ante as circunstâncias a esquecem quase por completo. Cada ser humano tem a vivencia desse"perfil ideal"; e somente aqueles nos quais essa figura se projetou com nitidez nos atos e obras é que se pode dizer terem tido uma vida completa; deles é que se diz terem "realizado o seu arquétipo"(retirando deste termo suas conotações particularmente Junguianas). É claro que todas as pessoas tem algum caráter e

que de modo ora mais ora menos obscuro, ele se manifestará de algum modo; mas a única marca patente que o caráter pode deixar só se manifesta em duas coisas: na obra (produtos que subsistem materialmente após o término da existência) e no personagem (isto é, num modo de ser que, pela intensidade e profundidade da sua ação sobre outras pessoas, deixa lembranças definitivas e indiléveis na história humana). A maior parte das pessoas não realiza obra nenhuma nem deixa marcas de seu personagem, ao menos duráveis e nítidas, a maior parte dos seres falecidos não deixa senão sinais vagos e evanescentes de sua passagem sobre a terra; e por estes sinais vagos e fragmentários, não chegamos a saber quem de fato eles foram, embora pelo seu horóscopo possamos saber quem poderiam ter sido.

Para a psicologia, dissemos, a personalidade é: elementos mais forma, sendo o caráter um dos elementos. Para a astrocaracterologia, caráter, em sentido extrito é, personalidade menos elementos. Podemos identificar e isolar os elementos mediante o estudo de várias caracterologias: Szondi ensina-nos a isolar o elemento pulsional hereditário; Kretschmer e Sheldon , os elementos constitucionais do temperamento; e assim por diante; esta é a razão de devermos estudar estas várias caracterologias para chegarmos a visualizar realmente o que se entende por forma pura. Deste modo podemos chegar a mapear a quase totalidade dos elementos que entram na composição de uma dada personalidade e, comparando duas personalidades compostas com elementos aproximativamente iguais, só poderemos compreender a sua diferença, precisamente, pelo caráter, identificado no horóscopo; isto é, compreendemos que, elementos semelhantes podem diferir quando organizados segundo um princípio formal diferente; do mesmo modo comparando dois horóscopos semelhantes, poderemos compreender como é que, preenchidos por elementos materiais diferentes - elementos hereditários,ou, no caso de igual hereditáriedade, elementos empiricamente acrescentados pela influência externa ou pela vontade no decurso da vida - resultaram em personalidades concretas diferentes. Assim daremos, por exemplo, solução concreta e científica a grosseiríssima questão dos "gêmeos astrais", que se costuma elidir por evasivas teóricas ou explorar mediante sofismas.

Do que foi dito conclui-se que a figura do horóscopo só se manifesta claramente em determinadas vidas; que, em outras o caráter só transparece de maneira exitante e fugidia; que, na maior parte das vidas, o jogo das correspondências entre posições astrais, traços de personalidades e eventos da vida, está sujeito a uma elasticidade de significado, que torna impossível a descrição límpida a que levou o íntegro e honesto André Barbault a comparar o horóscopo a uma planta baixa que refletisse as proporções internas de uma casa,mas da qual se houvesse perdido a escala, de modo que, sabendo mais ou menos a figura da casa não teríamos como distinguir se é uma casinha de bonecas ou um imenso edifício. A experiência cômica de astrólogos que preveêm grandes acontecimentos para depois constatar o advento de miúdas ocorrências que só guardam uma relação analógica muito distante com o previsto, se explica assim. Nas vidas completas e realizadas, ao contrário, o astrólogo desfruta precisamente da vantagem de dispor de uma escala a qual lhe é fornecida justamente pela envergadura dos atos e realizações registrados nesta vida. Esta vantagem, tão mais proeminente quando se considera que atos e obras de certos homens notáveis vieram mesmo a se tornar a medida e o padrão- a escala - pelas quais julgamos atos e obras similares, cometidos por homens menores: comparamos a imperiosidade de um tiranete sul americano a de Napoleão; as virtudes morais de nosso visinho às de São Francisco; o talento de nossos poetas é medido por Homero e Shakspeare; e assim por diante. A grandeza é a escala com que se mede o pequeno. No nosso esquema das camadas da personalidade, a homologia de horóscopo-caráter-destino só começa a aparecer com suficiente claridade da camada nove para cima; abaixo disto, as notas vibradas no céu só ressoam na terra numa pluralidade indefinida de níveis, devido ao fato de que a maior parte das vidas de homens comuns não chega a ter uma forma que reflita o seu caráter. Poderíamos mesmo definir "vida realizada" como aquela cuja forma final copia ou se assemelha à forma do caráter, enquanto as outras vidas, moldadas ao sabor de influências externas e eventos fortuitos permanece um tanto ao nível do informe, para não dizer disforme.

O horóscopo de nascimento pode ser comparado, neste sentido a uma partitura de música: somente as execuções felizes e bem realizadas correspondem a partitura original, ponto por ponto; as demais só lhe correspondem de maneira imperfeita e irregular e em algumas a partitura original se torna totalmente irreconhecível. É como se certos indivíduos tivessem uma seletividade mais ordenada e firme das influências externas, ãs quais vão dando a forma do seu caráter, enquanto em outros a forma do caráter é

obscurecida ou mesmo dissolvida pelas influências externas.

- 3-

Como já disse, a psicologia geral isola as partes, os aspectos, os vários processos da psique, e os organiza segundo um esquema lógico e generos e espécies; a psicologia da personalidade volta a reunir esses vários elementos, mas agora não segundo uma forma lógica abstrata, e sim na forma concreta de uma individualidade humana; a astrocaracterologia, em seguida, opera uma nova abstração, obtendo a forma pura da individualidade - e é esta forma pura que ela compara ao horóscopo de nascimento. É evidente que esta operação não se pode realizar sem o conhecimento meticuloso dos vários elementos a serem isolados - e são justamente estes elementos que são estudados nas várias caracterologias.

A psicologia de personalidade pode-se dividir em dois aspectos: de um lado, o estudo dos vários processos e níveis pelos quais se opera a integração dos elementos; isto seria a psicologia geral da personalidade; de outro lado, ela visa, essencialmente a atingir uma compreensão da personalidade individual concreta; e isto seria a psicologia da personalidade propriamente dita. A diferença entre ela e a astrocaracterologia é a insistência desta última na forma pura, abstraindo os elementos. Mais tarde isto será esclarecido em detalhes. Mas, só para dar um exemplo. Estudando as obras de grandes romancistas (somente os de envergadura universal, pelas razões já apontadas), verificamos que é significativo o número de autores com Saturno na Casa III em cujos livros encontramos, como tema central e essencial, histórias de adolescentes ou jovens que fogem de casa em busca de conhecimento ou de aventuras. Ocorrem-me agora os exemplos de Dickens, Stendhal, Hermann Hesse e André Gide. São quatro autores enormemente diferentes uns dos outros; suas vidas e suas mentalidades, seus caracteres no sentido de Le Senne (Dickens é um colérico, Gide um sentimental, Stendhal e Hesse nervosos), as influências literárias e filosóficas recebidas, etc. Enfim: isolando todos os elementos que foram compondo suas personalidades, encontramos que não há neles nenhuma razão suficiente para que, em suas obras, um mesmo tema reapareça com constância obsessiva; então, levantamos a hipótese de que essa constância reflete uma peculiar inclinação da inteligência desses homens, inclinação esta que proviria da forma pura do seu caráter, anteriormente ao desenrolar da vida temporal e ao ingresso dos vários elementos em cena; em seguida, verificamos que essa inclinação corresponde, estatisticamente, à presença de Saturno na Casa III do horóscopo natal. Entre escritores de menor porte - e o escritor de menor porte é justamente aquele cuja obra reflete menos a sua individualidade criadora e mais as influências externas e o gosto da época - não encontraremos a mesma constância. Do mesmo modo, ninguém se estende mais na descrição de sensações corporais imediatas do que os escritores que têm Saturno na Casa VI, por exemplo Flaubert, Thomas Mann, Graciliano Ramos, Henry Miller). Poderíamos atribuir a alguma hipersensibilidade proveniente de doenças ou nervosismo (isto é, a elementos materiais da personalidade) no caso de Flaubert e Graciliano, homens de pouca saúde; mas como explicá-la num homem de vitalidade exuberante como Henry Miller? No que diz respeito a elementos de proveniência social, como explicar a presença da mesma inclinação no grão-burguês milionário Thomas Mann e no obscuro comerciante de secos e molhados perdido no sertão de Alagoas? Não, isso não se deve a elementos, mas à forma do caráter.

É claro que o estudo dos horóscopos de escritores deve obedecer a certos cuidados metodológicos que só explorei mais tarde, e por isto previno-os de que é inútil vocês procurarem desde já novos exemplos e correspondências desse tipo, movidos por uma natural curiosidade.

§ 4

Vocês notarão, sem dificuldades, que cada camada seguinte absorve e supera a anterior. Não se deve confundir a divisão em camadas com a divisão abstrativa em aspectos e funções diversas; as camadas correspondem a uma divisão cronológica ou pelo menos a uma escala de evolução ideal, e cada camada abarca toda a personalidade, concretamente. Digo isto para evitar, desde logo, a pergunta imbecil: “E como se integram depois as camadas que você separou? “ Toda divisão cronológica não separa partes do ser, mas etapas do tempo - e subtendo-se que o ser existe concretamente em cada uma dessas etapas; e que, aliás, ele só se concreciona no tempo e no espaço. Mostrar as várias casas em que um sujeito morou ao longo do tempo não é a mesma coisa que dividí-lo em memória, razão, sentimento, etc., pois, em cada uma dessas casas, ele morou inteiro.

§ 5

Sem comentário.

§ 6

A divisão em camadas da personalidade equivale, também, a uma divisão metodológica em níveis e planos de abordagem; e esta divisão nos permite integrar harmoniosamente as contribuições das várias escolas e correntes da psicologia, ao invés de opô-las umas às outras num espírito particularista pueril, infelizmente muito comum nos nossos estudantes de psicologia das universidades. Muitas vezes me perguntei como seria possível um sujeito de vinte e pouco anos, sem conhecimento extenso do panorama da psicologia, já ter optado, fanaticamente, por ser freudiano, reichiano, junquiano, etc. Essa opção, nessa idade, jamais poderia ser fundada em motivos intelectualmente relevantes. Só pode advir de uma falsa identificação, momentânea e superficial da alma com certos motivos e temas da escola eleita.

Aqui, evidentemente, não admitiremos esse tipo de atitude. Também não admitiremos um dogmatismo tradicionalista que rejeite in limite as contribuições da moderna psicologia, e só aceite o que tenha sido obtido pelos métodos analógicos e simbólicos da ciência dita tradicional. O termo "tradição" tem sofrido, nas mãos de porta- vozes de escolas e correntes esotéricos, as mais horripilantes deformações (propositais) de sentido. A rigor, tradição significa universalidade, e aquele que se proclama "tradicional" deve estar disposto a pagar o que deve à exigência de universalidade: isto é, está moralmente obrigado a colocar-se num ponto de observação tão elevado que, dele, todos os pontos de vista particulares se integrem num todo harmonioso. Um partidarismo tradicionalista é uma contradição.

Parte II - Enumeração das camadas

1a

Sendo a forma pura da personalidade, o caráter é uma precondição para que exista a personalidade; ele é "anterior" à personalidade, pois, enquanto forma pura da possibilidade desta, já está dado, pronto, no instante do nascimento, ao passo que a personalidade será a resultante do esforço de existenciação mediante a absorção progressiva dos elementos.

Mas, por uma complementaridade dialética que o aluno versado em simbólica tradicional não terá dificuldade de entender, o caráter também é "posterior" à personalidade, no sentido de que, finda - e, é claro, realizada - a existência, ele expressará, em sua analogia com o horóscopo, a forma total do destino.

2a

Este aporte biológico é a primeira condição para que o caráter, a forma pura, adquira existência real e concreta. Para que o caráter se realize, é necessário que a hereditariedade, a constituição, etc., sejam compatíveis ou favoráveis.

Nesta camada há muitos elementos que, vindo de "fora", ingressam na constituição do caráter, favorecendo ou obstando sua realização. Os que têm prática em astrologia reconhecerão facilmente que certas posições planetárias, no mapa de nascimento, podem ser "leves" para um indivíduo de boa constituição física, "pesadas" para um indivíduo frágil ou doentio; por exemplo, Saturno na VI no horóscopo de Henry Miller e no de Flaubert.

É preciso, no estudo desta camada, conhecer a fundo esses elementos e verificar meticulosamente sua relação com o caráter puro, a qual não é unívoca como em geral pensam os astrólogos. Por exemplo, não se pode saber do estado de saúde de um indivíduo só pelo seu horóscopo, sem outros indícios. A configuração astral não resulta em saúde nem em doença senão pela intermediação de outros elementos.

Para esclarecer essa complicada dialética entre caráter e hereditariedade, sugerirei mais tarde algumas pesquisas, que poderão ser realizadas pelos alunos.

3a

Todas essas escolas se dedicaram a descrever o processo cognitivo, sua evolução e suas várias etapas. É evidente que o processo cognitivo é esquematicamente o mesmo em todos os seres humanos, mas, sendo bastante complexo, ele introduz um elemento de variação no quadro delimitado pela hereditariedade. O

que o indivíduo virá a aprender, e como, é algo que depende, em parte, da hereditariedade, em parte, do meio-ambiente, em parte, da livre vontade do indivíduo, e, em parte, da lógica inerente ao processo cognitivo mesmo, a qual é uma coisa totalmente independente da hereditariedade individual. As escolas psicológicas interessadas na descrição do processo cognitivo fazem geralmente abstração do caráter, da hereditariedade, etc., só se interessando pela cognição enquanto tal. Mas é evidente que uma teoria da cognição não pode substituir uma psicologia geral ou uma psicologia da personalidade; ela deverá ser integrada nestas últimas, caso queira servir a qualquer objetivo prático.

Entendemos ademais, que, quando o indivíduo penetra nesta camada, está se introduzindo um elemento de liberdade e de indeterminação no quadro anteriormente delimitado pela hereditariedade: nem todas as pessoas com as mesmas características hereditárias recebem as mesmas informações. A história do desenvolvimento cognitivo do indivíduo deve ser contada independentemente da hereditariedade, pois esta não determina as oportunidades de aprendizado nem é onipotente ao determinar a capacidade de absorção.

4a

O padrão afetivo do indivíduo tem uma história; ele provém das experiências vividas, que cristalizam aos poucos determinadas reações, originando o "caráter" tal como o entende Freud, que é como uma resultante da história vivida que canaliza os impulsos nesta ou naquela direção até consolidar um circuito, são ou neurótico, que tende a repetir-se.

Esta história pulsional e efetiva também pode ser estudada independentemente do caráter, da hereditariedade e da história cognitiva - mas é evidente que, para conhecermos a personalidade real e integral deveremos ir aos poucos inserindo cada camada na seguinte, conforme a ordem cronológica de sua entrada em cena.

Para entendermos a contribuição e valor das escolas que estudaram este tema da história pulsional, é preciso inseri-las no quadro de uma ampla psicologia da personalidade, ao invés de querer fazer delas o substituto da psicologia toda. Não podemos nos esquecer de que a psicanálise é uma escola especializada, que enfoca um tema determinado, e que ela não é uma psicologia geral. Tentativas de fazer dela uma psicologia geral só resultam em ampliar desmedidamente a exibição das suas limitações e fraquezas, e expô-la a críticas que, no âmbito do que ela especifica e limitadamente se propôs, seriam injustas. O aspecto particular enfocado pela psicanálise tem um grande valor na determinação do destino, o que devemos fazer é averiguar o peso específico desse fator dentro da concepção geral do homem e da personalidade.

5a

Toda a psicologia de Jung nada mais é do que uma psicologia do ego e da autoconsciência; é apenas uma resposta à pergunta: "Como me apreendo como indivíduo autoconsciente e como esta autoconsciência se desenvolve desde as trevas da ignorância até a apreensão dos arquétipos que determinam sua forma individual e seu destino? " Meu mestre amigo, Dr. Juan Alfredo César Müller, que estudou com a Dra. Marie-Louise Von Franz, dizia mais: que toda a obra de Jung era uma longa autobiografia, não um sistema científico-abstrato de psicologia.

6a

Pode-se distinguir entre aptidões, que seriam mais ou menos inatas, a capacidade, que seriam mais ou menos adquiridas. No entanto, não faz sentido estudarmos esta questão antes de termos uma visão suficiente da psicologia do ego, pois aptidão é o domínio consciente de alguma coisa; a aptidão latente ou se transforma em capacidade pela filtragem do ego, ou dela você nunca toma conhecimento. A aptidão é o conjunto dos meios intelectuais, técnicos, etc. de que o indivíduo dispõe para realizar seu caráter, e esses meios em parte dependem dele mesmo, em parte são dados pelo meio, pelo ambiente. Uma coisa é estudar a relação entre o caráter e hereditariedade, caráter e desenvolvimento cognitivo e caráter e aptidão; alguém com uma hereditariedade propícia pode não chegar a ter a capacidade porque faltou em seu meio a oportunidade de adquiri-la.

7a

O mesmo indivíduo tem vários sub-egos ou subconstelações de personalidade conforme os seus vários

papéis sociais exercidos. Temos que distinguir as várias situações que o indivíduo vivencia, quais são os vários papéis, as diferentes subpersonalidades que cria para se adaptar a estas situações, para não confundir meros papéis sociais com traços de personalidade ou de caráter.

8a

Se entendemos caráter não apenas no sentido das três primeiras colunas, mas como das nove colunas do teste de Berger; podemos dizer que ele é uma somatória, uma síntese individual que num dado momento fornece um retrato do indivíduo tal como ele está. Neste ponto chegamos à noção de uma personalidade global pela primeira vez. Mas a personalidade não termina aqui; termina aqui apenas para a média dos seres humanos, mas há pessoas que têm outras faixas da personalidade que não podem ser abarcados pelos estudos descritos até o momento. Estas pessoas têm um algo mais que as destaca.

9a

Tudo isso que nós falamos é a personalidade empírica, a personalidade que o sujeito tem de fato, no decorrer de sua experiência. Começamos a poder falar em obra e em personalidade a partir do momento em que esta personalidade empírica recebe uma valoração consciente em algum dos seus aspectos, ou seja, onde o indivíduo percebe que alguns elementos de sua personalidade podem conter a afirmação de certos valores universais e passa a se dedicar a realizar esses aspectos em particular. A isto nós chamamos personalidade intelectual superior, e nem todo mundo a tem. Você tem a partir do momento em que quer e que procura desenvolvê-la. A natureza leva o homem até certo ponto, cria nele determinados órgãos; mas há outros que é o homem mesmo que "inventa".

Existe um "órgão" num Balzac ou Beethoven que não existe nas outras pessoas e que é o que Croce chama de personalidade poética; é o aspecto criativo da personalidade, o qual, provindo da personalidade empírica, por vezes a engole totalmente, tanto que os traços desta acabam por ser neutralizados. Na verdade, são estas quatro últimas camadas - 9, 10, 11, 12 - que aparecerão mais claramente no mapa astrológico, pois são estas que terminam de expressar a personalidade. Só se a personalidade se expressar em todos os doze níveis é que pode ser estudada facilmente em suas relações com o caráter, senão é apenas um estudo de possibilidades.

10a

O problema da responsabilidade moral só se coloca a partir do momento em que o sujeito tem uma personalidade intelectual, pois é a personalidade intelectual que vai destacar no indivíduo a idéia do valor universal como algo que existe para nós; sem isto, como poderíamos julgar moralmente nossos atos? Abaixo de um certo nível de integração da personalidade que permita a eclosão desta personalidade intelectual superior, a rigor podemos dizer que os atos do sujeito são moralmente irrelevantes (isto no sentido da moral pura, kantiana, não da moral social, pois seus atos têm influência sobre os outros). O problema moral de que falamos surge quando, concebendo que existem valores universais dentro de si, que lhe cabe realizar, o indivíduo se recusa a fazê-lo. Mas como exigir isto daquele que não tem uma síntese individual formada, de um indivíduo que ainda está dissolvido dentro da mentalidade coletiva, e que, quando erra, erra junto com os outros?

11a

Na medida em que tenha uma personalidade intelectual superior e um eu transcendental, capaz de se sobrepor a toda sua existência e julgá-la, no momento em que alcança este ponto, de poder julgar sua existência e seus atos como se estivesse acima de si, é que o sujeito presta satisfação de si perante o tribunal da humanidade, da História.

12a

Estas psicologias tratam fundamentalmente do sentido da vida do indivíduo, do indivíduo perante sua responsabilidade moral última, algo que está acima do personagem, algo que a humanidade mesma não sabe. É fundamentalmente, o indivíduo como Homem Universal, como Cristo, como pastor e responsável pela humanidade inteira.

* * *

* C. F. Gustavo Thibon, La Socience du Caratère (l'oeuvre de Ludwig Klages), Paris, Desclée, 1933, pp. 40-41.

julho de 1990.

AULAS 13 e 14

Bloco de julho de 1990 redigitado (parte pelo Marcus e parte pela Marcia). Pela sequência este fascículo deveria reproduzir na íntegra as aulas13, 14, 15, 16.

No entanto, a segunda metade da aula 13 e a aula 14 quase inteira não fizeram senão resumir e comentar por alto um texto que já havia sido entregue antecipadamente aos alunos, e que se reproduz no fascículo 1 da série Aulas e Conferências, sob o título : Elementos de Tipologia Espiritual (publicado em parceria pela S.B.A. e pelo Instituto de Artes Liberais) O autor julgou, por isto, que seria redundante publicar aqui a transcrição integral dessa parte do quarto bloco do Curso de Astrocaracterologia. O fascículo dos Elementos fica assim integrado ao presente Curso, em apêndice.

O início da aula 14 foi um comentário aos resultados da prova realizada na aula anterior. A primeira parte da aula 16 foi tomada por uma série de perguntas e respostas a respeito do tema cópia, e seu conteúdo não é tão importante dentro do programa do Curso, a ponto de figurar no fascículo.

Quanto à primeira metade da aula 13 foi integralmente tomada pela alocução sobre o Dr. Juan Alfredo César Muller, por ocasião do falecimento deste. Essa alocução não faz parte do conteúdo do curso prorpriamente dito, ou pelo menos seu lugar não corresponde exatamente ao ponto onde se encontra, e poderia antes servir-lhe de Prefácio, ou então, de Apêndice. Seu texto será reproduzido no próximo fascículo, com acréscimos, e será publicado em separata para distribuição a amigos e parentes do Dr. Muller.

Compensand0 as exclusões, achamos bom inserir o resumo do curso Astrologia: Ciência e Ilusão, pois faz parte da Bibliografia indicada no Curso de Astrocaracterologia e muitos alunos não o possuíam.

O material não foi revisado pelo Autor, e é de responsabilidade da diretoria da SBA.

AULA 15

Ontem começamos a descrever a tipologia de Jung. Demos a noção de introversão e extroversão, que devem ser entendidas como noções puramente cognitivas e não de comportamento. Depois explicamos a idéia da dinâmica das quatro funções cognitivas, sendo que a função dita predominante é aquela que é exercida conscientemente, é aquela sobre a qual o indivíduo tem domínio consciente. A função oposta passa então a ser exercida pelo subconsciente a título de contrapeso. Mas um exagero na especialização da função consciente faz com que a função inconsciente deixe de ser compensatória para se tornar antagônica, o que define então uma neurose. A psicose se instala quando a função subconsciente se torna dominante, passando a exercer um controle sobre a consciência do indivíduo.

Esta teoria, que explica tão bem a dinâmica entre consciente e inconsciente, tropeça, porém, na definição das quatro funções. No entanto, é necessário estudá-la, apesar de sua confusão conceitual, porque é ela que nos colocará na pista do tipo de abordagem psicológica com a qual se pode, efetivamente, buscar uma

comparação com o horóscopo. Eu disse na pista, o que não quer dizer que pelo horóscopo se possa classificar os indivíduos segundo tais tipos junguianos. Apenas essa abordagem pode, desembocar numa psicologia cujas categorias seriam comparáveis às do horóscopo (motivo pelo qual a estamos estudando).

A definição que Jung dá das quatro funções não se sustenta, primeiro, porque ele define três delas pela sua natureza e uma quarta (que ele diz não saber o que é), pela sua origem. A definição que ele dá do pensamento é bastante clara: "O pensamento é o transcurso de uma representação de uma idéia à outra pelos laços lógicos que conduzem de um a outro." O pensamento, para Jung, então, reduz-se à silogística, à dedução. O sentimento ele o define como a faculdade valorativa, não no sentido de uma valoração filosófica, mas no sentido de uma valoração subjetiva, portanto não no mesmo sentido que se vê na moral ou no direito: refere-se à reação espontânea de aceitar ou rejeitar alguma coisa. A sensação ele a define como "uma simples alteração corporal ocasionada por uma mudança de energia ambiente", que é a definição clássica de sensação. Mas, quando define a intuição, diz que "é uma faculdade misteriosa que opera através do inconsciente e que permite captar totalidades." Esta definição, como se vê, não diz o que é a intuição, mas apenas qual é o meio pelo qual se opera. É uma definição que coloca muitos problemas, entre os quais o seguinte: se a intuição opera através do inconsciente, como pode ser faculdade dominante, se faculdade dominante é justamente a faculdade consciente? Todas as outras caracterologias que estudamos foram tomadas tais e quais eram porque elas não apresentavam qualquer contradição lógica. Podiam apresentar contradição com os fatos, mas não contradição interna. Em ciência, temos de ver fatos e lógica, pois uma teoria que apresente contradição lógica não vale a pena ser investigada no terreno dos fatos.

Mas esta contradição lógica na teoria de Jung não serve para inválidá-la toda. Porque o restante -- a teoria da introversão e extroversão, a teoria da compensação e toda a dinâmica do eu e do inconsciente -- está muito exato e a definição daquelas três primeiras funções está adequada. É apenas quando nos defrontamos com a sua visão mistificada da intuição que o problema surge. Ele deu essa definição para justificar a sua crença de que o conhecimento adquirido do subconsciente por meio dos sonhos, devaneios etc. , tinha valor. A esta função que capta os conteúdos do "inconsciente", denominou intuição. Porém, quem saberá dizer qual é a diferença entre essa intuição e uma percepção interna? Quando o indivíduo percebe que sonhou, quando recorda um sonho, o que está fazendo? Não se trata de um ato de memória e, por isso mesmo, de um ato de percepção? Mudou, no caso, apenas o objeto: do mesmo modo que quando percebo esta classe, por exemplo, ou quando percebo um conteúdo que já está em mim, e relativo a esta classe, estou fazendo um ato de percepção nos dois casos: no primeiro caso um ato intuitivo externo e, no outro, intuitivo interno, de um objeto interno.

Por este caminho, então, não chegaremos a nada, mas o próprio Jung nos coloca, sem querer, no caminho de uma solução quando, além dessas diferenciações, diz que as funções de pensamento e sentimento são funções racionais, enquanto que as funções de sensação e intuição são irracionais. Com racionais, ele quer dizer funções que julgam, funções cujo resultado é um juízo no sentido lógico, ou seja, uma afirmativa (explícita ou implícita). Há, portanto, juízo de realidade, no caso do pensamento, e do valor, no caso do sentimento. Porém, juízos em ambos os casos. Ao passo que o produto da sensação e do ato de intuição não é um juízo formal: elas nada afirmam, colocam simplesmente um dado.

De que foi exposto, podemos então mudar tudo, dizer que só existem duas funções: que uma chama razão (e opera ora no domínio do real ora no dos valores) e a outra que se chama intuição. Vamos distinguir os dois domínios, nos quais essas duas funções podem operar.

P.- Esses são os pares de opostos que ele coloca?

Sim, o que podemos representar pelos seguintes quadros:

P.- É possível você repetir a noção de extroversão e introversão?

Um indivíduo presta atenção diretamente nos dados que lhe chegam do mundo externo, o outro presta atenção nas alterações que esses dados produzem nele, nas evocações e pensamentos que suscita. Ao primeiro chamaremos extrovertido; ao segundo, introvertido. É portanto pela direção da energia psíquica que a coisa se define.

Seria preciso acrescentar, porém, a esse diagrama, um outro que é o da dinâmica do eu e do inconsciente

onde, por exemplo, quando a intuição é a função dominante, a sensação se torna a função arcaica ou atrofiada, segundo Jung; quando o pensamento é a função dominante, o sentimento se torna a função atrofiada. E esta é a melhor parte do trabalho de Jung, porque a descrição que ele dá da sintomatologia dos vários tipos é brilhante e de facílima verificação na prática. Porém o que ele diz a respeito da natureza das funções, tomadas isoladamente, é que se torna confuso.

Para consertar este esquema, restituindo-lhe a simetria que a lógica exibe, teremos de redefinir a intuição, definindo-a nos mesmos termos em que ele define as outras funções. Se três podem ser descritas segundo sua natureza, por que a quarta seria definida por sua origem e por seu modo de operação? Não vale o expediente de rotulá-la como misteriosa. Também temos de resolver o problema de como uma função, que consiste em aprender dados através do inconsciente, pode se tornar uma função dominante. Quer dizer: o seu modus operandi não tenderia também a se tornar dominante, e por isso mesmo, consciente? Em terceiro lugar: as outras funções também não podem operar através do inconsciente? Ou seria possível dizer que toda operação do sentimento é consciente? Ou do pensamento e da sensação? É evidente que não.

Ocorreu aí uma dissimetria no esquema de Jung e, para corrigí-la, vamos aproveitar esta idéia dos dois eixos que ele coloca: o eixo do racional e o eixo do irracional . Vamos trocar simplesmente pelo eixo do dado e pelo eixo do construído; um eixo passivo e outro ativo, havendo portanto duas faculdades que são fundamentalmente ativas, faculdades cujo produto é construído pelo sujeito, que tem de certo modo a liberdade de construí-lo ou não (por exemplo, eu posso pensar determinada coisa ou deixar de pensá-la), e um outro eixo de faculdades passivas que são meramente receptivas e se limitam a receber o dado (só posso ter sensação do que já está colocado na minha frente ou que já está dentro de mim). Se for uma sensação externa, é preciso que haja um objeto diante de mim; e para que seja uma sensação interna é preciso que haja efetivamente uma alteração do meu organismo.

E a intuição, o que vamos fazer com ela?

A sensação, por si mesma, não é uma faculdade cognitiva, e nunca poderia ser colocada no mesmo nível do sentimento ou do pensamento. O que deveríamos usar ao invés de sensação seria percepção e, neste caso, seria algo idêntico: intuição e percepção.

Diferenciamos pensamento e sentimento dizendo que um forma juízos (explícitos ou implícitos) de realidade, e outro juízos (explícitos ou implícitos) de valor. Como distinguiremos então, as duas funções irracionais?

A percepção contém elementos sensíveis (dados pelos sentidos) e elementos não- sensíveis, que são a forma pela qual organizo instantaneamente, em totalidades, os dados fragmentários recebidos. E neste ponto vemos que não há qualquer diferença entre intuição e percepção. Mas, se a percepção operasse apenas em cima do dado presente, o que aconteceria? Por exemplo, agora tenho diante de mim uma garrafa térmica e um copo. E como posso saber que são tais coisas? É preciso, para isto, que eu intua também algo que eu ainda não vi, ou seja, que dentro da garrafa há um líquido, que uma vez colocado dentro do copo, posso tomá-lo. Isso quer dizer que a percepção do dado pressupõe um "pano-de- fundo" constituído de "dados que não estão dados", que estão escondidos.

É necessário haver uma armadura do possível para que, dentro dele, se possa recortar o real presente. Qual é a função que percebe essa totalidade do possível? É justamente a função que Jung chama de intuição. A intuição, seja a intuição do dado presente, seja a intuição do possível, é intuição do mesmo jeito. Temos, portanto, duas intuições: uma que chamaremos de intuição histórica e outra que chamaremos intuição do possível. O elemento possível está sempre presente sob a forma de tensão, força, jogos de forças, e é o que dá vida, dá realce ao dado que foi percebido como real. Caso não houvesse a percepção do possível, todo o mundo do pensamento, do sentimento etc., seria um mundo estático, sem tensão, fantasmático, irreal.

A intuição histórica, ou percepção, ocorre quando, para a consciência, um certo conjunto de dados, internos ou externos, se configura instantaneamente formando um todo que é percebido como presente e real. A intuição do possível, ou intuição propriamente dita, se dá quando percebo um quadro de latências, um jogo de forças, que então se configura diante de mim como um esquema do possível. A intuição do possível ocorre quando o indivíduo pressente que é capaz de fazer tal ou qual coisa, ou que um dado objeto

pode permitir tal ou qual uso, ou que tais ou quais fatos se encaminham para tais ou quais desenlaces, vistos num diagrama simultâneo. Para cada intuição do real, para cada percepção, existe evidentemente uma intuição do possível, que funciona como "pano-de- fundo", em ausência do que o dado percebido não teria sentido ou valor. Não haveria como avaliá-lo, sobretudo não se poderia saber se o que acontece é normal ou anormal. Boa parte das nossas intuições do possível provém simplesmente do hábito, quer dizer, há uma expectativa de que as coisas continuem com estão, ou surge uma expectativa de que elas mudem -- e é esta expectativa que nos permite apreender como um valor os fatos que se desenrolam.

Diremos então, em suma, que recordar, imaginar, perceber é intuição; pensar, raciocinar, julgar, valorar, é razão. A intuição se divide em percepção ou intuição histórica , quando capta o dado, e intuição do possível ou intuição propriamente dita quando capta a latência e o possível. A razão se divide em pensamento, quando produz juízos de realidade, sentimento quando produz juízos de valor. Mesmo corrigindo assim o esquema de Jung, muita coisa vai ficar de fora. E esses elementos faltantes teremos que completar mais tarde com outras faculdades.

O que é necessário ficar claro agora é que, para essas quatro funções poderem ser diferenciadas, elas têm de ser encaradas por um padrão comum, que é o que a lógica antiga chamava de a razão das diferenças. Por exemplo, é possível diferenciar o doce do salgado porque são reações gustativas. Não se pode diferenciar o doce do amarelo, porque pertencem a categorias diferentes. No caso, o que Jung fez foi diferenciar as funções por categorias diferentes. Nós aqui encontramos a mesma razão central a partir da qual as quatro funções se diferenciam.

P.- Posso colocar o pensar em oposição ao sentir por convenção?

A intenção de Jung não é convencional, é descritiva. Ele pretende que as coisas na psique se passam realmente assim. Se a intenção é científica (como a dele é), tem de partir de uma descrição e, ao mesmo tempo, criar um arcabouço lógico, uma estrutura lógica que confira com esses fatos. A descrição que ele dá dos fatos é muito boa mas a estrutura lógica é inconsistente consigo mesma. O que estamos fazendo é apenas consertar a estrutura lógica, corrigir os conceitos que usa e também os termos que usa para representar estes conceitos.

P.- Qual a diferença entre o pensamento e o sentimento?

O pensamento faz um juízo de se a coisa é ou não real, enquanto o sentimento diz se a coisa vale ou não. O primeiro afirma um ser; o segundo um valor.

Nem sempre ocorre que a apreensão de um possível seja produto da intuição. Quando chegamos a uma construção do possível por uma dedução lógica, não houve aí ato intuitivo neste sentido junguiano. O que não impede que uma mesma coisa possa ser captada por duas funções diferentes ou que objetos diferentes possam ser captadas por uma mesma função. Quando faço um raciocínio probabilístico, não estou tendo uma intuição do possível, mas sim montando um esquema lógico, que traduz o jogo de possibilidades racionalmente, o que é operação da razão e não da intuição. A intuição do possível se manifestará, em primeiro lugar, pela expectativa espontânea que o sujeito tem; em segundo lugar, pelas mudanças súbitas dessas expectativas (mudança que pode ser ocasionada por uma alteração interna ou por uma alteração no meio, o que será então uma intuição introvertida ou intuição extrovertida). Também poderá manifestar-se através de premonições, sonhos premonitórios, etc. Pode-se dizer, então, que a função da intuição é fornecer uma síntese confusa.

P.- A razão será então o clareamento, a separação dos elementos da síntese confusa?

Sim, valendo esta resposta provisoriamente, porque quando formos estruturar propriamente a psicologia das faculdades segundo a astrocaracterologia, adotaremos outras definições; mais abrangentes e precisas. O nosso propósito é apenas clarear aquilo que, apresentado por Jung, ficou obscuro, contraditório, de forma que se possa aproveitar o que há de bom neste trabalho de Jung, que são as descrições dos estados psíquicos. Estamos apenas fazendo algo que permitirá a coincidência daquelas descrições com os conceitos pertinentes a elas. Neste sentido, estamos procurando apresentar o trabalho de Jung no que ele tem de científico (dado que ciência é o estudo dos fatos á luz de princípios). Estamos reunindo, então, os fenômenos (que Jung descreveu) à lógica (a formulação científica desses fenômenos). E é isto que é a

verdade científica: fatos e lógica.

Uma vez que a teoria esteja incoerente com ela mesma, conseqüentemente estará incoerente com os fatos descritos. E, tal como Jung formulou seu pensamento, notamos duas incoerências:

1a: Porque a intuição operaria através do inconsciente e as outras funções não?

2a: Se a intuição opera predominantemente através do inconsciente, como pode ela tornar-se a função dominante, exceto no sentido patológico? Neste caso, todos os intuitivos teriam de ser psicóticos.

A confusão, deduzimos, decorre de que o material psíquico que Jung observava era muito rico, e não é possível alguém teorizar com completo acerto acerca de algo novo e muito amplo. Neste caso, sendo um problema novo, o aconselhável seria tentar resolver um problema de cada vez, Jung porém entrou num processo que ele mesmo chamaria de inflação psíquica, que é quando a psique vai se acreditando capaz de abarcar todas as coisas, possíveis e imaginárias, sem no entanto sair dos seus próprios limites, o que a leva a cometer uma série de erros trágicos. E podemos consertar esses erros recuperando a intenção primeira que permeia o trabalho de Jung, ou seja, tentando dizer mais claramente o que o próprio Jung tentou dizer, e disse obscuramente. Trata-se portanto de melhorar a formulação, e não de mudá-la propriamente. Tanto é assim que eu não disse até agora se concordo ou não com este quadro de funções. Mais ainda, acredito que este quadro está longe de poder ser considerado completo e tão universal quanto Jung diz. Em primeiro lugar, pela omissão da vontade. Ora, o juízo moral não pode ser feito só a partir de uma combinação de pensamento e sentimento: requer a vontade.

P.- A imaginação também não tem um lugar muito claro neste esquema, não é?

Sim, também está faltando. A imaginação, aqui, é tida como um aspecto da intuição. Quer dizer que, dentre as várias funções intuitivas, haveria uma que se chama imaginação. Porém acho que é possível definir as duas separadamente, embora seja um pouco cedo para mexermos com isso. De qualquer forma, só com quatro funções e duas orientações não é possível ir além de um certo limite na descrição da dinâmica psicológica do homem.

P.- Todas as tipologias que vimos até agora trabalham na base 4-8.

Sem dúvida. A nossa trabalhará com 7-12, como já devem ter percebido: são doze signos e sete planetas.

Todas as tentativas de comparar o horóscopo com as observações da psicologia tropeçam no seguinte ponto: as categorias com que se descreve a psique nessas psicologias não correspondem aos signos, planetas e casas, ou seja, as categorias astrológicas. Para que uma astrocaracterologia seja possível, é preciso que se desenvolva toda uma psicologia, com um número de tipos, de enfoques de categorias, igual ao da astrologia, de modo que seja possível observar o indivíduo por dois lados, descrevendo-o com a ajuda do horóscopo, e sem a ajuda do horóscopo, porém com o mesmo sistema de conceitos em ambos os casos. No caso da psicologia junguiana, o mesmo elemento pode estar presente no horóscopo de mais de uma maneira, o que nos leva a ficar na dúvida se o que estamos captando entre horóscopo e caráter é uma correspondência real ou uma simples analogia sugestiva. À semelhança das impressões digitais: de um lado, há quatro traços que se percebem com o olho; do outro lado, há a definição de quatro tipos de informações sensoriais, restando apenas compará-los --; agora, com quatro tipos de traços e cinco ou seis conceitos, como seria possível comparar? Caímos no mesmo caso do qual falamos quando abordamos a questão da pesquisa de Nature.

É necessário, para uma astrocaracterologia real, que haja uma psicologia nova, uma teoria psicológica que se desdobre em dois modos de observação: um modo astrológico e outro modo não-astrológico. É necessário que se observe o real segundo um mesmo corpo de conceitos, mas com duas técnicas diferentes (motivo pelo qual estou lhes propondo, de um lado, uma técnica biográfica, de outra, uma técnica astrológica) e, no fim, se chegue a uma convergência . Não é o mesmo caso de se comparar o horóscopo com alguma outra psicologia já construída com outras finalidades, com outro enfoque, num outro plano.

P.- Não poderia fazer uma junção da psicologia com astrologia?

Não. Junção, não.Tudo que é uma verdadeira síntese não se faz por junção. Essa psicologia comparável ao horóscopo tem de ter seu próprio princípio, que abarque e transcenda a todos os elementos particulares, porque das duas uma: se você vai juntar várias psicologias, ou elas entram como elementos materiais que

serão colocados dentro de uma outra forma lógica que seria da nova ciência -- e neste caso há a síntese pois a síntese está num plano mais alto que abrange os elementos --, ou então elas serão os princípios de uma nova ciência, e neste caso, se elas são princípios formais, a nova ciência teria de se reduzir a elas e não ser a nova. Seria apenas uma "astrologia junguiana" ou "astrologia szondiana", ou seja, mais um sincretismo absurdo com já existem tantos. Aqui, porém, as contribuições de Jung, Szondi etc. , serão apenas elementos materiais que comporão a caracterologia e não princípios formais, o que significa que os conceitos e os fundamentos explícitos de todas elas serão os mesmos da caracterologia. A astrocaracterologia terá os seus próprios princípios e conceitos, e a partir deles reencaxará todos os demais conceitos, dando a cada um deles (conceitos das demais psicologias) o papel que puderam ter dentro da nova ciência. Não se trata, portanto, de junção, porém de síntese, que transcende a todos os elementos particulares. Em resumo, trata-se de uma nova psicologia.

Como será resumido no texto camadas da personalidade, cada psicologia estuda uma coisa diferente da outra. Os enfoques das psicologias são distintos, não enfocam necessariamente um elemento uniforme. Só poderemos comparar uma psicologia com o horóscopo se essa psicologia definir algo absolutamente fixo, uma dimensão, uma faixa qualquer no ser humano que seja imutável, pois o horóscopo é imutável. Se tudo que houver no homem mudar, ele só poderia ser estudado por uma caracterologia que estude aspectos mutáveis. Por exemplo, tanto a psicologia de Jung quanto a de Szondi são psicodinâmicas. A de Le Senne, que é estática, é definida como apenas relativamente estática, e considera o caráter como uma resultante de outras forças. Ora, se o caráter é resultante, significa que as causas intervenientes, que surjam poderão mudá-lo. Neste caso, nenhuma delas responde à necessidade que o horóscopo coloca: nenhuma define elementos fixos. E o que é fixo, permanente, é o mais difícil de ser percebido; daí eu usar o método que estou usando. Só percebemos um som quando nele há alteração; quando o som é estável, logo-logo deixamos de percebê-lo. E algo que permanece estável durante toda a vida? Só seria possível de ser percebido por um esforço de abstração monstruoso, não naturalmente. Temos de perceber esse elemento fixo não por um ato intuitivo (seria quase impossível) mas por abstração, por construção. Temos então que ir cercando aos poucos até que ele apareça. É como caçar coelho: temos que mandar os cachorros espantá-lo de sua toca. Nossos "cachorros" são as caracterologias de Jung, Szondi, Le Senne, etc. Sendo o caráter que corresponde ao horóscopo um elemento fixo, para nós o captarmos teremos que fazê-lo destacar-se. Enquanto o sujeito está vivo, não temos meios de conhecer seu caráter -- no sentido fixo -- exceto através do horóscopo. Mas isto não resolve o problema, porque para isso teríamos de ter admitido já uma astrocaracterologia pronta, e é justamente isto que estamos fundamentando.

Corrigindo Jung, o esquema fica então da seguinte maneira:

- Duas funções racionais: uma voltada para o juízo de realidade. ou seja, uma que afirma um ser (é, não é...) , e outra para juízos de valor.

- Duas funções irracionais, ou, melhor dito, a-racionais, porque não são contrárias à razão, nem inferiores ou superiores a ela -- são simplesmente outra coisa. Uma dessas funções é voltada para o atual, o efetivo, para o dado; a outra voltada para o possível, para o potencial, para o provável.

A confusão de Jung (mais tarde, quando estudarmos o horóscopo de Jung, veremos no horóscopo o porquê dessa confusão) é semelhante à confusão da maior parte dos intelectuais do seu tempo, que também passaram por cima de todo o material dos filósofos escolásticos ou não, como amostragens psicológicas, sem jamais tentar pensar como eles, refazendo seus pensamentos. E este dado é suficiente para podermos afirmar com certeza que Jung nunca entendeu plenamente nenhum filósofo medieval que leu, porque os lia como médico, tratando-os como se fossem seus pacientes, analisando-os psicologicamente, e sendo levado por isto a erros desastrosos. Por exemplo, o erro de subentender que orientações filosóficas podem refletir, diretamente, inclinações caracterológicas. Ele diz, por exemplo, que um indivíduo que é filosoficamente um realista (à semelhança de Sto. Tomás de Aquino), isto é, um homem que acredita na realidade dos conceitos universais, deve ser um introvertido, e que um nominalista, que é o sujeito que só acredita na realidade dos seres sensíveis singulares e acha que os conceitos universais são meras elaborações lógicas a posteori, deveria ser um extrovertido. Porém podemos verificar que a personalidade intelectual pouco ou nada tem a ver com essas inclinações caracterológicas assinaladas por Jung. Ela é uma outra coisa , uma outra camada da personalidade, onde aqueles dados caracterológicos não exercem grande influência. Um indivíduo extrovertido pode ser filosoficamente um

realista, como se pode ver estudando um pouco a vida do próprio Sto. Tomás de Aquino. Sto. Tomás é um homem caracteristicamente extrovertido, no sentido de observar antes as coisas em si mesmas do que na alma, e ele é justamente o representante maior do realismo filosófico. E se estudarmos Pedro Abelardo, o fundador do nominalismo, veremos que era um homem sobretudo voltado para a sua própria alma, sem inclinação para o mundo da natureza ou das coisas. Historicamente, portanto, o que verificamos é o inverso do que a caracterologia de Jung diz, que identifica o realismo com a introversão e o nominalismo com a extroversão. E verificamos isso nos dois exemplares mais famosos dessas duas correntes.

Jung leu os filósofos com viseiras, concluímos, pois não se pode entender qualquer filósofo vendo-o desde fora, não se pode entrar no estudo de uma filosofia qualquer com uma regra já pronta. Se vai estudar Sto. Tomás de Aquino, é preciso pensar como ela durante alguns anos; se vai estudar Kant, é preciso pensar como ele durante alguns anos. Como disse Ortega y Gasset, " durante dez anos eu me debati dentro da jaula Kantiana, e depois a engoli..." Porém, enquanto não se é capaz de engolir a jaula -- isto é, de abranger a totalidade de uma filosofia, com todas as suas complexidades internas --, é preciso ficar dentro dela. Nunca se pode estudar uma filosofia desde outra filosofia. Nunca significa que o estudante de filosofia deve ter a capacidade e a coragem de permanecer em dúvida filosófica por dez, vinte, trinta anos, até que aos poucos certas conclusões se condensem para ele. Quem toma a atitude de ler Tomás de Aquino como caso psicológico, então estará partindo de todos os pressupostos da psicologia moderna, e julgando-o -- a ele ou a outro qualquer - - com esta régua. Sendo assim uma leitura preconceituosa, o resultado será simplesmente que não se capta o que se está lendo. Foi o que aconteceu com Jung.

Outro equívoco tremendo cometido por Jung: Após ter afirmado que os homens primitivos eram mais intuitivos do que nós, e que por isto não separavam o mundo sensível externo do seu próprio mundo interior (dizendo, por exemplo, que tinham visto algo quando tinham apenas sonhado com ele), Jung, ao estudar a doutrina cristã da transubstanciação (Presença real e não apenas simbólica do Cristo na hóstia consagrada), diz que o teólogo que formulou esta doutrina -- Pascássio Radberto, no século XI -- confundiu o símbolo (realidade psíquica) com a coisa simbolizada (exterior), e que o fez por ter mentalidade muito materialista. Ora, por que uma mesma mistura de interno e externo deveria ser cometida pelo primitivo por ser muito intuitivo (portanto, voltado para a psique), e por Pascasio por ser muito materialista (voltado para a realidade externa ?) A contradição é óbvia. Quando me pergunto por que um homem inteligente como Jung cometeu erro tão grosseiro, só posso me explicar isso dizendo que seus escrúpulos de cientista foram neutralizados por sua formação protestante: ele não resistiu ao impulso protestante de negar a doutrina católica da transubstanciação; e, por este intuito, subconsciente talvez, não hesitou em apelar para um contra-senso.

Jung sempre erra quando sai do mundo da psicologia clínica (no qual, entretanto, professava permanecer estritamente) para dar palpites de teologia, metafísica, etc. Se ele tivesse sido fiel a seu voto de permanecer no terreno científico, sua obra seria menor, porém muito mais sólida, e os valores que nelas existem inegavelmente apareceriam muito mais puros e isentos do contágio de idéias confusas.

Dentre esses valores, creio que a mais brilhante descoberta de Jung foi a dinâmica da psique, ou, dito de outro modo, a lei de compensação. Esta lei se manifesta assim: a função dominante é aquela na qual o indivíduo se sente à vontade e aquela na qual está acostumado a operar. Portanto, as coisas vistas através dessa função lhe parecem ser não produtos de sua própria psique, mas o real mesmo. Ou seja, ele não percebe a sua função dominante operando, porque se identifica com ela; confia nela absolutamente. A função arcaica agirá sobretudo através do sonho. Então, certamente, os quatro tipos, na realidade oito tipos, o pensamento extrovertido, o pensamento introvertido, o intuitivo introvertido, etc., cada um terá o seu próprio tipo de sonho, observou. E isto é confirmado pelo relato de sonhos que ele dá. No sonho se manifesta a atividade da função arcaica, e enquanto esta função arcaica se manifesta apenas pelos sonhos, está tudo bem. Porém, com o abuso da função dominante, a função arcaica começa a se sentir relegada ao segundo plano, e começa a agir com mais intensidade, interrompendo a atuação da função dominante ou consciente, de maneira que se criam hiatos na consciência. Vamos supor por exemplo, o caso de um sujeito que seja um pensativo (independente de ser extrovertido ou introvertido). Para um indivíduo pensativo, o real, seja o real interno ou externo, é uma construção que se encadeia logicamente segundo uma sucessão de causas e efeitos. A função que é jogada para trás é o sentir. Portanto, "o gosto" ou o "não gosto". Então, este homem procurará se orientar mais por um encadeamento lógico do que por uma

preferência subjetiva explicitamente declarada como tal, ou seja, ele busca se encaixar na estrutura lógica do real de maneira que suas ações tenham certa continuidade lógica, e sacrificará à coerência o prazer. Mesmo quando ele for buscar prazer, terá que fazê-lo de acordo com uma justificativa lógica. Ao passo que o indivíduo sentimental fará exatamente o contrário: ele procurará se encaixar não na estrutura lógica do mundo, mas no fluxo de energia agradável ou desagradável que circula dentro dele e em volta. São duas formas de adaptação que podem ser igualmente bem sucedidas. É como ocorre com cada um cotidianamente: se você vai entrar num novo meio social, como neste curso por exemplo, necessariamente vai conviver com pessoas. Se procurar saber o que está se passando, quais são as regras do jogo, o que estamos fazendo aqui, e procurar se comportar racionalmente, logicamente, de acordo com tais regras, tudo acaba dando certo; se, ao invés disto, simplesmente você amolda o seu sentimento ao sentimento dominante, de maneira a sentir-se o melhor que possa quando os outros também se sentirem bem, você também se encaixou. As duas adaptações dão certo. Num indivíduo pensativo, o que se manifestará então fundamentalmente nos seus sonhos? Os seus desejos, os seus sentimentos, as sua tristezas, etc. Suponhamos que ele continue fazendo força para ser cada vez mais pensativo. Então a atividade subconsciente do sentimento deixará de ser compensatória e se tornará antagônica, ou seja, ela buscará interferir na atividade do pensamento. A linha lógica do pensamento e do comportamento passará a ser interrompida por exigências repentinas e absurdas do sentimento. Então o sujeito terá sentimentos e desejos infantis, que quebram a sua linha lógica de comportamento, o que define a neurose. E se a função antagônica toma totalmente a dianteira e o comportamento todo passar a expressar esses desejos infantis, a coisa entra no domínio da psicose. Nada mais perfeito que esta descrição que Jung dá da psicodinâmica.

Suponha que seja ao contrário: um indivíduo que seja um sentimental (no sentido de Jung, não no de Le Senne). Sua forma de adaptação ao mundo consiste em procurar uma harmonia de sentimentos com o mundo exterior e com o seu próprio estado, ou seja, desejar o que é desejável. Neste caso, a função arcaica é o pensamento. O sentimental reprime o pensamento porque vivencia as exigências lógicas como uma interferência externa que corta e atrapalha o sentimento. Se o predomínio do sentimento se torna abusivo, então os pensamentos reprimidos vem à tona com uma força que subjuga a vontade consciente, e o indivíduo se vê, de repente, fazendo raciocínios (logicamente coerentes) contra tudo aquilo que mais ama. O pensamento torna-se corrosivo e negativo, voltado contra todos os valores. Muitos intelectuais críticos -- como Nietzsche, por exemplo - - não são outra coisa senão sentimentais submergidos por uma onda de raciocínio negativo.

A descrição que Jung fornece dessa dinâmica é uma verdadeira obra-prima de observação psicológica. Pena que os junguianos de partido dêem menos valor a estas partes mais consistentes da obra de Jung, e se deslumbrem tanto com os aspectos menos sérios, buscando enxergar profundidades espirituais onde existe apenas a névoa dos conceitos mal formulados. Por que fazem isto? Talvez por serem tipos pensativos extrovertidos, que, tendo abusado de suas tendências cientificistas e materialistas, agora se vêem acossados pelas exigências do sentimento introvertido, que vem à tona com uma fome insaciável de prodígios e maravilhas, e sacrifica à sua exigência infantil as normas do bom- senso e da razão científica. Similia similibus curantur: analise pela psicodinâmica junguiana suas motivações, e se livrará do junguismo pseudo-esotérico.

O pensamento do sentimental seria revelado, nos sonhos, pelo aparecimento das estruturas lógicas reprimidas. As conclusões evitadas se impõe inconscientemente e reaparecem no sonho: o indivíduo pensa enquanto dorme o que não quis pensar durante o dia. O sensitivo está voltado para os dados, não se interessando por especulações, se atém ao que está na frente, se interessa pelos fatos. Na mesma medida, ele coloca a sua imaginação do possível para o fundo e, evidentemente, tal sonho expressa uma infinidade de mundos possíveis: são sonhos fantásticos! O sensitivo deseja manter uma atenção continuamente voltada para os dados presentes, fazendo abstração do passado e do futuro e, é justamente este passado e este futuro que serão reelaborados no sonho, criando esse pano-de-fundo inconscientemente. O indivíduo não se lembra de perceber que existe um pano-de-fundo, que ele tem uma expectativa. Ele não percebe que a sua percepção dos fatos já está enquadrada por uma expectativa; porque foi construída inconscientemente. No entanto, ela está presente. Quando o abuso da faculdade sensitiva -- o abuso dos fatos -- chega ao patológico, o indivíduo começa a projetar no mundo exterior todos os tipos de temores, o que resulta numa neurose persecutória: o tipo de sujeito que diz que é realista, terra-a-terra, é exatamente o que vai ficar paranóico. Inversamente, o intuitivo que não olha o presente, nem o que está diante de si, só

se interessa pelas potências, pelas coisas latentes, precisamente naquilo que para ele tem o germe do futuro, fará abstração das suas sensações, não reconhecerá suas sensações corporais -- se está ou não com fome, se está limpo ou sujo. Evidentemente os seus sonhos estarão cheios se sensações corporais que preenchem o seu mundo. Se a acentuação da função dominante chegar ao nível patológico, este sujeito se tornará, provavelmente, hipocondríaco, isto é, as sensações corporais afluirão todas de uma vez.

Esses quatro casos podem ter a acentuação extrovertida ou introvertida -- se a função dominante é extrovertida a função arcaica será introvertida. Por exemplo, um sensitivo extrovertido terá intuições introvertidas, essas intuições se referirão ao próprio mundo dele, ao que ele vai ser, às suas forças, às suas possibilidades, e é justamente isto que se traduzirá numa fantasia, e na típica crise de identidade. Se for um sensitivo introvertido, alguém que está muito consciente das suas sensações corporais, a sua intuição será extrovertida, ou seja, captará as tendências do meio -- para onde vai o mundo. No caso da inversão patológica, este é que será propriamente o persecutório ou paranóico megalômano. Ele acha que tem premonições sobre o que vai acontecer, tem sonhos premonitórios que nunca se realizam (como um astrólogo conhecido meu que no ano que houve a inundação de Florianópolis tinha previsto a maior seca).

O intuitivo é o indivíduo que está voltado para o que pode acontecer, ou como premonição do futuro, ou como percepção da latência das situações. As intuições aparecem, geralmente, sob forma de imagens , mas existem também sem imagens. A intuição do possível opera através da sensação, da percepção, e é aí que ela se torna aparentemente misteriosa, porque quando a intuição de uma possibilidade se traduz numa imagem, esta imagem é apenas um símbolo, não é a coisa percebida. Você olha para a imagem mas não presta atenção nela, e sim na latência. Por exemplo, se você trem uma estátua grega da época clássica, ela mostra um corpo com todas as suas proporções numa atitude estática; mesmo que esteja jogando uma lança, parecerá estar fazendo isto a três mil anos (a famosa estátua de Júpiter). Este tipo de arte é feita por pessoas sensitivas, que pegaram a forma atual do corpo. Mais adiante surge uma outra escola onde predomina uma orientação intuitiva: o que você vê não é tanto a forma do corpo, mas a sua tensão interna (vide a estátua de Laocoonte agredido pelas cobras). Pulando dois mil anos, temos um outro exemplo: Rodin é um escultor em que se pode observar mais a tensão do que a forma. Em seu pensador, é visível o esforço de concentração. Estes escultores tinham uma personalidade artística intuitiva, voltada para a latência. No entanto, na hora de representar esta latência, isto se fará através de algo sensível: o artista irá se socorrer de um material dado pelas sensações, mas esta á apenas a linguagem através da qual pretende transmitir uma tensão -- tensão que se projeta para o futuro. Aí é que entra a linguagem do símbolo, aquilo que é o que não é, e não é o que é. Por isso que a intuição parece tão misteriosa. Mas ela não é nada misteriosa: se é intuição, é obvia. Você não precisa explicar que o Pensador de Rodin está fazendo força. É evidente: você olha e vê que ele está fazendo força.

Teremos que frisar, ainda, que a intuição não opera através do inconsciente de maneira nenhuma. Falar em intuição inconsciente é uma contradição de termos. A intuição é sempre consciente. Ela poderá ter como objetivo o material que está no subconsciente, no inconsciente: por exemplo, quando você tem intuição dos seus próprios estados a partir de imagens que lhe sobem à memória, à recordação. O que mudou foi o objeto, mas não a função. Quando percebo, por exemplo, através de uma imagem, que tenho raiva de alguém -- um sentimento que eu não sabia que tinha ou queria ignorar -- a faculdade que capta isto é a intuição a mesma que olha a estátua do Pensador e vê, com clareza, que ele está fazendo força.

O intuitivo está voltado não para as formas exteriores dos dados, mas para a sua latência, ou seja, para o que eles podem significar para um futuro. Notem que se não existisse esta faculdade, todas as outras ficariam soltas no ar. É esta que vai dar a forma do mundo. Quantas pessoas obtêm pelo pensamento puro, lógico, uma visão total do mundo? Apenas os grandes filósofos. Quantos seres humanos obtiveram uma percepção sensível do mundo inteiro? Certamente nenhum, mas todos nós temos alguma intuição desse "todo" do mundo. A intuição que é um complexo de expectativas com relação ao possível. Todo ser humano tem isso. Se não a tivesse, só teria percepções isoladas do mundo. É a intuição que vai costurar o todo. O sentido que estou dando a esta palavra é o de intuição imaginativa, intuição do possível, aquilo que cria para nós um mundo, e não no sentido de intuição do atual.

O único problema com a intuição é que ela seria incomunicável. Mas a sensação também o é: se eu desejo transmitir a você uma sensação, só me resta tentar produzir um análogo, uma cópia, um símbolo às vezes mal feito e que você, inclusive, não é obrigado a compreender. Você trabalhará e reconstituirá este análogo

à sua maneira. A intuição do possível é difícil de transmitir, não só para o outro mas para mim mesmo. Tenho dificuldade de fixá-las. A intuição, como a sensação, é fugaz. Para elaborá-la tenho que usar algum material: podem ser palavras, cores ou formas. No caso da intuição do possível, este possível só se apresenta para mim sob a forma de uma tenção dentro de um ser atualmente existente.

O possível só pode ser concebido de duas maneiras: ou logicamente, através do pensamento -- e neste caso é apenas um conceito -- ou através de uma intuição. Esta intuição é uma espécie de antecipação: é como se eu temesse ou me alegrasse com algo que não aconteceu ainda. Mas que algo é esse? Onde me aparece esse algo futuro? Me aparece na tensão que está dentro do dado presente, só percebo o possível no dado, o futuro no presente. Se não consigo essa intuição do futuro, então só me resta conceber o futuro pelo pensamento, por um raciocínio probabilístico. Neste caso perde-se a imagem vívida, tem-se uma representação mais indireta ainda.

P.- Quando Jung afirma que a intuição é uma função misteriosa podemos considerar que ele estava mais impressionado com o objeto do que com a função em si?

Sem sombra de dúvida. Jung era um intuitivo introvertido, pelos menos do ponto de vista da sua personalidade intelectual. Só procurava a intuição do que se passava dentro dele mesmo. Tinha intuições sobre o seu próprio subconsciente. Se ele fosse um sociólogo, um historiador, seria um intuitivo extrovertido, teria que saber para onde vai o mundo. Nesse caso já não lhe pareceria tão misteriosa assim. Jung passou toda vida olhando para o mundo da psique -- há um ditado hindu que diz que aquele que examina muito o tempo os seus sonhos, se torna parecidos com sua sombra --, por isso que os autores ditos tradicionais (Guénon, Schuon) viram algo diabólico em Jung -- só viram sua sombra. Jung nunca se reporta a nada que esteja fora da psique, nem ao mundo físico -- que só interessa para ele pelo reflexo na psique --, nem ao mundo espiritual, intelectual -- que só lhe interessará pelo mesmo motivo. Para ele tudo é psique, tudo é sonho, e portanto, tudo é sombra. Tudo fica enormemente misterioso -- e isto se explica pelo próprio caráter dele.

Como a intuição capta a tensão, a latência nas formas dadas pela sensação, isso pode ser uma fonte de inumeráveis enganos. O indivíduo pode tomar o possível pelo atual, perdendo de vista que sua intuição é simbólica. Toda patologia espiritual contemporânea está neste ponto: o indivíduo toma os seus sonhos como real atual, não como possível, como latência. Como o indivíduo está voltado para o potencial ele não percebe as sensações como tais, pula por cima delas, ao mesmo tempo que continua tendo sensações. Estas, passado um certo limite do processo de equilíbrio normal, começam a invadir o seu mundo intuitivo, quebrando sua unidade.

P.- A respeito da inspiração, onde ela estaria no esquema de Jung?

A inspiração, a revelação religiosa, saem completamente fora da psicologia junguiana. Dos elementos do ternário tradicional -- corpo, alma e espírito -- Jung só reconhece que existe um: a alma. O mundo sensível, corporal, só interessa a ele pelo seu reflexo na alma. Ele estuda física, por exemplo, não para saber se ela está certa ou errada, se o que ela diz é real ou irreal no próprio plano da física, mas para saber como aquilo surge de dentro da psique do indivíduo. Quando estuda o espírito, a revelação, Deus, as tradições etc. , também não quer saber se tudo isso é real ou irreal, mas sim seus reflexos na psique. Sobre questões de filosofia da natureza, de ciências naturais, de religião e de metafísica, nada podemos saber delas através de Jung. Do ponto de vista da psicologia junguiana só interessa a natureza e o espírito pelo reflexo no inconsciente, seja pessoal ou coletivo. Mas dizer que a origem de tudo isto está no inconsciente coletivo é um absurdo, em que, aliás, Jung não caiu. Porém, como ele só trata desses temas do ponto de vista psicológico, dá a impressão de reduzir tudo ao inconsciente. Existe um junguismo que, se Jung o visse, ficaria horrorizado!

No final da vida, Jung disse: "Estou mortalmente confuso." A direção que tomou no início era estudar tudo do ponto de vista psíquico, mas logo encontrou limites -- que são os limites da própria psique. Existem coisas que transcedem a psique e que, no entanto, têm um aspecto psíquico. Tudo o que acontece, seja físico ou espiritual, simplesmente não chegaria ao nosso conhecimento se não fosse por intermédio da psique, mas isso não significa reduzir tudo à psique. Chega o carteiro com uma carta dizendo que seu tio morreu. Você diz: "Você matou meu tio", simplesmente porque a notícia lhe chegou através do carteiro?

Reduzir tudo ao inconsciente coletivo é a mesma coisa.

A realidade do mundo sensível nos chega, em grande parte, através do inconsciente coletivo. O indivíduo isolado não poderia refazer por si mesmo a totalidade das experiências que ao longo dos séculos foram se condensando na crença dos povos, como por exemplo, a convicção de que existe um mundo exterior real. Isto está depositado no inconsciente coletivo. Mas isto não significa que o mundo exterior exista apenas no inconsciente coletivo. Se você estuda matemática no ginásio, a matemática não existe apenas na cabeça do seu professor; ele foi um elo de toda uma cadeia. Existe uma realidade matemática que transcede a mente que a pensou, no entanto essa realidade só nos chega ao conhecimento através da nossa mente individual e da alheia, pessoal ou coletiva.

AULA 16

A hereditariedade determina certas disposições no indivíduo, mas não decide quais as situações que ele viverá nem quais as tendências que o meio o convidará a expressar ou a reprimir. Entre as exigências da hereditariedade e as deste primeiro meio no qual ele ingressa, nunca haverá concordância completa, sendo a própria pessoa, ou seja, o "eu" (que é uma noção intuitiva, só existindo na medida em que se admite ter o ser humano algo de pessoal, irredutível e livre, sendo um sujeito, um agente) o responsável pela sua adaptação. Se todas as nossas ações pudessem ser remetidas à hereditariedade ou ao meio, teríamos de remontar a Adão para encontrar a causa das nossas ações. É forçoso acreditar que o indivíduo existe, ou seja, que ele não pode ser reduzido às causas hereditárias ou sociais do seu comportamento, pois se assim o fizermos o indivíduo se tornaria um fator irrelevante e, por certo, os outros indivíduos que exercem uma ação sobre ele seriam irrelevantes também, logo, como conclusão, teríamos a não-existência individual, ou a existência única dos "universais" (hereditariedade, sociedade, etc.), configurando o extremo realismo filosófico, onde existem apenas os universais, sem existir a individualidade. No entanto todos percebem que existem indivíduos singulares, podendo eles também ser causas, ainda que sujeitos a outras causas. O fato de um sujeito fabricar um revólver e uma bala não implica que seja ele mesmo quem deva acioná-lo, mas sim o proprietário da arma. Assim, este último é causa de suas ações, e não pode reduzi-las a um simples efeito colateral da fabricação da arma. E, uma vez formado, isto é, tendo uma forma particular e própria, até o revólver, mesmo sendo uma simples máquina, tem uma ação própria que o caracteriza como ente singular real. O fato de o revólver disparar balas não se deve somente à ação da mão que dispara o gatilho, mas está ligado à forma e às propriedades do revólver mesmo, o qual, assim, também é causa. Um copo, desde a sua fabricação, está apto a receber um líquido em seu interior. É este mínimo possível de ação do ente que o torna existente. Se formos buscar as causas das causas iremos diluir o sujeito real das ações nas causas incidentes sobre ele, sendo estas também diluídas nas suas causas e assim sucessivamente. Desta maneira, podemos concluir que o enfoque causal tem limite: para existirem causas é necessário existirem entes; se não admitirmos o ente singular como real não terá sentido sondar suas causas, uma vez que estas também devem existir singularmente.

Hoje a categoria da substância é muito difícil de se incutir na mente das pessoas, porque elas não conseguem admitir a existência de entes. As pessoas só se interessam por "forças", "Energias", "causas", coisas invisíveis e genéricas. Montaigne já dizia que a mente do homem vulgar escorrega das coisas para as causas: pretende investigar o porquê, antes de conhecer o quê. Mas hoje em dia essa atitude se tornou quase universal nas classes letradas, o que levou a uma perda do sentido e da realidade da substância individual. Isto acontece porque a vida na sociedade atual nos põe em contato com objetos de fabricação industrial que se sucedem em velocidade vertiginosa no mercado, fazendo com que tenhamos uma noção do mundo exterior não composto por entes, cada qual com seu status ontológico próprio, mas sim como um mundo de aparências transitórias que se fazem e desfazem fluidificando-se. Daí o modismo do "fluir". Em certos meios, a atitude "fluida", enquanto oposta à atitude "rígida", é valorizada como superior, e está na moda como sinal exterior de "sabedoria", vagamente inspirado em crenças orientais: o oriente seria "fluido" e "globalizado", ao passo que o ocidente seria "rígido" e "particularizante". Mas essa atitude nada tem de oriental: é uma secreção acidental do capitalismo. Em termos de sabedoria, é claro que nem o fluido nem o rígido representam valores em si mesmos, muito menos a ponto de justificar o culto

esteriotipado do "fluir". Não basta apenas fluir, pois existe uma parte do ser humano que flui e outra que se conserva tal e qual, ou seja, o equilíbrio da mudança e da permanência é próprio de definição da vida: aquilo que somente flui não vive, do mesmo modo aquilo que só permanece; a vida é um milagre que equilibra a permanência com a mudança. No entanto, se fossemos camponeses do século XIII, viveríamos num mundo composto de mercadorias, de aparências, de modas, mas num mundo composto de coisas que se comportariam como tais (pedra-pedra, vaca-vaca, etc.), caracterizando uma natureza regular e estável, fazendo com acreditássemos na categoria da substância. Agora, quando as pessoas "fluidificam" toda a visão do cosmos, acreditando que estão com isso se integrando com um nível mais elevado de sabedoria, é porque estão equivocadas, pois esta "fluidificação" é apenas um epifenômeno do processo de produção e troca capitalista, nada mais que isto. O sujeito pensa que está sendo esotérico, porém nada mais é do que um simples consumidor como os outros, uma vez que para o consumidor atual o mundo é composto por pseudo-coisas que, logo depois de adquiridas, perdem a sua substancialidade. As coisas caracterizadas como mercadorias (conforme Marx) não mais são vistas na sua realidade física, fazendo com que acabemos transpondo a esta outra forma de realidade a noção de que as pedras, as vacas e os indivíduos humanos também não são substanciais, sendo, na verdade, não-substancial apenas esta abstração denominada mercadoria. O "fluir", portanto, nada mais é do que a mais pura expressão do capitalismo, nada tendo a ver com o esotérico.

Dificilmente escapamos da influência onipresente do meio que nos rodeia, e o máximo que fazemos é olhá-lo criticamente, tentando nos livrar dos exageros. O "eu" é uma noção intuitiva imediata, é uma substância, é perfeitamente real e não podemos trocá-la por qualquer coisa; hoje, porém, as pessoas pensam ser intercambiáveis porque o eu está sendo diluído numa sucessão de estados.

Para o homem do mundo capitalista a realidade é a de um mundo que só lhe aparece como causa de prazer ou de dor, e não como realidade física ou estável.

Por outro lado, nas sociedades antigas, ditas tradicionais, existe uma espécie de equilíbrio entre o número de nascimentos e o número de mortes, ficando a população relativamente estável. Quando começam os primeiros progressos da ciência e da indústria, a proporção muda: continua nascendo muita gente ao passo que as mortes diminuem, e a população cresce. Neste período ocorre uma expansão de todas as atividades (industrial, comercial, de ensino, etc.) surgindo um tipo humano diferente daquele da sociedade anterior (que era conservador, obediente à tradição e à autoridade, vinculado à obediência coletiva). O novo tipo é independente e empreendedor, típico do capitalismo nascente. Mais tarde, quando a economia começa a girar em torno do fornecimento de serviços e sobretudo de diversões públicas, o número populacional recomeça a tornar-se estável (por uma diminuição voluntária do número de filhos), surge um terceiro tipo humano, que é o consumidor: ele não é um homem tradicional, no sentido da obediência à autoridade, nem um tipo independente ou empreendedor como o do tempo inicial do capitalismo, mas sim um tipo dependente, em busca de alguém que queira dominá-lo, o que é um traço psicológico característico de todo mundo hoje em dia. Claro que não poderemos chegar a uma compreensão de ciência ou ter um conhecimento de alcance universal se não tivermos sequer uma visão crítica do mundo onde estamos, e de quais são os traços de personalidade que estão em nós sem pertencer ao nosso caráter individual, mas que são pertencentes ao caráter social. O consumidor é dependente, ele busca um mestre, um guru, que lhe dê alguma segurança para contrabalançar a fluidificação do mundo das percepções, onde não existem entes, mas somente estados e qualidades, desaparecendo a categoria da substância e dando lugar apenas a da qualidade, à do estado e da paixão. Por isso mesmo quando chamamos um indivíduo para a intuição da substância, ele passa a ter dificuldade. Desta forma, como estudiosos desta ciência, que talvez seja a mais universal de todas, dificílima, grande entre todas, devemos nos conscientizar da necessidade de elevarmos nossa consciência um pouco acima das atitudes e crenças que imperam em nosso meio -- ainda que isto nos custe --, entendendo que certas dificuldades não são nossas, porém próprias deste meio, e que nossas opiniões não são naturais, eternas nem imutáveis; como exemplo temos o fenômeno da dessubstancialização do eu, que tem aproximadamente quatro décadas, não sendo um enfoque filosófico, mas sim deficiência de percepção ocasionada por condições sociais. Então, a dificuldade de entendimento do eu (não como conceito científico, mas sim como o eu empírico) é produto de uma crise de identidade na qual vive permanentemente preso o tipo consumidor. Este nosso estudo poderá ajudar a acabarmos com esta crise em alguns de nós, pelo fato de adquirirmos, com estes conhecimentos uma força de auto-afirmação e de autoconsciência que o consumidor em geral não possui, e que ao mesmo tempo nos tornará

talvez incômodos em nosso ambiente, pelo fato de não vivermos em crise com os outros e por ocuparmos certo espaço. Mas corretamente um homem não pode ter pretensões à independência intelectual se não puder se colocar do ponto de vista de uma inteligência objetiva que transcede, no essencial, o condicionamento exterior, e se não puder, olhando o mundo de frente, dizer a si mesmo, repetindo Dom Quixote: yo sé quien soy. É importante saber que através do mapa astrológico não podemos responder a um cliente a pergunta que quase todos eles nos fazem: "Quem sou eu?" A rigor, só eu posso saber quem sou eu. No entanto, os astrólogos erroneamente vivem prometendo o autoconhecimento a quem pergunta. É inconcebível alguém afirmar que pode conceder o autoconhecimento a outrem; quem aceita essa pretensão -- só concebível mesmo num mundo em que o autoconhecimento se tornou artigo de consumo e nada mais que uma forma pedante de alienação -- se submete, como que de joelhos, à charlatanice.

Para chegarmos a uma objetividade devemos criar primeiro a intersubjetividade, ou seja, devemos estar seguros de que todos nós estamos vendo a mesma coisa, e em seguida ter uma intersubjetividade crítica, isto é, pensar juntos criticamente. Deste modo podemos chegar um dia a uma objetividade, e portanto à independência intelectual sem o qual não há autoconhecimento. Não existe vantagens em "conhecer objetivamente" o eu, uma vez que ele é uma coisa subjetiva e livre, não para ser conhecida objetivamente, mas sim assumida subjetivamente: o eu consiste em tomar decisões, saber o que quer. Porém as pessoas pretendem ser livres, elas querem obter de si um retrato estático e coisificado sob a forma de uma descrição exterior. Não sabem que existe no homem uma parte estática e outra dinâmica, principalmente que o eu,(o ego pontifex -- aquele que faz as pontes, aquele que analisa as várias exigências do caráter, da hereditariedade, do caráter social, etc., selecionando livremente aquilo que quer ou não, sendo isto uma parte maravilhosa que compõe o ser humano, uma liberdade condicionada, limitada, porém real --) é a matriz da harmonia entre permanência e mudança. O problema não é perguntar quem somos, mas sim o que queremos ser e, por outro lado, saber quais os recursos externos e internos, herdados e adquiridos de que dispomos para ser o que queremos. O livre arbítrio, não total, porém dentro de uma quadro recebido (hereditariedade, meio social, etc.), enfim o nosso eu que vive em nós é o caminho para o autoconhecimento por meio da luta para ser e fazer-se. Existe no processo de autoconhecimento hindu uma meditação referente a "Quem sou eu". Ela é "negativa", na medida em que exclui progressivamente o não-eu (eu não sou as minhas tendências, eu não sou os meus sentimentos, eu não sou os meus pensamentos, eu não sou as minhas aptidões, eu não sou os meus defeitos ...), para chegar ao entendimento de quem somos. Nós somos a nossa liberdade, e ela se choca com o que não somos, e que está em nós sob a forma de hábito, qualidades, etc. Hoje em dia a maioria considera que "autoconhecimento" é identificar-se cada vez mais com meros hábitos e qualidades, ao invés de esquecer todo esse "retrato" pronto a partir o exercício refletido da liberdade da vontade e da inteligência. Neste sentido, este curso poderá também ser chamado de uma longa meditação sobre o que não somos, podendo exercer um efeito libertador sobre nós, não sendo, no entanto, um "caminho esotérico", no sentido vulgar do termo.

P.- O Sol, em astrologia, representa o eu?

De maneira alguma. O sol representa a Inteligência intuitiva, a qual, sendo uma faculdade, não é, por isto mesmo, a pessoa que a possui. A falecida D. Emma de Maschevlle -- a qual, embora acreditasse em teosofismo e outras bobagens que não posso acreditar, era uma grande astróloga, e sobretudo uma psicóloga de excepcional envergadura -- costumava distribuir um diagrama onde constavam, em torno de um círculo, os nomes e significações dos vários planetas, e, no centro do círculo, um dístico: "Eu sou o dono". Quer dizer que o eu, sendo o centro da personalidade, transcende todas as suas faculdades, qualidades, hábitos, etc. Leiam, quanto a isto, o belíssimo capítulo sobre o Ego Pontifex no livro do Szondi; Introdução à Psicologia do Destino, O eu não é coisa, não é faculdade, não é traço de caráter: o eu é o núcleo onde a inteligência, a vontade e os valores se reúnem num foco de liberdade e veracidade. O eu é a nossa responsabilidade pelas faculdades de que dispomos e pela vida que -- dentro, é claro, das condições externas -- construímos com elas.

A vida é o exercício dessa liberdade condicionada e a assunção da respectiva responsabilidade. Por isso só creio no autoconhecimento como luta e realização de valores livremente assumidos -- com a conseqüente responsabilidade pessoal -- e não como mera investigação autocotemplatativa e autocomplacente, curiosidade de desocupados. Hoje em dia, o autoconhecimento virou um lugar-comum que anda na boca de todos, que acreditam que ele é barato e pode ser atingido com uma vida de autocomplacência

prazeiroza, presunção pseudo-intelectual e desprezo pelo dever. Não há coisa mais indigesta do que a mistura da mentalidade do consumidor pós-moderno com uma linguagem pseudo-oriental e pseudomística: é daí que sai o conceito corrente de "autoconhecimento" como curiosidade que se pode saciar mediante consulta ao astrólogo, mediante psicoterapias de consumo ou mediante sujeição a um guru. Toda essa atmosfera de pseudomística que hoje se nota por toda parte não provém de nenhum impulso sincero de autoconhecimento, mas é uma simples reação reflexa da mentalidade do consumidor, sempre sentindo-se carente e necessitado ante um mundo que, por outro lado, se burocratiza e se racionaliza cada vez mais: para se adaptar a esse mundo, ele necessita de umas fantasias, de umas fumaças de misticismo para aliviar suas dores passageiras e adequá-lo melhor a uma atitude que, enfim, permanece essencialmente conformista e vazia.

Um homem que busque o autoconhecimento com sinceridade logo compreende que sofrimentos que provêm do contorno social humano não podem ser sanados na esfera do eu e da vida interior, e que, ao contrário, os mais sociais devem ser enfrentados realisticamente mediante a luta social, intelectual ou política.

Pretendemos fazer um resumo de tudo que foi visto até agora em virtude das notas abaixo do esperado. Por que um aluno inteligente pode falhar? Por que há mau aproveitamento nos estudos?

A educação moderna está centrada no professor e não no aluno, os livros de pedagogia são dirigidos aos professores. O livro de Hugo de São Victor, que é um livro de pedagogia escrito no século XII, e é dirigido ao estudante, constitui uma exceção. O problema pedagógico é inteiramente colocado na mão do professor como se tal problema fosse de sua responsabilidade. Porém, na medida em que entendemos que o aprendizado exige esforço de quem aprende, pressupõe uma mudança em sua personalidade e que o compromete por inteiro, podemos compreender que a parte ativa no processo de aprendizado é do aluno e não do professor, mesmo porque este não se transforma ao ensinar, nem se compromete. Ao ensinar, ele está apenas repetindo o que já conhece.

O aprendizado não existe sem uma transformação do aluno. A auto-transformação planejada e deliberada é, ao mesmo tempo, o traço humano mais importante e mais difícil de empreender. O homem é o único animal que pode estabelecer uma meta com relação ao que quer ser, ainda que esta meta não lhe seja muita clara, cujos empreendimentos lhe são conhecidos de maneira apenas esquemática e longínqua, e agir coerentemente em direção a ela. É um milagre da inteligência que se explica da mesma maneira que nós podemos fazer cálculos algébricos - cálculos com valores desconhecidos. Quando se substitui os valores por letras mantém-se somente a esquemática do cálculo - a álgebra é só a forma do cálculo, sem conteúdo. Na conduta da vida, muitas vezes, temos que nos orientar por planos e metas concebidos só por sua forma.

Raros alunos dão-se conta de que o aprender é exatamente isto: como é que ficaremos aprendermos algo que não sabemos ainda? Ora, se não sabemos, como é que poderíamos nos encaminhar em direção disto? Como aquilo que não conhecemos ainda pode nos servir de orientação? É uma posição do espírito humano extremamente incômoda, e é justamente esta posição que se denomina aprender.

O aprender é algo que, a rigor, seria impossível se o homem não tivesse capacidade de operar com grandezas desconhecidas e de se orientar somente por formas emtrevistas, sem ter idéia precisa de para onde vai. Cada um de nós, ao aprender, está na posição de Cristóvão Colombo que supunha que em algum lugar na direção que seguisse deveria ter alguma coisa. E é na direção desta coisa que ele foi. É certo que ele não sabia o que exatamente estava procurando, mas ele estava convicto de que algo havia.

Este é o primeiro elemento do aprendizado: concebermos que existe algo, que possa existir um traço de personalidade que nós, concebendo-o direito, desejamos incorporar.

Se o sujeito não tem esta meta, este esquema, não vai aprender de jeito nenhum, por mais inteligente que seja.

É um engano terrível achar que o aprendizado é um ato só da inteligência. Inteligência é a capacidade de você compreender a unidade sob a diversidade do real e, ao mesmo tempo, distinguir a diversidade dentro da unidade. A inteligência revela-se no ato da compreensão. Quando exibido um programa, o indivíduo o entende. Ele é capaz de captar formas e esquemas, por trás da realidade; é capaz de estabelecer conexões lógicas e analógicas - isso que é inteligência. Porém, o indivíduo pode ser perfeitamente inteligente é só

ser capaz de colocar essa faculdade em ação quando algum estímulo lhe coloca um problema, quando uma situação prática o aperta, enfim, quando é necessário.

Se a inteligência é isto, então, evidentemente, o aprendizado não é um ato de inteligência e ser inteligente pouco resolve.

O inteligir ou entender é uma ação simultânea, momentânea, que fazemos em um segundo. Quando alguém diz algo, inteligirmos ou não, entendemos ou não. O aprender não é isto - o aprender é uma ação que se prolonga no tempo e implica uma multidão de atos voluntários de inteligência. Depende muito mais da vontade do que da inteligência.

Não podemos confundir o aprender o entender ou inteligir da mesma forma que não se pode, no caso de uma guerra, prever a vitória de um dos lados somente pelo seu potencial de fogo, pois fazer uma guerra não é a mesma coisa que possuir uma grande quantidade de canhões, mas sim colocá-los em ação numa seqüência temporal e numa correta distribuição geográfica.

O aluno brasileiro, no depoimento de todos os professores estrangeiros que lecionaram aqui, de quaisquer disciplinas, é um dos mais inteligentes do mundo. Entende facilmente o que escuta. Mas, no momento seguinte, esquece-se de tudo. Compreende mas não retém.

A inteligência dele funciona como fósforo que acende e apaga logo. Não é uma inteligência capaz de se por em ação contínua e metódica. Por que isso? Porque o que ele estava ouvindo não tinha importância pessoal para ele. O sujeito, ao inteligir, colocou em ação a inteligência propriamente dita e o sentimento, porém não colocou a vontade. Quando o aluno assim procede, a aprendizado deixa de ser ação e passa a ser paixão - foi algo que lhe aconteceu (paixão é o substantivo que corresponde ao verbo padecer).

Podemos concluir o raciocínio dos professores estrangeiros: o brasileiro não tem vontade, não sabe o que é vontade, não sabe o que decidir e fazer, deliberar e agir segundo o que deliberou e, em geral, é levado pelo que está acontecendo no momento - impressiona-se favorável ou desfavoravelmente e se deixa levar por esses fatos.

A comunidade brasileira, de modo geral, não é capaz de fazer planos. Quando faz esquece-os logo ou muda a toda hora. O indivíduo brasileiro naturalmente ressente-se disso: se mudarmos de planos a toda hora, se mudamos a direção de nossa vida a todo momento evidentemente não chegaremos a lugar algum.

Se verificarmos em toda a história brasileira, são raras as ações coletivas empreendidas metodologicamente em direção a um fim. O brasileiro é um povo esforçado e trabalhador mas é regrado apenas pela disciplina diária, cumpre horários e regulamentos mas não tem objetivo a atingir dentro de dois a três ou quatro anos. Existe uma fragmentação dos esforços os quais são colocados em muitas direções ao mesmo tempo, ou as decisões tomadas são logo esquecidas e substituídas por outras. Esse problema de dispersão generalizada é uma das grandes causas do mau aproveitamento nos estudos - revela-se com outras causas, em dificuldades demonstradas pelo aluno no processo de aprendizado.

Todas essas dificuldades que são de proveniência social, não serão consertadas pela sociedade e quando padecemos as conseqüências disso seremos nós mesmos que deveremos tomar as providências cabíveis. Teremos que reconhecer nossas debilidades a reação; e se, caracterologicamente, a coisa piora (por sermos do tipo amorfo ou nervoso), então as tendências dispersantes da sociedade multiplicar-se-ão pelas tendências pessoais. Mais tarde, quando estudarmos a astrocaracterologia propriamente dita, teremos uma visão mais clara da dinâmica interna do indivíduo e porque em certas circunstâncias pode ficar impossível uma coordenação da personalidade do indivíduo para obter um determinado resultado - é preciso que se desenvolva uma estratégia muita complexa nesses casos.

De modo geral, fica difícil neste meio as pessoas entenderem o que significa vontade. O verbo em português, equivalente a vontade, parece ter se perdido por falta de uso, designamos assim que o povo português não está acostumado a precisar desta palavra. Os atos de vontade tornam-se raros e acabam confundindo-se com o querer, com o desejar.

A língua não é algo que exista em si, vem de uma língua mais antiga, transformada pela uso - transformada no sentido de que algumas coisas são acrescentadas, e outras alteradas simplesmente suprimidas. Entre as que foram suprimidas no nosso português está o nosso equivalente do “will” em inglês que significa ter

vontade propriamente dita e não se confunde com “wish“ que significa desejar. A origem disto tudo é muito remota e podemos procurá-la na psicologia do povo português.

Um dos mais belos retratos de psicologia portuguesa foi feito por um filósofo chamado Herman Von Kaisen que contrastando o português com o espanhol disse o seguinte: o espanhol é um bloco - a personalidade dele é toda talhada como se fosse uma tropa de cavalos que ocorrem numa só direção. Isso vai dar uma das características mais proeminentes no espanhol que é o fanatismo - se ele é comunista ou anarquista, tem que matar todos os padres; se é padre ou católico tem que matar todos os comunistas e ateus. O português é sempre um tipo composto; aquelas possibilidades que o espanhol seleciona para ficar com uma só, o português deseja ter todas ao mesmo tempo e evidentemente esta síntese só é possível a nível imaginativo. Um dos traços proeminentes da psicologia portuguesa é o desejo de harmonia. Uma saudade do jardim do Éden, do tempo em que o lobo e o cordeiro eram amigos.

Saudade é o amor a algo que nos falta - aquilo que nos falta não faz parte de nós, na medida em que amamos, começa a fazer parte. A pessoa de quem você tem saudade está presente em sua vida, permanentemente, sob a forma de um buraco, de uma falta, de uma ausência.

Esta saudade, esta melancolia, que é característica do português e que verificamos facilmente ouvindo a música popular portuguesa - a qual aliás chama-se Fado, que quer dizer “feito”- expressa o fato de que o destino me separou de alguma coisa amada. Isso pode ser interpretado tanto no sentido material quanto no sentido espiritual - uma espécie de saudade cósmica. No mundo onde vivemos e os valores são divididos e você, às vezes, tem que optar por uma coisa e desistir de outra igualmente boa - existe o choque de valores. Por exemplo, o belo e bom. Nem tudo que é belo é honesto e nem tudo que é honesto é belo.

O paraíso era um lugar onde os valores estavam sempre em harmonia, onde não era preciso fazer escolhas dilacerantes. O mundo da realidade, do Fado, é o mundo que divide o homem e na hora que divide, ou ele opta por um valor e se separa do outro dolorosamente, ou então ele tenta restaurar esta harmonia primordial. Mas esta harmonia só é restaurável ao nível da imaginação.

Se opto por ser honesto terei de desistir de várias coisas boas e belas. A riqueza é um bem mas nem toda riqueza é honesta, assim como nem toda pessoa bela é boa. Assim, o português tem na sua psicologia coletiva, na sua música, na sua cultura, na sua expressão literária, nos seus modos de ser, nos seus comportamentos coletivos sociais e políticos, este traço de nostalgia, este desejo de reunir no plano da realidade coisas que só são reuníveis no mundo ideal, no mundo platônico das idéias. Isso é que explica que ao mesmo tempo ele fosse capaz de desejar cristianizar povos da África e da Ásia, sobre os quais, no mesmo instante, cometia as maiores atrocidades. Afonso de Albuquerque, quando desembarcou na Ásia, sua primeira providência foi mandar cortar dois mil narizes e depois disso ver se as pessoas desejavam dialogar. Por outro lado, a sinceridade do intuito catequético desses indivíduos é evidente quando estudamos a história. Eles simplesmente não enxergam a contradição. Este desejo de reunir o impossível transmitiu-se ao povo brasileiro e continua sendo reafirmado geração após geração.

Nós observamos isso, tanto no comportamento político do brasileiro, quanto nas pequenas ações dos indivíduos. O indivíduo não escapa da psicologia coletiva - ele a segue, a não ser na medida em que ele concretiza um determinado traço e, voluntariamente, opõe-se a esse traço.

É evidente que um ser todo composto não tem o ato da vontade. A vontade é sempre uma escolha e a escolha implica sempre uma perda. Às vezes, uma perda momentânea, visando uma recuperação futura daquele bem que foi planejado, como um jogo onde entregamos uma peça *** para podermos tirar uma peça mais importante. *** não desejamos sacrificar peça alguma, então simplesmente ***.

Por perceber que as pessoas não entendiam o que se quer dizer por vontade que *** estas questões, ou seja, não concebiam a vontade *** espiritual, como um ato da inteligência, concebiam a vontade como um desejo.

Para colocar-se o desejo em ação é necessário que você lhe mostre - ao brasileiro - e que este objeto já surja agradável no mesmo instante. Ao passo que a vontade é perfeitamente capaz de fazer algo desagradável. O desejo diz respeito à motivação do indivíduo, mas ele, por si próprio, não gera a vontade. A vontade é decisão. Quanto mais desejo o indivíduo necessita para poder decidir, menos força de vontade ele tem. Quanto mais motivado o indivíduo tem de ser para agir, mais fraca é a vontade nele. Quando a

nossa vontade só consegue se mobilizar pela exibição de um objeto desejável, então, certamente, nossa vontade estás falhando. O que é vontade? Sobretudo a capacidade de decidir. Pode haver o desejo sem decisão. O desejo pode ser passivo, a vontade nunca. A vontade é ativa a partir do momento onde existe. As coisas com que a vontade pode se confundir são, de um lado, o desejo e, de outro, a imaginação, que é a decisão simplesmente imaginada - o sujeito imagina que decidiu tal ou qual coisa, mas se no momento seguinte ele esquece, então não decidiu verdadeiramente - ele desejaria decidir.

É bom que se compare tudo isso com as dificuldades pessoais de cada um de nós pois, em alguns casos, o descrito retrato o sujeito. Existem pessoas que jamais tiveram um ato de vontade durante quarenta ou cinqüenta anos e que, no entanto, às vezes, são pessoas capazes - nem sempre o indivíduo destituído de vontade é fracasso na vida. Pode coincidir de as circunstâncias lhe serem favoráveis, de ele não ter que colocar a vontade em jogo. Por exemplo, para você seguir as preferências do seu meio, do seu ambiente, você não precisa ter vontade. É como o pato n'água - ele fica parado e a água o leva - imperceptivelmente ele vai indo para frente. Apenas para ir na direção contrária é que ele precisaria ter um ato de vontade. A proeminência da faculdade da vontade no indivíduo vê- se pela sua capacidade de moldar o ambiente de acordo com a sua decisão; pela sua capacidade de explorar os pequenos recursos que o ambiente lhe oferece para chegar ao que ele quer. Como nós aplicamos esta vontade ao aprender, nós entendemos que a vontade de aprender é a vontade de transforma-se.

Para que indivíduo possa ter vontade de aprender é necessário que algo ele já tenha aprendido. Uma certa intelecção, uma certa intuição do objeto de aprendizado é uma condição necessária para que haja aprendizado. Compreender algo do que foi dito ou algo do que está lendo e ter uma impressão de veracidade daquilo é uma condição primeira para o ato de aprender. Porém, o que acontece na quase totalidade dos casos? Os indivíduos confundem esta intuição inicial com próprio aprendizado. É quando se vai a um restaurante e o garçon nos mostra o cardápio. Algo das comidas sabemos, algum conhecimento já temos, ou seja, precisamos ter assimilado algo; pelo menos o nome ou a fotografia das comidas precisa evocar-nos alguma coisa, dar-nos uma antevisão de sensações corporais. Entre isto e o ato de comer existe uma distância. A maior parte dos alunos procede como se ler o cardápio fosse suficiente para se alimentar. Entender o que se houve na hora em que é dito é uma condição inicial para desejarmos aprender, mas não é aprender ainda. É apenas sinal de que se tem a possibilidade de aprender, porque se na hora que se diz algo o sujeito não entende nada, então o aprendizado simplesmente não possível, pois falta o objeto do aprendizado. No entanto, sem compreendermos na hora em que foi dito, isso significa que temos aptidão, estamos capazes para o aprendizado. Mas a aptidão que a mulher tem, logo após a puberdade, para ser mãe, não a engravida. A aptidão não age, não tem por si mesmo a capacidade de se colocar em movimento. É como uma reserva passiva; é como um dinheiro que se tem no banco e que para ser sacado é preciso que haja um ato (no mínimo a assinatura de um cheque).

O estudo da vontade é um dos elementos fundamentais da astrocaracterologia, embora, no momento, nosso maior interesse seja o aspecto prático, isto é, perguntar por que não estamos aprendendo o quanto deveríamos ou quanto temos a capacidade? A resposta é simples: é porque não quisemos, embora quiséssemos no sentido de desejar, mas não quisemos no sentido do ato de vontade - do ato de mobilizar sistematicamente a nossa capacidade em direção a um fim, no sentido de iniciar uma transformação de nós mesmos, com vistas a um objetivo mais ou menos definido de antemão.

O ato de vontade seria impossível de nós não nos perguntássemos: como estará a situação uma vez realizado o ato - o que desejamos transformar, mudar; que conseqüências desejamos desencadear, tanto em nós mesmos quanto no meio circundante? E, se trata de um aprendizado, de uma auto-transformação, a pergunta é: como é que desejamos estar no fim deste aprendizado? Se o sujeito não tem uma idéia clara disto, certamente não vai aprender nada, embora possa inteligir muita coisa. O aprendizado é aquilo que vai buscar o objeto, exibi-lo à inteligência o que exige da inteligência uma certa ação e também dirige a inteligência durante um certo tempo. Por exemplo, se estamos lendo um livro e percebemos um mosquitinho, não se pode negar que foi a nossa inteligência que percebeu o mosquito. Mas, o aprendizado se distingue por ser uma aplicação da inteligência a um determinado objeto definido, durante um certo tempo, e não a quaisquer objetos aleatórios que compareçam casualmente à nossa frente.

Será que concebemos exatamente como desejaríamos estar ao fim deste curso? Se não concebemos não haverá aprendizado por mais inteligentes que sejamos. Com o conhecimento que nos é proposto e que só

conhecemos esquematicamente pelo enunciado vago de um programa, em que este conhecimento deveria nos afetar? Vendo a lista de ítens podemos nos perguntar: se soubéssemos todas essas coisas, em que nós nos tornaríamos diferentes, para melhor ou pior? Se soubéssemos tudo isso, plenamente, de maneira que a qualquer momento tivéssemos esse repertório à nossa disposição, e com a mesma evidência que sabemos nosso próprio nome e endereço, como é que seríamos? Evidentemente os alunos que demonstraram mau desempenho na prova, não fizeram isto, caso contrário o aprendizado estaria sendo melhor, pois estaria sendo mais dirigido. O aluno intelige as coisas, conforme sua maior ou menor capacidade, na hora em que lhe é falado, mas aquilo não é incorporado, não começa a fazer parte da sua personalidade. É uma informação que entrou e que sem provocar grandes alterações, exceto momentâneas, vai embora.

Isto tudo é muito natural nos estudos realizados a nível de primeiro grau, a nível de ginásio, pois vamos para o ginásio sem objetivo pré-determinado. O aluno não tem idéia do que pode estar fazendo numa sala de aula de curso ginasial.

A multiplicidade disciplinar exagerada que existe no ginásio impede o aprendizado, e essa dispersão representa um sistema anárquico e insuficiente em cada parte que se apresenta para promover qualquer transformação no sujeito, num sentido planejado.

A adaptação ao meio pode ser confundida com o aprendizado, pois a primeira se parece mais com o processo de amestragem.

Existe o aprendizado que provoca uma mudança intelectual no sujeito e existe o aprendizado necessário a adaptá-lo ao meio. Este é o único efeito obtido pela escola. A escola socializa o indivíduo e não se distingue da amestragem de um bicho. Esta socialização é, por sua vez, de dois tipos:

a) Socialização do comportamento: aprendemos a cumprir horário, aprendemos que existe chefe, aprendemos a cumprir regulamentos e, mais ou menos, aos trancos e barrancos adaptamo-nos a isso tudo, porém, jamais perfeitamente. Por ser um aprendizado passivo é um aprendizado repetitivo; então, o indivíduo só é capaz de fazer exatamente o que os outros fazem. Não é uma adaptação inteligente.

b) Socialização intelectual: o indivíduo quer aprender, em certas circunstâncias, a demonstrar certos conhecimentos - mas só sabe usá-los naquelas circunstâncias - particularmente na circunstância de busca de emprego.

O que é aprendido na escola, não é aprendido como instrumento mas sim como introjeção de comportamento, portanto só pode ser usado repetitivamente.

Aprendizado se dá quando dominamos a informação, sabemos onde colocá-la e sabemos na hora em que pareça. No Brasil praticamente não existe ensino.

A dissertação francesa é o texto que o aluno tem que escrever para obter o seu diploma de secundário, o que, para doutores brasileiros, é tarefa muito difícil. Se nós compararmos nosso aprendizado com o nível das outras pessoas que convivemos, acharemos que o aprendizado acorreu.

De modo geral, existe uma deficiência gral da vontade como fato cultural do nosso meio, por outro lado, o povo brasileiro é altamente excitável no sentido intelectual.

É fácil captar sua atenção. No momento em que lhe propomos um aprendizado a sua inteligência se excita e funciona, mas só naquele momento. A inteligência demonstra-se excitada pelo interesse demonstrado. O interesse manifesta-se ou pela concordância que o sujeito tem - ele sente que o que você está falando é verdadeiro ou importante, mas sente sem ter examinado se aquilo é de fato importante e verdadeiro; ou se manifesta pela discordância, pelo espírito polêmico. Mas, nada disso é aprendizado. O aprendizado é uma assimilação. Assimilação é tornar semelhante a si próprio um conteúdo que veio de fora. Tornar semelhante significa colocá-lo em algum órgão, em algum lugar da sua personalidade, onde aquilo terá um peso e uma função.

Nem toda arte tem peso intelectual. Veja-se a arte da cirurgia, onde é necessário que o cirurgião exiba habilidade e destreza manual simplesmente.

Nenhum conhecimento que possa permanecer à margem da personalidade do indivíduo e desenvolvido como uma habilidade secundária é verdadeiro conhecimento.

Jogar xadrez ou ping-pong são habilidades que podem conviver com a ignorância total em todos os outros setores mas nada significa como conhecimento. Conhecimento é aquilo que é assimilado, que começa a fazer parte da personalidade inteira do indivíduo.

Se um aluno, que após bem definir o bicho-de-pé e seus males for visto andando descalço num lugar onde ciscam as galinhas, esse aluno não aprendeu o que é bichos-de- pé e seus males, pois a informação que ele recebeu não alterou seu comportamento, no conjunto não teve peso. O indivíduo não se lembrou de associar o que foi aprendido na escola com que ele está vendo; e se ele não associa então não está inteligindo; então ele não entendeu direito.

Existem dois tipos de conhecimento: o intuitivo e o lógico-racional. O intuitivo é feito de fatos e o lógico é feito de deduções feitas sobre os fatos. A maior parte dos brasileiros conhece pouco fatos mas faz um milhão de deduções colocadas na esfera do possível. O que nos interessa não é saber causas mas conhecer fatos e sua significação e amplitude. Muitas vezes se nota uma tendência no aluno de, dado um pequeno fato, tirar um milhão de conclusões e após raciocinar não chegar a lugar nenhum. É necessário que se aprenda a captar o fato e isso não acontece em função de uma excitação da inteligência que se faz, de forma intensa e momentânea.

A importância de se observar um fato, profunda e intensamente, por longo período, é a única maneira de conhecer algo sobre esse fato. É necessário que se registre o fato na memória para depois usá-lo como elemento no momento do raciocínio, na sua utilização da faculdade da razão: pois pensar, raciocinar, todos sabem. A lógica está embutida na nossa própria constituição. Todos temos aptidão para pensar logicamente. Raramente nossos erros são sofismas ou silogismos inadequados e erramos simplesmente por não sabermos a respeito do que estamos raciocinando, por termos feito um exame do fato, do quê, por muito pouco tempo.

É preciso prestar atenção no fato. Um pouco de pensamento e muita observação está ótimo. Pouco fato e muita lógica formal é que retrata o tipo de aprendizado do aluno brasileiro.

A maior parte das pessoas perante as coisas se preocupam mais em saber se elas são verdadeiras ou falsas do que saber as suas causas. Um preceito desse curso é saber primeiro o quê e depois o porquê.

O que é que conhecemos realmente? Um conhecimento que nós temos pode ser certo, provável, uma opinião, uma conjuntura, ignorância ou nescidade. Certeza é, por exemplo, nosso nome e endereço; probabilidade seria nossa ascendência (quem são nossos pais e avós); opinião é quando defendemos um dos lados; conjectura é quando algo pode ser desta, daquela, ou de várias outras formas; ignorância é quando apenas se imagina a respeito do objeto em estudo e nescidade está abaixo da ignorância, quando nem ao menos se imagina algo a respeito do objeto em estudo. Comecemos por classificar os nossos conhecimentos. De tudo que aprendemos no ginásio, na faculdade, na vida, do que é que temos certeza? O que é provável? Onde temos uma opinião? Pois se não sabemos qual é o valor de cada um de nossos conhecimentos então nada sabemos a respeito deles. Se não sabemos julgar nossos próprios conhecimentos, não sabemos julgar o dos outros. E quando vale a opinião do indivíduo que não sabe avaliar o próprio conhecimento? Nada.

Os graus de certeza do conhecimento adquirido deveriam ser ensinados logo no ginásio. Os professores deveriam informar ao aluno o grau de certezas do que ensinam. Assim, ao ensinar dois mais dois é igual a quatro o professor deveria avisar que isto é absolutamente certo, e que Cristóvão Colombo ao se dirigir à América teria tido uma visão imprecisa do que iria descobrir do outro lado, tratando-se isso de algo provável, que iria descobrir, e não de algo certo.

Pergunta: É muito difícil qualquer certeza a respeito de qualquer coisa?

Se não conseguimos ter certeza de nada, como poderemos ter dúvidas de algo? É mais fácil termos certeza do que termos dúvida. Dizer que nada é certo e que tudo é relativo chega a ser uma afirmação incoerente pois nesse caso não poderia perceber o próprio relativismo. A dúvida é uma subfunção da certeza. Por ter aptidão da certeza é que o sujeito levanta a dúvida.

A inteligência humana tem aptidão para a certeza, mesmo que não possua nenhum conhecimento certo.

O estado subjetivo da dúvida, o sentimento de dúvida não é uma postura da inteligência e nos referimos a

certeza e dúvida intelectuais, porque o indivíduo pode ter um sentimento e dúvida diante da mais evidente verdade tal com a própria identidade ou que dois mais dois é igual a quatro. Existe a dúvida intelectual e existe a dúvida efetiva. Podemos ter dúvida afetiva. Podemos ter a dúvida afetiva coisas que intelectualmente não temos a menor dúvida. A dúvida afetiva é patológica e não tem relevância intelectual. Nesse caso a afetividade do indivíduo estará dominando sua inteligência como se fosse uma divisão da própria personalidade e é o que acontece com a maior parte das pessoas. A imaginação e o sentimento vão num sentido e a inteligência vai noutro, e o indivíduo acredita mais no sentimento por ser uma tendência natural do ser humano. O nosso subconsciente não distingue entre o real e o irreal. Uma imagem, qualquer que seja, provoca o sentimento correspondente. Para a imaginação não existe *** irreal, só existe a imagem e o sentimento correspondente, ou seja, qualquer coisa que você imagine, você a sente como real.

Grande parte do pretenso relativismo de hoje, não passa de um estado afetivo, sem a menor relevância intelectual e que as pessoas defendem sem acreditar. Não existe relativista absoluto, nunca existiu, nem nunca vai existir; mas alguém pode fingir que é, se sentir como se fosse.

Efetivamente, realmente, temos dúvida sobre tudo? Ao deparar-nos com algumas certezas, pelo menos nossa identidade e endereço, veremos derrubada a tese do relativismo total.

Na ausência de um critério de julgamento para saber o que é certeza, o que é provável e o que é duvidoso, a confusão se generaliza e, ou tudo vira certeza, ou tudo vira dúvida. Neste estado, o sujeito nada pode ensinar honestamente.

Não é lícito o ensino que não explicita o grau de certeza do conteúdo informado. A declaração do grau de certeza é fundamental no ensino.

Estamos tratando de questões em partes filosóficas e em parte científicas onde se pretende chegar ao grau de certeza máxima possível, porém o nosso interesse não é tanto a ciência em si, mas o seu aprendizado em torno do qual tanto falamos.

Recapitulando: a intelecção inicial que temos quando ouvimos ou quando lemos não é aprendizado. Aprendizado é quando a informação é assimilada, isto é, colocada dentro do todo da personalidade, com um lugar, um valor determinado e uma função. Se não tem lugar nem função, então não está assimilado.

Se houve esta intelecção inicial, existe possibilidade de assimilar. Primeiro, é necessário julgar a informação para dar um valor quanto ao grau de certeza, utilidade, enfim, dar-lhe um peso. Segundo, deixar o conhecimento num lugar onde possamos usá- lo, ou seja, *** usá-lo para um monte de coisas para as quais não serve e, aos poucos, iremos vendo qual é o âmbito de sua aplicação.

Aí começa efetivamente o aprendizado. Este, se dirige pela perspectiva de transformação que terá causado. Geralmente a transformação que o aluno da universidade espera é antes uma transformação social e não de sua personalidade, na medida em visa seu aprimoramento profissional e a conquista de um novo lugar na sociedade. A escola, como meio de ascensão social, só vigora no Brasil. A idéia de que o ensino abre as portas ao acesso às classes superiores só é conservada nesse país. O ensino de nível superior é, em outros países, muito caro e inacessível, só possível, na maioria da vezes, com o subsídio e manutenção de bolsas de estudo financiadas por empresas ou pelo governo. Não garante, pois, por si só, nenhum tipo de ascensão social. Caminha-se de fato para uma situação muito mais democrática onde o estudo tenderá a ser muito mais vocacional que meio de ascensão social, mesmo porque a ascensão social é limitada. Não basta um título para, como no Brasil, se experimentar variações de ganho financeiro da ordem de até oitenta ou cem vezes maior. Na União Soviética, todos são bacharéis, mas não há emprego para todos.

A finalidade do aprendizado deve ser concebida em termos de qual alterações desejamos em nós mesmos, e é importante a visualização desta alteração, ainda que de maneira imperfeita. Se não temos uma idéia precisa de qual é a transformação pela qual desejamos passar, de como desejamos estar ao fim do aprendizado, não há meio de conduzir o aprendizado. Como o aprendizado é um ato de vontade, é um ato deliberado onde o aluno está no comando (e não o professor), é preciso que ele conheça a direção a seguir, pois é ele quem está no leme. Ainda que só tivéssemos uma idéia vaga a qual iria se aperfeiçoando e se realizando, tornando-se real. Para realizar-se é preciso que tal transformação exista idealmente, isto é, exista ao menos como idéia. Tem coisa que sabemos o que é mas não sabemos fazer. Podemos aprender.

Mas é impossível fazer algo que não se sabe o que é.

Que perfeições pensamos adquirir por meio deste curso? Tratando-se de assunto psicológico existirá de um lado uma perfeição moral, psicológica, subjetiva, e uma perfeição intelectual e científica.

Do ponto de vista psicológico quando dizemos que desejamos um auto- conhecimento (nome genérico que damos a algo que no entanto, sabemos não ser genérico) já sabemos precisamente o que desejaríamos auto-conhecer por saber o que é obscuro em nós. Esta é a primeira coisa: o conhecimento da psicologia sob a forma da astrocaracterologia vai nos preencher, nos completar psicologicamente em que aspecto? Sabemos quais são nossas deficiências, sabemos o que nos falta. Portanto, podemos julgar cada tópico que nos seja ensinado à luz desse nosso objetivo. Se nós sabemos que desejamos adquirir tal ou qual qualidade que nos falta e sabemos que um curso de astrocaracterologia pode nos dar isto, cabe a nós utilizá-lo para aquela finalidade. Mas sempre que nós mobilizarmos o que nos foi ensinado na aula para atendermos a nossa finalidade, certamente estaremos assimilando o conhecimento, apesar de que há alguns tópicos no curso que são mais facilmente dirigíveis no sentido do interesse pessoal do aluno do que outros. Por exemplo, a caracterologia. Por exemplo, a caracterologia de Le Senne tem uma aplicação imediata ao conhecimento de si mesmo. Conhecer esta caracterologia já é automaticamente saber se enquadrar num dos tipos psicológicos ali descritos e encontrar nesse perfil a definição e a explicação de alguns comportamentos nossos.

...

Todos os tipos - na astrocaracterologia de Le Senne - definem-se menos pelas suas qualidades positivas, aquelas realmente existentes e mais pelo que lhes falta. É difícil definir os tipos por qualidades positivas, pois estas não excluem as outras. Por exemplo, o fato do indivíduo ser tenaz na consecução dos objetivos não impede que ele seja tolerante para com os outros. As qualidades positivas não são excludentes, por isso não podem definir tipos. Uma deficiência, no entanto, certamente exclui alguma coisa. Os oito tipos se definem sobretudo por suas deficiências. Ao se enquadrar num determinado tipo, você sabe o que lhe falta. Por exemplo, se você é um colérico, só falta uma coisa para você dar certo em tudo: o senso dos limites. O senso de economia de energia. O colérico quando dá errado, é por excesso de confiança. Ele acha que poderá se recuperar sempre, e não pensa no dia de amanhã. Então, o sujeito que nasceu com o caráter colérico - no sentido de Le Senne - foi brindado pela natureza com um monte de dons. Estes dons, no entanto, podem dar em nada porque ele os dispersa, por colocar sua energia em vários canais ao mesmo tempo. Gasta um pouquinho em cada um acreditando que pode se recuperar amanhã. Ao colérico falta geralmente o centro de interesse, por ter muitos interesses. É o sujeito que não sabe colocar o dinheiro, e pode perdê-lo.

Se o sujeito é passional o que pode lhe faltar? O passional tem o que falta ao colérico: ele tem um centro de interesse, é deliberado, não se dispersa. Ao contrário do colérico, ele concentra. Ele quer tudo assegurado antes. O passional não gasta. Ele pode facilmente virar paranóico, porque se tem determinada meta, pode fechar as suas perspectivas em torno desta meta e deixar de ver em que as circunstâncias podem ajudá-lo. Fecha-se às circunstâncias e vê apenas sua meta, seu futuro. Então, à vezes não sabe colher o que está em volta, os recursos que podem ajudá-lo. Precisa de um pouco de dispersão, precisa ampliar o seu círculo de interesses e deixar de ver o mundo como hostil, como algo que se opõe a seu plano. Corre seriamente o risco da estreiteza mental, e portanto arrisca-se a cair no fanatismo. Também, às vezes, falta-lhe um pouco da virtude de tolerância, ou da bondade pura e simples. O passional não perdoa quem não colabora com seus planos e tende a ver as pessoas como peças de xadrez, que ele vai mexer para chegar no ponto onde deseja chegar. Uma coisa muito importante: o passional, na juventude, em geral é fisicamente covarde. A covardia física vem do fato de ter planos e metas. Ele deseja se preservar para elas e por isso nunca se arrisca. Mais tarde, isso pode gerar uma limitação. Um ato de coragem física é um ato de se arriscar. Arriscar-se é dispersar. Quem se arriscou na vida torna-se um tipo seco.

Os outros tipos são fáceis de você perceber as limitações. O sentimental (E+ A- 2) foge da ação, não age, procura pretextos para não agir e certamente os encontra - geralmente os pretextos que encontra são nobres. O sentimental tem um sistema de justificativas para sua preguiça e covardia. Então o que precisa ser feito? É preciso tirar defesas, destruir essas justificativas, mostrar que não são razões, mas, como se diz na psicanálise, racionalizações, aparências de raciocínio.

O nervoso (E+ A- 1) evidentemente tem o grande defeito da dispersão, mas não é uma dispersão intelectual e sim dispersão afetiva. Ele é sacudido por muitas emoções e não se contro la. Dá importância a coisas mínimas, deixa-se afetar e ser tirado do caminho por qualquer bobagem. Faz grandes planos mas nunca dá um passo para realizá- los. Está sempre na potência. Tem uma lista do que acha que deveria fazer, mas nunca faz. Para passar a fazê-las, o que precisa é perder o medo; para começar a fazer é preciso tentar. É preciso deixar de viver em potência, no mundo imaginativo.

Essa vivência no mundo imaginativo dá-se em função da sua primariedade. Como ele é incapaz de agir no mundo real, age no plano imaginativo. Mas como agir e continuar agindo? Ele terá que se amarrar em alguma coisa, comprometer-se de maneira que não possa fugir. O nervoso necessita de um compromisso, que é exatamente o de que ele jamais foge. É um tipo escorregadio, não se consegue pegá-lo. Ele não se compromete nem consigo mesmo. O sentimental, (E+ A- 2) pelo menos, se compromete consigo mesmo, ele sabe que ele é ele. O nervoso, não, ele é um cada dia.

Quanto ao tipo fleumático, (E- A+ 2) a primeira coisa que tem que aprender é que você não tem sempre razão, que você não sabe tudo. O fleumático confunde a sua lógica com a realidade, tem sempre a tendência de achar que já sabe tudo porque vive num mundo fechado, dentro de um esquema fechado, que para ele é lógico. Para expandir este esquema, é preciso quebrar o sistema lógico inteiro, o que o tornaria inseguro. Quando o fleumático deixa de aprender, o faz por orgulho. O risco de confundir a lógica com a realidade vem da busca da segurança. O mundo lógico é o mundo que o homem domina. Mas a todo momento acontece algum fato que nos obriga - como se vê pela história da ciência - a desmontar todo o edifício lógico para montar tudo de novo. Quando isso acontece, o edifício lógico sai ganhando, fica mais rico. Mas há uma resistência natural a fazer isto.

O indivíduo que certamente dará mais aparência de ser orgulhoso é o fleumático (E- A+ 2). Ele é inatingível - não no sentido do apático - mas por ser superior, altivo. Não é orgulho no sentido em que o colérico pode ser, que é o orgulhoso declarado. Mas um orgulho implícito, que não se acha orgulhoso, que se acha até humilde. Ele é humilde porque quando raciocina está cedendo à lógica. Mas como ele se identificou com a lógica, quando ele cede a ela, está cedendo a si mesmo. A cura para o fleumático é uma só: a quebra dessa lógica. O professor bom fará isso; com dor no coração mas fará.

O fleumático não gosta de destruir a lógica atual por uma lógica melhor ainda porque isso gera crise. O momento da crise, da incerteza, é péssimo para o fleumático. Mesmo que depois da crise o seu esquema lógico fique mais sofisticado.

As virtudes do fleumático são a coerência, a fidelidade, a obediência à lógica. A origem de seus defeitos também estão aí. No caso, o seu sistema lógico não está perfeito ainda, pelo fato de que é possível ter a perfeição das convicções mas essas convicções não serem perfeitas. E a passagem de uma etapa para outra é dolorosa. O fleumático não é capaz de viver na incerteza como vive o nervoso ou, mais ainda, o colérico. O colérico (E+ A+ 1) não precisa ter certeza de nada. Ele não faz questão de ser lógico, mas o fleumático faz. Quando este não aprende, quando não vai prá frente, é certamente por orgulho intelectual.

A maior parte dos grandes personagens da política é formada de passionais. (E+ A+ 2). Isso porque uma perspectiva de longo prazo dá trabalho, precisa de uma concentração monstruosa. Napoleão, por exemplo, é um passional clássico. E além de passional, era um gênio. Como gênio, sabia aproveitar a variedade das oportunidades, ao passo que o passional tende a fechar-se, como no caso do poema de Guilherme de Almeida "... Essa que eu hei de amar perdidamente um dia ... há de ser tão loura e pura e vagarosa e bela, etc ..." e o passional começa a sonhar com isso, daí passa uma mulher que é exatamente assim, e ele não a vê. Esse é o problema do passional: deixa passar oportunidades porque o que se lhe oferece no momento não se parece com o que ele quer. Tanto o passional (E+ A+ 2) quanto o fleumático (E- A+ 2) são seletivos. Eles percebem a realidade. O passional, por uma escala de valores afetivos: o que interessa e o que não interessa. O fleumático, por uma escala lógica: o que lhe parece ser real e irreal, o que confere com suas crenças e o que não confere.

O que falta ao passional (E+ A+ 2) não é propriamente o arrojo, é mais a capacidade de improviso e de esquecer um pouco os seus planos. O passional esquece de viver. Geralmente é possível perceber que todo passional é disciplinado e que renuncia a um monte de coisas. Essas renúncias, às vezes, podem ser perfeitamente inúteis. O sujeito deixa de viver e por isso se enfraquece. É difícil para um passional

alcançar o equilíbrio, não se transfigurar totalmente na sua própria idéia e deixar de ser gente. Mas se acontece isso, se o sujeito se absorve totalmente no seu ideal e deixa de compreender a variedade humana, deixa também de perceber o real - perde então toda a flexibilidade de ação.

Para o sangüíneo (E- A+ 1) a dificuldade é justamente levar as coisas a sério. Falta-lhe um ideal. O sangüíneo tende a acreditar que a eficiência dele é prova de que tem razão. Se deu certo, se ganhei o jogo, é claro que eu estava certo. Ele não pensa que o lado errado também pode ganhar. Quem falou que o mal não ganha? Então pode haver uma deficiência ética. É difícil você saber no que um sujeito sangüíneo acredita. Por exemplo, você lê todas as obras de Voltaire: ele criticava jocosamente uma coisa, e depois criticava o seu contrário - não se consegue chegar a uma somatória e concluir quais são suas teses. Às vezes falta também a humildade de entender que a sua vitória não é critério do real.

Existe a tendência do sangüíneo tentar vencer, não importando de que lado esteja. Não é a vitória do lado, do partido, que interessa e, sim, a sua vitória. Pode mudar de convicção do dia para a noite, contanto que isso lhe dê mais rendimento. É um pouco a lei de Gérson, típica do sangüíneo: tirar vantagem em tudo. Este talvez seja o mais difícil de um professor vencer. Se tem uma dificuldade qualquer nos estudos é porque realmente aquilo não lhe interessa. Porque normalmente, se o sangüíneo (E- A+ 1) se interessar, ele irá bem; agora, se existe uma falta de interesse, uma falta de seriedade na abordagem do assunto, então não tem conserto. O sangüíneo se define sobretudo pela sua capacidade. Ele sabe se virar. Então, se em tal ou qual circunstância ele não se vira, é porque existe uma falta de convicção. E isto não tem remédio, só ele mesmo pode consertar.

Finalmente, a dificuldade do amorfo (E- A- 1) consiste em que ele parece amoldar- se, mas ele só se amolda para não criar problemas. O amorfo é profundamente preguiçoso. Ele concorda só para ficar bem com as pessoas. É por isso que geralmente as pessoas gostam do amorfo. O tipo que todos dizer que tem bom caráter. Ele concorda com todo mundo porque opor-se-lhes daria mais trabalho. Este é um tipo dificílimo para a pedagogia. Se nós formos ver o caráter brasileiro em geral, ele está entre o nervoso (E+ A- 1) e o amorfo. No fundo ele é influenciável. O que o amorfo pode fazer? Ele pode rezar. Porque de fato o centro dele é inatingível. Ele não se deixa influenciar. Ele só é influenciado quando não percebe, portanto você deveria influenciá-lo "pelas costas", utilizando esse arsenal que hoje existe: lavagem cerebral, programação neurolinguística etc. No entanto, em pedagogia, todos esses recursos são nulos, sobretudo na pedagogia superior. Neste curso, isso não serve para nada, porque só se desenvolve a consciência conscientemente. Não se pode desenvolver a consciência do sujeito através do inconsciente. Se você desenvolver pelo inconsciente, vai dar mais conhecimento inconsciente para ele. Não resolve. Então só resta rezar.

O apático (E- A- 2) não se deixa influenciar e é mais ou menos ostensivo na sua atitude. Ele vai perseverar no seu próprio jeito. Também não dá aquela impressão de se amoldar. Não é enganoso como o amorfo. Ele é ostensivamente inatingível. Com ele resta fazer uma coisa: ter paciência.

Tanto no amorfo (E- A- 1) quanto no apático (E- A- 2), o problema fundamental não está colocado numa deficiência, mas na vontade. Porque o caráter do amorfo ou do apático não o impede de progredir no estudo. O nervoso, sim, este pode ter um obstáculo caracterológico. O amorfo e o apático, se realmente chegarem a querer, não terão obstáculos. O único problema é quererem. Aí nos defrontamos com o limite da liberdade humana. Nos outros casos os problemas não dizem respeito à liberdade. O máximo que se pode fazer com o amorfo e com o apático é argumentar com eles. Agora, eles só farão realmente o que quiserem. Pode acontecer, por exemplo, um caso como aquele do aluno apático mas com altíssimo grau de interesse intelectual e grande avidez. Então ele se esforça realmente por aprender e não tem problemas. Apesar de apático, o sujeito se transformará porque lhe interessa isso. Agora, se não tiver essas outras tendências, não há o que fazer.

Façamos agora um resumo sumaríssimo dos três meses de curso, recapitulando o que fizemos:

Primeiro, demos uma orientação quanto ao que é ciência.

Segundo, começamos a discutir a possibilidade da astrologia ser uma ciência.

Terceiro, dissemos que para ser ciência precisaria definir precisamente o seu objeto. E mais definir os

meios de averiguar se o conhecimento é certo ou não.

Constatamos que este trabalho não foi feito ainda em astrologia, e que, portanto, todas as pesquisas científicas, estatísticas etc, feitas até agora, estão pesquisando um objeto indefinido. Isto se aplica inclusive à pesquisa Gauquelin, à pesquisa da Nature etc. Nenhuma delas definiu claramente o que estão investigando. Confundem coisas como, por exemplo, na pesquisa da Nature, a verificação dum fato astrológico e a verificação da capacidade dos astrólogos discernirem este fato.

A pesquisa da Nature pegou vinte astrólogos e uma bateria de resultados de testes de cem pessoas. Pediu aos astrólogos que cruzassem os horóscopos que haviam calculado dessas pessoas com os testes psicológicos. O objetivo era verificar se os astrólogos eram capazes de identificar o perfil psicológico dos indivíduos que eles conheciam através dos mapas. O resultado obtido pelos astrólogos ficou dentro da média do acaso, ou seja, se eles selecionassem quaisquer perfis, teria dado o mesmo resultado. O que prova que eles não foram capazes de discernir os perfis caracterológicos dos indivíduos cujos mapas conheciam. Conclusão da Nature: não existe relação entre as posições planetárias e o caráter do indivíduo. Ora, a pesquisa está falha no seguinte ponto: a correlação entre o caráter e mapa astrológico seria estabelecida por um intermediário - o astrólogo. Eles estavam testando a existência da correlação ou a eficácia do intermediário? Qualquer livro de metodologia científica explicaria que isto é um erro. Por que se cometeu um erro tão banal? Simples: todo o debate astrológico está confuso, e os cientistas da Nature também se confundiram.

Nosso primeiro trabalho seria portanto definir e delimitar o campo da astrologia de maneira a que ele ficasse tão nítido que as perguntas que fizéssemos sobre ele pudessem ser respondidas com certeza, ou seja, precisamos criar as condições de certeza.

Em quarto lugar, vimos que além de ser indefinido, o objeto também é vasto, porque tem muitos aspectos. Então nós iríamos selecionar um aspecto do problema astrológico e tentar defini-lo. Nós selecionamos este aspecto que parece predominante no interesse dos astrólogos - o caráter. Em seguida, estamos tentando delimitar o terreno do caráter, para ver sob qual aspecto o caráter pode ser estudado astrologicamente. É simples o que nós estamos fazendo.

Em seguida vimos um aspecto, depois outro e outro. Quando estudamos Szondi, estudamos as raízes hereditárias do caráter, e vimos que essas raízes não podem ser estudadas astrologicamente. Portanto, esta comparação nós já a afastamos. Depois, estudamos o caráter como uma somatória final, como o encara Le Senne. Isto é, as inumeráveis causas que produzem um caráter - que fazem com que a personalidade do indivíduo vá se cristalizando numa forma mais ou menos fixa - que produzem aquela forma individual chamada caráter que é o perfil do sujeito na vida adulta e média. E vimos também que não dá compararmos isso com o horóscopo. Um estudo que se baseasse na comparação entre o teste de Szondi e a Astrologia não daria em nada. Um estudo que comparasse a caracterologia de Le Senne com a Astrologia também não daria em nada. Com isto, já derrubamos de cara a pesquisa Nature porque a bateria de testes que usaram (que é o CPI) é muito parecida com o teste de Le Senne. No caso daquela pesquisa da Nature, os próprios astrólogos escolheram o CPI por acharem que aquelas categorias correspondiam às do mapa astrológico, estão todos cegos. O cientista não entende de método científico e o astrólogo não entende de astrologia. O que pode resultar de uma pesquisa desta? Nada. Nós estamos limpando o terreno para que futuras pesquisas possam dar resultado. E quem vai fazer tais pesquisas são vocês aqui presentes.

O que estamos fazendo? Estamos fazendo uma ciência. Neste aspecto é evidente que o rendimento psicológico obtido do curso não basta. É preciso que haja um rendimento intelectual também, e que aliás deve ser predominante, pois isto aqui não é psicoterapia e, sim, um curso. Esse rendimento intelectual consiste em torná-los aptos à pesquisa científica deste assunto. Para isto não basta eu formular um método e entregá-lo a vocês. É preciso suprir uma série de deficiências anteriores de ensino: falta de conhecimento filosófico, psicológico, etc. Também estou fazendo isto. Então cada caracterologia que nós estudamos lhes servirá sob dois aspectos: um aspecto psicológico e um aspecto intelectual. Com Szondi nós não pudemos chegar tanto à prática, não chegamos a um diagnóstico szondiano do seu caso particular. Mas poderemos fazê-lo mais tarde, tão logo tenhamos o material. Mas isto não é essencial. Szondi nos dá uma medida da dinâmica da psique, e esta dinâmica existe em cada um de nós. Qualquer que seja o seu caso particular, a dinâmica é mais ou menos a mesma: a dinâmica do palco giratório.

Quando estudamos a caracterologia de Le Senne, afunilamos para os nossos casos particulares e os localizamos dentro do conjunto dos caracteres humanos. Então, aí, há um rendimento psicológico mais imediato.

A tipologia hindu também estudada tem a imensa vantagem de valorar o indivíduo, coisa que as outras não têm. Valorar no sentido de que ela classifica os indivíduos não segundo as causas que fazem com que a sua personalidade seja tal ou qual (as causas são anteriores ao indivíduo e ele não tem responsabilidades sobre elas), mas segundo os fins a que a personalidade se destina. Prestem bem atenção: essa caracterologia distingue os shudras, os vaichyas, os kshatriyas e os brahmana não pelas causas que operam sobre o indivíduo, não sobre a hereditariedade, não sobre o meio social, mas sobre os fins que ele consciente e livremente deseja. Por isso ela é valorativa. Tão logo vocês consigam se esquadrar numa das castas, terão um princípio explicativo fortíssimo dos seus comportamentos. E não há teste para indicar isso, é a vida mesma que nos dirá. Geralmente, os outros sabem em que casta nós estamos, nós é que não sabemos.

Hoje em dia é mais difícil sabermos a que casta pertencemos porque tudo está misturado. Mas a dificuldade do problema não nos dispensa de tentarmos resolvê-lo.

Vamos supor que todos nós fôssemos párias. Párias são castas misturadas, são seres múltiplos. Não há nenhum tipo puro. Porém, nós lutamos dentro da variedade objetiva das castas, para nos fixarmos em alguma delas. Então, o sujeito que é shudra, vaishya ou kshatriya, não o é plenamente. Ele não está claramente definido, mas é ali que, no fundo desejaria estar. O fato do sujeito deseja ser rico não o torna um vaishya. Se for um vaishya, o que ele deseja não é ser rico mas tornar-se rico mediante um plano racionalmente concebido e metodicamente levado a cabo, no qual ele tem um certo prazer de ser colocar. O vaishya realmente gosta um pouco de burocracia, gosta da rotina do trabalho. Ele se sente mais seguro e mais firme nisto, ao passo que um shudra, por exemplo, preferiria ganhar na loteria. Um shudra prefere sonhar com a riqueza do que adquiri-las, evidentemente.

Se a riqueza para você é uma coisa importante, veja conscientemente como você se posiciona dentro deste sonho: pela conquista metódica e progressiva da riqueza ou por um simples sonho. Aí você se classifica.

Se você é shudra, você precisa de ajuda. Precisa ser dirigido procurar o transatlântico onde atrelar o seu barquinho porque não irá sozinho a parte alguma. A não ser que haja um caso de mutação de casta. Eu acredito que isso pode existir, mas através de crises e dores imensas, como se fosse uma morte pela qual o sujeito passa.

O homem de negócios, o comerciante muito organizado, o funcionário regular, tudo isto é vaishya. Onde entra a consideração da capacidade e eficiência no mundo, você tem o vaishya.

Talvez seja mais fácil essa transformação de uma casta para outra a partir de um acontecimento externo do que de uma reflexão. É mais fácil receber tudo feito do que fazer. Uma grande crise pode despertar no sujeito um interesse por coisas maiores ou, às vezes menores - o sujeito pode cair também. Mas se você é shudra, no fundo, só faz o que lhe mandam, você pode compreender onde está sua força. E onde ela está? Na submissão ao externo. Na obediência. Toda vez que um shudra ficar revoltado, contra os de cima, ele perde. Porque se ele fosse colocado em cima, cairia. Quando se fala em revolução shudra, isto não existe, é um absurdo, não acontece. O que existe é uma revolução onde alguns vaishyas ou kshatriyas espertos mobilizam os shudras. Isto sim. Mas certamente não é o shudra que vai ficar no poder. Se ficou no poder já não é shudra. Por exemplo, Lenin era vaishya ou kshatriya, é óbvio como Trotsky, Stalin, etc. Não podemos confundir casta com classes social.

O indivíduo muda de casta, por assim dizer, quando leva às últimas consequências as características da sua própria casta. Se um shudra chegasse à obediência perfeita, ele captaria a lógica da ordem que lhe foi dada. Se você, sem entender o que faz, faz repetidamente o que lhe mandam, mas faz de toda boa vontade, chega um momento em que compreende o começo, meio e fim, e daí não precisa mais da ordem. Será pela obediência que você alcançará a sua liberdade. Para o shudra, a pior coisa que existe é a revolta. A revolta o emburrece. Ele fica revoltado quando alguém lhe dá ordens mas, ao mesmo tempo, não consegue mandar em si mesmo. Sozinho, ele fica anárquico e ineficiente. Não consegue obter resultados.

Mas não existe um caminho para a mudança. Da obediência ele vai passando para a imitação, pela imitação, ele introjeta o vaishya. Vamos supor que você trabalha numa fábrica e lhe mandam apertar um

parafuso. Você não tem a menor idéia para se serve aquilo, como se organiza a fábrica. Se você recusa a apertar o parafuso, não participa do jogo mas fica sabendo menos ainda. Mas se for apertando o seu parafuso com toda a paciência, olhando o vizinho que está fazendo o mesmo, outro que está atarraxando a porca, ao final você acaba entendendo a linha de produção inteira. No início, você está como o burro na carroça, não sabe para onde vai. Só tem uma idéia do passo seguinte. Ele vai levando chicotada e vai indo. Chega no fim do trajeto e nem por isto o entendeu. Mas o shudra não é um burro de carroça, é um ser humano. Se ele repetir uma operação um certo número de vezes, acaba chegando à conclusão de seus objetivos. Daí ele pode dizer: "Ah, mas era isso o que queriam? Por que não me avisaram? Mas se o avisassem antes, não entenderia. O shudra precisa ser obrigado a fazer cada ato em seu momento preciso. Se recebe instrução a longo prazo, ele a apaga, esqueça. Ele não tem lógica, não tem coerência nos atos. Mas se encaixa facilmente numa lógica criada por um vaishya.

O vaishya usa o shudra para seus objetivos e por isso, tem deveres para com o shudra. Ele tem que remunerar o shudra, dar as garantias necessárias para que o outro viva. O shudra não é um bicho.

Mas se não for um *** de castas rigidamente separadas, se for como hoje em dia, uma mistura, então existe mutação. Mas ela só acontece quando o sujeito esgotou a possibilidade da sua própria casta. O que esgotar? Significa realizá-las, obter o melhor que pôde obter por aqueles meios. Como um shudra obediente, qual é o máximo que você pode realizar? Tornar-se eficiente dentro de um esquema inventado por outro. É a obediência perfeita. Na hora em que você chegou nisso, ainda não alcançou grande coisa na vida. Mas assimilou a ordem externa na qual você estava encaixado, e ela deixou de ser externa e passou a ser interna.

O ato do burro que puxa a carroça está inserido dentro de uma lógica. Por exemplo: eu quero levar um pacote de milho a certo lugar. Ponho o milho na carroça, chicoteio o burro, ele vai e eu chego lá descarrego o milho. Tem uma lógica, só que o burro não a conhece. O burro não capta a história inteira, só capta uma fase curta. Outra chicotada, mais dois passos. Tem bicho que é mais burro que o burro. Como percebi haver, ao, estando em Góias, em terra de conhecido meu, que tem criação de milhares de porcos, observar o comportamento da vara. Havia um cachorro que tomava conta do rebanho. Se um porco de desgarrava, vinha o cachorro e dava uma mordida no pé do porco; este ficava aterrorizado e corria dois passos. Depois de dois passos, via uma graminha no chão e parava para comer. Daí vinha o cachorro e dava outra mordida, ele dava mais dois passos e esquecia de novo. Um burro não é assim. Já é mais inteligente, já sabe que tem que dar uns quatro ou cincos passos, que muito provavelmente virá outra chicotada em seguida. Não é necessário chicotear o burro toda hora. É só dar uma chicotada e ele corre cem metros.

Somos bichos também, mas somos animais racionais. Como somos racionais, então logo generalizamos. Se vem uma chicotada é porque outras cinqüenta mais virão. Então, se levo uma, corro e não espero as demais. Se você não ficar bravo com a chicotada, se for fazendo o que a circunstância exige, chega um momento em que ela deixa de ser circunstância, algo externo. Ela é introjetada. Você a compreendeu, abarcou intelectualmente toda a constelação de causas.

Mas isto também pode não acontecer, não é fatal que aconteça. O sujeito começa obedecendo e termina obedecendo, de bom ou mau grado. Geralmente as pessoas não progridem. Agora se você quer progredir, então você passa da obediência para a imitação, e na hora em que imita, você exorciza. Há muitas tribos indígenas que fazem exorcismo do diabo vestindo-se como os diabos. Na hora em que você se veste como ele, você o imitou, você o assimilou. Na hora em que o assimilou, tem poder sobre ele. Esta seria a primeira fase do aprendizado. A imitação serviu para algo. Mas você se revolta, dizendo: "não, eu quero ser eu mesmo!", é preciso ver se você pode ser você mesmo. Faça um teste com você: veja se, estando absolutamente sozinho, socialmente isolado, sem amigos, sem meio social, sem emprego, você sabe o que fazer. Se não, então você ainda não pode ser você mesmo. Ser você mesmo significa ser autodeterminado, não necessitar de causas externas para agir. Enquanto nós necessitamos das causas externas, estamos escravos. Não adianta fazer de conta que não está. Alcançar a liberdade é uma meta que todo o ser humano tem, mas é preciso alcançar a liberdade de fato, não só no papel. Uma coisa é você proclamar o seu desejo de liberdade, outra coisa é de fato exercê-la.

...

Existem homens que viveram isolados durante vinte, trinta anos - uma opção feita com uma finalidade. Essa finalidade pode ter vindo de fora, mas o meio externo, no momento de sua realização, não estava presente como causa eficiente.

Se tivéssemos aprendido matemática, saberíamos aplicar as categorias da quantidade: pouco, relativamente, mais ou menos, maior ou menor. Todos aprendemos matemática, mas se há uma inabilidade em aplicar essas categorias, então, na verdade, não aprendemos matemática e sim cálculo.

Quando o professor fala algo precisamos saber graduar esse algo. Por exemplo, independência absoluta não existe: não podemos nos gerar, não podemos nos dar leite materno (é preciso que a mãe nô-lo dê), não podemos vestir as fraldas em nós mesmos. Quando, no caso, fala-se em independência, não queremos dizer que o indivíduo brotou do ar e, sim, que no momento da ação não existia causas externas em operação. O exterior pode operar como causa formal ou causa final mas não está presente como causa eficiente.

A causa eficiente é a que provoca o fato. Por exemplo, um místico do deserto, Santo Antão, ficou 50 anos sozinho para alcançar um certo objetivo espiritual. Esse objetivo espiritual se originou de sua formação católica mas, a partir do momento em que se retirou para realizar o objetivo, deixou de ter em volta de si padres, bispos, etc. A causa externa havia sido retirada e a única causa que ficou foi a sua própria vontade.

Existem indivíduos que são capazes de agir por auto-determinação. Conhecer-se é criar-se, é determinar-se.

É claro que não vou me determinar na minha existência física, mas sim no meu comportamento. Não vou me determinar naturalmente, mas humanamente, não no plano natural mas no plano dos valores e dos atos.

Quando o indivíduo quer ser livre, acha que basta para isso derrubar o obstáculo externo. Essa é a menor parte do a ser feito. Se somos contra um elemento da sociedade, não adianta apenas fazermos discursos, fazemos a revolta de boca. Muitas vezes, grande parte das reivindicações de liberdade não são efetivas na prática. O sujeito não quer liberdade, quer só falar mal. Se você quer outra coisa, faça primeiro e pregue depois. Mas assuma a responsabilidade. Na medida em que nos tornamos mais livres, a nossa responsabilidade aumenta.

A passagem do shudra para vaishya se dá pela progressiva adaptação do indivíduo à lógica econômica que o cerca - pois o centro de interesse do vaishya é econômico e o do shudra é biológico. Se o shudra se adapta docilmente às circunstâncias econômicas, aprende o segredo, vira vaishya. E, por ter visto as coisas pelos dois lados, pode até vir a ser melhor que o vaishya de nascença.

O vaishya depende de uma circunstância social estável porque ele age pela lógica, age pela cadeia de causas e consequências: investindo tanto, obtém-se tanto. Quando, porém, a sociedade é sacudida por crises e revoluções que introduzem um elemento caótico à vida, esse elemento não pode ser enfrentado pelos processos rotineiros. Aí o vaishya se dá mal. Ele tem medo da anormalidade e detesta pensar nela e ver todos os perigos da vida. O vaishya acha que nunca morre, apenas os outros correm perigo e morrem. O vaishya passa para kshatriya quando quer levar às últimas consequências o seu desejo de segurança, e o limite desse desejo é a própria morte. Então, quando o indivíduo faz face à morte e entende que não tem seguro contra ela, então ele é um kshatriya.

Ele não será um kshatriya se não tiver a capacidade do shudra, do vaishya. A passagem de uma à outra casta dá-se por assimilação.

O kshatriya ainda é um sujeito fundamentalmente humano interessado no seu próprio problema. Quer sair vitorioso da morte, portanto, seu ponto de vista é fundamentalmente humano. O brahmana, não. Seu ponto de vista é universal e para ele tanto faz a morte de um shudra ou kshatriya - morrer nobremente ou infamemente, do ponto de vista metafísico, não faz a menor diferença.

*** Este parágrafo está apagado na apostila (pag. 31)

emprego e trabalhar todos os dias, então ele não é nem shudra. Ele precisará dar esse primeiro passo.

Todos nós temos esses elementos. Devemos honestamente reconhecer que em fases diferentes da vida vivemos tais aspectos, que correspondem ao que define cada uma dessas castas.

A origem dessa diversidade - as quatro castas -, conforme a teoria hindu, assim se explica: no início havia uma supra casta chamada Hansa - o homem primordial que vivia no paraíso terrestre. Existem tribos de índios que estão na fase hansa - todos estão acima das castas. O sujeito que estiver acima das castas terá qualquer dos comportamentos característicos de cada uma delas, conforme a necessidade. Ele percorreu toda a escala e não há mais especialização. Por exemplo, o kshatriya tem que ter dentro de si o comportamento vaishya e shudra. Ele tem que saber obedecer e tem que saber planejar. O vaishya sabe planejar mas sua autoridade é limitada, ele não se arrisca.

Temos um exemplo de comportamento kshatriya na auto-biografia de Renè Descartes: ele sozinho dominou com uma espada a tripulação inteira de um barco. Um vaishya jamais faria isso. Iria pela improbabilidade, "eu estou em minoria e é melhor ficar quieto". O kshatriya não, ele se arrisca até as últimas consequências. Numa situação dessas, ele diz: Já que vou morrer mesmo... Isso é próprio da natureza do kshatriya. E isso dá a garantia necessária para o vaishya. Na sociedade burguesa você precisa ter um exército e uma polícia para garantir a ordem.

O vaishya é capaz de manter os seus empregados na obediência somente em situações normais - e o shudra obedece por hábito. Mas fora da normalidade, terá que chamar uma outra casta, a qual manda nele também.

Os Gunas operarão da seguinte maneira:

O elemento ascensional se transforma em elemento expansivo ao contato com a terra. O fogo se transforma em ar num movimento expansivo. Por exemplo, isso acontece no momento em que uma tribo constituída de Hansa e Brahmana começa a gerar mais filhos que habitualmente. Há um aumento da população. Com o aumento da população, aquela tribo que vivia voltada para a vida espiritual tem que conquistar territórios. Aí gera-se o kshatriya. Na hora em que se amplia o território tem que se ampliar também a economia e gera-se o vaishya para organizá-la. Nessa organização os mais espertos e hábeis vão dominar os outros, de onde surge o shudra.

Todas as castas, como todos nós, têm origem no Hansa. Todo ser humano tem sua ancestralidade nessas castas superiores e, de certo modo, todos são habilitados a remontar a elas. Porém, só o fará por vontade própria, nadando contra a corrente. Se deixarmos pela lei da gravidade, vamos para baixo.

O indivíduo que busca um ensinamento quer remontar, quer subir de casta. Num mundo vaishya, esse subir de casta é visto pelo lado econômico-profissional, então identificando-se com a idéia de classe social.

Na Índia isso não acontece. As castas na Índia são hereditárias. As pessoas da mesma casta se casam entre si e têm toda a vida em comum. A sociedade as ampara. Isso funciona assim na Índia há 4000 anos. Atualmente esse sistema mudou muito. Depois da independência da Índia (1947), por lei, as castas são proibidas. Mas um sistema milenar como esse demora um pouco para ser totalmente eliminado.

A tendência moderna - cristianismo, budismo e islamismo - é a de mistura das castas. Para isso, a sociedade tem que ter meios que permitam ao indivíduo passar de uma casta para outra. Na sociedade moderna é necessário existir certos buracos por onde o indivíduo possa passar, por exemplo, que permita ao indivíduo ter oportunidades, bastando para isso que ele tenha habilidade pessoal.

Na Europa, durante a Idade Média, havia uma certa separação entre as castas. Elas eram distintas mas havia filtragem. Por exemplo, se você fosse um camponês, poderia ser armado cavaleiro por atos de bravura. Os títulos de Lordes e Sir que existem na Inglaterra são exatamente isso, *** concedidos.

*** Este parágrafo está apagado na apostila (pag. 33)

Existe uma relação direta entre o estágio de desenvolvimento intelectual e a casta e esse movimento pode ser no sentido ascendente ou descendente: o sujeito pode subir ou descer de casta. Um pai pode ser vaishya e o filho shudra, por não conseguir manter a complexidade das obrigações que o pai tem. Isso acontece na nossa sociedade burguesa, onde o pai constrói um patrimônio, quer que seu filho tome frente às responsabilidades e este não quer nem pensar nisso.

Podemos também ter o movimento contrário: o sujeito é vaishya e seu filho pode se interessar por coisas éticas de ordem superior, e se tornar kshatriya.

Todas as portas estão abertas, mas a lei da gravidade sempre ajuda a ir para baixo. Mas existe também o impulso do espírito que, num movimento ascendente e presente, atua no indivíduo. O ser humano está sempre colocado nessa cruz do movimento de expansão, de subida e de descida. A confusão das castas pode levar a algo parecido como o retrato pela psicologia de Szondi, a do palco giratório. Tendências que aparecem e recuos profundos. Os dois elementos que dependem de nós são a inteligência e a vontade. Para mudar o palco giratório precisamos ter inteligência para compreender o que está se passando, e a vontade para deliberar que isto ou aquilo deve ser feito. Nunca é por ação pura e simples da natureza. Nada do que o homem fez foi espontâneo. Essa história de inspiração de inconsciente é incompleta. Somente pessoas sem nenhum conhecimento do que seja arte podem acreditar que a arte vem por inspiração inconsciente. (jung - sic) Isso nunca aconteceu nem acontecerá. A arte é um ofício, algo enormemente complicado, que ninguém aprende por inspiração. Dá um trabalho enorme. É preciso ter uma vontade de ferro. A inspiração do inconsciente ajuda um pouco mas não determina. Inspiração do inconsciente todos têm. No inconsciente, posso até ser melhor do que Dante Alighieri, mas a diferença entre nós e Dante é que nós ficamos na inspiração ao passo que ele conseguiu dar forma às suas inspirações.

O que vai diferenciar o homem comum do gênio não é somente um dom da natureza e, sim, a inteligência e a vontade. Alguns foram brindados pela natureza (garotos prodígios, por exemplo), e a vontade entrou como elemento complementar. Mas se ela não entrar o sujeito pára por ali mesmo, vai ser o garoto prodígio enquanto for garoto e depois será esquecido.

Alguns homens de grande gênio não revelaram nenhuma aptidão, quando novos, para nada. Mas, pela vontade e inteligência, foram capazes de desenvolver-se, por exemplo, Isaac Newton, que foi péssimo aluno. Seus primeiros trabalhos não revelaram nenhuma genialidade.

Existe o gênio favorecido pela natureza e o não favorecido. O que dá o gênio é algo de ordem espiritual - onde existe a palavra espírito existe liberdade. Um dom da natureza não tem liberdade. O espírito é vontade e inteligência. Ele é imprevisível. Nós temos o lado espiritual, a prova é que podemos decidir muitas coisas, mas temos também muitos lados que não são espirituais, que já estão determinados. Então temos que fazer um jogo. Se fôssemos puro espírito, a vontade seria soberana. Em potência, qualquer um de nós é Sto. Tomás de Aquino, Mozart, etc. Mas temos que viver na realidade, na efetividade.

Há uma tendência a acreditar que tudo o que está no potencial é superior ao real. Ele é superior na essência mas é inferior na existência - porque não existe. Uma inexistente superioridade é sem dúvida superior a uma existente inferioridade. Mas são planos que não podem ser comparados. Isso tudo são subterfúgios dos covardes.

O ponto de vista da intenção vale para Deus. Mas nós seres humanos, podemos julgar-nos pela intenção. Nunca se pode julgar uma pessoa pela intenção e sim pelo ato real.

No dia-a-dia, na realidade da vida social, nós julgamos quem julgamos, pelos atos e não pelas intenções e também devemos ser julgados pelos nossos atos e não por nossas intenções. Temos que ser explícitos e não implícitos. *** para viver uns com os outros, *** no mundo real.

*** Este parágrafo esta apagado na apostila (pag. 35)

Se levarmos isso em conta, vemos que a nossa época não favorece a inteligência e, no entanto, nunca foi tão necessário homens inteligentes, principalmente no Brasil. Em todos os setores, vê-se o império da incompetência. E não adianta apenas falarmos mal sem saber analisar o caso, sem saber nos orientar e aos outros, sem saber fazer uma crítica construtiva. Precisamos urgentemente de gente inteligente, sincera e honesta. Sem isso não dá para fazer nada e assim o país irá de mal a pior.

O nosso domínio é pequeno, é o domínio desse meio astropsicológico - e este meio é o reino da incompetência. Teremos chance de torná-lo melhor. A influência da astrologia no mundo é dia-a-dia cada vez maior, daí que a importância do nosso estudo seja imensa.

Existem idéias que, às vezes, gostamos porque parecem nos defender do mundo exterior. Mas essas são pseudo-defesas, não são guardas de castelo, mas guardas que prendem cada um no castelo. Quando você tenta sair, não consegue. Tem certas convicções que aprisionam nossas mentes.

Essa idéia de potencial é uma das coisas terríveis que andam por aí. O culto errôneo da liberdade: “eu sou

eu e quero ter minhas próprias opiniões". Geralmente isso é dito num contexto onde o indivíduo pensa que basta dizer a primeira coisa que lhe passar pela cabeça e já basta. Você pode ser livre para gritar sua opinião agora, mas, às vezes, não é livre para conservá-la até a semana seguinte porque a esquece.

Liberdade é poder - o poder de ter suas próprias idéias, de examinar um assunto, dominar um certo setor do conhecimento e criar uma opinião razoável. Isto é liberdade.

O julgamento do aluno precisa ser libertado e essa é a função do professor - consequentemente, minha também - a de tornar o aluno capaz de julgamento livre. Para se fazer isso, deve-se tirar os obstáculos, convicções, falsos valores, inibições por problemas psicológicos - e essa deve ser nossa tentativa.

O esquema que foi dado até aqui é extremamente simples. Todos entendem, mas entender é uma coisa, aprender é outra. Para aprender é preciso ver a força libertadora que isso tem para você e que você deseje alcançar esse resultado.

Um dos traços psicológicos que você deve desejar adquirir é o desejo de um julgamento livre e suficiente: desejo me tornar capaz de julgar por mim mesmo e adquirir a distinção da certeza, da probabilidade, da opinião.

A hora que eu souber que uma opinião minha é certa no sentido absoluto, não vou perder mais tempo, não vou ficar em dúvida, quando alguém levantar uma pergunta qualquer. Aquilo que eu já sei, eu já sei. Reconhecer o que se sabe é o princípio da honestidade. Saber que sei o que sei, a autoconsciência de que sei, é fundamental. Se eu não sei o que sei, como saberei o que fiz ou que não fiz? Só você pode ter a certeza de que em certo momento agiu assim ou assado. Se você não tiver essa certeza, todo seu mundo cognitivo desaba. A honestidade para consigo próprio é condição primeira da vida intelectual. Devo contar para mim mesmo, com toda honestidade, o que eu fiz ou que eu pensei, mesmo que minta a todos.

Quando agimos, temos que ter certeza absoluta de que agimos. O protótipo da certeza absoluta não é a certeza matemática - esta é uma certeza meramente lógica. Quando a pessoa se neurotiza é porque sua memória confundiu-se. Ela já contou para si mesma outra história, já confundiu sua biografia, embaralhou os dados. Assim, a pessoa fica com sentimento vago de tudo, até a matemática fica incerta.

Para corrigir isso, devemos contar a história direito. Antigamente, a confissão na Igreja Católica era exatamente isso: um exame de consciência, contar a história toda sobre os atos do dia. A escola platônica tinha o preceito de recordar à noite tudo que se fez no dia.

Proponho a vocês que contem sua vida para si mesmo de vez em quando.

A psicanálise é isso: recordar a vida do indivíduo.

A memória é mãe do aprendizado. Temos que ser fiel à memória desenvolvendo o amor filial também, o reconhecimento de que certas coisas foram feitas em seu benefício. Lembrar o passado, carregar na memória, a constelação de todos os momentos, contar a vida toda e conhecê-la como um todo.

Uma vida é algo que se desenrola no tempo, é como a arte do romance. Inventar uma história que é a sua e desenvolvê-la aos poucos conforme os dados que você recebe do mundo exterior, mantendo a harmonia e a beleza do conjunto. O autor da história é você. Apenas os materiais são dados pelo mundo exterior. Isto é a verdadeira sabedoria: fazer isso a si mesmo.

As certezas lógicas não são suficientes para desenvolver o senso da certeza em nós. A maior parte das pessoas não tem este senso da certeza. Para desenvolvê-lo, basta contar para si mesmo a história tal como ela realmente aconteceu. Assim você vai entendendo e verificando as certezas e as dúvidas. A primeira firmeza que se adquire é saber o que você fez e quem você é. Assim você adquire o sentido da certeza do que você não sabe. É através do que sei que percebo que não sei.

Para lidar com e descrever o caráter alheio, é preciso conhecer o próprio caráter tal como ele realmente é.

Todo fato é uma mudança. Como você pode conservar o senso da unidade de sua biografia, senão distinguindo o que mudou, e, sobretudo, se você desejou essas mudanças ou não? Muitas vezes, nós mudamos sem querermos a mudança. Foi acontecendo: eu queria A e fiz B. O que fazer agora? Podemos inventar uma racionalização que justifique ter feito B? Vir com aquela história de que, afinal, foi bom para o meu aprendizado. Isso é covardia. Havia uma quantidade de necessidade causal e uma quantidade de

liberdade e você, combinando as duas, decidiu fazer o que fez.

Se eu explico tudo pela necessidade metafísica (tal coisa tinha de acontecer, eu tinha de passar por isto), nunca sou responsável por nada. O sujeito que diz "eu quero ser livre, tenho opinião própria" e, cinco minutos depois, está dizendo "eu tinha de passar por isto", é extremamente contraditório. Se as etapas de sua vida são fatalidade com as quais você tem necessariamente que passar, então já está tudo programado e não tem sentido você ter opinião livre. Isto são elementos da ideologia que circula por aí, ideologia semi-ocultista, semi-oriental. Nós teremos que cortar tudo isso ou não iremos aprender nunca. É mais fácil pensarmos que tudo são fatalidades. É muito mais difícil dizer "cometi o erro porque julguei errado, acreditei no que não devia, eu menti para mim". Mas é só assim que se corrige e, sobretudo, se adquire o senso do que é verdadeiro. Sem este senso desenvolvido no mais alto grau ninguém vai para frente em nenhum estudo série - e este é um estudo série. Aqui não devem se comportar como se fossem alunos de ginásio, que têm de fazer o exame para satisfazer a uma exigência externa , para se adaptar, estar em paz consigo mesmo e sair-se bem.

Queiram uma transformação efetiva. A primeira transformação tem de ser "eu tenho que ser capaz de saber a verdade e de engoli-la, mesmo não gostando dela". Tem verdades que não engolimos por serem feias demais e outras porque são bonitas demais.

Tornar-se apto para a verdade é o objetivo número um. A verdade não é uma mensagem secreta. Engolir uma verdade pronta é fácil, e difícil é você mesmo extrair a verdade daquilo que está vendo e vivenciando. Mas isto é ter opinião própria, julgamento livre. Se você quer desenvolver este tipo de qualidade então está no lugar certo. Eu estou menos interessado em que você adquira esta ou aquela opinião do que em você se tornar capaz de ter opinião.

Este curso vai lidar com ********** hoje na astrologia é um desastre: ******** desenvolvidas, neuróticas, infantis, fazendo ********** (pág. 39) último parágrafo. Determinar rumos na vida de pessoas.

Fui eu que comecei com esta história de astrologia e não esto suportando ver os resultados. Reconheço que, há quinze anos, fui um entusiasta ingênuo. Hoje tenho de tomar uma providência, não posso achar simplesmente que fiz o que pude, que sou responsável. Se ainda puder consertar e se vocês me ajudarem, isto tomará um futuro brilhante.

Qualquer opinião pode ser defensável mas, em primeiro lugar, preciso saber se você a tem realmente, se está mesmo convicto, se tem razões para pensar assim ou se foi simplesmente uma frase que você inventou na hora para brilhar na classe ou por espírito de polêmica. Isto eu não tolero. A pessoa pode vir aqui e defender o maior absurdo se foi sinceramente pensado, com sincera vontade de descobrir a verdade e intelectualmente responsável. Eu não vi nenhum grande homem que alguma vez não defendesse algum ponto-de-vista absurdo. O que quero de vocês é que se tornem capazes de defender perante vocês mesmos seus pontos-de-vista, não perante a mim, serem capazes de acreditar realmente no que estão pensando.

O homem não pode acreditar no fanatismo se, ao mesmo tempo, acredita na liberdade da opinião. No entanto, todo mundo crê nessas duas coisas - acredita no karma e na liberdade de opinião.

O povo português conquistou um império como jamais houve outro igual. Cem anos depois não tinha mais nada. "A vida que poderia ter sido e não foi", este é o verso mais profundo da história da literatura brasileira e portuguesa. É a definição da nossa história. Temos de mudar isto para "a vida que poderá ser e que vai ser de qualquer jeito, queiram ou não." É assim que tem que ser. Vocês estão precisando de injeção de voluntarismo - a virtude típica dos povos anglosaxônicos - tem de ser e vai ser, vamos fazer e está acabado.

Temos de juntar um pouco do voluntarismo anglo-saxão com o universalismo português.

Vamos debater os problemas surgidos provas.

Não tive motivação para estudar. Tive uma vontade de conhecer mas um interesse superficial e pensei que poderia lidar com o curso, e com o professor assim superficialmente.

De jeito algum. Tem muitas coisas que se pode aprender perifericamente mas o que diz respeito à alma humana, por definição, não. Como este é um estudo filosófico, existe um jogo intelectual para treinar e

elementos psicoterápicos sérios.

Aqui a regra do conhecimento é uma só: conhecimento significa sinceridade total, profunda e permanente. O homem totalmente sincero tem segurança de que se ele errar tudo, em algo ele continuará acertando - na sinceridade. Essa é a primeira virtude - a virtude intelectual por excelência. A capacidade lógica, a imaginação, tudo isso são apenas forças que você coloca à disposição do seu trabalho. Mas se o homem não é sincero, toda sua obra intelectual vem abaixo. Um exemplo clássico é o famoso historiador de religião Ernest Renan: um estudioso, aprendia línguas em um mês, sabia tudo. Tinha o gênio da palavra e escreveu ma obra sobre a história do cristianismo que, na época, fez muito sucesso. Duas gerações depois ninguém mais levava a sério uma palavra do que ele escreveu. As pessoas riem da obra dele porque ele não acreditava numa palavra do que falava. Buscava apenas a verossimilhança, parecer verdadeiro. Isto é uma tragédia intelectual. Ele era um homem de muito gênio mas faltou-lhe um elemento: o amor à verdade.

Não se iludam com o seu gênio. O problema central da aprendizagem é um problema ético. Se você não ama a verdade, não ama nada. Quem ama a fantasia, ama o nada. Temos que amar a verdade como ela é, bonita ou feia, daí ela te ajuda.

As pessoas dizem que estão em busca da verdade, a verdade final, total e absoluta, que vai responder a todas as perguntas. Esta certamente deve ser difícil, e eu nem faço idéia de que ela seja. Mas cada verdade pequena que você adquire, ela é toda a verdade. Uma coisa não pode ser verdade pelo meio.

Comecei a perceber que tudo o que li sobre astrologia não estava funcionando na prática. Mas eu não tenho certeza da verdade.

Então você já descobriu uma verdade. Você tem certeza de que estes conhecimentos são incertos. Lamentavelmente, é uma certeza negativa - a famosa certeza de Sócrates: “eu só sei que nada sei”. Mas pelo menos nisto você está segura. Agora, quando Sócrates dizia que nada sabia, isto queria (quer) dizer, de fato, que sabia nada? Certamente não. Se eu digo que sei que nada sei, então eu sei algo. Sócrates tinha uma certeza fundamental e um monte de dúvidas sobre tudo mais. Vamos começar a ter certezas sobre coisas pequenas, e sobre pequenas coisas da nossa própria experiência. As pessoas querem ter certeza sobre coisas mais gerais e mais elevadas, antes de ter certeza sobre as coisas da sua própria vida. As grandes leis da biologia são incertas, porém, a anatomia do camarão é certa. Isto é uma coisinha de nada. A cadeira é pequenininha mas nela sento eu. É assim que se adquire firmeza. Cada pequena coisa que você sabe tem de saber bem. E é isto que estou tentando transmitir para vocês. Se nada sei sobre astrologia, eu sei que passei por lá, vi um monte de coisas e constatei que nada funciona. Então você já tem uma certeza, embora certeza negativa e você sabe isto porque é algo da sua experiência. Vamos partir desta experiência real e dela ir tirando, pouco a pouco, coisas mais elevadas e mais valiosas.

Quando entro nessas considerações metodológicas, estou mostrando por que estas coisas em que você ficou em dúvida são coisas duvidosas mesmo. Você ficou em dúvida por uma experiência pessoal e a conclusão a que chegou tem muito mais valor do que a mera experiência pessoal, porque a lógica a confirma. E quando a lógica confirma a experiência, nós temos ciência, embora seja com um conhecimento negativo, destrutivo. Ou seja, se derrubamos um falso conhecimento, tanto pela experiência quanto pela base lógica, este não se levanta mais, está morto. Uma mentira a menos é uma possibilidade a mais.

No terceiro ano colegial, cheguei à conclusão de que não tinha entendido nada e, como todo mundo, colei nas últimas provas. Nem tive a vontade de decorar. Não achei que isto estava errado porque ninguém tinha me dado certeza de nada, certeza de que eu estava fazendo certo.

Isto é certeza moral, você agiu assim porque, em nenhum momento, colocou em dúvida a moralidade de seu procedimento. Certeza é uma coisa, sentimento de certeza é outra. Podemos ter sentimento de certeza sobre qualquer coisa de que estejamos persuadidos, mas não é uma certeza intelectualmente relevante. Para saber se colar na prova é lícito ou ilícito, moral ou imoral, isto é um bicho de sete cabeças. Muitas vezes nós fazemos coisas perfeitamente ilícitas sem que a nossa consciência seja abalada. Não lembramos de examinar. E isto é um sentimento subjetivo de certeza, mas não certeza suficiente. O fato de eu querer fazer certa coisa e o fato de não duvidar, não quer dizer que aquilo esteja certo realmente, nem errado,

precisaria examinar a questão. Nós podemos, por exemplo, ver todas as vias de nossa vida onde agimos de maneira flagrantemente ilícita sem ter problema de consciência. Nós vivemos fazendo isto, é um mecanismo de sobrevivência na selva. Que raio de ensino é este que levou o sujeito a colar na prova e que, no fim, ele cola e nem tem dúvida moral? É o ensino da perversão. Todo mundo trapaceando e vou trapacear também, é o raciocínio subjacente. Porém, quando você saiu disto, uns anos depois, e não mais na necessidade de trapacear, então pode ser sincero consigo mesmo e dizer que aquilo era um banco de trapaceiros e você era mais um. Isto não é justificar. É simplesmente contar a história. Eu também agi assim muitas vezes por seguir o costume, eu estava em ***, estava fraco.

O ensino de critérios morais é a coisa mais difícil que existe. As situações morais, são únicas. É dificílimo analisar moralmente qualquer coisa, por isso eu deixo entre parênteses as questões morais e insisto com os alunos a respeito da ética intelectual, ética científica. Eu não sei se é certo buscar a mulher do vizinho. Mas no mundo do aprendizado, no mundo científico é certo ser sincero e ser rigoroso com os próprios pensamentos. Se você, com toda a sinceridade, munindo-se de todos os conhecimentos que precisa, estudou e chegou à conclusão de que é lícito, justo e necessário ir buscar a mulher do vizinho, poderão acusá-lo de adultério mas não de mentiroso. Eu só acredito numa verdade: no amor à verdade. As outras questões são muito relativas. Tem uma tribo no Brasil onde o adultério é consentido. Há um lugar na mata onde o fato é consumado, todo mundo sabe o que os dois estão lá e ninguém vai atrapalhar. Quando voltam. O marido se fecha dentro da tenda com a esposa e finge que a está surrando. Dá-lhe uma surra simbólica e ela grita, e isto restaura a honra do casal. Isto lá é lícito. Pode parecer uma maluquice, mas nesta base eles têm conservado sua estrutura social há milênios. Para julgar os casos morais precisa-se muita atenção, cuidado e tempo. Então, vamos deixá-lo de lado. Porém, vida intelectual sem a ética do amor à verdade, não existe. Só isto já é um benefício que este curso pode fazer por cada um de vocês.

Amor à verdade, a cada verdade pequena, a cada verdade grande, isto seria uma das formas de amor a Deus. Deus é a verdade. Existem virtudes que certas civilizações consideram defeitos e vice-versa, mas o amor à verdade não há quem considere errado. Você já ouviu alguém que dissesse que o falso é melhor do que o verdadeiro?

Acredito que com essa aula eu mexi nos pontos básicos que podem criar um mau aproveitamento no curso. Agora, caberá a vocês complementarem. Onde eu quero chegar e que transformação desejo passar - este é o primeiro ponto. O segundo é que este curso é para habilitar o indivíduo a investigar a verdade sobre esses tópicos e chegar a conclusões reais e valorosas. Se deseja isso, está no lugar certo, então assuma que deseja. Isto já vai exercer uma ação “hormonal” na sua inteligência. O amor à verdade é um hormônio da inteligência.

Tudo que falei aqui não exclui que as pessoas venham individualmente conversar comigo se mentirem que existe uma dificuldade pessoal a mais, que se enquadra dentro da generalidade do falei. Estou finalmente disposto a fazer de vocês astrólogos que defendam a honra desta arte. Vocês têm uma imensa responsabilidade, pois vão dominar este assunto a tal ponto que nenhum astrólogo poderá fazer face a vocês. Em dois anos, eu farei a minha parte e vocês estarão habilitados a praticar - não a dominar esta ciência. Saberão os seus limites, o que é para falar ou não, quando poderão dar um dado com certeza para o indivíduo e sustentá-lo e quando se trata de conjecturas. Tem coisa na sua vida que é absolutamente certa - não tem como não ser - e tem outras que são conjecturas, e você não pode oferecer todas ao cliente no mesmo plano. Todo sistema de correção de horários são conjecturas. Um ponto mais grave ainda neste aspecto puramente técnico é o problema das órbitas: planetas que estão em posição dúbia não se interpreta.

Mas o cliente não pode sentir o que é ou não?

A pessoa pode sentir e imaginar coisas incríveis a respeito de si mesma e estar perfeitamente persuadida disso. Quando estudamos a faculdade de imaginação vamos ver como é possível ao sujeito estar persuadido de alguma coisa, com a mesma convicção de que dois mais dois é quatro. Da mesma maneira que nós temos a capacidade intelectiva de captar a verdade, nós temos uma capacidade fora do comum de mentir. Em hipnose, você induz alterações físicas na pessoa, encosta um dedo nela e diz que é um cigarro é a pele aparece queimada -veja o poder da imaginação sobre o corpo. Se a imaginação pode introduzir alterações físicas, quanto mais alterações de comportamento. Até onde vai a imaginação, quando é que ela está me persuadindo disto ou daquilo, quando está sob o meu poder e quando eu estou sob o seu poder -

tudo isso temos de saber, é uma parte muito grave e vamos estudá-la mais adiante. Quando eu entrar mesmo na astrocaracterologia, vocês verão que essa coisa é grave. Por isso que estou de cercando o terreno tão bem, não só no sentido metodológico mas também no sentido ético.

A opinião pública está preparada para receber uma caga tão pesada assim? A pressão não será muito grande durante um certo tempo quando começarem a surgir estudos de mapas analisados pelo pessoal do curso?

Eu espero que vocês estejam preparados, porque a opinião pública certamente não está. Freud quando desembarcou nos Estados Unidos foi recebido por um monte de gente. Foram lá aplaudi-lo. Então, ele virou para seu assistente e disse "essa gente não sabe que viemos lhes trazer a peste." Ele sabia o quanto era grave o que estava falando e sabia que se caisse nas mãos de pessoas ignorantes daria um rolo tremendo - como de fato deu. Ele fez o que pôde para manter este conhecimento num nível responsável, mas não pôde impedir que as pessoas comprassem seus livros. Podia impedir que praticasse a psicanálise; porém, depois de sua morte, nem isso.

Vocês têm o compromisso comigo de conhecer a astrocaracterologia - vocês eu posso fiscalizar, saber se sabem ou não. Mas aos próximos, caberá a vocês fiscalizarem. Certamente isso aqui vai crescer, como cresceu a astrologia: ela seguiu um processo semelhante ao nosso, que é o de um ensinar umas quatro pessoas, cada uma dessas outras quatro e assim por diante. Só que foi um processo descontrolado. Ao lançar a astrocaracterologia, estou querendo um pouco mais de controle para que não dê resultados tão perversos, ao menos em pouco tempo. A astrocaracterologia foi realmente uma perda. Se vocês lerem os manifestos que foram emitidos nos primeiros congressos de astrologia, verão que coisa séria que se estava propondo. Mas se propôs uma coisa série sem nenhum mecanismo de controle. Por isto eu vou ensinar vocês a cobrarem e, durante algum tempo, vou fiscalizar o exercício profissional até terem uma margem razoável, como aliás qualquer escola deveria fazer. Em grande parte isto depende de vocês mesmos, do que vocês vão fazer com o que estão aprendendo. Não acredito que exista técnica diagnóstica melhor do que esta. Ela ganha de longe do teste de Szondi e da caracterologia de Le Senne e, justamente por isso, é um grande poder. E quando temos um poder ele deve isso, é um grande poder. E quando temos um poder, ele deve servir, em primeiro lugar, para dar-nos segurança subjetiva, segurança de que estamos na verdade ou, pelo menos, no caminho a verdade. Podemos usar o poder simplesmente para influenciarmos, a cabeça das pessoas, sem saber no que vai dar. Mas isso aqui não foi feito para tal uso.

Mais tarde, vocês verão os uso e as aplicações desta astrocaracterologia em todos os domínios, para o que ele serve e para o que não serve.

Você tem tanta certeza quando diz isso porque está amparado na sua própria experiência?

Sem sombra de dúvidas. Cada coisa falada aqui já é dada com devida graduação: o que é certo, o que é provável, etc.

A amostragem que você tem é suficiente?

Sim, e não é só questão de amostragem, não é só uma certeza estatística. Ela é estatística por um lado e certeza de lógica por outro. Por isto eu digo que é ciência: quando a dedução combina com a indução. Mas para que esta dedução fique clara e a indução seja significativa é preciso delimitar o território, caso contrário serão estatísticas sobre o nada.

Você vai ensinar também o pulo do gato?

Mas este é o pulo do gato. Este curso será fundamentalmente técnico. Mas como eu posso dar a técnica se não delimito precisamente a definição do caráter na astrocaracterologia? Esta é a parte mais difícil. Se você não sabe onde está o caráter, você irá aplicar a técnica em outras direções, onde isto não dará resultados. É preciso saber não só usar a arma mas onde está o alvo.

Acho que isto serviu pelo menos para dar uma injeção em vocês. A repetição é absolutamente indispensável.